AVA RANI

paralela



O HERDEIRO

BILIONÁRIOS DA BIOTECH #2

AVA RANI

O HERDEIRO

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

parela

Para qualquer pessoa que já tenha sido silenciada.
Sua voz tem poder,
então aconselho fazer bom uso dela.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
Bônus

Epílogo

Epílogo extra

Playlist

Agradecimentos

Créditos

1

SELENA

Os ricos eram mesmo esquisitos.

Gastar mais do que a maioria das pessoas ganha em uma vida toda numa festa de aniversário era incompreensível.

Quando eu fizesse trinta, dali a alguns anos, provavelmente ia preferir uma viagem para algum lugar.

Mas a festa de aniversário de trinta anos de Sloan Amari deve ter sido mais opulenta do que um casamento da realeza.

Não foi um evento gigantesco, só a aniversariante e mais ou menos uma centena de amigos no NoMad, em Manhattan. O restaurante foi transformado num salão de festas lindíssimo, com taças de cristal, mesas enfeitadas com arranjos florais luxuosos e lamparinas decorativas que davam ao local um brilho suntuoso.

Bebidas de primeiríssima qualidade acompanhavam o menu elaborado não por um, mas dois chefs com estrelas Michelin. Um deles foi trazido de Valência para fazer paella e tapas. O outro — um renomado chef confeiteiro — veio de Mumbai. Ele era conhecido por infundir elementos botânicos em seus doces de chocolate artesanal. Suas outras especialidades, como o *jalebi*, eram premiadas.

Eu queria ter levado minha câmera. Não a do celular, a minha câmera de verdade, que seria perfeita para fotografar tudo *isso*.

Mas aí eu quebraria uma regra fundamental das relações públicas.

Nunca contribua para a pilha de evidências.

Quando Sloan Amari me convidou, falou que era uma comemoração "discreta". Nada muito formal. No dia seguinte, recebi dois vestidos de festa da Saks. Decidi usar o Zuhair Murad que chegava até a altura dos joelhos. A silhueta elegante era confeccionada com renda de Leavers. O decote coração envolvia com suavidade o meu peito.

Custava mais do que o meu aluguel. De um ano inteiro.

"Eles são assim *tão* ricos?", Isabelle perguntou enquanto olhava ao redor. Ela estava usando o Nanette Lepore amarelo que não caiu tão bem em mim, mas ficou maravilhoso contra o tom siena da pele dela. Ela jogou os cabelos sobre os ombros casualmente e bateu o pé no chão com impaciência. Seus cachos escuros balançavam enquanto ela virava a cabeça em todas as direções. "Não estou vendo ninguém famoso."

"Esse é outro tipo de rico, Isa." Eu estava a alguns passos do bar e dei uma olhada no ambiente diante de mim.

Era o tipo de gente rica que não aparecia na TV nem nos filmes. Todos estudaram em escolas particulares com anuidades que custavam mais do que a casa da minha mãe. Tratavam as estações do ano como verbos. Eles veraneavam nos Hamptons e invernavam nos Alpes Suíços.

Depois de anos trabalhando no departamento de imagem pessoal na maior agência de relações públicas do mundo, eu entendia *esse* tipo de rico. Por algum acaso do destino, virei a melhor do ramo. Não sabia como nem quando fiquei tão boa nisso, mas limpar a barra da alta sociedade era fácil. Provavelmente porque eu não sentia a menor identificação com essas pessoas.

Nós vivíamos no mesmo planeta, mas em mundos completamente diferentes.

Minha atual designação, a conta dos Amari, era moleza. Pelo menos era o que Rita, minha chefe, vivia me dizendo. Eu tinha quase certeza de que era meio que um castigo por causa da confusão com os Waldorf, que ela precisou resolver. Depois daquele fiasco, passei a fazer apenas "reabilitação de imagem" para celebridades. Ela vinha tentando gentilmente me convencer a pegar algumas das minhas antigas contas.

"Parece o mesmo", Isa falou depois de virar seu drinque e pedir outro. "Só mais chato."

"Por que será que eu não consigo acreditar nisso?"

Não era pouca coisa os Amari terem contratado a nossa agência de relações públicas.

Henry Amari, o irmão mais velho de Sloan, tinha acabado de se tornar CEO da empresa multibilionária da família — a Amari Global. Assumiu o comando depois da morte do avô, alguns meses antes. Mas continuaria como interino enquanto o conselho de administração não tomasse uma decisão final, porque a vida pessoal dele o tornava uma escolha questionável.

Depois de pesquisar um pouco, eu entendi por quê. Os meses anteriores tinham sido de calmaria, mas, antes disso, Henry Amari saía com modelos e bailarinas uma atrás da outra.

Ele precisava parar de aparecer nos jornais como mulherengo e se destacar por motivos mais nobres. A princípio, parecia um trabalho fácil de reposicionamento de imagem, mas nada era assim tão simples com gente da alta sociedade.

Rita, a diretora executiva da Pearson RP, ficou animadíssima quando Sloan Amari a procurou. Nossa agência de relações públicas ia ter como cliente uma das famílias mais ricas do mundo, se eu desse conta do recado.

O pagamento era obsceno. Como de início eu me recusei a aceitar outra conta da alta sociedade, Rita me prometeu uma promoção e uma transferência.

Ganhar mais seria ótimo, mas a transferência para Los Angeles era o que eu realmente queria.

"Qual deles é o novo chefão?", Isa perguntou.

Olhei ao redor do salão. Não vi ninguém que se parecesse com ele, mas só o conhecia das fotos nos tabloides. "Ainda não vi."

Meus olhos se fixaram em Sloan, a convidada de honra. Ela nem parecia ser de verdade. Rosto de estrela de cinema, corpo de modelo e sócia sênior em um escritório de advocacia de prestígio. Isso sem falar na conta bancária de herdeira.

"Qual deles é o namorado da aniversariante?" Isabelle continuava olhando ao redor para ver se conhecia alguém, mas

médicos cirurgiões geralmente não frequentam os mesmos círculos que bilionários e socialites.

"Alto, cabelo escuro, relógio Patek Philippe." Apontei com o queixo na direção de Marcus Sutton, namorado de Sloan e anfitrião do evento.

Eu não sabia muito a seu respeito. Em minha pesquisa, descobri que Marcus tinha se tornado um figurão da biotecnologia cerca de cinco anos antes. Era o fundador e CEO da Sutton Industries, a empresa mais poderosa do mundo no setor. Antes disso, não encontrei mais nada sobre ele.

"Os amigos dela são gatinhos também", Isa acrescentou.

"Não estamos aqui para socializar, eu estou *trabalhando*", lembrei a ela, com um tom de leveza. "Além disso, você não disse que andava ocupada demais para namorar?"

Eu estava ali para observar, entender o ambiente e estudar meu próximo projeto, Henry Amari. Além de ser irmão mais velho de Sloan, ele era também o melhor amigo de Marcus Sutton.

"Quem foi que falou em namoro?", Isabelle rebateu. Ela estava no meio de sua residência em cirurgia ortopédica. Não tinha nem tempo para sair comigo nessa noite, mas deu um jeito quando descobriu qual seria o programa.

"Se comporta", repreendi de brincadeira. Isabelle fez sua "cara séria de cirurgiã", assentiu e saiu andando na direção do banheiro.

Eu invejava Isa a esse respeito; ela nunca se sentia deslocada. Tinha a confiança absurda de uma cirurgiã. Pensei que talvez minha experiência em relações públicas e minha formação

numa faculdade da Ivy League fossem tornar esse projeto um pouco menos distante do meu mundo, mas não era o caso.

A atmosfera dali fazia o meu estômago se revirar.

Já havia sido divertido me misturar aos convidados e observar as festas. Era uma coisa de que eu gostava. Resolver os problemas de uma família totalmente fora da realidade era como um quebra-cabeça. Alguns clientes eram mais grosseiros ou metidos a besta, mas eu não me importava. Não até trabalhar com os Waldorf.

Agora tudo o que eu queria era a minha transferência.

"Essa festa é uma loucura. Quem faz isso para comemorar um aniversário?", murmurei para mim mesma e estava começando a me virar quando dei de cara com o que parecia ser um bloco de concreto.

Minha vodka soda voou para todos os lados.

Dei um passo para trás, e duas mãos nos meus ombros me seguraram. Meus olhos foram imediatamente atraídos para a mancha gigante que a minha bebida deixou no paletó dele.

"Mil desculpas", falei, em pânico, enquanto procurava um guardanapo.

Eu tinha acabado de estragar o que devia ser um terno de seis mil dólares. O homem me entregou educadamente um guardanapo, e eu me enxuguei. Logo em seguida, levantei os olhos e percebi em quem tinha trombado sem querer.

Henry Amari.

Eu o reconheci das fotos nos jornais.

"Não precisa se desculpar de jeito nenhum; eu que estava no seu caminho." Ele tratou minha gafe com uma elegância

absoluta, como um príncipe encantado teria feito. “E, respondendo à sua pergunta, tenho certeza de que foi Xander quem planejou a festa. Ele e o resto da gangue.”

Eu não sabia de quem ele estava falando, mas Henry continuou quando viu que não teria uma resposta. “Henry Amari.”

Ele estendeu a mão, e eu o cumprimentei. Uma energia estática foi subindo lentamente pelo meu braço, bem depois de eu deixar de tocá-lo. O ambiente com temperatura controlada começou a parecer úmido; o ar pesado sufocou minha voz.

Ele era bonito, isso eu precisava admitir. Ainda mais pessoalmente. Era alto, tinha um corpo atlético. Os músculos sob o terno de corte perfeito pressionavam o tecido caríssimo. Os cabelos pretos eram curtos e bem cortados.

Atraente e charmoso. Não era difícil acreditar que levava uma vida de noitadas e conquistas. Parecia que tinha acabado de sair de uma sessão de fotos para a *GQ*.

“E você é...?”, sua voz grave e luxuriosa perguntou depois de mais um silêncio meu.

De repente, minha cabeça deu um branco. Não consegui pensar em nada para dizer, o que era estranho. Eu fui a melhor aluna da classe na época do colégio, considerada a mais promissora. Me formei com distinção na Universidade Columbia, uma faculdade da Ivy League. Trabalhava com relações públicas havia anos; sabia como me portar diante dos ricos e poderosos.

Mesmo assim, continuei em silêncio.

Fala alguma coisa.

“Eu já estava indo embora, na verdade”, disse às pressas. Meus olhos vasculharam os arredores à procura de Isa.

Henry levantou as sobrancelhas, e um sorrisinho se desenhou em seu rosto, logo acima do maxilar angulado. Depois ele deu um passo à frente, parecendo se divertir com a situação.

“De onde você conhece a Sloan?”

“Não conheço, na verdade”, admiti.

Seu olhar começou a acompanhar o meu e, após mais alguns segundos de silêncio, ele abriu um sorriso diante da falta de uma explicação da minha parte.

“Você entrou de penetra na festa da minha irmã?”, Henry provocou.

Eu congelei. Mesmo com vestido de grife, eu me destacava ali como alguém que estava no ambiente errado. Isso não deveria me incomodar, mas incomodou.

“Eu fui convidada”, garanti educadamente. Em geral, não costumava conversar com os convidados, mas alguma coisa nele me incentivava a continuar falando. Sobre o quê? Isso eu não sabia. “Pela sua irmã.”

Ele deu uma risadinha. “Estou só brincando. É que você parece...”

“Pareço...”, falei, distraída, me perguntando onde poderia estar Isa.

“Parece entediada.” Ele deu mais um passo à frente.

“Essa não é exatamente a minha ideia de diversão”, expliquei. Tentei encontrar o vestido amarelo da minha amiga

no meio do mar de socialites, mas o olhar de Henry finalmente capturou o meu.

"E o que é?" Ele fez um gesto para o bar, pedindo mais uma bebida para repor a que agora estava em sua roupa. "Além de jogar bebida em desconhecidos?"

Senti um calafrio na espinha com sua proximidade, mas, nesse momento, vi Isabelle se aproximando da mesa principal.

O transe em que ele pareceu me colocar se quebrou.

"Preciso ir." Balancei a cabeça para tentar dissipar a névoa da minha mente. "Foi um prazer te conhecer."

Meu coração estava disparado. Eu não sabia ao certo por quê, mas provavelmente ainda era cedo demais para voltar a fazer esse tipo de trabalho.

"O prazer foi meu?" Um tom de confusão foi perceptível em suas palavras enquanto eu me afastava.

Tentei chegar até Isa discretamente, mas, quando me aproximei da mesa, meus olhos encontraram os de Sloan. Ela me reconheceu e acenou lá do outro lado. Tínhamos nos conhecido numa chamada de vídeo algumas semanas antes, quando ela e Rita me explicaram a questão das aparições de Henry no noticiário.

"Selena?" Sloan levantou e veio até mim, o que fez com que mais pessoas me olhassem, para saber quem eu era. "Me desculpa por ser aqui onde nos encontramos pessoalmente pela primeira vez."

"Imagina, não se preocupa."

"Sou muito grata por você se dispor a nos ajudar pelo próximo ano", ela falou, educadíssima.

De perto, parecia ainda mais irreal. Cabelos escuros compridos, olhos castanhos deslumbrantes. A pele era mais morena que a do irmão e praticamente brilhava no vestido em tom de ouro rosé. Era alta também. A família inteira tinha aquela beleza de capa de revista?

Minha confiança finalmente se restabeleceu. Senti que estava de volta ao normal.

"Eu posso não ser a pessoa certa para esse perfil", comecei, ciente de que Rita me mataria se eu perdesse essa conta. "Mas com certeza a Pearson tem alguém perfeito."

"Não tenho dúvida de que a Rita vai dar todas as informações de que você precisa para se familiarizar com o trabalho." Ela ignorou a minha recusa. Era preciso lembrar que eu não estava falando com uma herdeira qualquer, mas com uma das melhores advogadas da cidade, e a maioria das minhas manobras não iria funcionar com ela.

Eu assenti e me concentrei na recompensa que viria se conseguisse manter a cabeça no lugar esse ano.

Iria embora de Nova York para sempre.

2

HENRY

Mesmo com o verão no auge, senti meu corpo gelar. Quem quer que ela fosse era arrebatadora. Como um raio, ela eletrizou o ar ao meu redor.

"Ele manda para o gol... Na trave!", Xander falou, arrastando as palavras, percebendo o efeito causado por ela enquanto ia até o bar. "Uuuu."

"Eu não estava dando em cima dela", resmunguei. Eu *estava*, mas ela não pareceu nem um pouco interessada.

"Se você está dizendo." Xander deu uma risadinha. "Ela sabe o tamanho do seu fundo fiduciário?"

"Ela derramou bebida em mim. E, aliás, eu não preciso do meu fundo fiduciário para esse tipo de transação."

Apesar de ser isso o que mais interessava às pessoas quando ficavam sabendo da existência desse fundo.

Quem quer que ela fosse parecia meio entediada. Maravilhosa — com o vestido preto contra a pele morena, os cabelos castanhos até o meio das costas, os olhos cor de âmbar distraídos, que se recusavam a se virar para mim —, mas entediada.

O que era surpreendente, já que a maioria das pessoas que não eram próximas da minha irmã fazia de tudo para estar perto dela. Ora, nem o meu melhor amigo estava imune.

Marcus, o namorado de Sloan, é meu amigo mais próximo desde o primeiro ano de faculdade, dezessete anos atrás, e continua até hoje. Tinha passado a maior parte dos últimos dois anos e meio viajando pelo mundo enquanto consolidava sua empresa. Marcus e Sloan estavam passando uma temporada em Londres no início do ano, e o relacionamento dos dois pareceu surgir do nada. Agora que estava de volta, ele passava a maior parte do tempo com ela.

"Mas tenho certeza que não atrapalha." Xander deu uma risadinha, passou a mão nos cabelos loiros escuros para tirá-los do rosto e se virou para pedir mais uma bebida.

Apesar de Xander ser o melhor amigo de Sloan na última década e meia, nós dois nos aproximamos em tempos mais recentes. Com Marcus longe, fiquei com um amigo a menos. E Xander preencheu bem esse espaço. Passamos por muita coisa juntos, nós quatro. Quando os pais de Marcus e Xander morreram, onze anos atrás, passamos de amigos próximos a uma pequena família.

Xander e Sloan tinham uma intimidade bizarra, o que tornou o fato de ela namorar o irmão mais velho dele ainda mais surpreendente. Para mim, pelo menos. Fui o último a saber. Ninguém julgou necessário me contar, e só descobri porque flagrei os dois juntos.

"Não faz diferença. No próximo ano, vou focar inteiramente na empresa", falei enquanto pegava a minha bebida no balcão.

“Se o Marcus consegue fazer a vida girar em torno do trabalho, eu também posso.”

Eu estava no comando da Amari Global, a companhia farmacêutica que meu avô criou do zero décadas atrás e que se tornou a maior e mais poderosa do setor. Com o recente falecimento do meu avô, eu me tornei o CEO.

Foi uma mudança inesperada, e eu não me sentia pronto. E o fato de o conselho de administração, ao votar pela minha aprovação como CEO interino, ter estipulado uma cláusula de moralidade também não me ajudou em nada.

“Ah, sim, isso fez muito bem para ele.” Xander deu risada. Marcus passou os últimos dois anos e meio sendo basicamente um fantasma para nós. Saiu pelo mundo para fazer sua empresa crescer e quase não entrava em contato com nenhum de nós. Quem o fez voltar foi Sloan. “Se meu irmão mais velho se permitisse mais, teria levado Sloan para a cama *bem* antes.”

Fiz uma careta. “Ela é minha irmã, cara. E a *sua* melhor amiga.”

“Só estou dizendo que não precisa ser uma coisa ou outra. Você não precisa virar eremita para mostrar que é um bom CEO.”

Nós voltamos para a nossa mesa, e Sloan sorriu e fez um gesto com a cabeça para Xander. Ela apontou para o outro lado do salão, onde os amigos mais próximos dos dois estavam reunidos.

“Eu vou ficar bem mesmo sem os seus conselhos. Obrigado.”

Xander deu de ombros, virou sua bebida e foi atrás de Sloan. Eu fui sentar no lugar agora vazio ao lado de Marcus. Não estava muito a fim de falar com ele, mas não tinha ninguém mais com quem conversar ali. E a maioria dos meus *outros* métodos para ocupar a mente estava sob escrutínio pesado.

Ele pôs a mão no meu ombro em solidariedade.

"Como foram os primeiros meses?", perguntou.

Um puta horror.

Virar CEO era o meu destino desde que nasci. Vinha me preparando havia anos, mas a realidade do cargo se revelou muito mais difícil do que eu pensava. Todo mundo queria alguma coisa de mim, e eu precisava ser expert em tudo.

Sempre tive a certeza de que meu avô estaria presente para guiar os meus passos quando eu assumisse a companhia, mas, depois da morte dele, eu não tinha com quem contar.

Meu pai não ajudava em nada. Ele deixou claro que não tinha o perfil para o cargo e pediu para não ser cogitado.

O máximo que eu tinha era Marcus. Ele era meu amigo e provavelmente nada mudaria isso, mas as coisas andavam tensas entre nós.

Ele passou de uma força constante na minha vida a uma figura distante por anos. Pediu desculpas várias e várias vezes, mas eu ainda não tinha engolido aquilo.

Além disso, eu era bom em guardar rancor. Ótimo, na verdade.

"Se concentra nas coisas que você não confiaria em ninguém para fazer no seu lugar", Marcus começou, lendo a minha mente.

Parecia exatamente o tipo de conselho que o meu avô me daria. Apesar de que ele não confiava em quase ninguém. Confiar em uma pessoa significa dar poder a ela, e o meu avô não dividia o dele com ninguém.

Marcus continuou falando, já que não me manifestei. Sabia que eu não queria seus conselhos, mas provavelmente precisava deles. “Você precisa delegar todo o resto enquanto aprende como as coisas funcionam.”

“Obrigado”, bufei.

Em alguns dias, era como se eu estivesse me afogando. Precisava de ajuda, e por um bom tempo Marcus foi a pessoa com quem contei.

Até ele ir embora.

Outro silêncio tenso se instaurou entre nós.

“Como foi que você conseguiu?”, perguntei.

A empresa de Marcus, Sutton Industries, desafiou todas as expectativas. Sua ascensão meteórica foi documentada em jornais de economia e usada como exemplo em faculdades de administração de todo o país. A história se tornou tão fascinante em parte porque Marcus e Xander foram criados como pessoas comuns, e não com o privilégio de que Sloan e eu desfrutamos a vida toda. Seu sucesso foi algo sem precedentes. Em poucos anos, Marcus promoveu um crescimento aceleradíssimo de sua empresa. Ele se concentrou unicamente no trabalho e colheu os frutos.

“Eu tive ajuda”, Marcus me lembrou. Meu avô foi seu mentor também. Ele suspirou e olhou para Sloan. “E ignorei tudo o que importava.”

“Você se arrepende?”

“Deu tudo certo, então não.” Ele riu mais uma vez, se recostando na cadeira e olhando para mim. A ausência de contato por parte de Marcus nos últimos anos se deu, em certa medida, por sua dificuldade em lidar com coisas que não pode controlar. Mais especificamente, o fato de ter se apaixonado por Sloan. Para sorte dele, minha irmã não se ressentiu disso. “Se eu tivesse perdido Sloan, provavelmente a resposta seria bem diferente.”

Era estranho, para dizer o mínimo, ver Marcus apaixonado.

Passamos quase dez anos sendo o mesmo tipo de cara. Dinheiro e poder são muito mais divertidos quando não há um conselho de administração fungando no seu cangote. Trocávamos de mulheres como quem trocava de roupa. Eu não gostava da ideia de um cara *assim* namorar minha irmã. Mas, se havia alguém em quem eu confiava mais do que qualquer um no mundo, era ele.

“Então...”, comecei, sentindo a necessidade de mudar de assunto. Não queria pensar na tarefa colossal que tinha pela frente. Por uma noite, queria focar em literalmente qualquer outra coisa. “Quem diria que o aniversário de trinta anos da Sloan ia ser o maior evento social do ano?”

Olhei ao redor do salão à meia-luz. A festa tinha ocupado o restaurante inteiro e o bar no terraço do andar de cima. Perfeito para o clima de verão.

Sloan pode não ter guardado rancor de Marcus por ter ido embora, mas ele claramente usou a ocasião para tentar se redimir com ela.

“Eu perdi os últimos dois. Talvez tenha exagerado.”

“Delegar os detalhes para o Xander foi seu primeiro erro.”

Eu grunhi para Sloan na mesa do brunch no dia seguinte. “Você não pode estar falando sério.”

Desde que Sloan e Marcus voltaram de Londres, onde começaram clandestinamente seu relacionamento, nosso grupo de amigos começou a fazer um brunch semanal na casa deles, em Tribeca.

Isso era obra da minha irmã. A ideia de Marcus organizando um brunch em sua casa era risível.

“Henry, relaxa.” Sloan deu um gole em sua mimosa e soltou um suspiro. Estava sentada entre Marcus e Xander na mesa do café da manhã. “Ela trabalha na melhor agência de relações públicas do mundo. Isso sem contar que fontes seguras me disseram que ela ajudou a manter o nome de algumas famílias do clube Augustus longe dos jornais.”

“Que fontes?”

Ela me deu uma encarada. “Você sabe que eu não sei.”

“Por que você contratou uma funcionária sem me avisar?”, perguntei, tentando parecer um pouco menos ingrato.

Ela, Marcus e Xander me ajudaram a ter uma transição relativamente tranquila para o cargo de CEO quando meu avô faleceu, alguns meses antes. Mas aquilo era típico de Sloan, que achava que sabia tudo, por isso fazia as coisas sem nem se preocupar em como eu me sentiria a respeito.

Passamos anos trocando alfinetadas para provar quem estava mais apto a assumir as rédeas da empresa. Apesar de eu saber

que não se tratava de mais um ataque, o fato de ela ter contratado uma assessora de relações públicas às escondidas pareceu mais um entre tantos.

Não ajudava em nada que ela provavelmente tinha sido incentivada por Marcus, a única outra pessoa no mundo que costumava ter essas atitudes irritantes.

Dei uma encarada nele.

"Você sabia disso?"

"Não", Marcus afirmou com ceticismo, levantando as sobrancelhas para Sloan. "Eu não sabia."

"Negação plausível. Eu não contei para que você não tivesse que mentir para o Henry." Sloan pôs a mão sobre a de Marcus. Ele sorriu, segurou a mão dela e a beijou.

Eles eram insuportáveis.

Sloan se virou de novo para mim. "O nome dela é Selena, e ela não é *sua* funcionária. Ela continua se reportando à Pearson e foi contratada e será paga pelo fundo da família."

Claro.

Quando nosso avô morreu, eu assumi o controle da empresa, e Sloan, do fundo da família. Cada um recebeu sua própria herança à parte, mas o fundo da família era gigantesco. Centenas de bilhões de dólares em ativos.

Era quase como se meu avô tivesse tomado uma última medida para garantir que íamos continuar competindo um com o outro pelo resto da vida.

Ele era um homem... interessante.

Depois de um silêncio prolongado, minha irmã soltou um suspiro. "Olha, eu contratei essa consultoria de relações

públicas quando as coisas estavam meio...", Sloan fez uma pausa, "... instáveis." Ela se referia ao período anterior à reunião em que foi estipulada a cláusula de moralidade. Sou o primeiro a admitir que não lidei bem com a pressão, mas não tinha a menor intenção de fazer nada nem remotamente inapropriado. "Mas agora também faz sentido ter alguém cuidando de relações públicas, pelo menos para a família."

Se não estivesse tão irritado com Sloan, teria conseguido admitir que era uma boa ideia. O problema foi ela ter feito isso sem me consultar. Uma vida toda convivendo com a srta. Perfeitinha me fez ressenti-la algumas vezes. Geralmente, quando fazia algo desse tipo.

"Qual é a pior coisa que pode acontecer?", Xander acrescentou.

Eu deixei o assunto de lado, por ora. Não fazia sentido estragar nosso brunch por isso. Além do mais, era bom ter nós quatro reunidos de novo.

Após um ano turbulento, a estabilidade era bem-vinda.

Sloan e Xander saíram juntos depois do brunch, com uma lata de aveia na mão. Eles tinham uma tradição de ir alimentar os patos do Central Park aos domingos.

Eu me remexi na cadeira, desconfortável. A saída de Sloan e Xander deixou um silêncio persistente na casa.

Olhei para a mesa de café da manhã onde estávamos sentados, que se encaixava perfeitamente no canto da cozinha clean e arejada. Havia algumas travessas espalhadas pela enorme ilha de mármore. A luz do sol entrava pelas janelas do

chão ao teto, se refletindo na superfície de nogueira escura da mesa.

"Você não fez nada para impedir isso?", perguntei.

"Eu não vou me envolver." Marcus levantou as mãos, na defensiva. "Você e sua irmã que se resolvam."

Escondi o rosto com as mãos e soltei um grunhido.

"Como foi o tênis?", ele se arriscou a perguntar, cauteloso.

Grunhi de novo. Enquanto Sloan evitava nossos pais a maior parte do tempo, eu era sádico a ponto de jogar tênis toda semana com meu pai. A partida havia sido de manhã, antes do brunch.

Meus pais não tinham a menor vocação para cuidar de nós quando éramos pequenos. Isso pareceu se materializar só depois que Sloan e eu éramos adultos. Quando os irmãos Sutton perderam os pais, onze anos antes, meus pais de repente resolveram se envolver. A essa altura, era tarde demais para Sloan e eu querermos a presença deles na nossa vida.

"Eu ganhei", respondi, erguendo os olhos. Marcus fez uma careta. Ele sabia que meu pai e eu tínhamos uma relação complicada.

O silêncio voltou, e eu fiquei olhando para a mesa.

Meu pai adorava me lembrar da importância da minha atuação para proteger o legado da família, coisa que ele mesmo não se dignou a fazer. Minhas aparições nas primeiras páginas de todos os tabloides também não ajudaram em nada.

"Acho que agora ele gosta menos ainda de mim", Marcus acrescentou. Foi uma tentativa de tornar o papo mais leve.

Nossas conversas eram quase sempre meio forçadas depois que ele voltou.

Dei uma risadinha. “Você está namorando a filha dele.”

Meus pais conheciam Xander e Marcus desde os meus tempos de faculdade. Mas, embora meu pai adorasse Xander, nunca se deu muito bem com Marcus. O fato de Marcus ter tido um estilo de vida como o meu durante anos não ajudou, e agora ele estava namorando Sloan.

Marcus deu de ombros e ficou de pé, me fazendo um sinal para segui-lo. “Pelo menos sua mãe parece aprovar o nosso relacionamento.”

Eu levantei e o segui pelo corredor.

Minha mãe estava empolgada com a perspectiva de um casamento, apesar de a relação ainda estar bem no começo. Ela também tinha uma tendência a tentar arrumar alguém para mim. Felizmente, o namoro inesperado de Sloan com Marcus me deu um respiro.

“Você é a melhor chance que ela tem de ter um neto”, falei casualmente.

Marcus entrou em seu escritório. Diante de uma janela alta havia duas poltronas de couro com uma mesa de mármore entre elas. O tabuleiro de xadrez já estava montado, era só começar a jogar. Eu me acomodei na poltrona oposta à escrivaninha de mogno. Antes da ausência de Marcus, nós passávamos os fins de semana treinando boxe e jogando tênis ou xadrez, quando o tempo não estava bom.

Fiz o lance inicial. Eu era excelente em xadrez. Não ganhava todas as partidas, mas não tive dificuldade em aprender. Tinha

crescido jogando com meu avô.

"Você vai me contar sobre a Verge?" Eu bufei quando Marcus sentou à minha frente, espiando para ver se o tinha pegado de surpresa. "Não me subestime tanto."

A Verge Corporation era uma empresa de biotecnologia modernísima em Zurique, administrada pelo CEO Hugo Aubert. Meu CFO havia falado a respeito alguns meses antes, quando surgiram rumores de que a companhia faria uma abertura de capital nos Estados Unidos. Isso chamou minha atenção e, depois de se aprofundar na questão, meu investigador particular descobriu que os dados iniciais de um uso pioneiro da terapia gênica desenvolvido por eles traziam resultados impressionantes.

Era uma tecnologia revolucionária.

Meu conselho de administração podia me ameaçar com uma cláusula de moralidade o quanto quisesse; eu não daria nenhuma brecha. Mas arrematar a Verge me transformaria num herói.

Eu seria respeitado. Como meu avô tinha sido.

"Eu não ia falar sobre a Verge." Marcus moveu um peão. "Mas fica à vontade para me contar tudo o que você apurou. Eu adoraria roubar essas informações de você."

"Como nos velhos tempos", lembrei, movendo meu cavalo.

Depois da faculdade de administração, Marcus e eu fomos trabalhar juntos na Amari Global. A competitividade entre nós virou um pilar da nossa amizade. Ele saiu para abrir uma startup, a vendeu e usou o dinheiro para fundar a Sutton Industries.

“As mesmas regras de sempre?”, ele perguntou, movendo um bispo.

Fiz que sim com a cabeça e movi um peão, abrindo mais espaço para controlar o meio do tabuleiro, o que era fundamental no começo do jogo. “Claro.”

Nossas regras de competição por uma aquisição eram simples porque na verdade só existia uma: nada de sabotagem. Fora isso, valia tudo. Geralmente, quando um dos dois era obrigado a sair da disputa, nós nos ajudávamos.

“Você vai tentar colocar a Sloan contra mim?”, perguntei.

Sloan era do setor de fusões e aquisições em seu escritório de advocacia, trabalhando com os maiores e mais lucrativos negócios do mundo. Se quisesse, poderia ter acesso a fontes internas.

“Isso seria totalmente antiético”, Marcus falou com uma risadinha. “Já avisei para Sloan que a gente provavelmente ia competir por essa. Ela não quer se envolver.”

“Que o melhor plano vença.”

“Eu não vou pegar leve com você”, ele avisou.

De muitas maneiras, Marcus foi o aprendiz que meu avô sempre dizia que eu nunca fui. Eu precisava dessa vitória para mostrar ao conselho de administração que merecia a posição que ocupava.

“Que bom, assim vai ser muito melhor quando eu ganhar”, rebati.

Eu precisava dessa vitória a qualquer custo.

3

SELENA

Rita DiPhillipe andava me evitando. Ela era minha chefe na Pearson fazia tempo, então eu conhecia sua rotina de cor e salteado. Ela pegava seu café da tarde pessoalmente, porque sua assistente estava sempre ocupada organizando suas reuniões. Rita trabalhava num escritório belíssimo com vista para a cidade, que cobicei durante muito tempo, e precisava passar pela minha sala para chegar à cozinha.

Ela não passou pela minha sala nenhuma vez. Estava me evitando.

Provavelmente porque, apesar de seu jeito linha-dura com quase todo mundo, tinha um fraco por mim. Isso, e ela provavelmente não queria negar meu pedido de passar a conta dos Amari a outros assessores. Nos últimos dias, eu tinha mandado e-mails e mensagens de texto com diferentes opções de quem poderia assumir esse trabalho.

"Que tal se eu ajudasse algum assessor júnior na conta dos Amari?" No fim, perdi a paciência e decidi emboscá-la quando saiu de uma reunião. Seus olhos azul-escuros tentaram se desviar dos meus enquanto ela voltava para a sua sala. Tecnicamente, esse tipo de acompanhamento diário em

relações públicas não condizia com a posição que eu ocupava na agência. Mas a conta dos Amari envolvia cifras gigantescas. Eu sabia que Rita não confiaria em ninguém além de mim. "Eles cuidam do dia a dia; eu fico responsável pela estratégia."

"Pensei que isso já tinha ficado claro. Você é perfeita para o trabalho." Ela soltou um suspiro.

"Ainda é cedo demais."

"Seu cargo ainda é 'diretora de assuntos pessoais e assessoria de imprensa'?", Rita perguntou, olhando só para a frente enquanto andava com passos apressados pelo corredor, a meio caminho de sua sala.

"É."

"Ótimo. Então a conta é *sua*."

"É cedo demais", repeti, num tom mais insistente. A assistente dela abriu educadamente a porta do escritório quando entramos. "Eu posso fazer todo o trabalho que for necessário daqui, é só mandar outra pessoa para..."

"Aquela confusão com os Waldorf já tem um ano." O tom de voz dela se amenizou. Rita era rígida, mas também justa, e sempre me defendeu. "E a situação com Miles Acher foi há meses. Talvez seja a retomada de que você precisa para voltar ao que faz de melhor."

"Sei..." Eu sabia que Rita tinha permitido meu afastamento das minhas antigas contas por muito mais tempo do que ela queria por respeito aos meus sentimentos.

Eu lhe devia uma por isso e por todas as outras maneiras como ela me protegeu, em especial quando eu saí totalmente da linha com os Waldorf.

Em vez de ajudar a família, eu posso ter *sem-querer*-querendo exposto alguns de seus crimes detestáveis. Quando os problemas financeiros dos Waldorf começaram a virar assunto na alta sociedade, fui contratada para ajudar a lidar com a situação. Mas, depois de passar meses tapando buracos, eu chutei o balde.

Felizmente, a única pessoa que ficou sabendo desse meu pequeno lapso de profissionalismo foi Rita. Eu deveria ter sido demitida, mas ela me protegeu. E foi quem desarmou a bomba. Assinei um acordo de confidencialidade e, em troca, os Waldorf se comprometeram a não tomar nenhuma medida judicial contra mim.

Por uma ironia do destino, Julian Waldorf era ex-namorado de Sloan Amari. Era mais um conflito de interesses com o qual eu não queria lidar.

Um silêncio tenso tomou conta da sala.

"Eu não vou te forçar a nada. É um contrato de um ano. Você trabalha de dentro da Amari Global nesse período, para atrair atenção positiva da imprensa, e depois volta para a Pearson. Na sede de Los Angeles. Com um novo cargo." Rita foi para o outro lado da mesa e pegou seus óculos.

Em Los Angeles, a Pearson trabalhava com uma clientela de celebridades, e não super-ricos ou gente da alta sociedade. Celebridades que eram difíceis de lidar, mas fáceis de entender.

Era disso que eu precisava.

"E, como sua amiga, estou pedindo para você fazer isso. Só o dinheiro já é motivo suficiente para você aceitar", Rita continuou. Em seguida, se sentou e sorriu.

“E qual é o porém?”, perguntei. “Com esses tipos da alta sociedade, sempre existe um porém.”

Estar na companhia de gente como os convidados da festa de aniversário de Sloan Amari trouxe de volta a ansiedade que passei a sentir depois do fiasco com os Waldorf. Eu só queria seguir em frente e virar essa página.

“O trabalho é simples. Foi incluída uma cláusula de moralidade no contrato de Henry Amari quando ele virou CEO estipulando quais comportamentos não são aceitáveis. Você só precisa abafar esse tipo de situação. Mais nada.” Rita juntou alguns papéis e entregou para a assistente, que estava a postos ao lado da mesa. “Olha, é uma conta importante demais para entregar na mão de outra pessoa. Além da transferência para Los Angeles, o bônus que eles se propuseram a pagar é mais do que o seu salário de um ano inteiro. Qualquer um faria *de tudo* por essa conta.”

Ela estava certa. Qualquer outra pessoa dentro da Pearson consideraria essa atribuição um presente dos céus. E era mesmo. Rita estava fazendo isso para me ajudar, mas também para assegurar uma conta que seria a maior da agência. Se eu fizesse esse trabalho, ela conseguiria facilmente aprovar minha transferência depois. E isso era tudo o que eu queria.

“Pois é...” Eu me interrompi. Dizer não seria uma estupidez.

Minha mãe morava em Los Angeles. Eu sentia falta dela, mas só comecei a pensar seriamente em voltar naquele último ano.

Ela também não tinha boas lembranças de Nova York. Havia morado aqui na época da faculdade, mas voltou para a

Califórnia antes de eu nascer para ficar mais perto dos meus avós. Depois que eles morreram, ficamos só nós duas.

"Um ano", concordei.

"Exatamente." Rita abriu um sorriso afetuoso e me entregou o contrato, que assinei e devolvi. "Agora de volta ao trabalho."

Com isso, ela encerrou o assunto.

4

SELENA

Perto das oito da manhã de segunda, uma gota de chuva caiu bem no meio da minha testa e escorreu lentamente pelo meu rosto. Olhei para cima entre os edifícios de Lower Manhattan. A manhã ensolarada estava dando lugar ao cinza das nuvens que se acumulavam, bloqueando o céu.

"Que maravilha", falei comigo mesma, olhando para o vestido azul que eu estava usando. O tecido sedoso farfalhava ao vento.

O barulho habitual da cidade foi abafado pelo retumbar de um trovão à distância. Eu nunca via a previsão do tempo antes de sair de casa e tinha perdido meu guarda-chuva no metrô semanas antes.

O cheiro de chuva me alertou sobre o pé d'água que viria. Mais uma gota caiu um instante depois. Ainda faltava um quarteirão para eu chegar ao prédio da Amari Global.

Na esquina, bati o pé no chão com impaciência enquanto esperava o semáforo abrir para poder atravessar a rua e correr até lá. A chuva começou a cair com mais cadência e força sobre minha cabeça e meus ombros.

Merda. Eu ia chegar ensopada no meu primeiro dia. Meu vestido ficou marcado das gotas quando começaram a cair com mais consistência, mas então, de repente, pararam.

Uma figura enorme apareceu ao meu lado, e quando vi estava sob um guarda-chuva. Olhei para o lado e vi Henry Amari, tão perto que consegui sentir o calor que seu corpo irradiava.

Olhos castanhos escuros. Porte atlético. Cabelos pretos perfeitamente cortados, com alguns poucos fios rebeldes por causa da umidade.

Ele não disse nada. Olhou para mim, abriu um sorriso cordial e virou a cabeça para a frente.

O semáforo abriu, e atravessamos a rua em silêncio. Ele já estava me entregando o guarda-chuva quando se deu conta de que estávamos andando na direção da mesma entrada.

"Qual prédio?" Sua voz grave encobriu o som das gotas atingindo o guarda-chuva. Um calafrio quente percorreu minha espinha, de apreensão ou deleite. Eu não sabia ao certo.

"O mesmo." Meus olhos se prenderam aos dele quando Henry se virou para mim.

Ele assentiu e voltou a olhar para dentro. Foi quando me dei conta de que ele não se lembrava de mim.

Por que lembraria?

A expressão no seu rosto era de indiferença cortês. Ele não se lembrava de absolutamente nada da semana anterior, apesar de eu ter derramado minha bebida no terno dele.

Não havia motivo para surpresa, concluí. Se as notícias dos tabloides fossem minimamente verdadeiras, Henry devia ter

conhecido alguém mais tarde que deixou uma impressão *memorável*.

Percebi que minha mão estava sobre a dele quando entramos no saguão.

"Obrigada." Virei as costas e soltei um suspiro. Ele estava com o lado direito do corpo um pouco molhado, mas eu continuei perfeitamente seca. A professora de etiqueta dele ficaria orgulhosa.

"Não seria de bom tom deixá-la naquele dilúvio e não dividir meu guarda-chuva", ele respondeu com a elegância de um verdadeiro cavalheiro. Sua atenção se voltou de imediato para o celular quando tirou o aparelho do bolso. "Tenha um bom dia."

Ele me entregou o guarda-chuva e se dirigiu para outra parte do prédio, longe dos elevadores principais.

"O guarda-chuva é seu", falei atrás dele, como se um dos homens mais ricos do mundo fosse dar falta disso.

"Pode ficar", Henry respondeu sem se virar, desaparecendo na outra direção.

Encontrei Sloan Amari no último andar.

"É um prazer revê-la." Sloan apertou minha mão com a mesma postura cordial e amigável das duas outras vezes em que nos falamos.

Ela me apresentou a Bridget, a assistente de Henry, e depois foi até a sala dele, abrindo um sorriso.

"Está pronta?", perguntou, mas não esperou uma resposta antes de abrir a porta.

A sala de Henry era espaçosa e bem decorada, com uma vista maravilhosa da cidade através das janelas que iam do chão ao teto. Ele estava atrás de uma mesa enorme, totalmente concentrado na tela do computador.

Henry apoiou o cotovelo na mesa, girando uma caneta entre os dedos. Meus olhos foram atraídos para seu bíceps flexionado sob o tecido ainda úmido do terno Brioni azul-marinho.

Foco, repreendi a mim mesma. Um ano. Faça o seu trabalho e volte para casa.

Ao som da porta, Henry ergueu os olhos e sorriu. Não era o sorriso que eu esperava. Era caloroso, humilde. Fofo.

Mas sumiu em um instante, e a caneta caiu sobre a mesa.

Sloan se virou para mim. "Selena Montez, Henry Amari, CEO da Amari Global."

Ele se levantou e estendeu a mão. Algo passou rapidamente por seus olhos, mas Henry piscou algumas vezes e reprimiu seja lá o que tivesse sido.

"Prazer em conhecê-la", disse ele. Sua voz grave fez um calor subir pela minha espinha, de cima para baixo dessa vez.

"Henry, Selena Montez é uma das melhores assessoras da agência Pearson", Sloan falou.

Minha voz ficou entalada em meio ao calor que dominava meu corpo.

"O prazer é meu."

O som de Sloan batendo uma palma e soltando um suspiro de contentamento me tirou do transe que esse homem me colocava todas as vezes. Dava para ver que ela havia riscado mentalmente esse item de sua lista de afazeres.

“Henry.” Ela se virou para ir embora, mas parou e se voltou de novo para o irmão. “Pedi para Bridget providenciar uma sala para Selena aqui no andar.”

“Quanta gentileza sua.” A princípio, a resposta soou como gratidão, mas havia alguma outra coisa por trás.

“Precisa de ajuda com alguma coisa?”, Sloan perguntou, diplomática.

“Por quê? Está preparando um dossiê?”, ele questionou, franzindo o rosto.

“Eu ainda sou uma Amari.”

Uma tensão incômoda se instalou no ar com aquela troca de alfinetadas. Eu conseguia ouvir meu colunista de fofoca interior me enchendo de perguntas. Seria por que o namorado dela era da concorrência? Mas Marcus Sutton era o melhor amigo de Henry Amari, então qual o motivo disso?

Sloan sorriu para nós e saiu com um aceno educado.

“Não deixe aquela carinha de anjo enganar você”, Henry me aconselhou enquanto se recostava na cadeira e fazia um gesto para que eu me sentasse. “Ela é uma víbora.”

“E também é sua irmã.” Eu arregalei os olhos enquanto me sentava. Aquelas palavras tinham simplesmente saído da minha boca, e eu não conseguia entender o porquê.

Precisava ser discreta, e não jogar lenha na fogueira.

“E ninguém nunca me deixa esquecer isso”, Henry resmungou baixinho para si mesmo.

Respirei fundo e tentei entender por que estava tão nervosa.

Um longo e constrangedor silêncio tomou conta da sala. “Obrigada pelo guarda-chuva”, falei.

Ele não respondeu, só ficou me olhando com cara de paisagem. Mais um silêncio incômodo se instalou.

Ele também esqueceu que interagimos no saguão?

Talvez Henry não precisasse de uma assessora de relações públicas, e sim de um neurologista.

"Você tem um tempinho para esclarecermos o básico?", perguntei, tentando voltar para os trilhos e fazer por merecer a quantia exorbitante que estava recebendo.

"Não muito", ele respondeu educadamente. "Mas qual é o plano?"

"Bom, primeiro preciso saber com o que estou lidando." Abri minha agenda na página em que estava fazendo anotações. "A parte boa, a ruim e a muito ruim."

Um sorriso malicioso surgiu no rosto dele por uma fração de segundo antes de suprimi-lo. "A muito ruim?"

O clima de seriedade no ar pareceu diminuir um pouco.

Eu limpei a garganta. "É por ela que os jornais vão se interessar mais. E, considerando a cláusula de moralidade do seu contrato, provavelmente é a que vai causar mais problemas."

Ele ficou tenso. "Os jornais fazem a coisa parecer pior do que é."

Os jornais fizeram a coisa parecer *feia*. Até o início do ano, as histórias a respeito dele eram de um bilionário bonitão que passava as noites em clubes noturnos e bares exclusivos, a cada dia com uma mulher diferente nos braços.

"Ótimo. Então o plano daqui para a frente é bem simples", falei. Eu não precisava saber a verdade, e era melhor não saber

mesmo. Eu precisava cuidar das aparências, só isso.

Depois que assinei o contrato na sala de Rita, tracei meus planos para aquele ano. Henry tinha sumido do noticiário e estava se comportando, ou aparentava estar se comportando, nos últimos meses. Se conseguíssemos desviar a atenção dedicada a ele para algo mais apropriado, com certeza sua figura se tornaria menos interessante para a imprensa e limparia sua imagem diante do conselho de administração.

"Como já existe uma instituição de caridade com o nome da sua família, vou começar por ela. Você vai aparecer diante das câmeras em alguns eventos em que a fundação fizer doações. Eu vou descobrir quais se alinham melhor com os valores da empresa, e nós seguimos a partir daí."

"Certo", ele respondeu, olhando de novo para mim. Parecia *carregado*. "Acho uma boa ideia."

"Ótimo. Vou tentar escolher os eventos e as ações que são importantes para o conselho de administração também", continuei. "Vai ser tudo bem tranquilo desde que você..."

Olhei para a minha agenda, buscando uma forma delicada de dizer "pare de comer todas as modelos e bailarinas de Manhattan".

"Desde que você...", tentei de novo, sem sucesso.

Eu era uma ganhadora da bolsa Rhodes. Ganhei o concurso de soletrar do condado de Los Angeles para minha faixa etária três vezes seguida. Mas, por alguma razão, a tensão nervosa que senti ali fez meu vocabulário amplo evaporar.

Henry baixou os olhos para as mãos.

“Encontre hobbies mais respeitáveis?” A tensão era visível em seus ombros, e ele cerrou o maxilar.

“Exatamente.” Soltei um suspiro de alívio. Se Henry levasse mesmo sua imagem a sério, facilitaria um bocado meu trabalho. Eu não precisaria ficar no pé dos tabloides, tendo que pagar para não publicarem fotos comprometedoras.

“Não se preocupe, é um ano importante para mim, e não tenho a menor intenção de dificultar a sua vida.” O tom dele ficou mais sério.

O clima na sala mudou de novo, e Henry não se virou mais para mim. Em vez disso, seus olhos se voltaram para a tela do computador, e perdi sua atenção por completo.

Estava claro que, para conseguir os detalhes básicos de que precisava, eu provavelmente precisaria apelar para a assistente dele.

“Ótimo.” Fechei a minha agenda. “Vou começar do início, então. Tentar descobrir com meus contatos nos tabloides se eles estão planejando alguma coisa. Fora isso, é só se manter discreto que não vamos ter problemas.”

Henry assentiu, e eu fui em direção à porta. “Bridget pode ajudá-la a se situar.”

Descobri que Bridget, a assistente, trabalhava com Henry desde que ele começou na empresa, logo depois de sair da faculdade de administração. Ela era mais velha, tinha cinquenta e poucos anos, pela minha estimativa, e cabelos curtos e lisos. Ela me lembrava Rita em diversos sentidos. Tinha um ar protetor, assim como Rita tinha comigo.

“Ele chegou mais tarde hoje, mas normalmente já está aqui às sete e nos últimos tempos anda ficando até oito ou nove da noite”, Bridget explicou.

Terminamos nosso rápido tour pelo andar da presidência e pela sala que eu usaria nos doze meses seguintes. Era o antigo escritório de Henry, antes de virar CEO. O andar consistia basicamente na minha sala, na de Henry e nas de alguns outros executivos.

“Uau.”

“Grandes expectativas.” Bridget soltou um suspiro e me deixou sozinha para começar a me aclimatar. Também me falou um pouco do histórico que jogava contra o meu trabalho. Não era nada muito diferente do que eu esperava: festas chiques e muitas mulheres.

Depois de mais ou menos uma hora me situando na minha nova sala, bati na porta dele, num breve intervalo entre reuniões.

“Entra.”

“Sr. Amari...”, comecei, dando alguns passos para dentro de sua sala, tentando decidir se sentava ou não, de repente insegura de cada movimento.

“Henry”, ele corrigiu, sem tirar os olhos da tela.

“Eu queria ter uma ideia de quais reuniões posso acompanhar. Nada que envolva confidencialidade, só metas estratégicas que já foram divulgadas publicamente. Para ajudar a associar sua imagem com os melhores interesses da empresa.”

Como eu ia transformar a verdade numa historinha açucarada de tempos em tempos, precisaria de fatos comprováveis para sustentá-la. E, se esses fatos servissem também para promover a empresa, melhor ainda.

Henry parou de ler.

"Quê?" Seu tom era de irritação.

Eu ignorei isso. Quase todo cliente com quem eu trabalhava se mostrava resistente no começo. Gente rica não gostava de ter alguém lhe dizendo o que fazer, muito menos de ter alguém na sua cola fazendo isso.

"Acho que preciso acompanhar algumas reuniões importantes para ter uma ideia de como..."

"Por quê?" Ele levantou e veio na direção da porta, parando a poucos passos de mim, com a testa franzida.

"Bom, quando eu preciso mudar o foco de uma reportagem ou de um comunicado à imprensa, saber o que está acontecendo na empresa é sempre bom", argumentei. "A Amari Global é uma companhia responsável; é bom criar uma associação entre..."

"Você não é a relações públicas da empresa."

"Eu entendo, mas..."

"A Amari Global e eu somos duas coisas distintas", ele esbravejou comigo.

Uma faísca de irritação se acendeu nas minhas entranhas. Se esse homem não parasse de me interromper, eu ia acabar encontrando outro uso para o guarda-chuva que ele me deu.

"Eu entendo." Bufei baixinho por entre dentes cerrados. "Mas, como CEO, *você* é a cara da empresa para o público.

Preciso saber o que está acontecendo aqui para usar como cobertura quando aparecer uma matéria negativa na imprensa."

"Eu já falei." A irritação no seu tom de voz se tornou mais pronunciada. "Não tenho nenhuma intenção de dificultar o seu trabalho. Não vou mais dar combustível para os tabloides me queimarem."

"Tudo bem", respondi educadamente. Os tabloides não tinham um código de ética muito rigoroso. Publicavam o que queriam sem comprovar nada. Isso era um fato que ele já devia saber a essa altura. E com o qual precisávamos estar preparados para lidar. "Mas com certeza você sabe que eles não precisam de nenhum material novo. Já têm coisa de sobra para usar contra você."

Henry se esquivou do golpe. Talvez tenha sido o lembrete de seu comportamento pregresso que o abalou, mas a maneira como me olhou me mostrou que ninguém costumava falar com ele *honestamente*.

Depois de anos trabalhando no ramo das relações públicas, sempre consegui ignorar a postura às vezes petulante dos clientes comigo, principalmente os que não me queriam por perto. Dava para entender a oposição à ideia de que eu acompanhasse reuniões importantes.

Mas aquele ano era crucial demais, para nós dois, para eu arriscar deixar alguma coisa dar errado. E isso diminuiu um bocado minha paciência.

"Olha só, vou ser bem sincera com você." Soltei um suspiro, na esperança de que isso desacelerasse minha pulsação

disparada. “Sei que não me quer aqui. Mas você precisa de um ano perfeito até a próxima votação do conselho, em junho do ano que vem, e eu preciso de uma rota de fuga. Nós dois podemos realizar ambas as tarefas se você me deixar fazer o meu trabalho, e eu vou fazer de tudo para não te atrapalhar.”

As feições dele se amenizaram quase visivelmente. Segundos se passaram e pareceram durar uma eternidade.

“Certo.” Seu tom de voz era calmo, mas um sorriso de divertimento apareceu em seu rosto. Henry passou por mim e saiu porta afora. “Vamos lá.”

Fiquei imóvel, piscando confusa.

“Me acompanhe, srta. Montez”, ele me chamou do corredor.

Henry era como duas pessoas diferentes lutando para assumir o controle. O CEO focado e formal em conflito com o cavalheiro encantador que parecia ser imediatamente silenciado sempre que conseguia vir à tona.

Isso me fez querer saber como ele era fora daquele prédio.

Por que você liga para isso?

Depois de um longo dia de reuniões, estava ficando tarde. Normalmente, eu já estaria em casa a essa hora, mas acabei me ocupando em fazer uma cronologia precisa dos últimos anos da vida de Henry.

Ainda havia muita coisa que eu precisava saber, e Bridget tinha ido embora fazia tempo. Joguei algumas coisas na bolsa e estava me preparando para sair quando percebi que as luzes da sala de Henry ainda estavam acesas. Eram quase nove horas.

“Sr. Amari?” Eu parei no batente da porta larga. Ele não tirou os olhos do que estava lendo, só fez um gesto para que eu entrasse no escritório espaçoso e sentasse.

“Henry”, ele falou, com mais firmeza do que da primeira vez.

“Não me parece apropriado.” Sentei na cadeira diante de sua mesa.

“Nem as inúmeras histórias que Bridget provavelmente vai contar para você nos próximos meses.”

“Você poderia facilitar e me contar tudo agora”, argumentei.

O peito de Henry subiu e desceu. Sua gravata estava solta, e as mangas, dobradas sobre os antebraços morenos. O paletó estava pendurado no encosto da cadeira. Quando ele respirou fundo, deu para ver a musculatura bem definida do seu peito esticar a camisa perfeitamente passada.

De repente, comecei a sentir calor.

“Sinceramente, tudo o que vale a pena contar já aparece de forma sensacionalista nos jornais”, ele confessou.

“É o preço do poder?”

“Mais ou menos isso.” Um esboço de sorriso surgiu no seu rosto cansado.

Eu assenti com a cabeça.

“Já estou indo. Até amanhã.” Fiquei de pé e fui em direção à porta.

“Srta. Montez”, Henry chamou quando eu estava a poucos passos do corredor. Quando me virei, seus olhos se voltaram para o celular. “Meu motorista está lá embaixo. O nome dele é Winston; ele vai levar você para casa.”

“Ah, não, tudo bem. Eu...”

“É tarde e, conhecendo Sloan, isso provavelmente está no seu contrato.”

“Está tudo certo, obrigada.” Não esperei pela resposta e fui pegar o elevador.

Em geral, quando o trabalho se estendia até a noite, a agência providenciava um carro para me levar para casa. Não era surpresa que isso estivesse no meu contrato. Mas alguma coisa na oferta dele me incomodou. Queria manter distância de Henry, de seu mundo. De tudo aquilo.

Quando saí do elevador, vi um homem de meia-idade com uniforme de chofer me esperando. Estava falando no celular e fez um gesto para mim.

“Claro, Henry.” Ele desligou e me encarou. “Srta. Montez?” O homem se aproximou e riu quando viu minha surpresa. Os empregados dele o chamavam de Henry? “Fui instruído a não deixar você ir para casa desacompanhada.”

Eu não gostei disso. Mas a ideia de encarar um longo trajeto de metrô bastou para me fazer aceitar.

5

HENRY

Passei as últimas duas semanas tentando cair nas graças do principal acionista da Verge: Charles Hayworth. Ele também era membro do conselho de administração e amigo pessoal de Hugo Aubert, o CEO da empresa.

Hugo era um cara escorregadio, e eu estava começando a achar que era quase impossível fazê-lo vender a empresa. Seria preciso encontrar outro caminho para adquirir essa tecnologia, então pensei em tentar convencê-lo a partir de dentro.

Se havia uma coisa que eu entendia bem, era a importância da lealdade do conselho de administração. E meu investigador particular estava colado ao conselho da Verge como uma sombra.

"Vou mandar o jatinho para você vir até a cidade, para uma apresentação formal", falei educadamente ao telefone do meu escritório, apesar de não gostar nem um pouco da pessoa com quem eu estava conversando.

"Fico aguardando." Era possível sentir a formalidade britânica de Charles Hayworth a um oceano de distância. Chegava a rivalizar com a da minha mãe. "Estou curioso para

conhecer o famoso clube Augustus. Nunca tive o privilégio de visitá-lo."

Minha família era sócia de quase todos os clubes exclusivos da cidade, fossem sociais ou esportivos. O Augustus era a cereja do bolo, sem nenhum equivalente nos Estados Unidos e apenas alguns poucos no mundo. Os Amari ganharam seu acesso quando meu avô parou de pedir e simplesmente comprou todos os imóveis ao redor, o que custou bilhões, e mencionou casualmente ao conselho do comitê de admissão que podia transformar o clube num paraíso ou num inferno.

Eles fizeram a escolha mais óbvia.

"Com certeza não vai se decepcionar." Girei a cadeira, me sentindo entediado. Pela janela, vi as sombras projetadas pelo sol aparecerem e sumirem com a passagem das nuvens lá fora.

Eu não o conhecia e nem queria. Tinha convivido com pessoas como ele a vida toda. Gente educada e esnobe, com uma fortuna que remontava a gerações e que zombava de famílias como a minha, que não tinham origens aristocráticas. Só davam um jeito de nos tolerar quando precisavam de certas coisinhas, como bilhões de dólares em capital.

Mas eu precisava tratá-lo bem. Precisava de Charles. Ele tinha acesso a Aubert e podia ser útil. Eu não precisava só de uma vitória. Precisava dessa, especificamente.

A aquisição da Verge era algo que com certeza meu avô faria sem dificuldade. Ele era especialista em localizar pontos fracos e explorá-los para fechar o negócio. Mas a Verge não era parte de nosso portifólio habitual, e sua compra seria uma expansão importante, com a qual ele provavelmente não concordaria.

Eu não queria ser como meu avô. Queria ser diferente, melhor.

Continuei a conversa com a polidez que a ocasião exigia, até que uma pessoa bem mais interessante chamou minha atenção. Encerrei a chamada ao ouvir o som familiar dos saltos de Selena se aproximando.

"Henry?" Sua voz suave me envolveu.

O jeito como ela disse meu nome. *Puta que pariu.*

Eu limpei a garganta. "Entre, srta. Mon..."

"Selena", ela me lembrou pela centésima vez.

"Selena." Assenti com a cabeça.

Gostei da sensação do nome dela na minha boca. Não tinha parado de pensar em Selena desde que dei em cima dela no aniversário de Sloan. Felizmente, depois de não mencionar isso quando fomos apresentados no seu primeiro dia na Amari Global, ela parecia disposta a fingir que nunca tinha acontecido. Não tocou no assunto, e eu certamente não tocaria.

Pela sua forma sincera de falar, ficou claro que ela não me achava grande coisa. Dava para entender, considerando toda a informação que obteve enquanto se preparava para trabalhar comigo. Além disso, eu precisava evitar a qualquer custo que ela pensasse que, além dos escândalos que já me perseguiam, eu me envolveria num romance dentro da empresa.

E romance era a última coisa que eu queria fazer com aquela boca atrevida.

"Aqui estão todos os membros do conselho que você vai encontrar nas próximas semanas em uma série de eventos." Ela se sentou e colocou alguns papéis à minha frente.

Selena era impressionante. Afiada. Inteligente. Em uma semana, tinha conseguido se inteirar dos assuntos da empresa e, o que era ainda mais importante, do conselho.

Pensei que fosse detestar tê-la por perto. Ninguém gostava de ter um lembrete de suas indiscrições do passado, e Selena era um lembrete constante. Ela não estaria aqui se os meus dias de farra não tivessem sido documentados por todos os tabloides.

Mas eu não me incomodava em tê-la como minha sombra em reuniões e eventos. Ela era uma companhia encantadora.

"Ótimo." Olhei a lista que ela fez.

Além disso, Selena não tinha medo de ser honesta comigo. Ter passado a vida cercado de pessoas preocupadas em não cair no meu conceito para proteger seus próprios interesses significava que quase ninguém me dizia o que realmente pensava. Tudo vinha diluído numa formalidade açucarada.

Mas Selena não. Ela me cutucava. E, porra, eu queria cutucá-la de volta.

"Como o verão está chegando ao fim, vão ser muitas festas nos Hamptons." Ela não estava me olhando. Sua atenção estava voltada para a lista sobre a minha mesa. "Você só precisa aparecer em uma ou duas. Conversei com Bridget, e as que estão circuladas cabem na sua agenda, e você pode ir para lá num fim de semana ou outro, se quiser."

"Parece ótimo. A festa anual de fim de verão dos Amari é no último fim de semana da estação, e você está convidada."

Ela inclinou a cabeça, franzindo os lábios. "Ok. Vou fazer uma lista de membros do conselho com quem você precisa

conversar, e também os assuntos. Bridget me passou o resultado da votação de julho."

Fiz uma careta ao lembrar. Recebi uma votação unânime para continuar sendo CEO, mas só porque Sloan, Marcus e Xander me ajudaram. Caso contrário, o conselho teria me substituído por Sloan. Minha ascensão a CEO foi motivo de discórdia entre mim e minha irmã durante anos. Uma parte de mim sentia culpa por tirar isso dela, enquanto a outra insistia em querer provar que eu era a escolha certa.

"Fique à vontade para levar um convidado", acrescentei sem nenhum motivo aparente.

Ela anotou algumas coisas com uns quadradinhos bem desenhados ao lado para serem checados mais tarde. Um pouco da tinta do papel borrou quando ela passou a mão por cima. Selena era canhota.

A porta se abriu, e meu humor de repente mudou. O barulho atraiu a atenção de Selena.

"Não vai me dizer que esqueceu da nossa tradição de sexta." Xander entrou na minha sala sem ser convidado.

Na maioria das sextas-feiras, saíamos do trabalho num horário decente e íamos beber alguma coisa. Isso ajudou a preencher o vazio das nossas vidas quando Marcus estava fora. Muita coisa havia mudado no último ano, mas essa pequena tradição se manteve constante. Era uma coisa que antes eu costumava fazer com Marcus.

"Já estou terminando aqui." Fechei o arquivo com os dados clínicos que vinha estudando fazia semanas. Me virei para

Serena, a fim de apresentá-la, mas obviamente Xander foi mais rápido.

"Xander Sutton." Ele trocou um aperto de mãos com ela, passou a mão pelo cabelo loiro escuro e inclinou a cabeça de leve. Eu sabia que Selena iria sorrir. Já tinha visto isso acontecer milhares de vezes.

Ela sorriu. Que puta raiva desse cara.

"Selena Montez, prazer em conhecê-lo."

"Selena, ele ainda tem salvação?" Xander fez beicinho, apontando com o queixo para mim. "Ou a coisa mais humana a fazer é desligar os aparelhos?"

Ela deu risada. Dessa vez, só consegui sentir as veias da minha testa pulsarem.

"Existe esperança." Ela se virou para mim. "Vou falar para Bridget providenciar os preparativos para as viagens aos Hamptons."

Xander ficou olhando enquanto ela saía da sala e fechava a porta. Se ele não fosse o irmão mais novo de Marcus, eu acabaria com a raça dele.

"Hamptons?" Xander levantou uma sobrancelha e se virou para mim depois que a porta se fechou atrás de Selena.

"É, eu tenho uns eventos de fim de estação para comparecer. Selena vai na festa dos Amari, aliás", contei, como se não fosse nada de mais. Ele não caiu nessa. "Que foi?"

"Que foi?", Xander zombou, e começou a rir baixinho. Ele se sentou. "Ela já te deu um fora uma vez. Acha que vai ter mais chance na praia?"

Xinguei o fato de Xander ter uma memória tão boa.

“Eu nunca dei em cima dela, e é uma relação estritamente profissional”, retruquei, apesar de na verdade ter dado em cima dela, sim. “Metade da diretoria executiva vai estar lá. *Você* vai estar lá.”

“Cuido do dinheiro de todo mundo, eu meio que preciso estar lá”, ele rebateu, continuando a rir sozinho.

Xander era diretor-geral de uma corretora de investimentos de capital, o executivo mais jovem do mundo a ocupar esse cargo. A mente de Xander funcionava como uma máquina. Mas, observando seu comportamento em certas ocasiões, ninguém diria que ele era um prodígio.

“Você quer comer a assessora de relações públicas, né?”, ele continuou. Seu corpo todo se sacudiu com a gargalhada. “A pessoa que está aqui *justamente* porque você não consegue parar de ir para a cama com quem não deve.”

“Não vai rolar.” Não adiantava fingir que não queria, mas eu não faria nada.

“É um lance shakespeariano, né?” Xander continuava rindo. “Ou maquiavélico? Cadê a Sloan quando você precisa dela?”

“Não conta para Sloan”, avisei. A última coisa que eu queria era ficar escutando sermão da minha irmã mais nova.

“Eu não vou contar para Sloan.” Sua risada começou a diminuir. Era difícil acreditar nisso. Xander e eu éramos amigos, mas ele e Sloan eram unha e carne. Não havia segredos entre os dois.

“Contar o que para Sloan?” A voz de Marcus atraiu nossa atenção para a entrada da sala, onde ele estava parado com as

mãos nos bolsos, a sobrancelha levantada, olhando para Xander.

"Nada", Xander e eu respondemos ao mesmo tempo. Trocamos um olhar entre nós, e ele começou a rir de novo. Marcus deu uma espiada no corredor, estreitando os olhos por um momento, mas desencanou logo em seguida.

"O que você está fazendo aqui?", ele perguntou para Xander.

"A gente vai sair para beber. Quer ir?", respondi enquanto recolhia as coisas da minha mesa e desligava o computador.

"Happy hour de sexta-feira com Xander?" Marcus parecia ofendido.

Ele tinha esse direito; a tradição era originalmente nossa. Era bom saber que Marcus também sentia um pouco do ressentimento que eu tive que sentir nos últimos meses. Não bastava ter sido abandonado pelo meu melhor amigo, que era praticamente um irmão. Mas ele também ter mentido para mim foi um tapa na cara.

Marcus mentiu sobre sua participação no meu conselho de administração e seu envolvimento com Sloan. E, para piorar ainda mais a situação, ninguém mentiu para Xander. Eu era a pessoa dispensável ali, ou pelo menos era assim que me sentia.

"Está com ciúme?" Xander sorriu. "Pode considerar uma retribuição por ter roubado a minha melhor amiga."

Marcus revirou os olhos, e nós saímos. Logo atrás de Selena, que estava indo embora naquele exato momento.

6

SELENA

Nunca fui do tipo que considerava fazer compras como uma espécie de terapia, mas precisava de alguma coisa para usar na festa de verão dos Amari.

As duas pessoas mais próximas que eu tinha em Nova York, Lauren e Isa, vieram comigo procurar um vestido. Era um domingo perfeito para isso.

Depois de duas semanas agitadas na minha nova função, nós três finalmente conseguimos sair juntas.

"Como vai o chefe gostosão?" Isa deu um gole em seu café enquanto subíamos a escada do metrô.

Nós duas estudamos juntas em Columbia e, depois de formadas, eu fui trabalhar para Rita, e ela seguiu com os estudos na faculdade de medicina.

"Você não me disse que era um gostosão." Laura deu um tapa no meu ombro.

Se por um lado Isabelle foi uma amiga que conheci na faculdade, Lauren era uma amizade quase da vida toda. Crescemos juntas em Los Angeles, e ela se mudou para Nova York no ano anterior para trabalhar no ramo da gastronomia, mas as coisas não estavam dando muito certo. Quando ficou

sabendo que meu trabalho poderia render uma transferência de volta para Los Angeles, praticamente começou a arrumar as malas.

Ela nunca quis morar aqui, mas veio quando a confusão com os Waldorf explodiu. E minha impressão era de que ela ainda sentia que precisava ficar ao meu lado.

"Ah!", Isa gritou para Lauren. "Ele e quase todos os amigos. Não sei como você vai conseguir trabalhar lá."

"Acho que já passei dos limites de envolvimento pessoal com clientes", lembrei enquanto andávamos pela calçada.

Minha carreira era praticamente impecável em termos de profissionalismo. As duas únicas manchas no meu currículo vieram uma em seguida da outra. Primeiro, foram os Waldorf. Depois, Miles Asher, um ator e ex-cliente por quem me deixei levar.

"Você estava vulnerável", Isa justificou. Conheci Miles logo depois do drama com os Waldorf, e ele me pareceu um porto seguro para atracar. E por um tempo foi, mas, quando o encanto passou, não restou muita coisa. "Sua cabeça está melhor agora."

Depois que terminamos, Miles tentou manter contato, mas eu o ignorei. Não parecia certo continuarmos nos vendo. Miles era um cara legal, mas eu não sentia muita coisa por ele. Ficamos juntos quando eu precisava de uma válvula de escape, e para isso ele foi ótimo.

"O chefe gostosão é o motivo para você andar trabalhando até tarde?", Lauren provocou.

Ela estava ficando na minha casa enquanto não punha a vida em ordem. Estava demorando mais do que o previsto, verdade, mas era legal. Lauren era uma aspirante a chef e sempre fazia pratos incríveis para o jantar. Além disso, se nós íamos voltar para Los Angeles, não fazia sentido ela alugar um apartamento a essa altura.

"Quê?", falei, gaguejando. "Não, claro que não."

Eu tinha mesmo criado o hábito de trabalhar até tarde. Quando a noite caía, eu podia conseguir respostas para as minhas perguntas sem parecer que estava interrompendo uma coisa importante.

Era o único motivo para eu fazer isso.

Não porque Henry costumava afrouxar a gravata e passar a mão pelos cabelos pretos a essa hora. Ele parecia diferente nesses momentos, menos arrumado, menos resguardado.

"Acho que sou irritante para ele", acrescentei.

Henry sempre ficava tenso quando eu estava por perto. Eu procurava manter as nossas interações curtas e programadas, mas isso não parecia ajudar. Ele só relaxava um pouco no fim do dia.

"Mas é claro", Isa falou em alto e bom som. "Você é a mulher chata que fica falando para ele manter o pau dentro da calça."

A piada me incomodou. "Pode ser. A vida dele anda bem entediante ultimamente, para ser sincera."

"Que ótimo!", Lauren comemorou quando entramos numa das butiques mais caras do SoHo. "Trabalho fácil, uma boa grana, e você e eu podemos passar mais tempo juntas!"

“Entediante?”, Isabelle questionou quando as portas se fecharam atrás de nós. Ela pareceu um pouco preocupada. “Então por que esse trabalho todo?”

“O passado dele é suficiente para ferrar tudo”, expliquei. “Basta os tabloides republicarem as histórias para queimar o filme dele com o conselho. Percepção é realidade.”

Enquanto circulávamos pela loja, senti meu celular vibrar dentro do bolso.

“*Hola*, *mami*”, falei quando atendi. Meus dedos passeavam pelo tecido de um vestido rosa de linho.

“*Mi hija*.” O tom dela era afetuoso. Dava para ouvir os sons do hospital ao fundo. “Você não me liga faz uns dias; o que está acontecendo?”

Tento ligar para minha mãe com regularidade. Ela tinha uma vida social ativa, então solidão não era um problema. Mas ultimamente eu vinha buscando cada vez mais o som de sua voz. Me passava uma sensação de segurança.

Contei sobre as últimas semanas. “E vou para os Hamptons a trabalho em breve.”

“Ah.” O tom de voz dela perdeu um pouco do ânimo. “Vê se não passa tempo demais por lá.”

Minha mãe achava que o meu trabalho com relações públicas estava aquém da minha capacidade. Ela queria que eu fosse médica, como Isa. Estava estudando para o exame admissional da faculdade de medicina quando engravidou de mim. Com a gravidez seu sonho foi adiado, e no fim ela foi estudar enfermagem quando eu era pequena.

“Como estão as coisas em casa?”, perguntei, tentando mudar de assunto.

“Tudo bem.” A voz dela recuperou o vigor. “Lauren me contou que talvez vocês voltem.”

Soltei um suspiro. Lauren sem querer acabava me obrigando a ser honesta. Eu sabia que ela devia ter contado para minha mãe por pura empolgação.

“Depois que terminar esse trabalho.”

Minha mãe não disse nada, mas eu tinha certeza de que ela estava sorrindo. “E na hora certa, porque tem um rapaz aqui que eu acho que você iria adorar. É residente ainda, mas no verão que vem já vai ser médico. Ele pode reapresentar você à cidade e mostrar os lugares novos.”

“Nós já conversamos sobre isso, *mami*.”

Eu a ouvi bufar do outro lado. “Tudo bem, mas você vai me entender quando chegar aqui.”

Não tentei argumentar nem perguntar para minha mãe como ela pretendia manter um homem “na espera” por um ano.

Terminamos a conversa, e eu estava indo para o provador quando ouvi uma voz atrás de mim que fez meu sangue gelar.

Colar de pérolas, blazer Chanel rosa claro, sangue azul.

Amelia Waldorf. A matriarca da família Waldorf. Esposa de Allister Waldorf, mãe de Julian. A bruxa má do Upper East Side.

Seu suspiro de susto foi audível. Quando vazei os segredos de sua família para a imprensa, ela foi a mais feroz em seu

desejo de retaliação. Provavelmente por ter sido quem se sentiu mais humilhada.

"O que você está fazendo aqui?" Sua voz tensa pareceu trêmula a princípio, mas ela se recuperou num instante. Assumiu ares de superioridade e deu alguns passos à frente, olhando ao redor da loja quase vazia.

"O mesmo que você", retruquei.

Agarrei o linho do vestido com mais força, numa tentativa de firmar as minhas mãos trêmulas.

Lembrei a mim mesma que poderia arruiná-la com a mesma facilidade com que ela poderia me arruinar. A destruição mutualmente assegurada nunca pareceu fazer tanto sentido como quando eu ouvia a voz dela.

"Ora." Ela desviou o olhar e jogou os cabelos loiros bem cortados atrás do ombro. Seus olhos passearam pelo teto alto da loja de grife onde estávamos. Era sua maneira silenciosa de me dizer que eu não pertencia àquele lugar. "Pensei que nosso acordo faria você reconsiderar seu estilo de vida intrusivo. Vejo que eu estava errada."

Eu queria dizer alguma coisa, *qualquer* coisa, para me defender, mas as palavras me fugiram. Só Amelia Waldorf fazia com que me sentisse pequena e impotente quando me olhava *desse* jeito. Como se me controlasse.

A menção ao contrato fez meu estômago se revirar.

Assinei aquilo num momento de desespero, na esperança de que pudesse ser a solução de todos os problemas que eu tinha criado para mim mesma. Caso me recusasse, Amelia Waldorf me garantiu que me faria ser demitida de todo emprego que eu

conseguisse. Eles tinham prerrogativa legal para me processar pela quebra do acordo de confidencialidade que cometi ao vazar informações internas. Eu perderia tudo o que tanto trabalhei para conquistar.

"Vamos, Selena." A voz de Lauren dissipou a névoa da minha mente, e senti seu braço me puxando para ir embora. Mas não sem antes ver o sorriso de satisfação no rosto de Amelia.

Eu tinha concordado em ficar quieta sobre *tudo*, e eles se comprometeram a não buscar reparação judicial pela quebra do acordo de confidencialidade. Aquele contrato era um lembrete constante do fato de que para eles eu era só um segredo varrido para debaixo do tapete.

Saímos sem comprar um vestido. Isa e Lauren me puxaram para fora, e andamos sem rumo pelas ruas. Conversamos sobre toda e qualquer coisa para desviar minha mente do que tinha acontecido.

Eu me deliciei com o dia quente de sol. Queria ter trazido minha câmera. As ruas ensolaradas sempre ficavam lindas através das lentes. Os raios luminosos aqueciam a frieza dos edifícios de aço e harmonizavam com o movimento ruidoso da cidade.

"Você vai ficar bem convivendo com esse tipo de gente no próximo ano?", Lauren perguntou depois de um longo silêncio, prendendo uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha. Sua expressão normalmente tranquila estava franzida de preocupação.

Se a minha nova função não viesse acompanhada da promessa de voltar para casa, Lauren teria me arrancado à força do prédio antes que eu pudesse aceitar o trabalho. Ela, Isa, Rita e a equipe jurídica da agência eram as únicas pessoas que sabiam por que eu parti para o confronto com os Waldorf.

Eu confirmei com a cabeça. “Daqui a um ano, vamos estar em Los Angeles de novo.”

Ela sorriu.

Havia momentos em que eu me lembrava de como as coisas eram antes de conhecer aquela família. Eu adorava a cidade e não queria ir embora nunca. Isa e eu planejávamos nossa vida a partir do pressuposto de que iríamos ficar definitivamente. Às vezes eu me questionava se voltar seria mesmo a coisa certa a fazer.

Um encontro casual com Amelia Waldorf bastou para confirmar que eu precisava dar o fora dali. Ninguém na minha vida jamais fez com que eu me sentisse tão minúscula ou fraca. Não antes de conhecê-los.

Eu precisava ir para casa.

7

HENRY

Abri a porta do carro para Selena e estendi a mão para ela descer. Ela a segurou por um momento e sorriu.

"Obrigada." Selena puxou de volta a mão e imediatamente começou a digitar no celular.

"Quanto tempo isso vai durar?" Soltei um grunhido, e minha mão se flexionou por causa da eletricidade estática acumulada no meu corpo.

Winston, meu motorista, fechou a porta atrás de mim. Comecei a ler um e-mail mandado pelo meu investigador particular. Ele estava no encalço de Charles Hayworth e do conselho de administração da Verge, escavando tudo o que pudesse encontrar.

Os seguranças se posicionaram junto ao carro quando chegamos na minha primeira aparição supervisionada por minha nova e absurdamente atraente assessora de relações públicas.

"Duas horas", ela avisou, parando na calçada e se virando para mim. Então deu um tapinha na minha mão. "Você vai ter que conversar com as pessoas; *não pode* só ficar sentado mexendo no celular o tempo todo."

“Entendido.”

Eu sempre ficava confuso sobre o motivo de querer estar perto dela. Mas, ao mesmo tempo que tentava entender por que Selena tinha esse efeito estranho sobre mim, também limitava nossas conversas e interações ao mínimo possível.

O almoço de caridade do dia estava sendo oferecido por uma socialite qualquer para homenagear uma cientista mundialmente famosa na pesquisa contra o câncer. O fundo da família Amari cedeu uma verba que garantiria que o trabalho dela continuasse por muitos anos.

“Você poderia sorrir mais”, Selena sugeriu para mim em seguida. Lancei um olhar para ela. Selena caminhava ao meu lado, olhando só para a frente, para o salão de gala do Ritz, enquanto atravessávamos o saguão. “Faz você parecer mais acessível.”

Eu sorriria se não estivesse incomodado com o fato de estar perdendo duas horas de trabalho numa segunda-feira por causa de um brunch com a alta sociedade. Para provar que merecia o cargo que ocupava, eu precisaria estar *no trabalho*, ou no mínimo trabalhando de outro lugar. E não socializando.

“Ah, por favor, fique à vontade para falar tudo o que você tem contra mim na frente de toda a alta sociedade de Manhattan.” Ela queria que todo mundo também me considerasse desagradável? Porque com certeza tinha sido contratada para fazer o contrário.

“Relaxa. Aqui não é exatamente uma galeria de sussurros.” Ela revirou os olhos.

Selena tinha breves momentos em que deixava escapar um comentário sarcástico ou uma alfinetada, e eram estimulantes. Ninguém falava comigo com essa sinceridade tão brutal. Era viciante, e eu adorava um duelo verbal.

"Acho que eu sorrio na medida certa", comentei. Ela me encarou, com os olhos faiscando. Logo em seguida, olhou ao redor. "Além disso, talvez eu não queira ser acessível."

"Tem medo de fazer amizade?", Selena provocou. Dois comentários ácidos seguidos, sorte a minha.

Tentei não me esquivar do golpe que ela acertou sem querer. Meu problema nunca foi ter amigos demais, e sim ter amigos de verdade. Esses eram difíceis de encontrar.

"Tenho amigos o suficiente, mas obrigado por se preocupar", respondi educadamente enquanto nos posicionávamos ao lado de uma mesinha alta na entrada espaçosa do salão. O evento começaria em breve e, segundo Selena, um membro do meu conselho de administração presidia a fundação beneficente.

"Onde está o Henry polido da alta sociedade?" Ela se virou para mim, com uma expressão de desafio quase brincalhona no rosto. "Porque vou precisar dele aqui hoje. Você o conhece?"

"Ele está ocupado", resmunguei.

"Não dá para ser ranzinza e charmoso ao mesmo tempo." Ela pegou um copo d'água com um garçom. "Precisa escolher um dos dois. E o charme seria mais útil hoje."

"Ah, é?"

Percebi que respostas curtas pareciam afetá-la da mesma forma que suas provocações mexiam comigo.

Meus olhos encontraram os dela de novo, com seu tom de âmbar deslumbrante, ainda cravados em mim.

"Aham." A confiança no tom de voz dela começou a diminuir.

Selena precisava ser cautelosa em relação ao campo magnético que parecia ter ao seu redor.

Era poderoso.

Perigoso.

"Henry, *querido*." O som da voz da minha mãe foi como um balde de água gelada no calor que corria nas minhas veias depois de um duelo verbal com Selena.

Meus ombros se encolheram, e meu corpo todo ficou tenso.

"Por que ela está aqui?", grunhi baixinho para Selena, por entre dentes cerrados. Eu evitava os meus pais pelo mesmo motivo que a maioria das pessoas em Manhattan evitava ficar perto de pessoas que andavam devagar. Eles eram irritantes.

"Não sou a assessora de relações públicas da empresa. Sou só sua", Selena me lembrou com um murmúrio enquanto inclinava a cabeça, esperando minha reação.

Sou só sua.

Essa frase ia ficar na minha mente por muito mais tempo do que deveria.

"A imprensa vai adorar ter algumas fotos suas com a sua mãe", ela continuou, falando mais sério dessa vez. "Isso vai fazer você parecer um bom moço."

Antes que eu pudesse responder, alguns cliques atrás de mim me lembraram onde eu estava. Forcei meus ombros a relaxarem quando minha mãe veio até nossa mesa.

Ela nos cumprimentou com educação, sorrindo por ter sido convidada por mim para alguma coisa, claramente sem fazer ideia de que Selena tinha arquitetado um ato de guerra involuntário.

"Não se esqueça de falar com Vanessa Grant." A voz suave de Selena pairou no ar enquanto ela passava por mim e apontava para uma das integrantes do conselho de administração da Amari Global, que também estava presente. "E de sorrir."

Então começou a se afastar da mesa.

"Você está indo embora?" Me peguei sentindo mais uma pontada de incômodo enquanto ela se retirava.

Selena não me ouviu. Fiquei olhando para ela mais alguns segundos enquanto ela saía.

8

SELENA

O trabalho com a fundação beneficente dos Amari era minha parte favorita do trabalho.

Estávamos num centro de infusões para pacientes pediátricos no Queens. Graças à verba da fundação, em breve o lugar ofereceria serviços de saúde para as crianças locais sem que precisassem fazer grandes deslocamentos, recebendo tratamento na sua própria comunidade, e não a quilômetros dali, em Manhattan. Era um espaço familiar para elas, que não se sentiriam em outro mundo enquanto eram espetadas com agulhas.

Era uma ideia de Henry.

Depois das últimas fotos, fui para o SUV que estava à nossa espera e me surpreendi ao ver que Henry não estava lá ainda. Fiquei respondendo a alguns e-mails dentro do carro e quando me dei conta já tinham se passado quinze minutos.

Havíamos terminado mais cedo, e pensei que ele fosse estar ansioso para voltar à empresa, assim como nas outras aparições públicas que fizemos.

"Vou ver por que ele está demorando", falei para Drake, meu motorista para questões relacionadas ao trabalho, e desci

do carro.

Entrei pelas portas duplas e dei uma olhada na sala de espera espaçosa, onde a imprensa tinha se reunido e tirava fotos dos administradores da clínica. O lugar estava cheio de gente, mas Henry não estava ali.

Continuei andando pelo corredor e espiei a sala de espera das crianças. Lá estava ele, sentado no carpete colorido, com a atenção voltada para o Nintendo Switch que tinha nas mãos. Um menino de no máximo dez anos estava atrás dele, dando instruções por cima do seu ombro.

"Parece uma péssima ideia", Henry protestou para o garoto, mas seu tom de voz não era sério. Ele estava atento apenas à tela.

"Só faz o que eu tô falando!", o menino ordenou atrás dele.

Depois de apertar os botões na sequência que o garotinho mandou, Henry pareceu ter feito alguma coisa certa.

"Isso, agora usa a espada!", o menino falou, bem alto.

A cena como um todo era uma fofura. Henry sentado no chão com seu terno de alfaiataria, numa sala de espera toda colorida que parecia saída de um livro do dr. Seuss, aceitando ordens sem discutir. Não havia muitas câmeras por perto. Inclusive, ele provavelmente foi para lá para fugir delas.

"Tudo bem. Tudo bem", Henry concordou, o tom calmo.

"Viu, eu falei!", o garoto o repreendeu, todo contente. A tela ficou em branco depois que Henry concluiu aquele nível. "Como assim vieram tirar fotos suas se você nem sabe jogar *Zelda*?"

Henry olhou para ele e abriu um sorriso, dando de ombros. “Nepotismo, basicamente.”

Eu segurei o riso.

A confusão ficou estampada no rosto da criança, e Henry deu uma risadinha. Tive que me segurar para não ir sentar ao lado dele. Em vez disso, chamei um fotógrafo para tirar a foto mais espontânea que eu poderia arranjar.

Ao ouvir os cliques, Henry levantou a cabeça.

Sua expressão continuou suave e afetuosa quando devolveu o controle para o menino, mas mudou imediatamente quando veio até onde eu e o fotógrafo estávamos.

“Não use essas”, ele rosnou. Seu tom incisivo me fez dar um passo atrás.

Henry foi de adorável a fulminante em um piscar de olhos.

“Por que não? Ficaram uma graça”, retruquei. Era essa a imagem que ele precisava personificar e que eu não estava conseguindo estimular e capturar. “É exatamente o tipo de...”

“Ele é uma criança. Nem sabia que a câmera estava aqui”, Henry esbravejou.

“Todos os pais autorizaram...” Me interrompi quando percebi que *eu* estava sendo babaca.

Ele continuou de cara fechada até se virar para se despedir do garoto. Depois, voltou para o carro sem dizer uma palavra.

Passamos os dez primeiros minutos do trajeto num silêncio incômodo. Henry estava irritado de um jeito que eu nunca tinha visto antes. Não disse nada, ficou só respondendo a alguns e-mails e lendo outros que não paravam de chegar.

“Desculpa. É que pareceu uma boa foto para divulgar. Nem me passou pela cabeça como o menino poderia se sentir”, expliquei. Como eu tinha virado a vilã ali?

“Tudo bem.” Ele não desviou os olhos do celular.

“Você tem um fraco por crianças”, provoquei, tentando dissipar a tensão sufocante no carro. Fingi que essa descoberta e a cena que presenciei não tinham provocado efeito nenhum em mim.

“Acho que sim.” Os olhos dele se voltaram para o chão depois de um silêncio pensativo. “Elas são mais simples. Não têm segundas intenções.” Henry se remexeu desconfortavelmente no assento por um momento, então apertou o botão para apagar a tela do celular, soltando o ar com força. “Se tiverem as necessidades básicas atendidas, só querem ter companhia e liberdade para tomar as próprias decisões.”

Suas palavras reverberaram no ar. E então me dei conta. Ele vinha sendo fotografado desde pequeno. Ninguém nunca perguntou se Henry queria ter sua infância documentada dessa forma, mas aconteceu mesmo assim. Ele nasceu em uma das famílias mais ricas do mundo; as pessoas sabiam mais a seu respeito do que deveriam.

Sua intenção era proteger aquele menino de um jeito como ele nunca fora protegido.

Não fiz mais nenhuma pergunta. Às vezes, eu não conseguia entendê-lo. Seria de imaginar que ele quisesse que as pessoas vissem seu lado mais simples e generoso.

Mas, por alguma razão, Henry o escondia.

Depois do evento pela manhã no Queens, evitei Henry. Finalizei o planejamento para a viagem aos Hamptons dali a algumas semanas junto com Bridget, já começando a me preparar para a inevitável matéria negativa que viria. Os jornais andavam relativamente quietos nos últimos meses, e isso me deixava um pouco apreensiva.

Silêncio nunca é um bom sinal.

No começo do ano, Henry estava no meio de uma avalanche de merda.

Durante meses, a imprensa o seguia enquanto ele comparecia a festas escandalosas dia após dia. E em cada uma aparecia com uma mulher diferente. A imprensa internacional se divertia quando ele saía de férias. Uma fila de mulheres passando por seu iate, sua casa em Mônaco, a ilha particular da família.

Nos meses seguintes a sua nomeação como CEO, a imprensa se calou. Provavelmente porque Henry passou a se recusar a ir a qualquer lugar onde pudesse ser fotografado. Se estava acontecendo alguma coisa que eu não sabia, no mínimo ele estava sendo discreto. E eu não pedia mais nada além disso. Essa discrição tornava minha vida mais fácil, mas não era uma estratégia que pudesse ser mantida para sempre.

Talvez a imprensa tivesse simplesmente perdido o interesse, mas isso era improvável. Pessoas na posição de Henry costumavam ter suas vidas privadas tornadas públicas.

Quando pensei em quais poderiam ser as fontes de eventuais vazamentos, me dei conta de que não sabia nada a respeito de nenhum amigo dele além dos irmãos Sutton. Isso

era uma coisa que eu precisaria resolver mais cedo ou mais tarde.

Abri a última gaveta da mesa, procurei um caderno e vi uma folha de papel lá no fundo. Era uma foto. Quando a peguei, abri um sorriso. Devia ser de muitos anos atrás. Henry estava mais jovem. Todos eles estavam.

Era uma imagem dele, da irmã e dos amigos no que parecia ser uma formatura. Sloan estava de capelo e beca.

Henry parecia diferente, como a versão dele que só vinha à tona de vez em quando.

Era ligeiramente adorável.

Guardei a foto de volta na gaveta e fui ver se Henry estava com tempo para falar de suas amizades dentro da empresa.

"Ah, Selena." Ele levantou os olhos quando bati com os dedos no batente da porta e voltou a se concentrar no trabalho logo depois. "Em que posso ajudar?"

Parecia incomodado. Talvez ainda estivesse irritado pelo que aconteceu antes, e de repente senti vontade de fugir dali. "Você tem algum amigo na empresa? Só para eu poder rastrear eventuais fontes de vazamentos."

Henry abriu a boca para falar alguma coisa, mas se interrompeu. Seus olhos se voltaram para mim, mas imediatamente tornaram a se concentrar no que ele estava lendo.

"Meus amigos não trabalham para mim", ele afirmou, sério, sem levantar os olhos.

Senti meu corpo todo se encolher diante daquelas palavras.

Um sim ou um não teria sido suficiente.

“Ah, claro”, esbravejei, mesmo sabendo que era melhor deixar o assunto para lá. Mas não consegui ignorar a queimação na boca do meu estômago. “Que bobagem a minha.”

Pareceu de propósito. Henry foi criado no meio da alta sociedade. Se *quisesse* ser educado comigo, sabia muito bem como fazer isso.

Eu não precisava de um lembrete de que nós vivíamos em mundos diferentes.

Ele ergueu os olhos. “Mais alguma coisa?”

Um tremor de irritação atravessou meu corpo.

“Não.” Eu virei as costas e saí andando para a porta.

Ele tinha brigado comigo mais cedo por causa da foto. Eu era a errada ali, claro, mas mesmo assim. Talvez Henry não precisasse de uma consultoria de relações públicas; talvez ele precisasse de uma nova personalidade.

Fiquei com raiva de mim mesma por achar que nós estávamos... o que quer que eu estivesse pensando.

Foda-se esse cara.

9

SELENA

Henry e eu voltamos de uma reunião com a equipe de marketing em silêncio. O pouco de conversa que tínhamos antes de ele ser um babaca completo comigo alguns dias atrás tinha se reduzido apenas a assuntos relacionados a trabalho.

Fomos até sua sala, e deixei um kit de imprensa em sua mesa.

"Você pode marcar para mim uma reunião com uma iniciativa de saúde infantil na cidade?", ele perguntou quando eu estava saindo da sala.

Ignorei o aperto no peito e comecei a escrever um e-mail para um contato meu no hospital pediátrico.

"Claro", respondi sem erguer os olhos, com a atenção concentrada apenas no e-mail.

"Você pode providenciar um almoço para mim?", ele pediu secamente.

Minha reação física deve ter sido visível. Não levantei os olhos. Só continuei digitando.

Eu não era sua assistente pessoal. Não que tivesse alguma coisa errada nisso, mas era assim que ele nos via? *Seus empregados*. Uma equipe de pessoas sem rosto que cuidava de

tarefas que ele considerava tão triviais que nem sabia quem fazia o quê.

Amelia Waldorf. Henry Amari. Essas pessoas me viam todas da mesma maneira.

Segurei a língua na lateral da boca por um instante. Eu poderia simplesmente repassar o pedido para sua assistente de fato. Em qualquer outra circunstância, teria feito isso, mas Henry conseguia me afetar de um jeito que acabava com meu autocontrole.

Minha boca começou a se mover antes que eu pudesse impedir.

"*Yo no soy tu madre. Niño malcriado.*" Resmunguei essas palavras baixinho e comecei a virar as costas.

Me arrependi imediatamente do que falei. Deveria ter ignorado. Era o que sempre fazia. Mas, depois de tudo o que aconteceu com os Waldorf, a parte de mim que sempre acabava cedendo estava exausta.

"*Mi madre no habla español. No los confundo a ustedes dos.*" Olhei para trás ao ouvir sua resposta e vi sua irritação escondida atrás de um sorrido educado.

Seus olhos se voltaram para a porta, para a Bridget, que estava parada ali.

Ele estava falando com ela.

Bridget olhou para ele, depois para mim, e sorriu. "Claro. Mais alguma coisa?", perguntou.

Henry fez que não com a cabeça, e Bridget voltou para a sua mesa.

“Da próxima vez que quiser esbravejar comigo, tente em alemão. Nunca consegui aprender direito.”

Eu deveria ter me desculpado; estava errada. Ele era meu chefe, e qualquer outra pessoa teria me mandado embora no ato.

Abri a boca para falar, mas fiquei quieta. Segurei a pasta que levava na mão com mais força e fui andando para a porta em silêncio.

De canto de olho, vi sua atenção se voltar para mim por um instante e então ser direcionada para a pilha de papéis diante dele.

“Feche a porta quando sair”, ele rosnou, demonstrando toda sua indignação comigo no tom de voz.

Do outro lado da porta, Bridget estava sentada atrás da mesa com os braços cruzados. Comecei a caminhar em silêncio para a minha sala.

“Srta. Montez?”, ela me chamou. Seus óculos de aros pretos faziam seu olhar parecer ainda mais intimidador. “A despeito de seus sentimentos, aqui é um local de trabalho. Você não será desrespeitosa. Você é melhor que isso.”

Assenti com a cabeça. “Vou pedir desculpas.”

“E é uma pena. De todas as pessoas poderosas com quem você poderia trabalhar, ele é um dos bons.” Ela juntou alguns papéis.

Senti um aperto no coração.

Às vezes eu conseguia ver isso claramente, que ele não era só um bilionário intratável.

Em outras ocasiões, ele parecia exatamente o homem que eu pensava que seria.

Não importava qual versão de Henry fosse a verdadeira. Eu estava lá para gerenciar percepção, não a realidade.

Quando voltei para o meu apartamento, encontrei Lauren ao lado de um arranjo de flores belíssimo de ranúnculos de todas as cores possíveis em cima da bancada da cozinha. O vaso parecia de cristal.

"Chegaram para você uma hora atrás", ela falou, quase explodindo de euforia contida. "Tem um cartão."

"Quem pode ter meu endereço?", perguntei enquanto examinava as flores perfumadas. Eu mudava de apartamento com tanta frequência que era até difícil manter meu endereço sempre atualizado.

"Talvez as flores sejam um pedido de desculpas", Lauren especulou. Eu tinha contado para ela sobre os meus atritos com Henry ao longo da semana.

"Duvido."

Peguei o cartão entre os caules, e o que surgiu no lugar da breve empolgação foi a decepção.

Pensando em você.

— Miles

"Você contou para ele que tinha se mudado?", Lauren perguntou enquanto lia o cartão atrás de mim.

“Não.” O mercado de aluguéis em Nova York era uma loucura, então ter que mudar de tempos em tempos era uma coisa bem comum. Eu me mudei para meu atual apartamento no Brooklyn no início do verão. Fazia poucos meses.

A pontada de preocupação foi aliviada pela sensação de que aquele gesto não era nada surpreendente. Miles sempre foi um pouco excêntrico. Me mandou uma cesta de presentes depois que passamos nossa primeira noite juntos.

Um astro do cinema bonitão, mas também excêntrico.

Ele me escrevia de vez em quando, mandava umas mensagens bizarras ou nostálgicas, e então sumia por semanas. Eu ignorava, pressupondo que com o tempo ele se cansaria e partiria para outra. Miles nunca se manteve firme em seus interesses por muito tempo. Comigo seria a mesma coisa, então não me importei.

“Ele provavelmente ligou lá na agência e pediu”, Lauren supôs.

“É.” Coloquei o vaso no parapeito da janela, decidindo ignorar o sentimento, mas mantendo as flores.

10

HENRY

Era início da tarde quando voltei à Amari Global. Havia passado a manhã no Augustus, numa conversa informal com Charles Hayworth. Ele disse que nunca tinha ido ao clube, então pareceu o local perfeito para fazê-lo se sentir importante e poderoso o bastante para intervir a meu favor.

Para minha satisfação, o que o meu investigador particular descobriu sobre sua situação financeira me proporcionou uma vantagem. A fortuna da família dele estava acabando. A venda da empresa o levaria de volta às cifras altas. Se eu mesmo não tivesse marcado a reunião, até desconfiaria, tamanha era a conveniência para ele.

Saí do elevador privativo e me peguei parado no corredor, esperando ver Selena, apesar das minhas tentativas de manter a distância.

Ela mal falava comigo desde aquela alfinetada sobre meus amigos não serem meus empregados. Normalmente, eu não era babaca assim, pelo menos não de propósito, mas precisava lembrar a mim mesmo que não poderia ter nenhum tipo de envolvimento com ela.

Era fácil demais me sentir à vontade com ela, e o meu desejo era que conversássemos cada vez mais.

Como não a vi, fui para a minha sala, onde Preston Scott estava me esperando. Ele era o CFO da Amari Global e também um antigo colega de faculdade.

"Entrar no ramo da terapia gênica vai custar caro", Preston foi avisando assim que me ouviu entrar. Ele nem levantou a cabeça, continuou folheando os documentos da proposta de aquisição. A operação comprometeria algumas de nossas holdings internacionais — nada que representasse um grande prejuízo, mas era uma perda que ninguém queria ter. "Mas o potencial é gigantesco."

"Eu sei disso", falei. Inclusive poderia transformar o mundo. Além de incorporar uma nova tecnologia, com a capacidade de investimento da Amari Global, nós poderíamos transformar aquilo em algo que mudaria a vida de milhões de pessoas. A maioria das inovações não ia para a frente por falta de recursos — justamente o que nós tínhamos condições de proporcionar.

"Vamos em frente mesmo assim", acrescentei.

Ele assentiu e foi embora, enquanto eu me concentrava em fazer a aquisição acontecer. A parte financeira do negócio nunca foi uma preocupação para mim.

Só quando ouvi uma risada me dei conta de que ele não tinha ido muito longe.

Todos os músculos do meu corpo se paralisaram quando ouvi quem estava rindo.

Selena.

O que ela me falou no primeiro dia aqui voltou à minha cabeça.

Você precisa de um ano perfeito... e eu preciso de uma rota de saída.

Eu não sabia exatamente o que ela quis dizer com isso, mas estava na cara que não queria ficar aqui por muito tempo.

Deslumbrante. Inteligente. Temporária. Seria o cenário perfeito, se ela não trabalhasse para mim. E se não me detestasse.

Mais uma de suas risadas leves e suaves chegou até minha sala.

A porta estava entreaberta, e não dava para ver nada. Uma queimação se espalhou pelo meu peito e me obrigou a levantar da cadeira. De repente, senti uma necessidade de pedir alguma coisa para Bridget.

"Henry?" Ouvi vagamente a voz de Bridget me chamar quando cheguei a sua mesa, com a minha atenção toda voltada para os dois.

Preston estava falando com Selena na frente da cozinha. Ela estava com um café na mão, enrolando uma mecha de cabelo com o dedo enquanto falava com ele.

O que ela pode ter achado de interessante nele?

O cara só sabia falar sobre velejar.

Ele se inclinou para a frente e apoiou o braço na parede. Não estava próximo o bastante para ser inapropriado, mas a proximidade era suficiente para falarem baixinho. A não ser quando ele dizia alguma coisa que a fazia rir.

Estava flertando com ela.

Parei de mover a caneta que eu estava segurando entre os dedos da mão esquerda e a apertei com força. Não queria viver nenhum conto de fadas com Selena, mas isso não significava que quisesse ver outros tentando a sorte.

Eu mal conseguia ouvi-los, mas peguei a parte em que Preston perguntou se ela estaria livre naquela noite.

A caneta estalou na minha mão.

O fato de eu não conseguir parar de pensar em Selena e saber que ela me detestava poderia ficar para mais tarde. No momento, Preston Scott precisava cair fora dali. Ou ser transferido para a sucursal de Dubai. Ou ser morto. Eu não me importava, desde que ele se afastasse dela.

"Scott", rosnei, sem disfarçar a raiva que irrompia de dentro de mim. Ele virou a cabeça na minha direção e se desencostou da parede. Selena teve um sobressalto ao ouvir o volume da minha voz. "Eu preciso explicar o quanto essa aquisição é importante?"

Selena, com os olhos arregalados, se retirou imediatamente.

Um leve rastro de rosas e lavanda a seguiu. Ela cheirava como um verão luxuoso no sul da França.

Preston ficou imóvel, boquiaberto, sem palavras. Como não se moveu, eu rosnei de novo: "Está surdo, porra?".

Ainda com uma expressão confusa no rosto, ele obedeceu a ordem. Alguns momentos de silêncio depois, Bridget pigarreou. Estava sentada à mesa, com as mãos entrelaçadas, olhando para mim. "O que foi isso?"

Olhei para o corredor e vi que a porta de Selena estava fechada. "Quê?"

“Henry.” Sua voz soou grave e maternal.

Bridget era minha assistente desde que comecei na empresa, recém-saído da faculdade. Já era experiente nessa época, e meu avô queria comigo alguém que conhecesse a empresa por dentro. Marcus e eu viemos trabalhar aqui na mesma época, e era ela que nos impedia de fazer bobagem. E limpava nossa barra de vez em quando. Desde então, virou uma das pessoas em quem eu mais confiava.

Ela sempre agia de acordo com o que era melhor para mim.

“O que foi isso?”, Bridget repetiu.

“Nada”, respondi, para ela e para mim. Não fazia a menor ideia de onde aquilo tinha vindo.

Tirar mulheres da cabeça costumava ser bem fácil para mim. Mas Selena era diferente. Continuava na minha mente, e eu não conseguia entender por quê.

“Pareceu ser alguma coisa, sim, principalmente aos ouvidos.” Seu tom de voz continuou diplomático. “Você está brincando com fogo.”

“Não vai acontecer de novo”, garanti, secamente.

Ela balançou a cabeça e passou a mão no rosto. “Não é isso que eu estou falando.”

“Então o que é?”

“Só tome cuidado. Fique atento. Fogo pode ser algo bom se usado do jeito certo.”

Eu não sabia que diabo isso significava e não tinha tempo para me importar. “Entendido.”

Bridget bufou, irritada, e eu voltei para a minha sala.

11

SELENA

O PASSADO BALADEIRO DO BILIONÁRIO HENRY AMARI

A tranquilidade acabou. Henry estava de volta aos tabloides.

Quem publicou foi o *Daily Review*. Não era tão ruim, apenas uma compilação de seus passos em falso no passado. Nada de novo.

A matéria, que detalhava cada dia do ano entre janeiro e abril, falava das diferentes mulheres com quem ele tinha sido visto em hotéis, clubes privados, festas. Havia até uma contagem irônica no pé da página em formato de calendário dando conta do número de mulheres com quem ele saiu.

Não importava que estávamos no segundo semestre e ele não tinha feito mais nada nem remotamente promíscuo desde então. A percepção moldava a realidade.

"A boa notícia é que eles não têm mais munição", falei, pondo o jornal sobre a mesa quando entrei em sua sala. "E a má é que eles parecem interessados em você de novo."

Henry passou os olhos pela matéria, se detendo especialmente no calendário, e fez uma careta visível.

O clima estava estranho entre nós depois de Henry dar uma de babaca, e depois eu, e depois ele de novo. Pelo menos nessa

última ocasião o alvo foi Preston.

Talvez estivéssemos quites, então.

Lauren e eu passávamos nossas noites falando mal dele, apesar de ela nunca tê-lo visto. Era o tipo de lealdade a toda prova de que eu precisava naquele momento.

"Eu devia ficar feliz, né?" Ele fez um gesto para que eu me sentasse. "Nada de novo."

"Isso mostra que eles estão desesperados por *alguma* coisa", expliquei. "A maioria das outras colunas sociais está mais interessada na sua vida em família. Ninguém vai nem ler essa matéria. As fotos com a sua mãe no evento beneficente foram um sucesso. Podemos capitalizar em cima disso, talvez com mais algumas aparições com os seus pais."

Ele ficou tenso. Com base em sua reação ao ver a mãe no evento algumas semanas antes, eu sabia que a ideia não seria bem recebida. E, depois da visita ao centro de infusões no Queens, comecei a entender o quanto a relação entre os dois era instável.

"Ou... talvez eu possa encontrar uma forma de desviar o interesse para a sua irmã e Marcus Sutton", sugeri. "Eles são o sonho de qualquer assessoria de imprensa. Lindos, apaixonados, sem nenhum escândalo."

"Não, eu não quero a imprensa perturbando a minha irmã." Sua resposta, séria e imperativa, foi tão rápida que foi quase como um reflexo.

"Certo", falei baixinho.

"Vou tirar algumas fotos com os meus pais na festa de fim de verão. Você acha que é o suficiente?"

“É, sim. Com certeza.”

Um silêncio se instalou na sala.

“Quantos eventos eu ainda tenho esta semana?”, ele perguntou.

“Nenhum”, respondi, e notei que a tensão nos seus ombros diminuiu.

“Obrigado por ter organizado tudo nas últimas semanas.”

Meu coração se aliviou quando senti a sinceridade em sua voz.

Estava tudo tranquilo até a voz dele perder a formalidade. Quando Henry falava assim, e me olhava sem a contenção e indiferença de sempre, era difícil impedir que a minha mente ficasse a mil.

“Só estou fazendo meu trabalho, chefe”, lembrei a mim mesma em voz alta.

Ele parecia prestes a dizer mais alguma coisa quando bateram à porta. Bridget apareceu com uma sacola plástica com embalagens de isopor empilhadas umas nas outras.

“Henry? Desculpa a interrupção. Uma mulher loira bem insistente passou aqui e praticamente me forçou a entregar isso para Selena.”

Bridget me entregou a sacola.

Lauren veio *aqui*. Ela costumava passar na minha sala na Pearson o tempo todo, mas a Amari Global era um outro mundo, e eu queria manter as coisas separadas.

“Ah”, falei às pressas, de repente me sentido apreensiva. Imediatamente me virei para Henry. “Minha amiga é chef de cozinha. Vai fazer uma entrevista naquele tailandês chique aqui

da rua. Às vezes ela me traz comida. Não vai acontecer de novo."

"Você tem permissão para comer", Henry falou, e em seguida olhou para Bridget. "Eu sou tão ruim assim?"

Ela deu risada e saiu da sala.

"Eu não tenho o costume de..."

"Almoçar?", ele provocou.

"Receber visitas no trabalho."

Ele se voltou para o computador e digitou alguma coisa. Quando terminou, entrelaçou as mãos diante do teclado. "Você se incomoda em dividir?"

"Quê?" Tentei controlar a energia nervosa que se espalhou loucamente pelo meu corpo.

"Sua amiga é chef?"

"É."

Seus olhos me encaravam como se aquilo fosse um jogo, e ele quisesse ganhar.

"E ela é conhecida por trazer comida?", ele continuou.

Minha mente não conseguia raciocinar. "Sim."

"Então a lógica dita que essa sacola que você tem na mão está cheia de comida, né?"

"Sim?" Seu olhar fixo e implacável pesava sobre mim, eliminando qualquer pensamento coerente da minha cabeça.

"Então... você se incomoda de dividir?", ele repetiu com uma elegância diplomática. "Não me obrigue a perguntar de novo. Isso não faz bem para o meu ego."

"Ah." A minha névoa mental se dissipou.

Ele estava sendo charmoso, e isso precisava parar. Eu deixava de ser funcional quando Henry fazia isso, mas talvez dividir meu almoço com ele podia ser uma espécie de trégua. Podia ser o fim da animosidade que surgiu entre nós nas últimas semanas.

"Claro", concordei. Lauren sempre trazia comida demais, de qualquer forma.

Ele se levantou e saiu de trás da mesa.

"Maravilha." Henry se inclinou sobre mim para pegar a sacola. Seu hálito no meu pescoço se misturou com o cheiro de seu perfume, me deixando toda arrepiada.

Respirei fundo para me livrar do que quer que fosse *aquilo*.

"Cuidado, é apimentado", avisei.

A entrevista de Lauren era naquela semana, e ela estava treinando. Tinha feito um monte de pratos na noite anterior e, a julgar pelo número de embalagens que Henry estava colocando sobre a mesa de reuniões do outro lado de sua sala, havia passado a manhã cozinhando também.

"Tudo bem; comida apimentada está no meu sangue."

Eu levantei e fui sentar diante dele.

"Você tem o costume de roubar o almoço dos seus funcionários?", perguntei em voz alta.

Ele pensou um pouco antes de responder.

"Não estou roubando. E, quando faço isso, chama-se aquisição."

Canalizei a energia que se acumulava no meu estômago para a ponta dos dedos, mexendo na minha caneta. "Mas ninguém te deu o direito de adquirir."

Seus olhos se voltaram para mim e pareciam os de um leão observando sua presa. “Tenho o direito de adquirir o que eu quiser.”

Senti um frio na barriga como se tivesse pulado de bungee jump. Henry examinou algumas embalagens e abriu uma.

“É pimenta tailandesa”, avisei antes que ele colocasse uma na boca.

Quando terminou de mastigar, não mostrou nenhum incômodo com a ardência. “Eu sei.”

“Desculpa, pensei que estivesse lidando com o seu lado britânico”, brinquei, só me dando conta depois que o comentário passava dos limites do profissionalismo. Limites que eu conhecia bem, mas teimava em ultrapassar.

Henry abriu um sorriso de autossatisfação. “Andou pesquisando a minha árvore genealógica?”

O lado Amari da família de Henry era originalmente da Índia. Seu avô tinha imigrado para os Estados Unidos, enquanto o lado materno era da nobreza britânica. Mas não consegui encontrar muita coisa a esse respeito.

“É meu trabalho saber essas coisas”, lembrei, voltando a minha atenção para a embalagem diante de mim. Qualquer coisa para não olhar para ele quando estava sendo *assim*.

Charmoso, gentil, *normal*.

Em determinado momento, entramos numa espécie de competição para ver quem aguentava mais comida apimentada.

Seu paletó já estava na cadeira ao lado, e ele soltou a gravata quando aceitou o desafio de comer as pimentas extras que Lauren tinha mandado.

O almoço já havia acabado fazia tempo, e o sol do fim da tarde entrava com um brilho suave na sala. Ficamos horas conversando na mesa de reuniões.

Os punhos da camisa estavam abertos, as mangas dobradas e os cotovelos sobre a mesa. O sorriso malicioso que eu tinha visto no bar reapareceu. “Sua vez, srta. Montez.”

Ele estava ganhando.

“Droga”, praguejei. Meu rosto estava em chamas, e não só por causa das três pimentas tailandesas que tinha comido depois de ser desafiada. “Eu estava contando com o lado britânico dessa vez também.”

Foi nesse momento que ouvi pela primeira vez.

Uma risada de verdade.

Não uma que vinha acompanhada de um distanciamento frio. Não com sua voz de trabalho. Uma que era real.

Era grave e deliciosa. Reverberou em mim lentamente, deixando calafrios em seu rastro.

“Preciso voltar ao trabalho”, falei, engolindo em seco, sabendo que precisava interromper aquilo.

Henry olhou para a janela e em seguida para o relógio.

“Ah, sim.” Ele franziu a testa, olhando para o celular. Depois ficou de pé e passou a mão pelos cabelos. “Desculpa ter segurado você aqui por tanto tempo. Pode deixar o trabalho para amanhã. Sei que provavelmente tem planos para hoje à noite.”

Eu tinha. Uma noite de pipoca e vinho no sofá com Lauren.

Ele está dispensando você.

Só que seu olhar continuava sobre mim, me dizendo para ficar.

"Na verdade, não tem problema", comecei, voltando os olhos para as embalagens ainda fechadas de pimenta na mesa. "Além disso, acho que preciso de uma revanche."

"Ah, é?" Henry levantou as sobrancelhas, e um sorriso apareceu no seu rosto. Ele contornou a mesa e se sentou de novo. "Desafio aceito."

"Dessa vez não vou deixar você ganhar." Eu me virei na cadeira para ficar de frente para ele.

Henry deu uma risadinha, e mais uma onda de calafrios deliciosos percorreu minha espinha.

"Que tal aumentar a aposta?", ele sugeriu.

"Quem perder paga o almoço?", falei. Mas não parecia justo. Ele era um dos homens mais ricos do mundo.

Henry assentiu e pegou a embalagem cheia de pimentas da minha mão.

"Nada de água nem qualquer tipo de bebida", acrescentei, lembrando das regras que estabelecemos antes.

"O primeiro que arregar perde." Ele sorriu e enfiou uma pimenta na boca, sem tirar os olhos de mim.

Eu fiz o mesmo.

Fiquei observando, hipnotizada, o efeito de cada pimenta sobre seu corpo. A garganta se flexionando e ele afrouxando ainda mais a gravata com o dedo.

O que eu esperava que acontecesse aconteceu dez minutos antes do esperado.

“Você venceu.” Henry levantou as mãos e fez uma careta. Depois de virar uma garrafa de água, ele olhou para mim, confuso. “Como é que você nem se abala?”

“Ah, isso é fácil”, respondi, cheia de confiança, apesar dos tremores de excitação que se espalhavam por cada músculo do meu corpo.

Inclinei a embalagem para ele ver. Henry estava comendo pimenta tailandesa; eu, pimenta doce. Estavam cortadas, então ficavam mais ou menos parecidas.

“As minhas não são picantes.”

Ele levantou as sobrancelhas, e um entusiasmo juvenil atravessou seu rosto, como se tivesse acabado de descobrir alguma coisa. Henry se inclinou para a frente, com as mãos nos braços da cadeira, e seus olhos procuraram os meus, intrigados.

“Você é uma trapaceira.”

Senti minha pele ficar vermelha, apesar de não ter comido pimenta ardida. “Acho que você quis dizer vencedora.”

“Isso não conta”, ele rebateu de brincadeira. “Você trapaceou.”

Meu corpo se projetou para a frente, com o coração batendo erraticamente no peito. “Quando eu faço isso, chama-se resolução de problemas.”

“Ah, é?” O ar brincalhão desapareceu, e seus olhos se concentraram em algo diferente.

Senti seu hálito no meu rosto quando ele chegou mais perto.

Uma eletricidade estalava no ar ao nosso redor. Suas mãos seguraram os apoios para os braços da minha cadeira e a puxaram para a frente. Quando seus lábios roçaram os meus, seu cheiro invadiu meus pulmões, em camadas de cedro, almíscar e pimenta.

Um barulho alto sobre a mesa de madeira quebrou o encanto.

Respirando fundo, minha cabeça se voltou para o ruído. O ar carregado se dissipou.

Uma mensagem de Lauren fez minha tela se acender. Eu balancei a cabeça para afastar a névoa mental. "Eu..."

Lauren: Que horas você vem para casa?

A mensagem acabou com a fantasia pela qual eu tinha me deixado levar.

"Preciso ir", falei com firmeza, empurrando a cadeira para trás.

"Eu preciso..." Henry estava se desvencilhando dos últimos efeitos do transe em que estávamos. Ele ficou de pé e passou a mão pelos cabelos.

"Até amanhã", falei às pressas, levantando para pegar minhas coisas, sem ousar olhar para ele.

"Tenha uma boa noite." A voz de Henry se tornou mais séria, e ele voltou a se esconder atrás da formalidade do CEO da alta sociedade.

Eu: Chego já, já.

12

HENRY

O eco pesado do speed bag batendo no suporte em rápida sucessão preenchia a academia de boxe. Eram cinco e meia da manhã, então eu estava sozinho.

O Augustus era equipado para qualquer atividade física. Além dos espaços sociais, passei a maior parte do meu tempo livre nos últimos meses nas instalações esportivas do clube.

Principalmente a academia de boxe, um hábito meu desde a época da faculdade.

A princípio, eu amava rugby, mas então sofri uma lesão. Depois disso, adotei um hobby mais aceito pela alta sociedade — o tênis. Perdi o interesse em pouco tempo, mas descobri que o boxe era o substituto perfeito.

Continuava a treinar no meu ritmo incessante, tentando em vão pensar em outra coisa que não fosse a frase que se repetia na minha mente em looping na voz de Selena:

Você precisa de um ano perfeito... e eu preciso de uma rota de fuga.

Sempre me ensinaram a questionar tudo e todos que surgiam na minha vida. Essa lição parecia ser especialmente incômoda agora que eu não parava de me perguntar por que ela precisava ir embora.

Por que você está preocupado com isso?

Porque não conseguia parar de pensar nela. Eu quis beijá-la no dia anterior, e não foi a primeira vez. Sabia que precisava manter distância, mas só conseguia pensar em formas de me aproximar cada vez mais.

Voltei à realidade quando errei o soco no speed bag e acertei o suporte de madeira com um baque alto e doloroso.

Bufei e recolhi o punho.

Eu precisava me concentrar.

Ela trabalhava para mim, então estava claramente fora dos limites. Esse ano era importante demais para isso.

"Henry", uma voz atrás de mim me chamou.

Me virei e vi Marcus pegando um par de luvas e indo para o ringue. Ele fez um aceno de cabeça para eu segui-lo.

Marcus provavelmente tinha me visto enquanto se exercitava na pista de corrida. Antes de ele ir embora, nós vínhamos aqui todas as manhãs para fazer sprints ou sessões de sparring. Marcus era o único que conseguia acompanhar meu ritmo e não pegava leve comigo.

"Vamos lá", ele falou com um tom levemente imperativo enquanto enrolava as bandagens na mão e se posicionava no seu corner no ringue.

"Tá." Eu bufei e fui até lá, pegando minhas luvas no caminho.

Apesar de estar decidido em manter meu rancor contra ele, eu também precisava me distrair. Bater em Marcus parecia uma boa forma de fazer isso.

“Estou meio sem prática”, Marcus se justificou. Nós dois sabíamos o verdadeiro motivo. Mais uma vez, ele estava tentando retomar nossa amizade como se nada tivesse acontecido.

“É porque você prefere fugir dos seus problemas.”

Ele não falou nada. Tentar provocar Marcus e atraí-lo para uma discussão era inútil. Nós assumimos nossos lugares, cada um num corner, e Marcus esperou pacientemente, com uma tolerância de psicopata, que eu atacasse.

Ele quase nunca, ou talvez nunca, atacava primeiro.

Era paciente.

Eu não.

Mas sabia usar isso a meu favor. Meus primeiros jabs não acertaram o alvo. O trabalho ágil dos pés era uma característica dos Sutton. O cruzado que mandei depois o atingiu. Ele cambaleou para trás.

“Você nunca cobre os seus pontos cegos”, repreendi, alinhando os ombros. Seus olhos cinzentos se estreitaram para mim.

Marcus passou para a ofensiva num ritmo impressionante, errando apenas um golpe antes de acertar um soco poderoso no meu abdômen.

Surpreendido, fiz uma pausa para assimilar o golpe.

“Se prepara, Amari”, ele rosnou, partindo para cima de novo.

Eu me esquivei de seu jab seguinte por um fio.

“Eu pisei num calo seu?”, provoquei.

“Como anda o trabalho?”, ele rebateu. Era sua forma de pisar no meu.

Mas não pelo motivo que ele pensava.

Ela voltou à minha mente.

Selena Montez parecia incompreensível. Brutalmente sincera, num trabalho que se baseava na manipulação das aparências. Com acesso a um mundo de privilégios, mas desejando acima de tudo uma rota de fuga.

Por trás de sua fachada cautelosa, ela era meiga. Só não me deixava ver isso com muita frequência.

Mas deixou na noite passada.

Depois de uma semana em que mal nos falamos, foi bom voltar a ouvir a melodia hipnótica de sua voz.

A pancada que senti nas costelas obrigou minha mente a voltar ao ringue. Cambaleei para trás e caí sobre as cordas.

Eu estava distraído. De novo. E, dessa vez, o golpe tirou todo o ar dos meus pulmões.

Fiz uma careta de dor.

“Está tudo bem aí?” Marcus tirou a luva e estendeu a mão para me ajudar a levantar. “Nunca foi tão fácil te dar um soco.”

“Tudo certo.” Eu tossi, recusando sua mão. Olhei para o relógio na parede. “Preciso ir para o trabalho.”

Se Marcus ficou decepcionado, e desconfio que sim, ele não demonstrou. Como sempre. Fiquei de pé lentamente e saí do ringue.

“Henry”, Marcus me chamou, soltando um suspiro de irritação.

A culpa me fez sentir um aperto no peito. Ele estava tentando ajudar. Estar presente. Se redimir.

Então me virei e disse: “Que tal você e Sloan passarem lá no Solar Amari antes da festa de fim de verão?”.

Xander só ia para a nossa casa nos Hamptons pouco antes da festa, mas Sloan e Marcus chegariam antes, então seríamos só nós três.

Quando não estávamos com Xander, as coisas ficavam basicamente como sempre foram. Mas, quando estávamos juntos, era *diferente*. Xander pareceu se adaptar à nova dinâmica, o que era surpreendente, considerando que ele sempre foi avesso a mudanças.

Eu poderia pelo menos *tentar* me livrar de uma parte dos meus ressentimentos.

“Podemos almoçar juntos”, acrescentei.

Marcus assentiu com um sorriso discreto no rosto. “Estaremos lá.”

Enquanto eu ia para o estacionamento, a voz de Selena continuava na minha cabeça. Não consegui silenciá-la de jeito nenhum.

A parte mais frustrante de tudo isso era que eu estava começando a gostar de sua companhia. Houve momentos em que parecíamos...

Fiz uma careta, de tão patético que esse pensamento me soou. Nós não éramos coisa nenhuma.

Depois de todas as matérias que leu na imprensa, dava para imaginar o que ela achava de mim. Não tinha como ser coisa boa.

Ela queria uma forma de ir embora de onde estava, e eu era seu caminho mais viável. Fazia sentido.

... e eu preciso de uma rota de fuga.

Selena estava lá para fazer seu trabalho e ponto-final. Sinceramente, se ela quisesse algo mais, eu ficaria até desconfiado.

13

SELENA

Levei minha câmera comigo para os Hamptons, para tirar algumas fotos.

Depois de me instalar no hotel, vesti um short jeans e uma regata cinza lisa e fui para a praia. A faixa de areia branca atrás do hotel estava lotada para o feriado prolongado do Dia do Trabalho, mas depois de andar um pouco encontrei um lugar tranquilo.

Fui caminhando na beira da água, parando de tempos em tempos para tirar fotos.

Depois de quase beijar Henry na sala dele, eu precisava desesperadamente parar para respirar e pôr os pensamentos em ordem. Era difícil para mim associar o Henry dos jornais ao que via todos os dias. Quanto mais tentava me distanciar, mais me sentia atraída. Quanto mais questionamentos fazia, mais percebia que as respostas só iam fazer com que eu me envolvesse ainda mais.

Afastei os cabelos do rosto para ver na câmera as fotos que tinha tirado do mar. Eu podia me perder de bom grado no vaivém da maré. As ondas tombando uma após a outra, trazendo a espuma branca até a praia.

Olhei ao redor e me dei conta do quanto tinha ido longe. Estava tão absorta no que estava fazendo que acabei indo parar em East Hampton.

"Selena?" A voz dele provocou um tremor delicioso no meu corpo. Me virei para ver Henry e um calor me subiu, se instalando no meu rosto e *no fundo* do meu estômago.

Ele estava andando até mim, sem camisa. A água escorreu pelos seus cabelos quando passou a mão por eles. Minha mente teria registrado que ele estava saindo do mar se não estivesse ocupada demais pensando em outras coisas.

Respirei fundo.

"Por que você está...?" Minha voz saiu tensa e apreensiva. Meu olhar foi incapaz de resistir à tentação de seguir uma gota d'água pelo seu peito até a barriga chapada e o início do V que levava ao que eu agora sabia que era um dote considerável. Mesmo não estando excitado e tomando vento na praia, só de short de banho. "Molhado?"

Olha para cima. Eu me controlei antes que ele percebesse.

"É isso o que a água tende a fazer com a gente." Henry riu baixinho.

"Sua casa não tem piscina?", retruquei com uma irritação sem nenhum motivo aparente. Ele não deveria poder andar pela praia *assim*.

"Prefiro o mar." Seus olhos seguiram os meus. "Você faz bicos como paparazzi?"

Ele apontou para a minha câmera, e eu ignorei o derrame que estava sofrendo.

“Isso seria uma ironia e tanto.” Engoli dolorosamente em seco. Meus pés se remexiam constrangidos na areia. “Não, é só um hobby. Geralmente tiro fotos da cidade ou de paisagens naturais. Às vezes de pessoas.”

Meus olhos passaram pelo seu peitoral mais uma vez, como se atraídos por um campo magnético. Depois de semanas me perguntando o que ele escondia debaixo daquela camisa, agora eu sabia. E nunca mais teria uma noite tranquila de sono de novo.

Olha para cima!

“Alguém especialmente interessante?”, ele perguntou, tentando esconder um sorriso de canto de boca.

Henry me fez a gentileza de voltar sua atenção para o sol que se punha no horizonte. Meu rosto estava queimando de vergonha agora que ele sabia que eu estava apreciando o que via.

“Eu deixo os paparazzi fotografarem as pessoas importantes.”

Ele balançou a cabeça. “Onde você está hospedada?”

“No clube Reform, em Amagansett”, respondi, me virando por um momento na direção do hotel.

Suas sobrancelhas se ergueram, e ele olhou atrás de mim. “São quase oito quilômetros. Você andou tudo isso?”

“Ah. Acho que me empolguei.”

“Vamos lá.” Ele apontou com o queixo na direção das casas que ficavam na beira da praia. “Eu te levo de volta.”

Henry virou as costas e saiu andando. Tentei segui-lo, mas as minhas pernas não se moviam. Em vez disso, eu observava

os relevos se formarem e desfazerem em suas costas enquanto seus músculos se mexiam sob a pele.

"Não é uma negociação, srta. Montez." Sua voz interrompeu meus pensamentos. Ele foi da praia para uma das casas imensas com pé na areia. Segui alguns passos atrás até finalmente conseguir alcançá-lo e me dar conta de onde estávamos indo.

Uma casa em Lily Pond. Não sei por que não tinha me dado conta disso antes. Era uma das partes mais exclusivas dos Hamptons, e a maioria dos imóveis ali estava acima da casa dos cem milhões de dólares. As propriedades dele não faziam a menor diferença para o meu trabalho, mas era um lembrete do tamanho do abismo entre nossos mundos.

Chegamos até uma varanda com vista para o mar em relativo silêncio e entramos na casa. Era um palacete. Arquitetura clássica, com portas francesas imensas e janelas de mogno. Podia abrigar tranquilamente umas cinquenta pessoas.

E era só sua casa de veraneio.

"Ah. Só um chalezinho na praia", comentei, indiferente, quando passamos pelo terraço e eu vi a piscina e a casa de hóspedes.

Ele riu, foi como se um cobertor tivesse envolvido o ar do início da noite.

"Solar Amari... dá para o gasto." Ele deu de ombros, com uma voz marcada por um senso de humor que eu nunca tinha ouvido antes.

Fiquei me perguntando o quanto a pessoa precisava ser rica para precisar dar nomes a suas diversas casas pelo mundo, e

ainda mais um como “solar”.

Henry abriu as portas francesas que levavam ao imenso salão principal. A mesma voz baixinha de sempre me mandava fugir dali, mas foi silenciada quando ele me olhou.

“Só vou tomar um banho rápido e já te levo de carro”, ele falou antes de desaparecer por um corredor.

Assenti com a cabeça e me distraí apreciando as belíssimas obras de arte que adornavam as paredes. Os tetos altos e as janelas grandes proporcionavam vistas panorâmicas do mar, e os toques de rosa e roxo do pôr do sol enchiam a sala de cor. Eu podia facilmente me perder ali.

Não muito depois, ouvi seus passos e olhei por cima do ombro. Ele estava de camiseta e calça de moletom. Bem casual. Os cabelos molhados estavam úmidos.

“Que silêncio”, comentei.

“Eu não quis chamar todos os empregados por causa de uma noite. Eles vão chegar aqui de manhã, para a festa.” Henry olhou ao redor. “Nem sempre me comporto como um menino mimado.”

“Alguém *não* está disposto a esquecer essa história.” Dei uma risadinha.

Um silêncio se instalou entre nós, e os sons suaves de nossa respiração ecoaram pelo imenso espaço.

Ele olhou para mim e sorriu. “Então, conseguiu tirar alguma foto boa do mar?”

“Hã?”

“Na praia?” Ele apontou com o queixo para minha câmera de novo.

Encolhi os ombros. “Bom, não são como as praias de onde eu cresci.”

“Que é onde?” Ele se virou e foi andando pelo corredor, fazendo um sinal para eu segui-lo.

“Los Angeles”, respondi, indo atrás dele. Paramos na enorme cozinha com equipamentos profissionais, e tinha alguma coisa ali com um cheiro incrível. Henry abriu a geladeira e me deu uma garrafa de água. Ele mordeu a língua, e os cantos de sua boca se curvaram para cima.

Arrepios. No corpo todo.

“Que foi?”, perguntei quando ele continuou em silêncio.

“Nada.”

“É sério, o que foi?”

“Nada, é que você é toda Nova York.” Ele fez uma pausa. “Quer dizer...”

“Ah, por favor, explique-se.” Eu cruzei os braços.

“É que...” O sorriso sumiu do rosto dele. Henry riu mais uma vez, esfregando a nuca. Ele estava nervoso. “Quer saber, esquece.”

“Bom, então trate de encontrar uma explicação até julho. Eu vou voltar para lá, e aí vou me ofender, *sim*”, provoquei.

Ele fez outra pausa, e seus olhos se voltaram para o chão. Um silêncio se abateu sobre a cozinha impecável, e o cheiro das especiarias chamaram minha atenção de novo. Havia duas panelas sobre o fogão enorme. Ele sabia cozinhar?

Vai embora daqui, agora.

“Com fome?” Henry percebeu que eu estava olhando para a comida. Ele pegou um prato no armário ao lado do fogão.

Eu tinha acabado de andar oito quilômetros. “Você cozinha?”

“Um pouco, e não muito bem. Considere-se avisada”, ele respondeu, me entregando um prato e abrindo a tampa de uma das panelas. “Minha avó ensinou para mim e para a minha irmã. Sei fazer algumas coisas.”

“Hmmm.” Senti o cheiro de temperos e pimentas preenchendo o ar. Eram batatas e lentilhas, um prato que uma antiga colega de quarto na faculdade costumava fazer. “Ela achava que a imagem de ‘bilionário bonitão’ não era o suficiente para arrumar namorada?”

Ele virou a cabeça de leve para mim, com uma sobrancelha levantada. “Você me acha bonitão, srta. Montez?”

O jeito como ele me chamou. Respirei fundo de novo.

“É isso que você escolheu ouvir?”

“Acho que foi o jeito dela de não deixar a gente esquecer quem ela era e de onde vinha.” Seu olhar se tornou distante. “No meio de tudo isso.”

Ele falava dela de um jeito doce.

“Minha *abuela* era assim também”, comentei. A conversa sobre a avó dele me trouxe lembranças vívidas da minha cozinhando para mim quando eu era criança. Ela morreu quando eu ainda era pequena, reduzindo ainda mais minha família diminuta. “Acho que ela tinha medo de que eu fosse me esquecer.”

“A minha também.” Henry olhava só para a frente, para a bancada da cozinha. “Foi ela que me criou, e Sloan também. Quer dizer, até a ida para o colégio interno.”

Senti um aperto no peito. Não conseguia me imaginar sendo arrancada da minha vida em família ainda tão nova. O colégio interno era uma coisa comum na alta sociedade, mas Henry foi mandado para a Suíça, o que provavelmente queria dizer que não visitava a família com frequência.

"Deve ter sido difícil", falei antes mesmo de pensar a respeito.

Uma família como a dele era consideravelmente poderosa. Um colégio interno suíço era feito sob medida para meninos como Henry, que se beneficiariam do contato com futuros líderes mundiais. Parecia muita pressão para uma criança. Sozinho, a um oceano de distância, dez horas de avião. A julgar pela tensão em seu maxilar, ele também não gostava muito.

"Ela e Sloan iam me visitar o tempo todo", Henry contou, com um tom distante. "Levavam *parathas*. Era o que eu mais gostava de comer quando era criança."

Eu sorri. Nos sentamos lado a lado diante da ilha da cozinha, comendo e conversando sobre nossas respectivas avós.

Ele parecia diferente. *Estava* diferente. Não só por causa da camiseta casual, que com certeza reapareceria nos meus sonhos naquela noite. Mas por parecer descontraído. Aquele Henry era fofo e querido.

Normal.

Apesar de estar numa casa de cem milhões de dólares, quando falamos sobre nossas famílias, senti que tinha coisas em comum com ele.

Henry não era fechado como gostava de fingir. Era quase como se estivesse esperando por alguém com quem pudesse

conversar. Isso me levou a questionar se havia muita gente em sua vida que *de fato* o escutava — não que o bajulasse por causa de seu sobrenome, mas que o ouvisse de verdade.

Isso me fez sentir que era uma pessoa de sorte. Minha família era pequena e de origem humilde, mas eu sempre era ouvida.

"E o seu avô?", perguntei, pegando mais uma colherada da minha tigela.

Seu corpo ficou tenso, como se estivesse se preparando para receber um impacto.

"Desculpa, eu..." Me interrompi e me concentrei só na comida na minha frente. O ardor da pimenta, a picância do *garam masala*. Não era justo que ele soubesse cozinhar também. "Esquece."

Rishi Amari era uma lenda. Todo mundo sabia alguma coisa a respeito dele, que veio da Índia na época da partição praticamente sem nada e criou uma das empresas mais poderosas do mundo com muito pouco.

Para o público, sua história servia como inspiração por contrariar todas as probabilidades. Com base na reação de Henry, a lenda provavelmente era um pouquinho romantizada.

"Não tem muito para contar", ele disse, seco, e desviou o olhar.

Raspei o fundo da tigela com a colher, constrangida.

Henry olhou ao redor da cozinha como se estivesse procurando por algo com que se ocupar. Ele se levantou, pegou uma garrafa de vinho na geladeira e serviu duas taças. Eu não

disse nada, sem saber o que poderia acrescentar, até que por fim ele voltou a falar.

"Ele construiu tudo. Eu sou o legado", Henry respondeu, me entregando uma taça.

A palavra "legado" veio tão carregada de significado que quase explodiu. Eu queria saber mais, porém essas três sílabas silenciaram Henry de um jeito que nenhuma matéria de jornal que eu havia apresentado foi capaz.

Um silêncio tenso sufocou o recinto, e dei uns bons goles no vinho. Minha atenção se concentrou na garrafa à minha frente. Era formidável. Geralmente eu não era muito fã de Riesling, e tentei memorizar o nome e a safra para mais tarde.

"É da Alsácia", Henry disse quando viu que eu estava lendo o rótulo, levantando para recolher as louças.

"Ah. Você teve aulas sobre vinhos nas aulas de etiqueta também?" Fiquei de pé e me recostei na bancada, dando mais um gole naquele Riesling suntuoso.

"Acredite se quiser..." Ele se recostou ao meu lado dando um gole também. "Aprendi isso no colégio interno."

"Eles davam vinho para as crianças?" Dei um soquinho de brincadeira em seu ombro. "As escolas públicas de Los Angeles têm muito o que avançar."

Seu peito se sacudiu com uma risada, e seu rosto se iluminou. "Não. Eles ensinavam a respeito."

"E esses fatos interessantes contam pontos para você com as modelos?" Eu me virei para ele.

Henry fez uma pausa. A indecisão apareceu no seu rosto antes que ele respondesse. "O jogo delas é outro. Esses pontos

não valem nada."

Henry não fazia o menor sentido. Quando comecei a trabalhar para ele, imaginei que fosse ser um pé no saco. Alguém que fosse precisar de mim para fazer sumir fotos cheias de baixarias.

Mas não. Henry estava na dele, sem fazer nada que chamasse atenção, como tinha prometido.

"E por que não sair com alguém? Em encontros *de verdade*", questionei em voz alta, em vez de dentro da minha cabeça.

A cláusula de moralidade imposta pelo conselho de administração dizia mais respeito a noites após noites com mulheres diferentes e festas extravagantes. Um relacionamento não enfrentaria nenhuma objeção. Ele devia estar se sentindo sozinho, não? Aqueles anos todos de transas casuais pareciam um pedido de ajuda, mais do que qualquer outra coisa.

"Por que ver um filme que você já conhece o final?"

"Mesmo assim, pode ser interessante", sugeri. "Talvez expandir seu catálogo visual para além de modelos e bailarinas."

"Eita." Ele fez uma careta e baixou os olhos. Em seguida, voltou a me olhar. "Você está me julgando mesmo?"

"Não."

Talvez um pouco. As fotos que vi enquanto me preparava para esse trabalho foram se tornando cada vez mais incômodas à medida que os dias passavam. Quanto mais eu me aproximava de Henry, mais elas me deixavam irritada.

"Certo, então eu posso julgar as pessoas com quem você sai também." Seu sorriso irradiava uma arrogância que fez meu

corpo todo fervilhar.

"Isso não é nem um pouco justo." Senti uma necessidade de fazer alguma coisa com as mãos, então enchi minha taça e a dele, mesmo sabendo que provavelmente não era uma boa ideia.

"Por quê?" Ele se aproximou um pouco mais. "Alguém precisa garantir que esses palhaços vão se comportar como devem."

Dei um gole no vinho, na esperança de que eliminasse meu frio na barriga. "E como seria?"

"Como cavalheiros." Ele se virou totalmente para mim.

"Talvez eu não queira um cavalheiro." Ou talvez quisesse. Talvez quisesse *muito* um cavalheiro em particular.

"Ah, não?", Henry rebateu baixinho, chegando mais perto, colocando as mãos no balcão, me cercando entre seus braços.

Eu balancei a cabeça. O vinho não serviu para aliviar *nada*.

Meu coração disparou. Meu corpo todo esquentou.

"E por quê?", ele murmurou. Aquele olhar, o que eu tinha visto em sua sala na empresa. Estava de volta.

Sua mão passou da bancada de mármore para o meu quadril, com o polegar acariciando de leve a pele exposta entre minha blusinha e meu short.

Um leve arrepio me percorreu.

"É que..." Minha mente ficou enevoada quando seu polegar parou logo acima da cintura do meu short. Depois de uma pausa momentânea, desceu um pouco mais, subindo logo em seguida.

Soltei um suspiro silencioso.

“Ser muito bonzinho não é excitante?” Seu murmúrio roçou meu rosto.

Meus mamilos se enrijeceram sob o tecido fino do sutiã.

“Eu...” Queria que ele continuasse. Que sua mão aliviasse a pressão que começou a se acumular no meio das minhas pernas.

“Um homem que abra a porta para você.” Henry se inclinou para a frente, roçando os lábios bem de leve nos meus. “Que trate você como uma dama em público.”

Balancei a cabeça de novo, dessa vez mais devagar. Hesitante.

“E que faça coisas indescritíveis com você entre quatro paredes.” Seu hálito quente se espalhou pelo meu pescoço enquanto ele murmurava na minha orelha.

Minha pele toda se arrepiou.

“Não foi isso que...” Eu não tinha ideia do que estava fazendo ali. Minha mente estava concentrada apenas no calor que irradiava do seu corpo.

Ele respirou fundo, soltando o ar ao longo do meu pescoço.

A cozinha arejada de repente se tornou abafada, dominada por uma tensão palpável.

Pesada. Quente. Sufocante.

“Está ficando tarde”, murmurei, tão baixinho que mal escutei.

Coloquei a mão no seu peito, pensando em afastá-la, mas a deixei ali, sem saber o que fazer, sentindo os movimentos de sua respiração.

“Você pode ficar.” Seus lábios encostaram num ponto logo abaixo da minha orelha.

O mundo inteiro virou um borrão.

"Eu..." Não conseguia pensar direito, não quando o pulsar no meio das minhas pernas virou um latejar impossível de ignorar.

Henry se afastou, e seus olhos semicerrados procuraram os meus mais uma vez. "O que você está fazendo comigo, Selena?"

Antes que eu pudesse responder, sua boca se colou na minha. Hesitei por um momento. Sua língua roçou meu lábio inferior, que depois ele mordeu de leve, impaciente, usando meu suspiro como passagem.

Meus sentidos foram sobrecarregados por seu gosto, seu cheiro, a sensação de sua língua deslizando contra a minha, implorando para que eu fizesse o mesmo.

Eu cedi.

Ele agarrou minha nuca e soltou um grunhido torturado. Seu corpo se moldou ao meu. Era deliciosamente rígido, do jeito que eu imaginei.

Uma voz na minha cabeça me mandou parar, mas seu grunhido contra os meus lábios a silenciou.

Meus dedos se enroscaram nos seus cabelos, mantendo a proximidade enquanto eu desfrutava do sabor viciante de água salgada misturada com escândalo.

Sem interromper o beijo, Henry enlaçou minhas coxas com os braços e me sentou sobre a bancada com tanta facilidade que eu parecia não ter peso.

Bruto, controlado, imprudente, tudo ao mesmo tempo.

Minhas pernas envolveram seus quadris e o puxaram para mais perto. Sua ereção volumosa se esfregou no meu ventre,

fazendo um fogo subir pela minha espinha.

Nada disso é real. A voz falou mais alto dessa vez.

Meu cérebro finalmente se deu conta do que o meu corpo estava fazendo, e eu o empurrei. Henry pareceu confuso e irritado. Meus olhos baixaram para o chão e por lá ficaram. Se eu olhasse para ele, acabaria cedendo.

Soltei um suspiro trêmulo. Minha mão tremia contra seu peito quando o empurrei para mais longe, apesar de todas as células do meu corpo implorarem por mais.

"Boa noite." Saltei da bancada para o chão e peguei o primeiro corredor que encontrei. Não sabia para onde estava indo, mas precisava sair dali.

Encontrei um quarto de hóspedes e tranquei a porta. Henry não havia me oferecido um para ficar, mas de uma coisa eu sabia: não podia voltar para lá.

Se fizesse isso, sabia que ia acordar ao seu lado no dia seguinte.

Atração era uma coisa, mas sentimentos eram inaceitáveis. Eu não podia me envolver com alguém como ele.

De novo não.

Já sabia o que eu seria. Mais um erro no passado de Henry Amari.

Eu deveria ter chamado um carro e dado o fora dali. Meu corpo queria coisas que minha mente não estava em condições de aprovar. Com a cabeça anuviada por algumas taças de vinho e uma vontade imensa de sentir o corpo dele contra o meu, tentei controlar minha pulsação acelerada.

Eu me enfiei debaixo das cobertas e me preparei para mais uma noite pensando em Henry. Até que o desejo de tê-lo em outras partes do meu corpo também fosse embora, eu seria obrigada a ser falsa.

Havia um mundo de distância entre nós. Eu precisava parar de ignorar esse fato e me concentrar no trabalho a ser feito. Era a minha rota de fuga.

14

HENRY

Merda.

Eu beijei Selena. Se ela não tivesse me impedido, teria transado bem ali, na bancada da cozinha.

Merda.

A luz do sol invadia a sala de estar enquanto eu estava ali sentado diante da caneca de café, girando-a nas mãos. Selena passou a manhã toda me evitando. Ouvi movimentações na casa, mas não fui procurá-la. A casa dos Hamptons era enorme, e qualquer um poderia se esconder nela facilmente.

A lembrança de seus gemidos baixinhos me manteve acordado a noite toda. Isso e a consciência de que, se essa história vazasse, minha vida como CEO se tornaria bem mais complicada.

Escondi o rosto entre as mãos. "Merda."

"Ninguém vai saber." A voz de Selena tinha um poder misterioso sobre mim. Apesar de estar com os nervos à flor da pele, aquele som tranquilizador esfriou minha cabeça. Ergui os olhos na direção dela, diante da grande mesa de jantar, com uma xícara de café na mão. Os raios de sol batiam nas curvas elegantes de seu rosto. Seus cabelos estavam um pouco

bagunçados. Ela estava deslumbrante. Vestia as mesmas roupas do dia anterior.

"Sinto muito. Se você quiser romper seu contrato..." Eu fiz uma pausa. Uma dor aguda comprimiu meu peito quando pensei que não iria mais vê-la.

"Ninguém vai saber", ela repetiu e se sentou à mesa, a algumas cadeiras de mim. O distanciamento em sua voz me incomodou. Ela estava quase babando quando me viu na praia. E senti sua reação quando a beijei. Ouvi seus gemidos. Eu não era o único que estava gostando. "Só estávamos nós dois aqui, e foi claramente um erro."

Ela estava certa. Eu sabia disso. Mas por que parecia que o verdadeiro erro era não deixar acontecer?

"Pois é." Olhei para baixo, para minha caneca. Ela conhecia todos os detalhes de um passado e, por algum motivo, eu não queria que a noite anterior fosse nem *remotamente* parecida com as infindáveis matérias que já publicaram sobre mim. Aquele beijo foi diferente. "Selena, eu não faço isso..."

"Não importa, e isso nunca aconteceu."

"Certo."

Bebemos nossos cafés em silêncio, depois levei Selena para o hotel. Ela voltaria mais tarde, para a festa de fim de verão no Solar Amari.

Saber que ela voltaria pareceu aliviar o aperto no meu peito.

Eu precisava tomar cuidado — aquela atração era como uma correnteza poderosa. Fui arrastado antes de me dar conta do que estava acontecendo, nadando inutilmente contra uma

corrente fortíssima, tentando adiar o inevitável. Eu acabaria indo fundo demais.

"Henry?" A voz de Sloan ecoou pela entrada da casa.

Desci a escada e vi Sloan e Marcus entrando no hall de mármore, com ele a abraçando pelo ombro. Depois que levei Selena, fui nadar para desanuviar a cabeça. Quando voltei, os empregados e a equipe de organização da casa já tinham chegado e estavam preparando tudo para aquela tarde.

"O que vocês estão fazendo aqui?", perguntei enquanto descia os degraus.

"Nós fomos convidados", Marcus me lembrou.

Verdade.

"Vocês estão ficando no Xander?", perguntei, apontando com o queixo para a varanda voltada para o sul, onde a equipe provavelmente estava servindo o almoço. Eu tinha herdado a casa nos Hamptons, e Sloan costumava ficar com Xander em Southampton quando vinha para cá.

"Na verdade..." Eles trocaram olhares, e Sloan sorriu. "Nós compramos a casa aqui do lado. Foi por isso que viemos mais cedo. Fechamos o negócio hoje de manhã."

Porra, claro. Sloan adorava aquela casa desde criança. Nunca houve motivo para que nossa família comprasse, já que tínhamos uma residência enorme a poucos metros de distância.

"Vocês dois são insuportáveis", resmunguei.

Ela sorriu. "Um dia vamos ter crianças correndo pela casa, vai ser bom ter um lugar para vir passar o verão."

“E vão estar bem ao lado dos *primos*”, Marcus acrescentou, num tom brincalhão.

Eu até gostava de crianças. Só não tinha a menor intenção de ter filhos.

Pensei melhor a respeito do que eles tinham dito. Os dois estavam morando juntos, compraram uma casa de praia e agora estavam falando... “Espera aí. Você está...?” Encarei Sloan.

“Não!” Pela primeira vez naquela conversa melosa, Sloan ficou vermelha. “Só estou dizendo. Pensar no futuro não faz mal a ninguém, Hen.”

Era bom ver minha irmã feliz, mas meu futuro era ser CEO, e eu só estava preparado para pensar nisso. Não tinha o menor interesse numa família troféu — que era o mais próximo que conseguiria de uma família de verdade.

O conto de fadas Sloan e Marcus não era o meu destino. Meus pais me mandaram para o colégio interno aos oito anos de idade, em vez de me criar. Meu avô me via como seu legado, não como uma pessoa. Toda mulher que conheci só se interessava por uma coisa quando descobria quem eu era.

Com algumas exceções, quando precisavam escolher entre Henry e o herdeiro, escolhiam o herdeiro.

Eu aceitei muito tempo atrás que passaria a vida cercado de gente, mas sempre sozinho. E provavelmente era melhor assim.

Selena e eu passamos vinte minutos sem dizer nada um para o outro numa mesinha alta no terraço com vista para a praia. A festa de fim de verão sempre acontecia no terraço sul do Solar

Amari, perto da piscina. Havia fios com lamparinas e lâmpadas penduradas que iam da casa até a praia, para quando anoitecesse.

Eu tinha acabado de passar uma hora torturante com Morgan Parker, um membro do conselho de administração que votou a favor da cláusula de moralidade, regurgitando todas as informações sobre aves que Selena havia me passado. Ela descobriu que ele era um ávido ornitófilo, e fingi interesse enquanto o ouvia falar sobre todos os locais onde ia observar pássaros.

Meus olhos se voltaram para Selena e com quem ela estava conversando durante toda a tarde, admirando a forma como a brisa do mar soprava sobre seu vestido de linho azul, ressaltando as curvas tentadoras de seus quadris.

Ela se manteve discreta a maior parte do tempo, trabalhando no celular.

Mais um minuto se passou, e o constrangimento só aumentava.

"Olha só." Ela se virou para mim e olhou ao redor, para se certificar de que não havia ninguém por perto. "Obviamente, *aquilo* não pode acontecer de novo. Mas nós trabalhamos juntos e você é... ok."

"Ok?" Não era hora desse tipo de conversa, mas *ok*? Eu podia levá-la para dentro e mostrar para ela.

Seu olhar implacável me fez calar a boca.

"Se a gente não trabalhasse junto e se você não fosse..." Selena fez um gesto com os braços que na verdade não queria dizer nada. Porra, como ela era linda.

Presta atenção.

Ela continuou. “Talvez pudéssemos ser amigos. Nós *podemos* ser amigos. Amigos de trabalho.”

Eu assenti.

Mais um silêncio constrangedor se instalou entre nós. O barulho da festa se misturou com o das ondas.

“Não que você *tenha* amigos no trabalho”, Selena provocou. Um sorriso surgiu em seus lábios.

“Alguém não está disposta a esquecer *essa* história.” Bati no ombro dela com o meu. Ela se virou para mim, e as cores do pôr do sol brilharam nos seus olhos. Eu podia me afogar neles. Baixei o tom de voz. “Desculpa.”

O brilho intrigado no olhar dela desapareceu, substituído pelo que vi ontem à noite. Pouco antes de beijá-la.

Um desejo já conhecido se insinuou entre nós.

Ela limpou a garganta e deu um passo atrás. “A gente não pode ficar nesse clima na frente do conselho. Assim vai parecer que...”

Eu corrigi minha postura. “Certo.”

“Então vamos esquecer isso. Eu estava tirando fotos na praia, você me cumprimentou, fim de papo.”

Concordei com a cabeça.

“Conversar sobre padrões migratórios com um ornitófilo esquisito não estava nos meus planos para essa noite”, comentei.

Eu precisava mantê-la falando. Sentia falta do som de sua voz. Ouvi-la falar assim tão sério me deixava com vontade de escutar de novo a doçura suave do seu riso.

“Ele adora golfe”, ela falou casualmente, olhando para a praia. Quase como se quisesse esconder seu sorriso de mim. Quando se virou de novo, a malícia estava estampada no seu rosto impecável. “Mas duvido que você saiba *alguma coisa* sobre isso. Achei que os pássaros eram a opção mais segura.”

O aperto no peito que senti naquele dia todo finalmente se aliviou. Selena me fez encarar uma conversa chatíssima sobre pássaros para alimentar nossa rivalidade bizarra?

Eu gostava dessa parte dela. Ela me mantinha em alerta.

“Espero que você saiba que foi uma declaração de guerra”, avisei.

“Não tenho medo de você.” Ela ergueu o queixo e abriu um sorriso de desafio. “Não força a barra, ou eu sugiro para ele que o próximo retiro empresarial seja uma viagem de observação de pássaros.”

“Se você acha que eu te deixaria de fora de uma viagem dessas, pode tirar o cavalinho da chuva.”

Ela balançou a cabeça. “Que diabólico.”

“Melhor lidar com o diabo que você já conhece.”

A partir do dia seguinte, eu voltaria a me concentrar no que precisava. Minha prioridade era a Verge. Isso, e manter um distanciamento apropriado de Selena.

15

SELENA

Henry foi me buscar no hotel na manhã seguinte. Não fazia sentido para nenhum dos dois voltar à cidade sozinho. Ou pelo menos foi isso que disse a mim mesma. Passar horas dentro de um carro com ele era uma decisão de caráter prático.

Não havia como transar no meio do trânsito.

Era a segunda vez que eu andava no Aston Martin de Henry. O interior luxuoso do carro tinha cheiro do couro de primeiríssima qualidade e do perfume dele. Me preparei para o que pensei que seria uma viagem demorada, já que era o último fim de semana do verão, mas depois de dez minutos não tínhamos chegado nem perto da rodovia expressa de Long Island.

Estávamos num hangar particular no aeroporto.

"Para onde a gente está indo?"

Ele diminuiu a velocidade até parar o carro, com os bíceps flexionados contra a manga da camiseta enquanto estacionava.

"Para casa", respondeu, pegando o celular e o notebook do banco de trás. Minha mão se moveu na direção da porta quando seu tom afiado me parou. "Pode parar."

Seu tom imperativo deixou meu corpo em estado de alerta.

“Que foi?” Eu tirei a mão da maçaneta.

Henry desceu, contornou a frente do Aston Martin e veio até o lado do passageiro. Comprimindo os lábios numa linha reta, abriu a porta para mim.

“Sério?”, perguntei. Ele não tinha dito mais do que cinco palavras o dia todo, mas o modo cavalheiro continuava ligado, como se fizesse parte de sua programação mental. Desci do carro, com a mão ainda na porta para fechá-la, mas seu gesto firme me impediu.

Reconheci a cortesia, forcei um sorriso e tirei a mão.

“O que eu posso fazer? As babás me educaram bem”, ele explicou, fechando a porta.

“O que as babás diriam dos encontros casuais?”, rebati, tentando me recordar de todos os motivos por que aquela atração não podia continuar. Os óculos escuros de aviador esconderam a reação dele, mas percebi que seus músculos se retesaram e imediatamente me arrependi do que disse. “Desculpa.”

“Não esquenta com isso”, Henry resmungou.

Olhei ao redor. Que diabos estava acontecendo? Por que estávamos ali?

Se virando para o jatinho, ele pegou o celular, começou a digitar e me disse: “Se a gente for de carro, vai demorar horas”.

“A gente vai de avião?”, gaguejei.

“O helicóptero é muito barulhento, não dá para trabalhar durante o voo.”

“Ah, sim, claro”, falei sarcasticamente comigo mesma. “O helicóptero não seria prático. A escolha mais óbvia é um

jatinho."

Ricos são malucos.

O que eu tinha sentido na festa, o que quer que fosse, se tornou exatamente o contrário. A noite tinha sido divertida. Nós curtimos a companhia um do outro. Eu gostava de passar meu tempo com ele e pensei que talvez estivéssemos estabelecendo uma relação de amizade, depois de ter colocado uma pedra em cima da história do beijo.

"Anda logo", Henry reclamou.

Acho que não.

Era difícil seguir seu ritmo acelerado. Ele tinha no mínimo um metro e noventa, e suas passadas eram longas. Eu tinha só um e setenta. Acrescentando a isso o fato de que Henry estava praticamente fugindo de mim, cheguei sem fôlego à escada do avião.

"E o carro?", perguntei, ofegante. Não era um dia bom para estar de salto alto.

"Vai ser levado de volta."

Subi a bordo com ele e me acomodei na poltrona macia do outro lado do corredor. Henry imediatamente abriu o notebook e começou a trabalhar.

"Você já voou num avião normal?", questionei. A família tinha três jatinhos particulares, pelo que eu sabia. Ele foi criado como uma das crianças mais ricas do mundo e provavelmente nunca tinha visto a parte de dentro de um aeroporto de verdade.

"Em vez do avião mágico em que estamos agora?", ele rebateu, sarcástico, levantando os olhos para mim.

Dei uma encarada nada amigável, mas Henry não se deixou abalar. “Estou falando de um voo comercial.”

Seu lábio superior se contorceu de leve. “Eu nunca tive esse... prazer.”

Depois dessa, decidi parar de fazer perguntas que só me valeriam respostas completamente fora da realidade.

Estávamos no ar havia alguns minutos quando a comissária praticamente se sentou no colo de Henry para perguntar se ele queria alguma coisa.

Tudo bem, ela só passou a mão no ombro dele. Mas foi bem inapropriado para um local de trabalho.

“Está tudo certo.” Henry não olhou para ela, mas afastou o ombro do toque.

“Se for o caso, estou aqui para *qualquer coisa* que você precisar.” Ela baixou o tom de voz. “*Qualquer coisa*...”

“É um voo de meia hora. Ele vai ficar bem”, interrompi, surpreendendo a nós três. Não era minha intenção dizer aquilo em voz alta.

Meu rosto inteiro esquentou, e a minha pulsação ecoava alto nos meus ouvidos. Henry passou a língua de uma bochecha para outra, e então me olhou com um risinho.

“Selena, *querida*, precisa de alguma coisa?” Seu tom de voz era doce e artificial como uma Coca Zero. Eu cairia na risada se não estivesse adorando aquela encenação.

“Não, *meu querido*.” Recobrei um pouco da compostura e franzi o nariz para entrar na brincadeira. “Estou bem.”

Henry se virou para a comissária. “Ela está bem. Obrigado por ter perguntado.”

Ela entendeu o recado. Henry não disse nada e voltou sua atenção de novo para a tela. Minha vontade era de especular loucamente sobre os motivos que o levaram a fazer isso, mas fiquei em silêncio vendo as fotos que tinha tirado nos dois dias anteriores.

No meu campo de visão periférico, vi que ele me olhou e abriu a boca algumas vezes. Mas, em todas, voltava a fechar e se concentrar no trabalho. O cavalheiro encantador continuava em guerra com o CEO dedicado, e o lado mais sério de Henry sempre levava a melhor.

"Isso costuma acontecer bastante?", perguntei.

O canto de sua boca se ergueu de leve. Ele não tirou os olhos da tela.

"Ah, sim", respondeu. "Quem não vai querer a chance de amarrar o burro numa sombra como essa?"

Então fez um gesto com o braço, mostrando o jatinho.

Senti um aperto no peito. Havia uma tristeza que pairava sobre ele e atacava nos piores momentos, principalmente quando eu tentava não vê-lo com tanta simpatia.

"Muita gente", garanti para ele. "Muita gente vê isso e corre para bem longe."

Era para ser um discurso de incentivo, para lembrá-lo de que provavelmente havia muita gente em sua vida que não se interessava por todo o luxo que vinha junto com Henry Amari. Infelizmente, soou ríspido, um lembrete de que eu era uma delas. Um lembrete necessário.

"Entendido", ele disse depois de um longo silêncio.

O ruído de seu celular vibrando sobre a mesa de madeira interrompeu nossa conversa tensa. Henry olhou para a tela e suspirou. Em vez de largar o notebook e atender à chamada, pôs no viva-voz e continuou trabalhando.

"Sloan", ele atendeu. "Você está no viva-voz."

"Henry", ela o imitou. Me pareceu estranho estar ouvindo aquela conversa. "Como foi o restante da festa? Desculpa por termos ido embora mais cedo."

"Foi ótimo. Sabia que o gaio-azul não migra para o sul no inverno? Porque eu sei." Ele parecia irritado, mas seu sorriso para mim dizia outra coisa.

"Não vou nem tentar fingir que entendi do que você está falando. Você vem para o brunch?"

"Nós aterrissamos em vinte minutos."

"Nós?", Sloan perguntou.

"Selena está vindo comigo", ele contou com um tom tão casual que me provocou um frio na barriga. Não de nervosismo nem de culpa, mas por ele ter falado como se nada tivesse acontecido.

"Selena, por favor, junte-se a nós." A voz de Sloan era acolhedora, como sempre. Não era fácil enxergar a víbora de que Henry tinha falado. "Você pode conhecer o resto da turma."

"Nós vamos, sim", Henry respondeu, encerrando a ligação. Depois de mais um silêncio prolongado, ele desviou os olhos da tela para mim. "Não se sinta obrigada a ir. Sloan às vezes força a barra com esses convites. Isso vai muito além das suas atribuições profissionais."

Dormir com meu chefe também, mas eu pensava nisso com mais frequência do que deveria. Ele não me queria lá. Estava na cara. Tinha amigos de verdade e uma vida real. E eu não era parte disso.

Mesmo assim, queria ter uma ideia de como era sua vida social. Afinal, seu círculo mais próximo também era de interesse da imprensa. Depois de alguns momentos, percebi que essa conversa estava acontecendo apenas dentro da minha cabeça, em silêncio.

Fala alguma coisa banal. De boa e banal.

"É mesmo?", falei. Pelo jeito, o derrame que sofri na praia tinha voltado. Talvez eu é que precisasse de um neurologista.

Na mosca. Você nem respondeu à pergunta.

Ele riu baixinho. "Com certeza", ironizou.

"Sem dúvida."

"Verdade."

Tentei manter uma expressão séria e superar o choque daquela transição entre o médico e o monstro que ele tinha acabado de fazer. Sua leveza me deixou desnorteada, e não consegui mais encontrar outra forma de dizer a mesma coisa.

Henry continuou me encarando, me desafiando a pensar em alguma coisa. Não consegui.

"Tudo bem." Eu desisti. "Tá, você venceu."

"Ainda bem, porque os nossos diplomas da Ivy League iam ser cassados se a gente continuasse com isso."

Minha incapacidade de raciocinar pareceu dissipar a tensão no ar entre nós.

“Você não me contou que tinha uma carta na manga no conselho.” Me ajeitei na minha poltrona. Foi uma coisa interessante de descobrir na noite anterior. Sloan era a queridinha de quase *todos* os membros do conselho de administração da Amari Global.

“Quê?”, ele perguntou, confuso.

“Sloan. Ela é um sucesso.”

Ele ficou tenso. “Pois é.”

Ótimo. Um campo minado. Ele tinha ficado azedo a manhã toda, com apenas alguns vislumbres do homem charmoso que foi na festa. Provavelmente era melhor não insistir. “Você é meio maldoso com a sua irmã.”

Ou insista.

Eu esperava um lembrete cheio de frieza de que aquilo não era da minha conta. Em vez disso, Henry fechou o notebook e soltou um suspiro pesado. “Sloan e eu tínhamos o mesmo nível de preparo para assumir o cargo de CEO. A única diferença era que suas conquistas eram celebradas, porque ela não era a herdeira.”

“E as suas?”

“Praticamente ignoradas. Bem que eu queria poder dizer o mesmo sobre os meus deslizes”, ele falou sem se alterar. “Deve ser melhor assim. Dá para imaginar o inferno que seria a vida da minha irmã se fosse ela a Amari que a imprensa perseguisse?”

Henry tinha razão. Sloan Amari, apesar de quase nunca aparecer na mídia, não parecia ser do tipo que se apegava aos ditames da alta sociedade. Com certeza ela tinha histórias para

contar, mas que podiam continuar sendo segredo porque seu irmão assumiria o comando da empresa. Ele é quem seria acompanhado de perto.

Enquanto ele era visto como o solteiro mais cobiçado da cidade, "se divertindo" enquanto não assumia o compromisso, Sloan, se fizesse as mesmas coisas, seria tratada de um jeito bem diferente.

Foi quando me dei conta. "Era por isso que você queria que eu mantivesse a sua irmã longe da imprensa."

"Sim." Ele deu uma risadinha, mas o tom austero continuava em sua voz. "Todos ainda me respeitam. Bastaria Sloan sair um pouco da linha para ser destruída."

Fiquei em silêncio.

O peso que Henry carregava me fez questionar como conseguia ter até mesmo aqueles poucos momentos de leveza. Era evidente, em alguns dias, o peso excruciante de ser tudo o que queriam que ele fosse. De viver com uma série de expectativas praticamente inatingíveis.

Ele respirou fundo mais uma vez. "Eu amo a minha irmã. Não é culpa dela que fomos criados como antagonistas. Às vezes é por força do hábito que me irrito com ela sem nenhum motivo."

Pisquei algumas vezes, surpresa.

Então Henry pareceu se dar conta de que tinha acabado de descarregar décadas de drama familiar em cima de mim. "Desculpa", se limitou a dizer.

Isso só me fez gostar ainda mais dele.

A casa de Sloan e Marcus em Tribeca era enorme. A fachada de pedra era simples e despretensiosa, mas o interior era o contrário. O hall de entrada era gigante e arejado, com uma escadaria de onde era possível ver o andar inteiro. Passamos para a sala e a cozinha anexa, onde todos pareciam se espalhar entre o sofá e a ilha da cozinha. As janelas grandes enchiam os cômodos com uma luz calorosa que parecia nostálgica.

Eu sempre desejei a cena diante de mim. Não um imóvel de noventa milhões de dólares, mas uma casa cheia de gente. Uma tradição familiar ou, no caso dela, amigos que eram como família.

"Convidar o pessoal para vir aqui no fim de semana parece divertido", comentei com Henry, em um tom meio melancólico.

Quando eu era criança, éramos só eu e minha mãe, depois que os meus avós morreram. Eu teria adorado *isso*. Dinheiro e poder nunca me interessaram, mas *isso* me deixava com inveja dele.

"Ou então o início de um mistério de assassinato", ele se limitou a dizer, me olhando com um sorrisinho torto.

Meu coração disparou. "Eu faço mais o tipo *Uma noite no museu*. Era o meu filme favorito quando pequena. Mas adoro um 'quem matou'."

"Foi o CEO, no escritório, com o abridor de cartas", Henry murmurou em tom de brincadeira antes que Sloan viesse nos cumprimentar.

16

HENRY

Por que caralhos eu trouxe Selena aqui?

Ver Marcus policiar todo mundo que ousava falar com Sloan era sempre divertido. Perceber que eu estava começando a virar esse cara — nem tanto.

"Era isso que você esperava quando chamou Sloan para vir morar com você?", perguntei para Marcus, tentando me distrair da ideia de ficar monitorando os movimentos de Selena.

"É mais agitado do que eu esperava." Marcus esfregou os olhos e me entregou uma bebida. "Mas essas reuniõezinhas deixam Sloan contente."

Ele notou quando os meus olhos se voltaram para Tristan. Selena tinha se misturado aos convidados facilmente, e estava ocupada numa conversa com CiCi quando Tristan Alders decidiu interrompê-la e ficar íntimo demais.

A possessividade que se inflamou dentro de mim não era uma coisa nova. Na verdade, eu conhecia bem esse sentimento, mas nunca havia aparecido antes por causa de uma mulher. Eu não tinha motivo para ser possessivo. Elas geralmente se jogavam em cima de mim.

Desde o dia em que nasci, havia sobre mim a expectativa de comandar uma das empresas mais poderosas do mundo. Ser o herdeiro da Amari Global significava muitas coisas. Uma delas era que eu não estava disposto a compartilhar nada — dinheiro, poder, iniciativas comerciais, e agora ela. A empresa era minha, seu poder era meu e, apesar de eu não poder fazer nada a respeito, Selena era *minha*.

O fato de eu não poder tê-la, de ela parecer não me querer, e que portanto aquilo era uma péssima ideia, não tinha o efeito sobre mim que seria de esperar.

"Ele é inofensivo", Marcus garantiu, mal disfarçando o sorriso.

Tristan Alders era amigo de Sloan e Xander. Ele e o resto de grupo se tornaram parte da minha vida por associação. A proximidade com Sloan e Xander inevitavelmente levava à proximidade com Marcus e comigo.

Tristan era parecido com Xander em sua mania de adorar provocar e testar os limites das pessoas. Tinha feito isso por anos com Sloan e nossa amiga CiCi. Não era nada muito incômodo, e ele normalmente se afastava quando elas estavam namorando alguém. Mas não tinha motivo nenhum para fazer isso com Selena. Ela era solteira, ou pelo menos eu achava que era.

"Não entendi esse seu comentário." Segurei o copo com mais força quando Tristan passou o braço por cima dos ombros de Selena.

"Sei." Marcus observou minha reação. "Mas uma coisa me deixou curioso... Se você estava sozinho no Solar Amari, por

que tinha duas canecas de café na mesa quando a gente chegou?"

Droga. Não importava que Marcus soubesse, porque não ia acontecer nada de qualquer forma. "Não rolou nada."

Ele assentiu. "Só toma cuidado. E interprete como quiser. Esse nó no seu estômago não vai passar. Só vai ficar pior."

Como poderia ficar pior do que já estava? Eu vinha repassando o beijo na minha mente a cada poucos segundos, e agora precisava assistir àquilo e fingir que não era nada. Todos os músculos do meu corpo queriam levá-la para a minha casa e mostrar exatamente como aquele beijo deveria ter terminado.

"Você vai me aconselhar a como conduzir um relacionamento sério?" Fiquei irritado e tentei desviar o foco para as minhas questões não resolvidas com o meu melhor amigo. Que ótimo. Pelo jeito eu estava determinado a afastar as poucas pessoas que tinha na vida. "Sério? *Você?*"

Ele não disse nada. Marcus quase nunca reagia. Nem mesmo quando eu pisava no seu calo.

A pontada de culpa que reverberou pelo meu peito foi abafada pelo meu celular vibrando no bolso. Olhei para a tela. Era o meu investigador particular. Minha esperança era que ele tivesse descoberto alguma coisa útil sobre Hugo Aubert ou Charles Hayworth.

"Preciso atender." Me afastei alguns passos, e Marcus voltou para o lado de Sloan. Eu aceitei a ligação. "Diga."

"Hugo Aubert vai estar em Londres no início de dezembro. Ele é membro do clube Griswald."

Ótimo. O plano A era conseguir convencer Hugo a fazer a venda por conta própria, então uma reunião com o elusivo CEO da empresa poderia tornar isso uma realidade sem forçar a mão do conselho de administração.

"Mais alguma coisa?" Lancei um olhar para ver se Tristan ainda estava com o braço sobre os ombros de Selena. Eu cerrei os dentes. Mais um minuto e eu *arrancaria* aquele braço fora.

"Temos mais informações sobre o histórico de Hayworth."

"Alguma coisa que eu possa usar?" Tentei prestar atenção, mas o fato de Selena não se incomodar com a proximidade de Tristan estava consumindo todos os meus neurônios.

"Vou mandar os documentos por um portador seguro para a sua casa agora mesmo. Tem um nome em que você precisa prestar atenção: o nome de solteira da esposa dele, Emily Hayworth, era Sheffield."

Minha atenção se voltou para a chamada. Sheffield era o sobrenome da família da minha mãe.

"Obrigado." Minha mente começou a girar a mil. Era um sobrenome comum, e talvez aquilo não significasse nada. Mas aprendi desde cedo que não podia me dar ao luxo do benefício da dúvida. Isso era para gente que tinha menos a perder. "Estou indo para casa agora."

Encerrei a ligação.

No meu mundo, todos tinham segundas intenções. E eu tinha que descobrir qual era antes de deixar alguém se aproximar. Só que, antes disso, precisava tirar o braço de Tristan da minha...

De Selena.

Enfiei o celular no bolso e fui até eles.

"Me deixa adivinhar." Interrompi o que Tristan estava dizendo porque tinha a sensação de que sabia o que era. "É a história de 'como eu aprendi a entrar no Salão Oval'."

Tristan levantou uma sobrancelha e cruzou os braços. Ele lançou um olhar para CiCi e depois para mim. "Não, é a história de como 'Henry e Sloan bateram os barcos no atracadouro nos Hamptons'."

"Quem fez isso foi a Sloan", corrigi educadamente antes de me virar para Selena, que parecia absolutamente perplexa. "Lamento *demais* interromper, mas preciso ir. Winston pode te levar para casa, se você quiser."

"Ah." Os ombros dela desabaram. "Ok, claro. Vamos lá."

Meu corpo ficou tenso de irritação contida. Ela estava *decepcionada*? Tristan não era tão interessante assim. Ela não estava perdendo grande coisa.

Nós nos despedimos de todos e fomos para o carro.

Selena ficou em silêncio durante todo o trajeto. Tentei não pensar no motivo, porque o fim de semana tinha acabado.

Eu precisava me concentrar.

Isso significava fingir que o beijo nunca tinha acontecido e que o que eu sentia por ela, fosse o que fosse, não existia.

17

SELENA

Eu precisava de uma limpeza. Ou um detox. Talvez um exorcismo depois daquele beijo.

No fim de semana seguinte, depois de cinco dias inteiros evitando Henry no trabalho, fui almoçar com Isa e Lauren.

Como se a casa nos Hamptons, o Aston Martin e o avião particular não tivessem sido o suficiente, teve ainda o excesso geral do brunch simples no domingo.

Fiquei conversando com CiCi, que me contou uma história maluca sobre Henry e Sloan quase terem afundado os barcos da família enquanto competiam para ver quem velejava melhor. Seu amigo Tristan entrou na conversa e contou que aquele não tinha sido o último barco que Sloan afundou acidentalmente.

Aquela manhã me deixou desnorteada. Seus amigos eram simpáticos e acolhedores, mas aquele brunch foi o lembrete de que eu precisava manter distância. Nós éramos diferentes demais.

"Então...", comecei, olhando para o meu café gelado e girando os cubos de gelo com o canudo. Diante de mim, Lauren e Isabelle decidiam em voz alta o que pedir. As vozes

das duas se misturaram num zumbido baixo à cacofonia no café. “A gente se beijou.”

As duas pararam de falar de forma repentina e me olharam. Isabelle arregalou os olhos, mas permaneceu em silêncio. Era difícil surpreender uma cirurgiã, mas eu tinha conseguido. E eu não queria contar para Lauren sem que Isa estivesse lá como um contraponto.

Lauren largou o cardápio. “Porra, como assim?”

Henry era perigoso. Eu tinha duas experiências prévias que me mostravam que o melhor a fazer era manter distância: Miles e os Waldorf. Ele era uma combinação das duas coisas.

“Tecnicamente, foi ele que me beijou. E eu retribuí, e aí a coisa...” Engoli em seco ao lembrar das mãos dele apertando as minhas coxas, me puxando para a frente, se esfregando em mim. Minha pulsação acelerou e fechei os olhos, quase conseguindo senti-lo. “Esquentou.”

E como esquentou. Como a caldeira do inferno. Talvez o Diabo não vestisse Prada. Talvez vestisse terno Brioni feito sob medida e passasse o verão nos Hamptons.

“Vocês chegaram a...?” Isabelle se balançava na cadeira.

“Não.” Meu corpo estremeceu só de pensar no quanto eu queria isso. Ainda queria. “Estamos fingindo que nunca aconteceu.”

Não falamos mais nada um para o outro além de coisas de trabalho. Henry foi formal e um pouco frio. Eu esperava que isso ajudasse a minha mente a não imaginar coisas.

“Que bom”, as duas disseram ao mesmo tempo. Esse alívio me incomodou. Seria *tão* ruim assim se algo mais tivesse

acontecido?

Sim. Seria. Eu também sabia disso.

Isabelle e eu estudamos juntas na Columbia, onde caras como Henry estavam por toda parte. Caras com dinheiro e poder que eram naturalmente bonitos e charmosos. Uma proximidade com eles era impossível — não que eu quisesse, mas, mesmo que quisesse, não conseguiria; era uma coisa que vinha de berço. Eu fiquei na minha, me formei e preferi conhecer o mundo deles a uma distância segura.

"Todo mundo tem seus deslizes", Isabelle falou para me tranquilizar, apertando a minha mão. "Isso não significa nada."

"É. E com certeza ele logo vai voltar a ser o cara que você detestava semanas atrás", Lauren acrescentou, dando seu apoio, com um tapinha no meu ombro.

A questão era essa.

Eu tentava detestá-lo, tentava muito, mas não conseguia.

Isabelle notou minha expressão de desânimo. "A atração é uma coisa totalmente normal. Ele é um CEO jovem, lindo e solteiro. Tem todos os atrativos."

"Isso é para eu me sentir melhor?"

Se teve uma coisa que aprendi na Columbia foi que caras como Henry se esqueciam das garotas bem mais depressa do que as garotas se esqueciam deles.

Se alguma coisa acontecesse, eu seria só um dos muitos casinhos em seu passado, do tipo que ele sentia vergonha de relembrar. E fazia cara de arrependido quando eu mencionava. Se as coisas fossem mais longe, eu sabia que viraria mais um desses arrependimentos.

Meu coração parou por uma fração de segundo. Eu já era um deles.

"Só estou dizendo que é normal. Não precisa se sentir mal por isso", Isa insistiu.

"E quem não curte a ideia de um casinho proibido?", Lauren falou. "Você só precisa segurar as pontas até junho."

Ela estava certa.

Houve um tempo em que eu cogitava a ideia de ficar na cidade. O acordo que assinei com os Waldorf estipulava que eu era *obrigada* a manter a boca fechada. E também que *precisava* ficar longe deles. Era como se estivessem me forçando a ir embora. Os advogados da Pearson disseram que ninguém poderia me mandar mudar de cidade, mas para mim parecia mais simples não correr riscos.

A essa altura no ano seguinte, Henry já teria esquecido de mim, e eu me arrependeria do tempo que gastei pensando nele.

Os vislumbres de charme e as brincadeirinhas eram só parte do jogo da sedução. O histórico dele me provava que, mesmo se conseguisse me conquistar, ele não iria querer me manter por muito tempo.

18

HENRY

Enquanto subia os degraus da frente da casa da minha infância no Upper East Side, o mesmo pensamento continuava se repetindo na minha mente.

Muita gente vê isso e corre para bem longe.

Selena iria correr para bem longe mesmo, até Los Angeles.

Os empregados me deixaram entrar, e peguei a entrada do andar principal, onde meu pai me esperava no seu escritório. Eu tinha ligado para ele depois de analisar os papéis que meu investigador particular me mandou na semana anterior. Precisava de uma informação dele.

"Para que exatamente você precisa disso?", meu pai perguntou, sentando à sua escrivaninha. Ele me entregou uma velha agenda telefônica da minha mãe, que tirou da gaveta.

Me cedeu também o documento com os termos da antiga herança dela, que nunca recebeu, mesmo depois de já ter idade para isso. Quando sua família a deserdou, minha mãe nunca contestou nada na justiça. Era uma briga que não valia a pena. Além disso, a fortuna dos Amari fazia aquela herança parecer irrisória.

“Para um assunto de trabalho”, respondi. Eu estava sentado diante dele, virado para a janela. Adorava aquela sala. Sloan e eu nos escondíamos ali das babás durante as férias quando éramos crianças.

Meu principal interesse era uma forma de entrar no Griswald. Eu esperava evitar usar meu nome a fim de manter meus planos para a Verge longe da imprensa. E também pretendia evitar que alguém me reconhecesse. Apesar de estar afastado da família da minha mãe fazia décadas, com certeza eu tinha parentes num dos clubes privativos mais antigos do mundo.

“Não conta para a sua mãe.”

“Não tenho a menor intenção de fazer isso.” Dei uma olhada na agenda, que era velha e claramente não era aberta fazia anos.

A Person, agência de relações públicas onde Selena trabalhava, provavelmente tinha contatos na Grã-Bretanha. Eu podia pedir para ela conseguir acesso para mim ao Griswald. Mas, por ora, estava tentando respeitar a vontade dela e ficar na minha, o que talvez fosse bom, porque eu não conseguia controlar a porra da minha língua quando Selena estava por perto.

“Henry”, meu pai falou. Seu bom humor era meio irritante. Ele estava sempre assim. Era difícil ficar puto com alguém que estava sempre alegre. “As coisas andam bem tranquilas ultimamente.”

Minha esperança era que a conversa fosse curta e eu pudesse ir embora assim que encontrasse o que estava procurando.

Franzi a testa enquanto folheava a agenda até a letra “S”.

“Isso foi uma pergunta?”, falei, distraído.

Quando era criança, lembrava nitidamente de ter visto minha mãe chorando ao telefone numa manhã de inverno. Estava conversando com uma mulher chamada Emily. Sua irmã.

De acordo com o que meu investigador descobriu, o pai de Emily Hayworth se chamava Benedict Sheffield. Meu avô materno tinha o mesmo nome. E todos os Sheffield daquela agenda coincidiam com o relatório. Telefones, endereços, tudo.

Hayworth devia saber disso. Não podia ser coincidência que ele era o dono de quarenta e cinco por cento da empresa que eu estava interessado em comprar.

Depois de um silêncio prolongado, meu pai respondeu. “Só um comentário. É bom ver você assim depois de todo aquele...”

“Pode parar”, avisei. Não queria ouvir a crítica disfarçada de elogio que ele tinha preparado. Eu tinha uma tendência a descontar anos de agressividade acumulada no meu pai das piores maneiras possíveis. Na minha opinião, ele merecia, e a minha mãe também. Mas os dois pareciam ter desenvolvido algum tipo de dissociação bizarra em relação à minha infância. Entrar no assunto com eles era como falar com alguém que sofria de amnésia — frustrante e inútil. “Eu não vou ter essa conversa com você.”

“Tudo o que nós fizemos foi para tentar te ajudar.”

“Me ajudar?”, esbravejei. Uma raiva incontida subiu à flor da pele. Reconheci esse veneno de ação lenta assim que o senti. “Por que eu precisaria da *sua* ajuda?”

O insulto pelo menos era mais discreto que os gritos. Havia também o benefício de deixá-lo digerindo aquelas palavras por um tempo. Meu pai geralmente bem-humorado virava outra pessoa quando confrontado com o fato de que nunca correspondeu às expectativas criadas em cima dele.

"Só quis dizer..."

"O quê?", esbravejei de novo. "Que poderia me ajudar a fracassar no cargo de CEO como você teria feito? O que vem depois disso, conselhos sobre como criar filhos?"

"Nós demos a você todas as vantagens imagináveis." Sua voz mantinha um tom tranquilo que só me irritava ainda mais.

Essa conversa de novo.

Sim, eu nasci numa das famílias mais ricas do mundo. Estudei no melhor colégio interno da Suíça. Recebi toda a ajuda que poderia. Tudo isso para não ter que encarar a rejeição que o meu pai e o meu avô precisaram enfrentar.

Isso não substituía um pai e uma mãe, mas eles bem que tentaram.

"Foi melhor assim", ele continuou.

Toda a capacidade de me reprimir que adquiri durante anos de convivência com a alta sociedade começou a se desfazer.

"Para." Minha voz baixou de volume, ainda que a raiva rugisse dentro de mim alto o bastante para acordar até os mortos.

"Henry." Ele ficou mais sério. "Você não gostava da escola, mas foi lá que conheceu as pessoas certas. Fez os contatos certos. Ninguém nunca vai questionar o *seu* lugar..."

O que restava de autocontrole se perdeu. Eu o encarei e falei: “Cala. A. Boca”.

Eu tinha oito anos, e aparentemente essa era uma boa idade para mostrar a um filho que você não tinha o menor interesse em criá-lo. Eu implorava. Chorava. Suplicava para não ser mandado de volta para lá. Todo. Maldito. Ano. E todo ano ouvia que *era melhor assim*.

Sloan, que ao menos foi poupada do colégio interno, tentava me manter em casa também. O som de sua voz de criança de quatro anos aos gritos toda vez que eu ia embora ainda ecoava na minha cabeça. Comecei a fingir que queria ir para poupá-la da agonia de ter que implorar para que eu ficasse.

Nós aprendemos que nossos apelos eram inúteis. Engolimos nossa raiva, guardamos como uma arma para ser usada quando convinha. Era uma coisa que podia ser útil. Pelo menos servia como combustível para impulsionar nosso sucesso pelos anos que viriam.

Meu avô queria herdeiros bem-sucedidos como ele, e conseguiu.

Afinal, a pressão criava diamantes.

E terremotos. E vulcões. E todas as coisas destrutivas que as pessoas tendiam a esquecer, ofuscadas pelo brilho dos diamantes.

Somente na faculdade, quando conheci os Sutton, entendi o que era ter pais. A figura mais próxima que eu e Sloan tivemos disso foi nossa avó.

Soltei um suspiro de frustração, levantei e fui em direção à porta. Depois de anos tendo aquela mesma discussão, várias e

várias vezes... eu estava cansado. Não queria mais brigar. Isso não mudava nada.

"Em vez de tentar mudar as regras que te incomodavam, você se dobrou a elas. Bem, espero que esteja feliz: seu exemplo perfeito de como criar filhos é uma garantia de que o nome Amari vai morrer comigo."

"Henry...", meu pai disse baixinho, quase surpreso com uma verdade que era mais do que evidente fazia anos. A confusão estampada no seu rosto virou uma tristeza profunda, que não era minha intenção evocar.

Meus pais eram loucamente apaixonados um pelo outro quando casaram. Ignoraram as expectativas e criaram a vida que queriam para eles. Então eu nasci. E, num piscar de olhos, o que deveria me proteger do rancor enfrentado pelo meu pai quando se casou com minha mãe acabou tendo o efeito inverso.

Me esmagou com seu peso, o que me deixou com muita raiva deles.

"E como você parece estar tão preocupado com a empresa que não faz a menor ideia de como administrá-la", continuei, parando na porta, "é melhor começar a tratar melhor o Marcus. Os filhos dele com a Sloan vão assumir o comando um dia."

Eu fui embora.

Nunca me permiti pensar seriamente em ter uma família, então nunca descobri se era uma coisa que eu queria. Mas tinha certeza do que não queria, apesar de parecer a única coisa disponível para mim.

Eu não queria uma esposa troféu que só estaria comigo pelo prestígio. Não ia trazer uma criança ao mundo para mandá-la para longe ou formar uma família a serviço de um legado.

Preferia ficar sozinho.

Como eu já estava.

19

SELENA

A sessão de fotos na sociedade dos protetores dos animais foi rápida. Como sempre, Henry foi formal e distante. Vinha fazendo tudo o que eu pedi nas duas semanas anteriores.

Roboticamente.

Na maior parte dos dias, eu o evitava. Ele continuava se comportando da mesma maneira — normalmente formal, às vezes mais descontraído. Fosse como fosse, não parecia incomodado com o nosso acordo.

O fato de eu estar certa, de ele ter me esquecido tão depressa, não me ajudava tanto quanto eu pensava.

Eu estava diante das portas de vidro da sede da sociedade, esperando por ele. Era meio de setembro, mas as chuvas de verão continuavam. Fiz uma careta ao ver as nuvens carregadas no céu quando a chuva apertou. Por que eu tinha seis guarda-chuvas no meu apartamento, mas nenhum quando precisava? Com certeza havia inclusive um pendurado na porta da minha sala na empresa.

Henry revirou os olhos quando apareceu do meu lado e deu uma olhada no tempo.

“Vocês de Los Angeles e seu medo da chuva.” Ele pegou o guarda-chuva com seu segurança e fez um gesto para eu segui-lo. “É só um quarteirão até o carro. A gente sobrevive.”

O guarda-chuva preto e grande se abriu sob a marquise do prédio, e tentei conter a onda de empolgação que sua gentileza momentânea me provocou. Era uma mudança bem-vinda em relação a sua apatia polida.

“Não é medo.” Fiquei sem fôlego quando sua mão se apoiou na parte inferior das minhas costas e me guiou quando começamos a andar. Sem dizer uma palavra, ele passou para o outro lado, para andar mais perto do meio-fio. “É que não chove muito em Los Angeles.”

Aquele pequeno e estranhamente excitante gesto provocou um calor em mim.

“Não, mas o chão simplesmente se abre de vez em quando”, ele falou de forma casual, olhando só para a frente.

“Os prédios são construídos levando em conta os terremotos”, provoquei. Não me incomodei com sua crítica velada a Los Angeles, já que a gente não conversava fazia vários dias. “Não é tão ruim assim.”

“Aposto que tem gente que fala a mesma coisa do inferno.”

“Você vai ter que me contar como é depois.” Sorri para ele, mas sua fachada pétrea continuava de pé. “E Los Angeles tem a vantagem de estar a algumas horas de viagem das vinícolas.”

“Aham. Eu nunca estive num terremoto, sabe”, Henry comentou. “Como é? Viver no que deve parecer um globo de neve ensolarado na mão de uma criança enlouquecida?”

Meu coração se acelerou. Sorri para ele, na esperança de libertar o "Henry encantador" de onde estivesse preso. "A Califórnia é um lugar lindo."

"E insanamente instável", ele acrescentou, todo sério.

Apesar do barulho da chuva e do burburinho da cidade ao nosso redor, eu me sentia numa situação estranhamente intimista com Henry. Minhas costas sentiram falta do calor de sua mão assim que ele abriu a porta para mim e levantou o guarda-chuva para me proteger enquanto eu entrava.

Nós nos acomodamos no assento do carro, e tentei me desvencilhar da sensação deliciosa que tomava conta do meu corpo.

Aparentemente, sem muito sucesso.

Ele levantou os olhos do e-mail que estava lendo.

"Que foi?", Henry perguntou no tom que vinha usando comigo desde que voltamos dos Hamptons. Um tom de cautela que me provocava uma pontada no coração, apesar de saber que tinha sido um pedido meu.

"Você aprendeu a regra da calçada nas aulas de etiqueta?"

Um sorriso enfim rompeu sua formalidade quando Henry se virou para mim.

"Não sabia que era uma regra nem que precisava ser ensinada." Ele se recostou no assento, inclinou a cabeça e cruzou os braços. "Com que tipo de homem você anda saindo que não sabe que a dama nunca deve andar do lado do meio-fio?"

Soltei uma risada que reverberou dentro do espaço confinado do SUV. "Alguém está por fora de como são os

encontros hoje em dia. Além disso, ninguém anda a pé em Los Angeles."

"Olha só, srta. Montez, se o cara não está disposto", Henry levantou a mão para argumentar, "a se arriscar a levar um banho de água suja no meio de um temporal, ou a ser acidentalmente atropelado, ou a encarar qualquer outro perigo por você, então não é bom o suficiente."

Um nó na minha garganta me impediu de falar o que eu queria.

"Que cavalheiro", consegui dizer, virando para a janela. Seus olhos capturaram os meus no reflexo do vidro.

"Um cavalheiro abre a porta do carro para você. Puxa a cadeira para você sentar. Deixa um guarda-chuva na sua sala, que você não leva mesmo assim porque nunca lê a previsão do tempo." Seus olhos se voltaram de novo para o celular, e ele baixou o tom de voz. "Ser cavalheiro com você não custa nada, e seguir a regra da calçada é o mínimo."

Fiquei olhando para o guarda-chuva pendurado atrás da porta da minha sala por quase uma hora.

Henry o tinha colocado ali. Eu não fazia ideia de quando, mas já estava lá fazia um tempo. Tentei ignorar o efeito que o trajeto de carro tinha provocado em mim, mas estava torcendo para ele precisar de mim para alguma coisa, qualquer coisa.

A chuva aliviou no fim da tarde. Eu queria estar na rua antes de anoitecer. O início do outono estava começando a despontar na cidade. Eu queria tirar algumas fotos do pôr do sol e talvez algumas no parque antes de chegar em casa.

“Essas ficaram ótimas”, Henry falou, encostado no batente da porta, com os braços cruzados sobre o peito. A luz do fim da tarde inundava a sala.

Seus olhos passearam pela minha mesa, observando as fotos que eu estava organizando no meu portfólio. Lauren tinha tomado conta do meu apartamento. Era impossível montar as coletâneas na minha sala de estar, porque ela havia espalhado suas coisas por toda parte.

Ele entrou e me olhou como quem pedia permissão para ver as fotos empilhadas. Fiz que sim com a cabeça.

“Obrigada.” Olhei para o portfólio com as fotografias de um vinhedo que visitei com a minha mãe da última vez que fui para casa. “Minha *abuela* me deu minha primeira câmera. Era uma Polaroid.”

“Ah, é?”

“É um hobby.” Eu tinha passado as duas semanas anteriores tomando a precaução de não passar mais tempo do que o necessário na sala de Henry. Ele vinha fazendo o mesmo, pelo menos até aquele momento. O caminho de volta da sociedade protetora dos animais me deixou ainda mais confusa sobre o que sentia, mas o aperto no peito que persistia desde os Hamptons de repente se aliviou. “Você tem tempo para isso?”

Um sorriso surgiu no seu rosto, e os seus olhos se voltaram para os meus. “Gosto de xadrez e de boxe. O boxe ainda tem a vantagem adicional de poder bater no Marcus.”

Eu não sabia se isso era engraçado, mas me peguei dando uma risadinha. Talvez fosse o calor que corria pelas minhas

veias por causa do jeito que ele me olhava. Como se sentisse minha falta.

"Mas os hematomas podem dificultar o seu trabalho", ele continuou enquanto se sentava, os olhos concentrados em passar pela pilha de fotos.

Tentei me distrair guardando algumas coisas na bolsa. "Isso você anda facilitando."

"Já pensou em montar um portfólio profissional?", ele sugeriu. "Você provavelmente conhece todo mundo que precisa conhecer para entrar no mundo da fotografia."

A ignorância dele era fofa. Quando você tem mais dinheiro que a realeza, não precisa se preocupar com bobagens como pagar boletos.

"Pensei em fazer um curso intensivo na Columbia um tempo atrás...", comecei, pensando na disciplina que adiava todo ano na faculdade, sempre encontrando um motivo para não me matricular. "A Pearson paga melhor. Além disso, eu não sei se ainda ia gostar se precisasse fazer isso para viver."

Henry me olhou com uma intensidade que me deu a certeza de que eu estava em apuros. "Você é...", ele começou.

Senti um aperto no peito. Minha *abuela* sempre me dizia para correr atrás, para levar meu *sueñito* a sério. Assim como meu *abuelo* tinha feito, e ele se saiu muito bem. Havia um nome para isso, para quem escolhia dinheiro em vez de um ofício de que gostava e no qual poderia ser muito bom. "Uma vendida?"

Henry balançou a cabeça.

“Admirável”, murmurou consigo mesmo, voltando a olhar as fotografias.

O som do meu celular vibrando sobre a mesa chamou a minha atenção. Era a notificação de um e-mail de Rita. Provavelmente da assistente dela, para marcar nossa próxima reunião de acompanhamento.

Levantei e tentei desanuviar a cabeça. No mesmo instante lembrei por que estava ali, para começo de conversa. Henry era bom em me fazer esquecer os motivos para manter distância. As razões perfeitamente válidas que explicavam por que ceder à atração era má ideia. Mas o e-mail de Rita era um bom lembrete de que eu já tinha caído nesse erro uma vez. E do que estaria à minha espera se aguentasse firme mais aquele ano.

“Eu preciso ir.” Peguei o resto das minhas coisas e coloquei na bolsa.

Henry parecia querer dizer alguma coisa, mas balançou a cabeça. Os músculos do seu maxilar se flexionaram.

“Ah, sim.” Seu tom de voz estava mais baixo quando ele me entregou as fotos. “E eu tenho que voltar ao trabalho.”

20

HENRY

Selena me encaminhou uma matéria de manhã. Não era nada de mais.

O FIM DE SEMANA DE FARRA DE AMARI NOS HAMPTONS

"Estão meio atrasados, publicando sobre o feriado do Dia do Trabalho; isso foi semanas atrás. E não chega nem perto de ser uma violação da cláusula de moralidade." Sloan tinha lido a matéria no meu celular.

Bem que eu *queria* ter me divertido tanto quanto o texto dizia. A única parte que acertaram foi que eu estava "agarrando" alguém — palavras deles, não minhas —, mas de resto o conteúdo era tranquilo.

"Só fofoca, nenhuma foto. Não me preocupa", Sloan concluiu, me devolvendo o celular. "O que Selena falou?"

"A mesma coisa." Guardei o celular no bolso. Assim talvez eu parasse de verificar toda hora se tinha mensagem dela. Era domingo, ela não tinha por que me escrever. Mesmo assim, fiquei esperando como se fosse acontecer a qualquer momento.

Sloan me passou a comida. O brunch de domingo também serviria para planejar a festa do Diwali que ela daria. Nossos

avós sempre faziam uma festança para comemorar a data quando eram vivos. Sloan tinha herdado a casa de campo da família e pretendia realizar o evento lá.

Eu estava sentado diante da ilha da cozinha conversando com ela e Marcus, tentando deixar de lado meu ressentimento.

Se Sloan não estava preocupada, eu não gastaria energia pensando nisso. Selena e eu falaríamos a respeito pela manhã de qualquer forma, no único momento que eu tinha para vê-la. Ela passava o resto do tempo em sua sala, planejando aparições em eventos e acionando seus contatos na imprensa para plantar matérias favoráveis.

Eu a via cada vez menos, e mesmo assim ela consumia todos os meus pensamentos. O único ponto positivo de Selena ter me evitado nas últimas semanas foi que não precisava vê-la com aqueles vestidos de verão. O clima mais frio de outono me proporcionou certo alívio, mas não que isso tenha ajudado muito.

Ela ficava tão linda quanto de suéter.

Seguimos adiante como se o beijo nunca tivesse acontecido. Como se não houvesse nada entre nós. Isso estava me corroendo.

Eu gostava dela. Selena era uma mulher de parar o trânsito, mas não era só uma simples atração. Apesar de vê-la todo dia, ainda queria mais. Queria conhecê-la melhor, desde sua história de vida até as coisinhas pequenas que me encantavam nela.

Ela adorava *arepas*, que era o que sempre pedia para o almoço. Detestava a ideia de ter motorista e segurança, apesar

de ficar o tempo todo olhando para trás, como se estivesse esperando que alguma coisa fosse acontecer.

A única pessoa com quem eu queria passar meu tempo era aquela que estava determinada a manter distância de mim.

"Por que as mulheres saem comigo?" Eu estava pensando nisso e cometi o erro de falar em voz alta.

Não que eu estivesse reclamando. Bilionário bonitão era um ótimo rótulo para ter na vida. Os motivos por trás do interesse das mulheres nunca foram um problema para mim, pelo menos não antes de Selena.

Mas, com Selena, eu queria que ela *me* quisesse.

Apesar de ela deixar mais claro a cada dia que isso nunca aconteceria.

Marcus pareceu constrangido do outro lado da ilha. "Acho que isso é mais do que óbvio para mim."

"Para mim também." Sloan olhou na direção do sofá da sala de estar, onde CiCi estava folheando um catálogo de convites. "Ei, CiCi, o Henry é atraente?"

"Não foi isso que eu perguntei." Esfreguei os meus olhos.

A única coisa que eu realmente sabia era que Selena sentia atração por mim. Era todo o resto que a mantinha à distância. Era isso que eu precisava entender.

CiCi respirou fundo, inclinou a cabeça e veio andando até mim.

"Claro que é. Quem te chamou de feio?" Ela assumiu um tom carinhoso ao falar comigo.

Eu conhecia CiCi havia anos; tínhamos crescido em ambientes parecidos.

“Isso não está ajudando, Ci”, resmunguei. Ainda bem que não havia mais ninguém de fora no brunch daquele domingo. CiCi só estava lá porque ia ajudar Sloan com a festa.

“Bom, se eu não te conhecesse, com certeza ia querer transar com você, independentemente do seu fundo fiduciário”, CiCi me garantiu.

Xander riu tanto que quase cuspiu o café na bancada. “Ah, viu só, Henry? Não é a sua carinha, é a sua personalidade.”

“Por que foi que eu vim aqui mesmo?” Eu escondi o rosto entre as mãos.

“Por que essa conversa assim do nada?”, Sloan perguntou, trocando olhares curiosos com Xander. Pelo menos eu sabia que os meus segredos ainda estavam seguros com Marcus.

“Não posso me envolver com ninguém por um tempo, então queria saber o que deu errado em todos os meus relacionamentos anteriores.” Parecia uma boa desculpa para especular por que Selena estava me evitando, além de todas as razões mais óbvias.

“Não sei se daria para chamar aquilo de relacionamentos.” Xander franziu o nariz e veio se sentar ao meu lado.

Eu não tinha medo de um compromisso sério. Só que não era uma perspectiva realista, então quase nunca pensava nisso. Mas Selena me fez questionar tudo.

Como saber qual era a motivação de alguém? Parecia uma coisa complicada demais e que poderia acabar muito mal.

“Não sei se você tem moral para julgar.” Apertei o nariz entre os olhos. “Esquece, vamos deixar esse assunto para lá.”

Todos concordaram com a cabeça, e a conversa logo passou a ser sobre a festa.

Era isso que eu realmente precisava fazer. Mudar de assunto e seguir em frente. Pensar em outra coisa.

Mas, por algum motivo, não conseguia. Eu precisava me concentrar em não perder a cabeça. Era um ano importante demais para eu perder isso de vista.

Só o que eu tinha, tudo o que eu era, se resumia à Amari Global. Eu não podia estragar tudo.

21

SELENA

Lauren acabou conseguindo o emprego de sous chef e havia começado a trabalhar duas semanas antes, o que significava que tinha reunião de preparação para o serviço do jantar quase todo os dias, às duas da tarde. O restaurante era perto do prédio da Amari Global, então ela às vezes me trazia alguma coisa que tinha preparado no almoço.

E este era um desses dias.

Quando Lauren me visitava para trazer comida, eu precisava me segurar para não ir até a sala de Henry oferecê-la para ele assim que ela ia embora. Mas deixava na sua mesa quando ele estava em alguma reunião à tarde, e Henry costumava colar um post-it com um "obrigado" na tela do meu computador depois que eu já tinha saído do escritório.

A distância que colocamos entre nós estava cumprindo seu papel. Não houve nenhum deslize. Mas eu sentia saudades dele, apesar de vê-lo todos os dias.

Lauren estava testando receitas de sobremesa com o chef confeiteiro do restaurante. Naquela manhã, exploraram a culinária francesa, então o almoço do dia incluía croissants apimentados.

“Você está ficando boa em confeitaria.” Dei uma bela mordida na massa crocante do croissant. As camadas de manteiga derreteram na boca.

“Não me leve a mal, mas como você sabe?”, ela perguntou.

“Ei, eu tenho experiência de sobra assistindo a competições de confeitaria. Sei identificar uma massa molhadinha quando vejo uma.”

Ela soltou uma gargalhada alta, estridente e contagiante. Era bom finalmente vê-la encontrando seu lugar por aqui, mesmo que temporariamente.

“Desculpe interromper. Isso chegou para você.” Bridget bateu no batente e deixou uma encomenda para mim. Em seguida, fechou a porta e me lançou um olhar estranho.

Lauren fez uma careta. “Fui escandalosa demais?”

Eu dei de ombros e abri o envelope. A pasta azul tinha o brasão da Columbia e trazia a ementa e a lista de material de um curso de fotografia de paisagem ministrado por um dos maiores especialistas do mundo.

Era oferecido todo ano na universidade, com um mês de duração, e eu tinha vontade de fazer desde os meus tempos de aluna. Nessa época, seria mais uma disciplina numa grade já lotada e um acréscimo numa anuidade que já me custava os olhos da cara. Então decidi não fazer.

A última página continha meu antigo número de identificação e as informações para a matrícula. Eu estava inscrita, e o curso estava pago. Só o que eu precisava fazer era comparecer.

“Você finalmente vai fazer esse curso!” Os olhos azuis de Lauren passearam pela página, sentada na ponta da cadeira do outro lado da mesa.

“Hã, vou...”

“Você merece se mimar.” Lauren sorriu.

Guardei a pasta na gaveta e fiz o máximo para esconder o quanto estava encantada com aquele gesto de Henry.

Lauren saiu vinte minutos mais tarde, e eu concluí uma conversa por telefone com a fundação beneficente da família Amari para definir a declaração oficial sobre sua mais recente doação. Dessa vez, era para um centro de educação infantil no Bronx.

Ainda era cedo para a nossa conversa informal da tarde, mas a porta estava aberta quando apareci, apreensiva. “Pode entrar, srta. Montez.”

Ignorei a pontada de decepção que sempre vinha quando Henry me chamava assim. Sua maneira de dizer “srta. Montez” soava fria e revestida por uma informalidade indiferente, sem o tom brincalhão de antes.

Entrei sem dizer nada, me aproximei e coloquei uma caixa com um croissant que tinha guardado para ele na ponta de sua mesa. Henry olhou para a caixa e parou de ler os papéis que tinha na mão. Vi que estava tentando suprimir um sorriso. Ele estendeu o braço, escreveu algo num post-it e me entregou.

Meu coração inchou dentro do peito. Eu estava me apegando demais às coisas adoráveis que ele fazia, mesmo

Henry sendo como era. Eu estava me permitindo pensar que poderia haver algo real ali.

Talvez para você.

Para Henry, eu seria só uma historinha picante. Um casinho. Uma mulher entre muitas até que ele encontrasse uma companheira mais apropriada. Eu não era parte desse mundo; os Waldorf fizeram questão de deixar isso bem claro para mim.

"De nada", falei depois de ver o "obrigado" escrito no post-it. Mostrei a pasta que levava nas mãos. "O que é isso?"

Sua expressão se tornou indecifrável. Ele voltou aos papéis que estava examinando antes que eu entrasse. "É um hobby, certo?"

"Eu não posso aceitar. Tenho que trabalhar."

"Eu me viro sem você", ele disse simplesmente. Sem nenhuma emoção. Palavras mornas, mas que queimaram como fogo.

"É um mês inteiro."

"Eu sei ler o calendário."

"E começa quase todo dia às quatro. A gente costuma conversar..."

"Podemos conversar um pouco mais de manhã. Vou pedir para Bridget alterar a minha agenda", Henry respondeu de forma educada.

"Vou perder algumas reuniões que normalmente..."

"Eu mantenho você informada." Sua voz demonstrava certa frustração por trás das palavras.

"Começa na semana que vem."

“Eu sei. Se não tiver tempo, não precisa ir.” Ele hesitou por um instante, e seus olhos se moveram, pensativos. “Desculpa... Fui longe demais e...”

“Eu tenho tempo. É que...”

“Não precisa ficar aqui só para ser a minha babá”, ele insistiu, finalmente se virando para mim. Sua austeridade cedeu um pouco. “Prometo que não vou mais enfiar nenhuma caneta na tomada.”

“Por quê?”, murmurei. Ele não podia ser assim tão gentil... tão *perfeito*.

“Porque é perigoso. É meio preocupante que você não saiba disso.” Toda a seriedade tinha se esvaído.

Segurei o riso, mas o sorriso não teve jeito.

“Não é disso que estou falando. Por que isso aqui?” Mostrei a pasta de novo, e a risada acabou escapando.

“Não precisa adiar um sonho só por minha causa.”

Toda vez que chegávamos perto de algo parecido com uma amizade, vários sentimentos que me faziam querer mais vinham à tona. Eu queria que fôssemos capazes de encontrar um meio-termo. Henry era gentil e divertido. Eu sentia vontade de passar mais tempo com ele.

Seus olhos se fixaram no meus. Essa conexão entre nós estava sempre presente, forte e duradoura.

Piscando para afastar esses pensamentos, olhei para a pasta por um instante. Sem dizer uma palavra, fui até a sua mesa e colei na tela do seu computador um post-it que escrevi na minha sala.

Henry leu e deu risada. Uma de suas risadas de verdade, que me incendiavam por dentro. “De nada.”

22

SELENA

A semana seguinte seguiu na mesma toada.

Eu estava sentada diante de sua mesa enquanto Henry folheava uma proposta para a nova doação da Fundação Amari. Ele ficava basicamente em silêncio na minha presença, só falando o número exato de palavras necessário para transmitir uma ideia, como se precisasse economizar o máximo possível. Nós não passávamos mais um tempão entretidos em conversas.

Ele nem sequer mencionou o presente. Eu tinha saído mais cedo na terça e na quinta, mas Henry não fez nenhum comentário a respeito. Aquele curso intensivo era incrível. Eu estava até pensando em trabalhar menos no próximo ano e talvez me dedicar mais seriamente à fotografia.

Aquele gesto dele tocou meu coração. Os ricos davam presentes extravagantes uns para os outros o tempo todo, e não significava nada, porque dinheiro não era problema. Mas aquilo era diferente.

Henry teve que reorganizar sua agenda para eu poder sair mais cedo do trabalho. E isso significava que ele precisava me inteirar das reuniões a que eu não comparecia. Poderia deixar Bridget se encarregar disso, mas fazia pessoalmente.

Para pessoas como Henry, nada era mais valioso que o tempo, e ele abriu mão de uma parte do seu por mim. Para uma coisa que me fazia feliz.

Ele desviou os olhos da proposta quando ouvimos uma risada alta.

Viramos para a porta quando o telefone da sala tocou.

"CiCi está aqui. Ela pode entrar?", perguntou a voz de Bridget.

"Sim", Henry respondeu, aliviando a pressão sobre a caneta que estava apertando com força desde que cheguei. Um sorriso surgiu no seu rosto, o primeiro do dia — o primeiro sincero, pelo menos.

CiCi entrou, e seu risinho preencheu a sala. Henry levantou para abraçá-la. Eles eram amigos, eu sabia disso, porque a conheci naquele brunch, mas isso não aliviava o ciúme que borbulhou dentro de mim.

Loira e carismática, CiCi era a imagem de tudo o que eu jamais seria. Rica, naturalmente refinada e parte integral do mundo dele. Ela se encaixava com perfeição. Se em um ano Henry fosse nomeado como CEO definitivo, ele provavelmente namoraria alguém como ela.

Ou talvez ela.

Senti um aperto doloroso no peito. Nos últimos meses, ficou claro que ele tinha deixado a promiscuidade no passado. Trabalhava até tarde quase todos os dias. Seguia meus conselhos à risca. O passo seguinte era óbvio — a mulher perfeita ao seu lado.

Eu deveria me sentir grata. Ele estava facilitando o meu trabalho.

Respirei fundo e tentei manter minha voz firme. “Volto mais tarde.”

“Ah, não vá, por favor. Só vou ficar um minutinho”, CiCi insistiu. Eu queria sumir dali, mas minhas pernas bambas tornariam a minha retirada tão relutante quanto a minha entrada. “Eu vim entregar isso.”

Ela enfiou a mão na bolsa Birkin e sacou dois envelopes vermelhos ricamente decorados.

Henry deu uma olhada neles, e seus ombros desabaram. “Ela precisava mandar entregar em mãos?”

“Sloan quer ter certeza de que você recebeu e confirmou que compareceria.” CiCi fez uma pausa e abriu um sorrisinho torto. Por mais que parecesse impossível, seu rosto ficou ainda mais bonito assim. “Ela disse que as coisas ainda estão meio esquisitas entre vocês desde a volta de Londres. Além disso, como ‘socialite em tempo integral’, eu tenho mais tempo para essas coisas do que vocês.”

O peito de Henry subiu e desceu com um suspiro pesado. “Obrigado, Ci.”

“Você vai estar lá?”

“Sim, pode avisar que eu aceitei o convite.”

Ela sorriu.

“São dois.” CiCi passou os dedos sobre os de Henry para separar os envelopes e virou seus olhos azuis para mim. “Selena, o outro é para você. É no segundo fim de semana de

novembro. Se puder ir, pode ficar à vontade para levar quem você quiser."

Ela fez uma pausa, olhou para Henry, depois de novo para mim. Então se virou de novo e colocou as duas mãos no rosto dele. Com um sorriso no rosto, deu uma piscadinha. Em seguida deu um passo atrás e fez um gesto com o dedo, subindo e descendo, como se avaliasse seu terno.

"Eu estava falando sério no domingo", ela disse baixinho, num tom quase de flerte.

Henry deixou sua risada correr solta e levantou o braço para a porta.

"Cai fora", falou num tom de brincadeira.

Foi uma risada do tipo que fazia meu estômago dar cambalhotas. Olhei para o chão, mas o incômodo só piorou.

A risada de CiCi, leve e alegre, continuou reverberando na sala depois que ela saiu.

Eu não sabia o que estava rolando entre os dois e não era da minha conta. Eles estavam sendo discretos e, mesmo se não estivessem, a imprensa iria adorá-la.

Não tínhamos mais nada para resolver naquela manhã, então pedi licença e saí.

Estava com um nó no estômago.

"Você tem algum contato no clube Griswald, em Londres?", Henry perguntou quando entrei em sua sala para nossa breve reunião da tarde.

Fiquei surpresa com a pergunta. A mãe de Henry era de uma família poderosa da Inglaterra, o tipo de dinheiro antigo

para o qual o Griswald estava sempre de portas abertas. Com certeza, ele devia ter seus próprios contatos por lá.

"Não, mas alguém na Pearson com certeza tem." Os consultores internacionais que trabalhavam com bilionários do porte de Henry conheciam todo mundo nesse meio da aristocracia. Se era um interlocutor que Henry queria, eles saberiam com quem conversar. "Vou ligar para Rita ainda hoje."

Ele assentiu com a cabeça.

"Está tudo bem?", perguntei, ainda de pé diante de sua mesa.

"Sim." Ele olhou para a mesa, que estava toda desarrumada. "Estou tentando entender o mercado emergente da terapia gênica."

"Todos os estudos clínicos", falei lentamente.

Henry estava sempre lendo esses materiais nos trajetos de suas aparições públicas, ou quando estava sozinho na sala comigo e não estávamos falando nada de trabalho. O que quer que fosse aquele projeto parecia consumir toda a sua atenção. Dava para entender por quê. Henry estava tentando fazer por merecer seu lugar na empresa.

"Se eu vou tentar comprar a empresa de alguém, é melhor saber tudo a respeito antes."

"Você me surpreende às vezes", deixei escapar, quando na verdade pretendia ficar quieta.

Ele deu uma risadinha e ficou de pé. "Aposto que não era isso que esperava dizer quando a gente se falou pela primeira vez uns meses atrás e você roubou o meu guarda-chuva."

A leveza no seu tom de voz me levou a fazer uma pausa. Aquilo me fez bem. Eu queria me deixar levar. “Você me deu o guarda-chuva.”

“E para quê, no fim das contas?” Ele franziu a testa, terminando de ler os papéis antes de deixá-los sobre a mesa. “Você vive esquecendo.”

“E não foi a primeira vez que a gente se falou”, murmurei para mim mesma como um lembrete enquanto sentava à mesa de reuniões.

Houve um momento de silêncio.

“Vestido preto. Sapatos nude, batom vermelho. Gim-tônica. Péssimo equilíbrio”, Henry listou, olhando para mim.

Fiquei sem fôlego por um instante.

“Eu me lembro. Só presumi que estávamos ignorando o que aconteceu”, ele acrescentou, contornando sua mesa e se sentando à minha frente. Henry me olhou de um jeito diferente dessa vez. *Aquele* olhar. Não com uma risadinha ou um sorriso. Como se não conseguisse olhar para outra coisa.

“Ah.” Minha mente deu um branco, e tentei recuperar algum autocontrole. O que me mantinha firme era o fato de ele ter me esquecido depois daquele primeiro dia, e agora eu não sabia como ia ser. “Era vodka soda.”

“Você parecia entediada naquela noite.”

“Eu estava trabalhando.”

“Mas quando está aqui você não fica com aquela cara.”

Porque não consigo parar de pensar naquele beijo.

“Você devia ir com a CiCi na festa da sua irmã”, falei do nada. Ele pareceu realmente surpreso, e meu coração foi para a

boca. “Ou no jantar de caridade do Augustus no fim de semana que vem, ou qualquer lugar onde vocês possam ser fotografados juntos.”

Foi uma coisa que tinha ficado na minha cabeça a manhã toda depois da visita de CiCi. Ela era uma baladeira convertida, que fazia parte do conselho de fundações beneficentes e aparecia nas colunas sociais apenas com ações filantrópicas.

Era uma matéria que se escrevia sozinha. A princesinha da alta sociedade com seu príncipe perfeito. Todo mundo engoliria essa merda com gosto.

“Mas eu não...” Henry resmungou alguma coisa que não consegui ouvir. Provavelmente porque a minha pulsação estava ecoando nos meus ouvidos.

Bati uma mão na outra, respirei fundo e levantei os olhos com a maior animação de que era capaz. “O conselho inteiro é composto de gente da alta sociedade. Eles vão adorar a CiCi. Vai transmitir uma imagem apropriada e respeitável.”

Ela era perfeita para Henry.

Ele baixou os olhos, flexionando os músculos do maxilar. “Se é isso que você quer.”

“É, sim.” Meu corpo todo tremia. “Confia em mim. Eu sou muito boa no que faço.”

23

HENRY

No dia seguinte, fui falar dessa ideia com CiCi. Ela franziu o nariz, incomodada.

"Isso é meio esquisito. Mas por mim tudo bem. Mal não vai fazer", ela garantiu.

Quando CiCi me mandou mensagem mais cedo para me contar que o brunch do fim de semana ia ser na casa de Xander, eu a convidei para passar no meu escritório para conversar sobre a ideia que Selena tinha dado no dia anterior.

"Ah, é?" Um calafrio de desconforto subiu pela minha espinha ao pensar na ideia de sair com CiCi. Ela era um mulherão, só não era a pessoa certa para mim.

"Se vai pegar bem na imprensa, por que não?", ela disse, sem muita empolgação. Em seguida, olhou para o chão. "Eu não estraguei tudo ontem, né? Pensei que fosse ajudar, mas vivo cometendo *gafes*."

"Não tem nada que você pudesse estragar", afirmei.

Selena ficou toda feliz por me juntar com CiCi. Se isso não era um sinal claro de rejeição, eu não sabia o que poderia ser. Eu já tinha entendido o recado, mas ela fez questão de montar um outdoor na minha cara.

Eu precisava me concentrar em algo mais realista.

O trabalho. O conselho. A Verge.

“Acho que já tive companhias piores para jantar.” Seus ombros desabaram, e a tristeza se estampou no seu rosto.

Ah, que ótimo, mais uma mulher praticamente entrando em depressão por precisar sair comigo por uma noite. “Está tudo bem, Ci?”

Ela deu de ombros. CiCi era do tipo que não escondia suas emoções. Estavam sempre estampadas no seu rosto, onde quer que fosse. Mas se colocar a conversa em dia com ela, como amigo, durante um jantar, enquanto os tabloides enlouqueciam para tentar entender o que estava rolando, me ajudasse a me livrar da cláusula de moralidade, então estava fácil.

“Talvez a gente esteja no mesmo barco, no fim das contas”, ela disse baixinho, levantando-se da cadeira. Mas, no clássico estilo CiCi, voltou a ser um raio de sol logo em seguida. “Aonde você vai me levar nesse encontro falso?”

“Nenhum lugar interessante. No jantar de caridade do Augustus.” Dei uma risadinha. “Vai ser um trauma para o resto da vida.”

Ela foi saindo da minha sala, mas parou na porta. “Esse lance da Selena, sabe, seria um ótimo assunto para conversar com seu melhor amigo.”

“Você também?”, resmunguei. Eu sabia que precisava me resolver com Marcus. Não precisava que ficassem me lembrando.

“Não está aqui quem falou.” Ela ergueu as mãos.

Eu revirei os olhos. “Tchau, CiCi.”

A risada dela ecoou pelo corredor enquanto ela saía. CiCi não era de se deixar abater por pouca coisa.

"Tchau, Henry. Vejo você no nosso encontro super-romântico", ela disse lá de fora.

Numa coisa CiCi tinha razão. Bridget remarcou minhas reuniões da tarde para me dar tempo para treinar boxe com Marcus. Era uma distração bem-vinda do clima de frustração que me rondava no trabalho.

Eu não estava a fim de conversar, mas um treino de boxe significava que pelo menos poderia dar uns socos.

Isso sempre fazia com que eu me sentisse melhor.

Mais tarde, Marcus foi até meu escritório comigo para dar um oi para Bridget. Ela o conhecia desde que ele trabalhou aqui, uma década atrás. Seria mais difícil para Marcus cair nas graças dela de novo. Eu não era o único ainda puto por seu abandono total por dois anos.

"Henry", Bridget me cumprimentou afavelmente, mas então fechou a cara. "Sr. Sutton."

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa em sua defesa, a porta do elevador se abriu e um entregador veio andando na direção da mesa de Selena com um arranjo de flores enorme na mão.

Observamos os movimentos dele, que pareciam em câmera lenta, enquanto punha as flores na mesa e Bridget assinava o recebimento. Nós trocamos olhares e esperamos até o elevador começar a descer para voltarmos nossa atenção para o cartão.

Marcus tirou o envelope do arranjo antes que Bridget ou eu pudéssemos fazer o mesmo.

"Ah." O sorriso triunfante de Marcus desapareceu do seu rosto quando leu o cartão. "É para Selena."

Eu o tomei da mão dele. O zumbido de raiva que reverberava em mim ficou mais alto quando li aquilo.

Saudade da praia.

Saudade das sessões de fotos improvisadas.

Saudade de você.

Com amor,

Miles

"Quem é Miles?" Eu mal consegui ouvir a pergunta de Marcus com a minha pulsação ecoando tão alto nos meus ouvidos.

"Sei lá."

Coloquei o cartão de volta no arranjo e enfiei as mãos trêmulas no bolso.

Marcus e Bridget se entreolharam.

"Está tudo bem?", ele perguntou.

"Preciso voltar ao trabalho", falei para os dois, indo para a porta da minha sala. "Tchau, Marcus."

Fechei a porta e fiquei andando de um lado para o outro, tentando organizar os meus pensamentos atropelados. A cada poucos segundos, um novo questionamento aparecia, um mais irritante que o outro.

Eles estavam juntos?

Era um relacionamento sério?

O mundo ao meu redor virou um borrão. Meus pensamentos giravam a mil, e eu não conseguia extrair deles nada sensato.

Tudo que eu sentia era raiva.

Raiva de Selena por ser tão perfeita. Raiva da porra desse cara, quem quer que fosse. Raiva de mim mesmo por me sentir assim.

Quanto tempo levaria para eu rastrear esse tal de Miles?

Podia perguntar para Selena, verdade, mas isso implicaria admitir que ela consumia todos os meus pensamentos, apesar de querer ficar bem longe de mim.

Senti um aperto no peito.

Não sei quanto tempo fiquei andando de um lado para o outro, talvez uns dez minutos, mas em algum momento Marcus tinha entrado silenciosamente e se sentado.

"Miles Asher." A voz de Marcus deteve os meus passos, minutos depois. Ergui os olhos e vi que ele estava lendo alguma coisa no seu celular pessoal. "Ator de Hollywood."

"Eu devia me preocupar por você conseguir essa informação tão rápido?"

"Isso fica a seu critério. Pensa que eu não investiguei *cada um* dos ex-namorados da Sloan?"

"Que saudável", retruquei, sarcástico.

Ele deu de ombros. "Um passo de cada vez."

"Esse é aquele idiota dos filmes de super-herói?" Comecei a andar de um lado para o outro de novo.

Marcus começou a rolar o que pareciam ser as várias páginas de informações que conseguiu levantar em minutos.

“É. Ele vai estar na cidade na semana que vem.”

O ciúme invadiu as minhas veias. Eu precisava saber mais. “Há quanto tempo eles estão juntos?”

“Isso não ficou claro. Eles são bons em encobrir os rastros. Mas tem fotos dos dois de até um ano atrás.”

Um ano. Então é sério. O arame farpado enrolado em torno das minhas costelas se apertou. Passei tempo demais me perguntando por que Selena queria voltar para Los Angeles, sendo que o motivo era que tudo o que ela amava estava lá.

Ele estava lá.

“Mais alguma coisa?”, perguntei.

“Contas bancárias, endereço, tipo sanguíneo, alergias alimentares...” Marcus ergueu os olhos, levantando as sobrancelhas. “Isso pode ser útil.”

Fui para trás da minha mesa e sentei. Soltando o ar com força, escondi o rosto com as mãos. Eu não só tinha beijado uma funcionária, mas também uma mulher comprometida com uma figura pública. Os tabloides iam *adorar* isso.

Devia ser por isso que eu estava me sentindo como se a minha caixa torácica estivesse sendo aberta com um picador de gelo.

“Caralho”, esbravejei. Ela estava namorando esse cara fazia anos. Então não era um lance passageiro. Provavelmente — eu rangi meus dentes uns contra os outros — era *amor*.

Bom para ela.

Ela era meiga e carinhosa. Inteligente. Determinada. Perfeita para caralho. Merecia ser feliz.

“Ele vai passar as próximas semanas hospedado no Mandarim. Você pode fazer parecer um aciden...”

Levantei os olhos para encará-lo. “Não tem graça.”

“Tem um pouco de graça. E é uma possibilidade plausível.” O celular do trabalho dele tocou mais uma vez dentro do bolso. Provavelmente pela quarta vez desde que Marcus entrou na minha sala.

“Pode ir trabalhar. Eu estou bem”, garanti.

“Você sabe onde eu moro.” Ele apoiou as mãos nos braços da cadeira para levantar. “Se quiser conversar.”

“E se eu aparecer e você sumir por mais alguns anos?”, perguntei. Foi isso o que tinha acontecido da última vez que a minha vida começou a sair dos trilhos.

Ele parou e soltou um suspiro. “Você sabe que eu não vou para lugar nenhum.”

“Por causa da Sloan. Seu melhor amigo e seu irmão mais novo não eram suficientes para fazer você ficar?”

A indecisão ficou aparente no rosto dele. “A gente pode tirar isso a limpo de uma vez por todas?”

“Não.” Eu afundei na cadeira. “Hoje está um caos.”

Ele assentiu, e o relaxamento quase imperceptível nos seus ombros me mostrou que estava decepcionado. Nós precisávamos conversar, mas aquela não era a hora.

SELENA

“Oi, Preston.” Sorri quando entrei no elevador privativo com ele. Depois de semanas trabalhando ali, percebi que esses eram

os que o pessoal dos andares executivos usava, para evitar tantas paradas na descida e na subida.

Preston começou a contar uma história sobre seu barco, ou coisa do tipo. Eu parei de prestar atenção. Estava voltando de um almoço prolongado com Lauren porque não queria pegar mais uma visita de CiCi se ela voltasse ao prédio. Tinha passado uma hora dizendo para a minha amiga que por mim tudo bem se Henry e CiCi virassem mesmo um casal. Com base em sua reação, Lauren não acreditou nem um pouco.

Henry parecia gostar da companhia dela. Talvez eu tenha sugerido uma coisa que já estivesse na sua cabeça fazia um tempo.

"E foi assim que aprendi a sempre aproar ao vento a partir da amura de estibordo." Preston deu uma risadinha para si mesmo. Ele estava falando sobre velejar? Eu nem lembrava mais. "Erro de principiante."

O elevador apitou quando chegou ao último andar.

"Até mais." Fiz um aceno de despedida, sem me preocupar em saber se Preston já tinha terminado sua história tediosa. Aquele homem seria capaz de falar sobre barcos a vida toda sem se cansar.

Depois de apenas alguns passos saindo do elevador, vi um arranjo de flores enorme em cima da minha mesa. Ele estava no fim do corredor, mas dava para ver dali o cartão dourado enorme. Olhei para a mesa de Bridget, mas ela não estava lá.

A vergonha tomou conta de mim. As flores foram enviadas por Miles, só podiam ser dele. Não havia a mínima

possibilidade de eu explicá-las para Henry, então ou eu as escondia, ou jogava fora.

Fui andando o mais rápido que podia sem parecer uma doida correndo pelo corredor até trombar de frente com o que parecia ser um muro de tijolos.

Cambaleei para trás, e um par de mãos firmes me segurou pelos ombros. Era Henry.

"Se continuar trombando assim em mim, vou começar a achar que é pessoal", ele brincou, mas seu tom continuou sério. Seus olhos se recusavam a se fixar nos meus. "Você está bem?"

"Hã, sim." Balancei a cabeça para desanuviar os pensamentos e olhei para ele.

Meus ombros imediatamente sentiram a falta do calor das suas mãos quando ele me soltou.

Eu me perguntei se Henry teria visto as flores, mas ele parecia distraído, então talvez não.

"Marquei uma reunião com a Rita para pegar os contatos do Griswald", contei.

"Ah." Ele levantou as sobrancelhas e, pela primeira vez, pareceu assumir um tom mais leve. "Que ótima notícia."

"Vou falar com ela na segunda. Estava pensando em tirar o resto do dia de folga, tudo bem para você?"

"Na semana que vem?" Os olhos dele pareceram perdidos em pensamentos, e os maxilares se flexionaram. "Sim, claro."

"Obrigada." Imediatamente fui em direção à minha sala, para descartar as flores.

“Ah, e aliás...”, Henry falou enquanto eu me afastava, sem olhar para mim. Em vez disso, ficou olhando apenas para a tela do celular em sua mão. “Eu vou com a CiCi ao jantar de caridade do Augustus no próximo final de semana.”

“Que ótimo.” Meu coração desabou.

Ele me olhou com um sorriso tenso e foi para os elevadores atrás de mim.

24

SELENA

Na segunda-feira, passei na sede da Pearson logo de manhã. A lista tinha os nomes que eu esperava. Rita também incluiu alguns dos membros mais proeminentes do clube, como os Sheffield. Se eu bem me lembrava, era a família da mãe de Henry. Era estranho ele não saber que os seus parentes eram membros.

Chloe, a assistente de Rita, me parou quando eu saía, fazendo um gesto para eu me aproximar e abrindo a primeira gaveta da mesa. “Chegaram algumas entregas para você nas últimas semanas.”

Ela pegou uma pequena pilha de cartões. “Na maioria das vezes eram flores, mas teve também uma caixa de chocolates que pareciam bem caros... que não sei onde foram parar.”

Havia dois cartõezinhos dourados. Cada um com uma mensagem de Miles.

“Tem alguém tentando chamar sua atenção”, Chloe brincou.

“Obrigada”, falei, indo para o elevador com os cartões na mão.

Contando as flores, Miles tinha mandado quatro presentes diferentes. Nós terminamos em bons termos. Quando as coisas

foram perdendo o fôlego, liguei para ele, e nós concordamos que estava tudo acabado. Tudo bem fácil e tranquilo.

Mas, pelo visto, não.

Ficou claro que eu precisava ligar de novo e pedir para ele parar com isso, mas na verdade não queria. Por que eu teria alguma obrigação de ensiná-lo a aceitar uma rejeição?

Quando fui lá para fora, vi Drake parado ao lado do carro, me esperando. Sorri para ele e me acomodei no banco de trás para estudar a lista que Rita tinha me passado.

Desde a noite em que fiquei até tarde trabalhando com Henry, ele mandava um motorista para me levar para casa depois que anoitecia. Então passou a ser todos os dias depois do trabalho. E então Drake começou a ir me buscar também. Agora sempre tinha um carro à minha espera antes e depois do expediente.

Drake admitiu para mim uma vez que não podia sair do meu lado até que eu entrasse no lugar onde estava indo, por ordens de Henry. Eu queria protestar, mas não consegui. Sempre que um sentimento além do trivial surgia quando eu estava perto de Henry, alguma coisa acontecia comigo. Era preciso manter nossas conversas tão sem graça quanto possível.

Drake era um cara quieto e meio assustador, um ex-fuzileiro naval que tinha virado segurança. Ele me assegurou de que sua única função era garantir minha proteção, mas parecia um exagero mandar um cara que tinha sido atirador de elite em operações especiais me levar para todo lado.

Esse lado protetor de Henry deixava claro que eu tinha que tomar muito cuidado. Ele era bom em fazer com que eu me

sentisse segura. Mas precisava admitir que, depois de uma vida toda tendo que me virar sozinha, era bom ter alguém cuidando de mim.

"Vou tirar o resto do dia de folga, então pode me deixar em casa", falei para Drake do meu assento. Ter uma tarde para mim seria bom depois de tudo o que aconteceu naquela última semana. Marquei de almoçar com Isabelle e Lauren, e Drake já estava sabendo.

Drake abriu um meio-sorriso no retrovisor. "Você sabe que eu não posso fazer isso."

Soltei um suspiro e falei onde ia almoçar.

Os bilhetes de Miles estavam começando a se tornar uma coisa irritante, e até pensei em falar a respeito com Drake. Mas eu sabia que ele ia contar para Henry, e então eu precisaria conversar com Henry sobre Miles, uma conversa que nunca pretendi ter.

Eu podia resolver isso com uma mensagem que deveria ter mandado semanas antes.

Eu: Oi, Miles. Obrigada pelos presentes, mas não é apropriado.
Eu: Isso precisa parar.

Os pontinhos que indicavam um resposta apareceram, e então desapareceram. Minha esperança era que ele tivesse entendido o recado.

25

HENRY

Eu já tinha saído com CiCi um milhão de vezes. Nós nos conhecíamos a vida toda. Mas, de repente, ficar a um metro e meio dela me deixou com os nervos à flor da pele. E ela parecia sentir a mesma coisa.

"Pelo menos tenta parecer menos constrangida", implorei quando sentamos à mesa.

"Quem está constrangida?", CiCi falou, mexendo no guardanapo. Ela olhou ao redor para ver todas as cabeças que se viraram quando entramos juntos. Um casal Amari-Cummings com certeza chegaria às colunas sociais. Ela deu um belo gole no vinho e suspirou. "Aliás, *você* parece que está passando mal. Qual é o problema?"

Além do fato de que Miles passaria as próximas semanas na cidade? Saber que Selena provavelmente iria ficar com *ele* todos os dias depois de sair do trabalho — sair de perto de mim — estava me deixando louco.

"Além de sair com uma mulher que é praticamente minha irmã?" Dei uma risadinha, tentando achar alguma graça por Selena ter acrescentado "casamenteira" a suas funções na empresa. "Nada."

CiCi revirou os olhos. “Se você não puder contar nem para a sua falsa namorada, vai se abrir com quem?”

Eu estava revivendo aquela noite nos Hamptons sem parar na minha mente. Não conseguia parar de pensar no quanto estávamos nos divertindo. Ou nas conversas que tivemos depois disso, quando Selena passou a me evitar. Era impossível que fosse só coisa da minha cabeça.

“Por que somos iguais?” Retomei o que CiCi tinha falado no meu escritório, quando a convidei para o evento.

“Hã?” Ela levantou os olhos da taça de Beaujolais que estava girando.

“Lá no meu escritório, você falou que a gente era igual.”

“Ah, nada.” Seus cabelos loiros ondulados se moveram quando ela balançou a cabeça. “Não é nada sério.”

“Tem certeza?” Me inclinei para a frente e apoiei os braços na mesa. Em algum lugar no Upper East Side, minha mãe estava agarrando o colar de pérolas e tendo um faniquito. “Quem Xander, Rohan, Tristan e Jax vão visitar agora?”

CiCi estava chateada e, sempre que Sloan ou ela ficavam com o coração partido, os quatro estavam por perto para executar a vingança.

“Ninguém.”

“Ci”, falei num tom brincalhão. “Se você não puder contar nem para o seu falso namorado...”

“Eu estou bem.” Ela suspirou. “Sério mesmo. Não precisa chamar os quatro cavaleiros do apocalipse, principalmente para desviar a atenção da sua”, ela baixou o tom de voz para um sussurro, “situação com a Selena.”

“Não tem situação nenhuma.”

“Não foi o que eu senti vendo o jeito como ela olha para você”, CiCi murmurou, cruzando os braços e depois dando um gole no vinho como se estivesse claramente me julgando. “Eu nunca vi um Amari desistir assim tão fácil.”

Eu me ajeitei na cadeira, tentando lembrar onde estava e não acabar falando alguma coisa sobre o que sentia por Selena. “É diferente nesse caso. Ela está saindo com uma pessoa.”

“E daí?” CiCi deu de ombros. “Eu sou socialite desde os dezoito anos de idade. Conheço muito bem o olhar de uma mulher faminta.”

Ela abriu um sorriso provocador.

Um alívio se espalhou pelo meu corpo. CiCi tinha percebido também. Selena sentia *alguma coisa* por mim.

“A gente pode mudar de assunto?” Eu precisava investigar isso mais a fundo, mas não ali.

“Claro”, ela concordou. “Ah, eu ia perguntar uma coisa para você e esqueci. Sabe aquele cara britânico com quem você veio almoçar aqui um tempo atrás? Um mais velho, meio arrogante. Ele vai vir para a regata de novo?”

Fiz uma pausa. Meu almoço com Charles foi sua primeira visita a uma das sedes do Augustus, ou pelo menos foi isso o que ele me disse. “Quê?”

“Bom, como é um falso encontro, pensei em já ir adiantando algumas coisas que preciso resolver. Eu estou fazendo o planejamento da regata do ano que vem da sede do Augustus, nos Hamptons. Ele estava lá na desse ano, em maio, e parecia todo amiguinho do Preston, então achei que era um

convidado seu. Não lembro o nome dele, mas queria mandar um convite."

Fiquei paralisado. Minha família não tinha ido ao evento porque foi logo depois do falecimento do meu avô.

Essa coincidência toda vinha me incomodando desde que descobri quem Emily era. Preston não tinha descoberto a Verge por acaso. Foi Charles quem plantou essa semente. Mas por quê? "Charles Hayworth?"

Ela estalou os dedos. "Isso mesmo! Obrigada, Henry."

Eu assenti com a cabeça.

CiCi e eu passamos o resto do jantar colocando a conversa em dia. Nos últimos dois anos, eu tinha enterrado a cabeça num buraco enquanto me preparava para assumir o comando da empresa. Em vez de buscar apoio nas poucas pessoas que faziam parte da minha vida, me afundei numa solidão autoimposta movida a bebida e mulheres. E usei essa amargura para alimentar o rancor que sentia por Marcus ter ido embora.

Encerramos a noite mais cedo. Eu a deixei em casa e, no caminho para a minha, cheguei a pensar em procurar Selena. Olhei para o relógio. Ainda não era tão tarde para fazer uma visita inesperada a Sloan e Marcus. Mas a última coisa que eu queria era interrompê-los, então mandei uma mensagem para ele antes.

Madeline, a governanta da casa, abriu a porta para mim. Era pouco antes das dez. Eles estavam no sofá, lendo e bebendo vinho tinto.

“Desculpa a gente não ter ido no jantar do Augustus.” Sloan sorriu e abriu um sorriso malicioso para Marcus.

Revirei os olhos e me virei para ele. “Você contou para ela?”

“CiCi contou para ela”, Marcus me corrigiu, abaixando a taça. “Não vai demorar para aparecer nos jornais.”

“Ainda está cedo”, Sloan provocou. “Obrigada por não ter dormido com uma das minhas melhores amigas.”

“Pelo menos um de nós pode dizer isso”, retruquei, e o sorriso desapareceu do rosto dela. Olhei para Marcus. “Preciso conversar com você.”

Marcus se levantou, deu um beijo na cabeça dela e acenou para que eu o seguisse. Nós nos sentamos diante do tabuleiro de xadrez no seu escritório, e ele fez o movimento de abertura. Em silêncio, esperava que eu explicasse o motivo da visita inesperada.

“Se você pudesse voltar no tempo”, comecei, movendo primeiro meu peão. CiCi tinha razão. Ele era meu melhor amigo e estava tentando me ajudar fazia meses. “Você teria roubado a Sloan do namorado dela, quem quer que fosse, quando se deu conta do que sentia por ela?”

As palavras mal saíram da minha boca e ele já respondeu, cheio de convicção. “Com certeza.”

Então moveu um peão para o centro do tabuleiro.

“Certo. Eu tiro o namorado de cena. Ela continua sendo alguém que trabalha para mim.” Movi o bispo em seguida, preparando minha abertura. “Continua fora de cogitação.”

Marcus não falou nada enquanto estudava o tabuleiro. Depois de uma longa pausa, fez seu movimento, sacrificando o

peão, e me encarou. “Gambito do rei? Que previsível. E, sobre o que você disse, eu considerava que Sloan estava fora de cogitação para mim, e aqui estamos nós.”

Reconheci seu contra-ataque e levei o peão, mas mudei de estratégia. “Com você e Sloan era outra coisa.”

“É. Ela é a irmã mais nova do meu melhor amigo. Unha e carne com o meu irmão. E a neta do meu mentor, ainda por cima. E com ligações próximas com a concorrência.”

“Isso só mostra que você não respeita nenhum limite.”

Ele deu risada. “Talvez não mesmo, mas eu estou com ela.”

Eu não conseguia me concentrar no tabuleiro. Fui até o carrinho de bebidas do escritório.

“Selena trabalha para mim”, lembrei.

“Em caráter temporário. E, *tecnicamente*, ela trabalha para Sloan.”

Servi dois copos de uísque. “Ela volta para Los Angeles no verão do ano que vem.”

Ele fez uma pausa quando entreguei o copo, esboçando um sorriso. “Já está pensando no futuro?”

“Só estou dizendo que não vale a pena implodir a minha vida por causa de uma coisa que vai acabar daqui a oito meses.”

“Está contando os meses?” O sorriso dele apareceu de vez. “Você gosta dela.”

Pois é, gostava. Muito mais do que estava disposto a admitir. Originalmente, a ideia de que Selena iria embora em pouco menos de um ano serviu como um incentivo. Eu podia ficar

um tempo com ela e finalmente virar essa página. Então Selena voltaria para Los Angeles.

Mas eu já não conseguia mais pensar assim. Eu queria que ela ficasse? Para quê? Não havia nenhuma ideia romântica na minha cabeça, tipo casamento ou filhos.

"Dá para se concentrar?", esbravejei.

"Olha *quem fala*. Você está pensando em se livrar do namorado, mas não consegue pensar num jeito de fazer as coisas darem certo?", Marcus zombou.

"Não posso fazê-la ficar aqui."

Fui tomado por uma onda de culpa. Eu não podia tentar destruir o relacionamento dela com alguém que talvez amasse de verdade. Não só para ter alguns meses do que provavelmente seria um sexo intenso. Selena merecia mais que isso. Eu gostava dela. Queria que fosse feliz.

Era *isso*. Esse era o motivo por que eu não queria saber de relacionamento. Muitas prioridades conflitantes. Muitas possibilidades de turvar o meu bom senso.

"Não tenho nada a oferecer para ela além de alguns meses", falei. "Talvez eu só precise que alguém me fale para esquecer o que sinto por ela."

Alguns segundos se passaram. Marcus franziu a testa. "Tem certeza?"

Soltei um grunhido. Na longa lista de coisas de que eu não precisava, com certeza estava uma palestra sobre amor feita por Marcus. Me virei e vi uma coisa que Marcus tinha deixado sobre a mesa.

A curiosidade se tornou irresistível quando vi um nome conhecido.

Julian Waldorf. O ex de Sloan.

Peguei a folha e vi que aparentemente eram contas bancárias do mundo inteiro. Quase todas zeradas. Não era um segredo. Os papéis estavam em cima da mesa para todo mundo ver, e Marcus não era do tipo que cometia esse tipo de erro. Principalmente por falta de cautela. Seja lá o que estivesse fazendo, Sloan sabia.

"Sempre soube que você exagera na dose, mas sério mesmo que está planejando alguma coisa sinistra contra o Julian Waldorf?" Eu dei risada, passei os olhos pela lista de empresas e vi um nome que me pareceu estranhamente familiar. Heritage Limited. Eu já tinha visto esse nome antes.

Marcus se virou para mim e se levantou. Então foi para trás da mesa e pegou mais alguns papéis.

"Eu não estou tentando matar o cara nem nada", ele se defendeu. "Se estivesse, ele já estaria morto."

"Eu não duvido." Passei os olhos por mais alguns papéis. Pareciam balanços financeiros de empresas de fachada.

"Mas acho que ele ia preferir que eu estivesse depois de tudo isso."

"Só porque ele namorou a Sloan."

"Não." Ele passou a mão no cabelo e apontou com o queixo na direção da cadeira. "Senta aí."

Marcus ficou bem sério, até mesmo para os seus padrões. Senti a preocupação tomar conta de mim. Julian andou

incomodando Sloan depois do fim do relacionamento, o suficiente para Xander ter mencionado uma vez, de passagem.

"O que foi que ele fez?", perguntei com a maior calma que podia.

Marcus apontou para a cadeira e se sentou. Eu fiz o mesmo.

Ele soltou o ar com força e esperou um pouco antes de começar a falar. "Depois que já tinha terminado com ele, Sloan saiu com o pessoal uma noite, e Julian estava no mesmo bar aonde eles foram. Ele tentou encurralar a Sloan, foi violento com ela, e Tristan viu. Ele, Xander e Rohan arrastaram Julian para fora e deram uma surra nele que quase matou o cara. Ela ficou bem."

Eu me contorci na cadeira. *Quê?* Sloan e eu tivemos nossos dramas familiares, mas ela ainda era minha irmã mais nova. Por que ela não me contou?

"E esse filho da puta ainda está vivo?", retruquei. Uma raiva crescente começou a turvar meus pensamentos. Por que *ninguém* me contou?

Marcus contraiu o maxilar, claramente ofendido pela minha crítica de como ele lidou com a situação. "Estratégia de longo prazo."

Conversar com ele era como conversar com o Charada. "E isso quer dizer que...?"

"Depois dessa confusão toda, Sloan e Xander começaram a investigar os problemas financeiros da família, com base no que ela sabia sobre os Waldorf. Mas, num golpe de sorte, ou talvez do karma, todos os crimes da família foram vazados para a imprensa, e depois disso eles precisaram correr para

esconder seus bens. Foram afobados, e Xander conseguiu encontrar tudo. Está trabalhando como um cão farejador para juntar todas as provas e entregar para as autoridades federais." Ele fez uma pausa, e uma expressão de orgulho ficou evidente no seu rosto. "Enfim, Xander me contou sobre isso no verão. Eu contei para Sloan e agora estou contando para você. No caso das contas que as autoridades não conseguem acessar, eu estou comprando as empresas e entregando para eles, para acelerar o processo."

"Estão esvaziando as contas. E depois?", perguntei, apesar de já saber a resposta. Para os Waldorf, que eram parte do primeiro escalão da alta sociedade fazia um século, perder dinheiro era uma coisa, mas ter seu status social arruinado era outra completamente diferente. Era um destino pior que a morte, e Marcus sabia disso.

"Depois é só ver a casa cair", ele falou, com um tom de frieza absoluta. "Quando eles forem irrelevantes, ninguém vai se importar com o que acontecer com Julian."

Fiquei atordoado por um instante. Eu estava tão envolvido com as minhas próprias questões que não tinha ideia do que estava acontecendo com a minha própria irmã. De novo.

"Agora que eu contei, é a sua vez. Por que você veio aqui?" Ele cruzou os braços e tentou redirecionar a conversa para Selena como se não tivesse acabado de despejar uma bomba. "Para me fazer convencer você a desistir ou ir fundo?"

Eu queria ir fundo. Queria Selena para mim. Mas havia outros fatores a levar em conta.

Com ela, nada era simples. Nem como eu me sentia nem a forma de chegar até ela, nem o que estava disposto a fazer para ficarmos juntos.

Só essa disposição era uma coisa assustadora. Sempre me disseram que o medo era instrutivo, um aviso de quando era melhor reconsiderar ou fazer uma retirada estratégica.

Eu precisava levar em conta a imprensa, o conselho, tudo.

Girei o copo na minha mão. "E a imprensa?"

"É só não contar." Marcus falou isso como se fosse uma coisa óbvia ou fácil. Eu adoraria que fosse simples assim. A imprensa sempre dava um jeito de descobrir coisas sobre a minha vida porque estava sempre procurando. "Fiquem na surdina por um tempo. Se vazar, bom, por sorte ela trabalha com relações públicas."

Meus ombros desabaram. "Eu não posso fazer nenhuma cagada este ano."

Não podia mesmo. Era importante demais. Depois de passar a vida aprendendo tudo o que podia com o meu avô, alguns poucos anos de más decisões colocaram o meu futuro em risco. Isso me levou a questionar tudo.

"E não vai." A seriedade da conversa foi retomada. "Esse cargo é difícil para você porque também seria para qualquer um."

Essas palavras me incomodaram. Porra, para ele era fácil falar. Todo mundo esperava a perfeição de Marcus Sutton, e era isso o que ele entregava. "Você criou a maior empresa de biotecnologia do mundo em coisa de cinco anos."

"Eu tive ajuda. Uma ajuda que você não tem."

Quando Marcus fundou a Sutton Industries, meu avô estava lá para guiar seus passos nos seus primeiros anos como CEO. Dizer que Rishi Amari tinha orgulho dele era um eufemismo.

"Sobre a imprensa", ele continuou. "Você acha que eu estaria numa posição diferente da sua se tivesse um sobrenome famoso?"

"Acho."

"Sair com alguém não é uma quebra da cláusula de moralidade, obviamente, ou você não teria ido jantar hoje com a CiCi. O problema nunca foi esse."

"Mesmo assim, pega mal", argumentei. "O conselho pode não gostar."

"Está colocando o conselho e a sua imagem pública na frente da sua felicidade?", ele começou, comprimindo os lábios. "Um cara babaca me deu um conselho bem razoável uma vez: não se torne um Rishi Amari."

Eu tinha dado esse conselho para Marcus quando ele quase implodiu o relacionamento com a minha irmã quando colocou os interesses do meu avô acima do que era melhor para Sloan. Um erro que ele não voltou a cometer.

"Babaca esperto", ressaltei, contendo o sorriso que ameaçava se abrir. Eu estava com saudade do meu melhor amigo. E cansado de ficar ressentido com ele. Meu problema era ter me sentido abandonado, mas Marcus era uma das poucas pessoas que não tinha segundas intenções para se aproximar de mim.

Terminei meu uísque e levantei. "Obrigado."

Ele assentiu com a cabeça.

Eu parei na porta. “Quer treinar um pouco de boxe depois do brunch do fim de semana?”

Ele riu e assentiu mais uma vez.

Antes de ir embora, passei na sala de estar. Sloan estava no sofá, lendo um livro. Ajoelhei no chão à sua frente, e ela me olhou, confusa.

“Por que você não me contou?”, perguntei baixinho.

Minha irmã tinha sido minha melhor amiga por muito tempo. Durante toda nossa infância, éramos nós contra todos.

Ela ter escondido de mim o que tinha acontecido com Julian me deixou chateado, mas a pior parte era saber que, nos últimos anos, eu a afastei a ponto de sentir que não podia mais contar comigo.

“Ele te contou.” Sloan suspirou. “As coisas estavam difíceis para você. A última coisa que você ia querer era um julgamento por homicídio.”

“Eu conheço uma ótima advogada”, lembrei. “Além disso, não teria sido pego.”

O olhar dela se tornou mais carinhoso. “Henry, eu estou bem.”

“Que bom. Eu gostei do plano.”

“Meio diabólico da parte do Xander”, ela comentou, baixinho. “Não se preocupa, Julian vai ter o que merece.”

Depois que saí de lá, recebi um e-mail criptografado de Marcus com tudo o que ele levantou sobre Miles. Eu não pretendia usar nada daquilo, mas era bom saber.

Eu conquistaria Selena à moda antiga.

26

SELENA

UM PAR PERFEITO NA ALTA SOCIEDADE DE MANHATTAN

Bem no meio da coluna social estavam as fotos de CiCi e Henry. Para uma assessora de relações públicas, era o equivalente a uma crítica entusiasmada. Vi o jornal no caminho de um evento de imprensa que eu nem sabia o que era. Foi só no fim da tarde que Henry me mandou uma mensagem pedindo para encontrá-lo lá.

Eu o evitei a semana toda. A excitação nervosa que eu costumava sentir foi substituída por um incômodo latejante.

Uma das fotos mostrava CiCi entrando no prédio da Amari Global. Alguém devia ter tirado no dia em que ela veio entregar os convites. Fiz uma anotação para me lembrar de ligar para o meu contato no tabloide e descobrir como eles conseguiram aquela foto. Provavelmente era uma que já tinham comprado antes e deram sorte de poder usar. Mesmo assim, era estranho.

As demais eram imagens feitas no clube Augustus. Eles ficavam perfeitos juntos. Havia algumas feitas casualmente também. Henry estava rindo, descontraído. Feliz.

Apesar de as coisas terem saído exatamente como eu queria, senti vontade de chorar.

O jornal tremia nas minhas mãos. Fiz meu melhor para firmá-las quando cheguei e a porta do carro se abriu. Eu desci e olhei ao redor. Estávamos na frente de uma pequena galeria, perto do Centro de Artes do Brooklyn.

Henry estava diante das portas de vidro, com as mãos nos bolsos e um sorriso alegre no rosto. Estava de bom humor. Certa herdeira loira deveria ser a razão para isso. O sol da tarde se despejava sobre ele, deixando seus olhos castanhos mais calorosos.

O aperto no meu peito se intensificou.

"Está dando certo", murmurei discretamente para Henry quando lhe entreguei a coluna social. Tentei ignorar o cheiro de seu perfume quando cheguei mais perto. Cedro e especiarias. "Eles adoraram vocês dois."

"Ah, sim, sobre isso." Ele esfregou a nuca, e a brisa fria de novembro soprou em seus cabelos. O jornal foi imediatamente para a cesta de lixo reciclável. "Sem chance."

Eu não disse nada enquanto as ondas de apreensão se aquietavam e eram substituídas pela curiosidade.

"O jantar foi ok, mas eu não posso fingir que estou namorando a CiCi", Henry explicou, apontando com a cabeça para a porta e fazendo um gesto para segui-lo. "Ela é como uma irmã para mim."

"Ah." Meu corpo de repente pareceu mais leve. Eu conseguia respirar fundo de novo.

A tranquilidade que me invadiu devia ter ficado aparente, porque ele sorriu. Um daqueles sorrisos devastadores.

"Mas foi uma boa tentativa", Henry me provocou.

"Cadê a imprensa?", perguntei em voz alta quando ele abriu a porta para mim e eu entrei na galeria. Havia algumas pessoas circulando, mas pelo jeito eu tinha perdido a parte do evento para jornalistas.

"Era um evento pequeno, só alguns apertos de mãos, algumas fotos", ele explicou enquanto atravessava o primeiro corredor até um espaço amplo com uma exposição de fotografia. "Todos esses trabalhos foram feitos por estudantes secundaristas locais."

"Ah." Meu coração disparou. Geralmente, era eu que organizava tudo, e Henry só assinava o cheque da doação.

Então eu me dei conta, como se fosse uma garoa num dia em que a gente esqueceu o guarda-chuva.

Era uma surpresa.

Para mim.

O mundo pareceu entrar em câmera lenta, mas o meu coração acelerou.

"Por quê?" Eu não sabia nem o que estava perguntando. "Por que a doação? Por que a surpresa?"

"Um adolescente com uma polaroide que ganhou da *abuela* pode muito bem ser o novo Ansel Adams", Henry falou em tom de brincadeira, avaliando lentamente com os olhos a fotografia de uma paisagem. "Parece um bom investimento."

Todas as vozes que sempre me diziam para fugir silenciaram. A empolgação, o desejo e a euforia formaram um

nó na minha garganta. Eu não conseguia falar, então passei para a fotografia seguinte, tentando me acalmar.

Nós continuamos assim, só admirando as fotos, por um tempo. Eu parei em uma de um lago de águas calmas cercado de árvores enormes, e Henry fez o mesmo. Ficamos ali absorvendo as imagens.

"Faz uma pequena excursão comigo."

Henry me pegou pela mão — de um jeito direto que ele não demonstrava desde os Hamptons — e apontou para a porta. Ele não me chamou, mas eu o segui sem objeções.

"Quê?", eu consegui dizer.

Ele não tinha nem passado no escritório ainda. Agora, em vez de ir para lá e trabalhar até tarde, queria sair? Minha cabeça não dava conta da rapidez com que ele parou de me evitar e começou a me querer mais perto. Mas meu coração não se importava, aparentemente. A sensação de ser atraída para a sua órbita era boa demais.

Acabamos indo ao Museu de História Nacional.

Era um dos meus lugares favoritos na cidade, e o cenário do meu filme predileto quando criança, *Uma noite no museu*. Henry claramente se lembrava desse comentário casual que eu tinha feito meses antes.

Meus saltos ecoaram pelo átrio grandioso e vazio, onde um dinossauro enorme me encarava de cima para baixo. Henry me pegou pela mão de novo e me levou para a escadaria.

"Acho que está fechado." Olhei ao redor e não vi ninguém por perto.

“É...” Henry deu uma risadinha. “Está mesmo.”

Ele tinha fechado o museu. Por mim?

Aquele dia estava abalando as minhas estruturas. A galeria, o museu, meu coração acelerando a uma frequência potencialmente fatal quando cheguei ao alto da escada e vi a mesa posta para dois.

“Eu adorava vir aqui quando era criança”, ele me disse enquanto caminhava até a mesa, parando a cada poucos passos para ver as peças expostas ao nosso redor. Eu parei um pouco para admirar as reproduções enormes dos mamíferos antigos africanos.

“Um museu?” Fui tomada por coragem. O homem que parecia ter controle total sobre cada um dos meus desejos tinha sido um pequeno nerd? “Você era um otário também?” Abri um sorriso e puxei a gola da sua camisa de um jeito brincalhão.

Henry me encarou, bem sério. “O Museu de História Natural é incrível. Um tesouro nacional”, ele avisou. Sentindo uma excitação trêmula em cada músculo do corpo, fui andando à sua frente. “Meça suas palavras.”

Lancei um olhar por cima do ombro. “Ou o quê?”

“Para.” Sua palavra de comando, ainda que em sussurro, me envolveu e se alojou no meu estômago.

Eu parei.

Ele veio ficar ao meu lado, colocando a mão no meu ombro. “Não se mexe.”

Seu hálito quente roçou minha orelha. Uma onda de arrepios percorreu o meu corpo.

Henry andou mais uns seis metros, mais ou menos, parou e se virou para mim. Sua boca se moveu, mas o que ele disse foi baixo demais para eu ouvir. Uma fração de segundo depois, escutei. “É uma galeria de sussurros.”

Fiquei paralisada. Ele lembrou de uma coisa que mencionei no brunch sobre meu filme favorito e me trouxe aqui. E lembrou daquele dia no Ritz, quando eu ainda achava que conseguiria detestá-lo se me esforçasse.

“Você lembra de tudo o que as pessoas mencionam nas conversas?”, murmurei baixinho, esperando o meio segundo necessário para sua reação com a respiração acelerada.

Ele balançou a cabeça.

“Não.” O sussurro chegou até mim.

Só eu.

“Sua próxima reunião com o conselho devia ser aqui. Morgan Parker ia adorar a exposição de pássaros”, falei baixinho. Um instante depois, seu peito se sacudiu com uma risadinha silenciosa.

“A Grand Central Station também tem uma galeria de sussurros.”

“Esses fatos interessantes sobre Nova York funcionam para...” Eu me interrompi antes de terminar a pergunta.

“Você?”, Henry disse baixinho de onde estava. Devia estar a mais de seis metros de mim, mas sua voz me envolvia.

Os batimentos no meu peito afogaram o ruído do restante do mundo. Henry foi até a mesa e puxou a cadeira para mim, levantou a mão e fez um gesto para que eu me sentasse. A

mesa, arrumada com perfeição, tinha uma pilha de caixas no meio.

Dei uma olhada nas embalagens. Eram do restaurante tailandês onde Lauren era sous chef. O primeiro almoço que compartilhamos foi um que ele roubou de mim, que Lauren me deixou quando estava se preparando para sua entrevista de emprego.

Fiquei boquiaberta, incrédula.

"Eu estava te devendo um almoço", ele explicou. "Apesar de, tecnicamente, você ter trapaceado."

Não tentei nem esconder o sorriso que se abriu no meu rosto. "Como você sabia de qual restaurante era?"

"Só tem um restaurante tailandês 'moderno e da moda' que é tão perto do escritório que dá para ir a pé", ele comentou casualmente como se não fosse uma coisa adorável ter descoberto onde Lauren trabalhava só para recriar nosso primeiro almoço juntos.

Meu coração disparou de novo.

"Você teve alguma coisa a ver com a contratação da Lauren?" Eu não sabia se deveria ou não ficar irritada com isso. Era uma coisa importante para ela, que estava nas nuvens.

"Não." Ele esfregou a nuca. "Só passei o nome dela para que recebesse uma oportunidade justa. O grupo que é proprietário do restaurante é de amigos da minha família. Mas ela entrou por mérito próprio."

"Por que fez isso?"

"Por que não?"

"Você não conhece a Lauren..." Eu me interrompi.

“Não, mas você sim.” Ele desviou o olhar para a comida à nossa frente, pegou os palitinhos e entregou para mim.

“Cuidado, é apimentado”, Henry provocou.

“Isso não é problema.” Eu sorri, me sentindo grata por estarmos deixando para trás aquele clima pesado. Se ele continuasse assim, havia uma boa chance de transarmos dentro de um museu. “A família da minha *abuela* era de Tonalá, em Guadalajara. Ela fazia um *pozole* apimentado que ia deixar você de joelhos.”

Ele fez uma pausa, como se estivesse resolvendo um quebra-cabeça mental. “E as *arepas*?”

Meu coração não ia resistir muito tempo àquilo. Ele lembrava dos meus pedidos de almoço.

“Meu avô era de Cartagena”, respondi.

“Você nunca falou dele, só da sua avó.”

O bar. O guarda-chuva. O curso intensivo de fotografia. O museu. A galeria de sussurros. As *arepas*. Henry estava prestando atenção em mim durante esse tempo todo.

“Eu não lembro de muita coisa”, admiti. “Só que ele me chamava de *pájaro*, porque comia uvas direto do pé no vinhedo onde ele trabalhava. Ele morreu quando eu era pequena.”

“Sinto muito.”

“Não precisa, isso foi há muito tempo. A gente mudou do Central Valley para Los Angeles depois disso.”

Henry olhou ao redor, pensativo. Mais uma peça do quebra-cabeça se encaixou em sua mente. Ele fazia a mesma cara sempre que isso acontecia. “As fotos dos vinhedos.”

“Ele era vinicultor num vinhedo enorme. Um dos poucos latino-americanos no ramo na época”, contei, orgulhosa. Meu *abuelo* tinha rompido muitas barreiras. Era mestre sommelier e tinha um paladar apuradíssimo para vinhos. “Ele sempre quis criar seu próprio rótulo.”

“É por isso que você quer voltar?” Sua voz saiu num tom que eu nunca tinha ouvido antes.

O arrependimento se acumulou na minha garganta. Eu não devia ter contado que ia embora. Pensei que ele nunca fosse perguntar por que ou se importar, mas naquele momento estava em dúvida se esse não era o verdadeiro motivo para tudo aquilo.

“Não, esse sonho era dele, não meu.”

Henry se inclinou para a frente na cadeira a fim de dizer alguma coisa, mas se deteve.

“Qual é o seu?”, ele perguntou alguns segundos depois.

“Não sei.” Eu respirei fundo. Quando saí da faculdade, Rita me contratou por um salário absurdamente alto, e eu não achei nada ruim. Mas agora parecia que eu tinha escolhido o caminho mais seguro. Mais prático. Eu não abriria mão de um baita salário para ir atrás de um sonho, muito menos sem saber qual era. “Talvez um dia eu descubra.”

Um silêncio leve e confortável preencheu o recinto. Henry me observava em silêncio, me ouvia com atenção, como se estivesse memorizando tudo o que eu dizia.

“Você não tem nenhum apelido fofinho?”, perguntei quando o peso de sua atenção total em mim se tornou excessivo.

Ele balançou a cabeça.

“Não mesmo. As babás me chamavam de sr. Amari, o que era uma forma bem estranha de se referir a um menino de cinco anos”, ele brincou.

Eu esperava que continuasse, mas não foi isso o que aconteceu.

“E a sua família?”, insisti.

A indecisão ficou estampada no seu rosto por longos segundos.

“Não, a gente quase não se via. Eu estudava no colégio interno e não ia muito para casa”, Henry respondeu. Uma tristeza surgiu em sua expressão, mas foi embora logo em seguida. “Mas a Sloan chama todo mundo por uma versão abreviada do nome. Acho que isso conta.”

“Isso é muito pesado para uma criança”, murmurei.

Henry tinha a aparência e os modos dos sonhos mais delirantes da alta sociedade.

Educado. Charmoso. Poderoso.

Eu estava percebendo que tudo isso tinha sido cuidadosamente construído. Sua vida era como um Monet — deslumbrante à distância. Invejável. Mas, vendo mais de perto, estava mais para uma constelação de deveres e expectativas. Pelo único motivo de seu sobrenome, ele foi criado para a grandeza. E uma vida inteira numa gaiola de ouro.

Henry deu de ombros. “Meu avô era determinado. Acostumado a ganhar a qualquer custo. Eu era sua esperança para o futuro. Seu legado. Era assim que ele me tratava.”

Não que eu quisesse julgar alguém, mas isso de ter sido mandado para longe de casa me provocou uma pontada no

coração. Eu entendia o tamanho do peso que os filhos e netos de imigrantes carregavam. Nossa tarefa era fazer com que cada sacrifício tivesse valido a pena. Minha família nunca me pressionou assim. Na verdade, eles me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos, mesmo se eu não quisesse. Dinheiro nenhum me faria trocar o que tive por uma criação como a de Henry.

Ele entendeu meu silêncio exatamente pelo que era: pena.

"Não precisa se sentir mal por mim. Eu ganhei uma sala bem bacana." Sua expressão se tornou mais leve.

Ele era irresistível quando se tornava *esse* Henry. O que se soltava. O que não falava com a formalidade da alta sociedade. Aquele que eu estava começando a entender que era o verdadeiro Henry.

Eu gostava de vê-lo assim. Descontraído. Vulnerável. E precisava demais.

"Henry", comecei, cautelosa, um pouco insegura se deveria mesmo perguntar. "Isso é um encontro?"

Ele balançou a cabeça. "Não."

Meu coração afundou. "Ah."

Henry se inclinou para a frente, levantou meu queixo com o dedo e acariciou meu rosto com o polegar. "Quando for um encontro de verdade, eu te convido primeiro."

Quando. Eu me senti como se estivesse flutuando. "Então... o que é tudo isso?"

Ele olhou ao redor e depois de novo para mim. "Uma noite no museu."

27

SELENA

Os seguranças da casa de campo dos Amari voltaram a ficar de olho em nós.

"Guarda esse celular, por favor", implorei para Lauren.

Quando passamos pelo imponente hall de entrada, fomos recebidas por arranjos florais intricados em cascatas, acentuados pela luz de velas perfumadas e lamparinas douradas, preenchendo o ar com uma fragrância encantadora.

Havia lustres de cristal pendurados no teto, lançando um brilho intenso sobre os pisos de mármore mais abaixo.

Eu não pretendia ir à festa do Diwali, mas quando a coordenadora do evento me ligou para confirmar o endereço para onde mandar os vestidos, decidi entrar na onda. Várias opções chegaram ao meu apartamento algumas horas depois, todas do famoso estilista Rahul Mishra.

Alguém tinha confirmado minha presença por mim, e eu estava torcendo para que fosse Henry. Mas então a coordenadora disse que eu havia respondido sim com um acompanhante, então a coisa não fazia muito sentido. A não ser que eu tivesse interpretado tudo errado.

“De jeito nenhum, as minhas postagens estão bombando. Ainda bem que consegui vir hoje.” Lauren se virou e filmou a opulência da festa. Ela tinha planos de ir a Boston ficar com uma amiga da época do curso de gastronomia. Ia no dia seguinte, mas conseguiu me acompanhar naquela noite. “Além disso, *eles* podem tirar vantagem de você, mas você não pode tirar nenhuma vantagem deles?”

Ignorei a vontade de retrucar. Aquele tipo de comentário estava começando a me incomodar. Henry era gentil e extremamente atencioso. Não era igual aos outros, e eu me sentia ofendida quando ela falava uma coisa assim.

Eu pretendia vir sozinha, mas Lauren ouviu a conversa e ficou tão empolgada que não consegui decepcioná-la.

Passamos pelo menos dez minutos na entrada da casa tentando entender como alguém poderia *viver* ali. Não que alguém fizesse isso, aliás — aquela era a casa de campo deles.

Era mais como um salão anexo a uma casa anexa a um hotel, e eu era capaz de jurar que tinha visto estábulos no caminho.

“Que bom que você passou a aceitar melhor o meu novo emprego”, falei quando me virei para Lauren e entreguei uma bebida para ela. Paramos no bar montado no hall de entrada, um de vários, antes de entrarmos.

Ela levantou a sobrancelha.

“Eu não falei que você não podia curtir. Só toma cuidado para não se envolver demais”, avisou.

Minha vontade de ver Henry podia ser vista como um envolvimento excessivo?

“O que quer que isso signifique.” Eu dei de ombros.

Cumprimentamos Sloan e Xander quando entramos, e Marcus alguns minutos depois. Vi todo mundo do círculo mais próximo de Henry, menos ele. Passamos um tempo explorando as partes da casa às quais os convidados tinham acesso. Havia uma biblioteca e um terraço deslumbrante.

“Selena!”, uma voz conhecida e animada chamou atrás de mim. “Que bom que você veio.”

“CiCi.” Qualquer outra coisa que eu pudesse dizer foi sufocada pela onda de ansiedade que me atingiu. Fiquei tão cega pela empolgação por vê-lo que acabei esquecendo que ela estaria aqui.

“Espero que não tenha sido muito presunçoso da minha parte confirmar que você viria.” Ela sorriu. Foi CiCi quem fez isso? “Acho que eu estava devendo a você uma festa para ir contra a sua vontade.”

“Me desculpa por...”

“Por favor, não precisa se desculpar.” Ela soltou uma risada linda e bem-humorada. “Um jantar entre amigos que todo mundo interpreta errado é basicamente um ritual de entrada no nosso grupinho.”

“Fico feliz que você não tenha ficado chateada.”

“Nem um pouco. Passar uma noite pondo a conversa em dia com Henry foi ótimo, mas acho que ele preferiria a sua companhia”, ela provocou. Seu olhar foi atraído por alguém, e ela fez um aceno. “Aparece no brunch de novo. Com certeza eu não vou ser a única a gostar de ver você lá.” CiCi deu uma piscadinha antes de sair correndo.

Jackson Prince, um amigo de Sloan, conseguiu atrair o interesse de Lauren, e os dois sumiram juntos, apesar de ela ter desaprovado esse tipo de proximidade com a alta sociedade pouco tempo antes.

Ali era fácil se deixar levar.

HENRY

Quando cheguei à casa de campo para a festa, minha família já estava lá. Evitei meus pais curtindo o ar frio do lado de fora. Eles tinham a tendência de estragar meu humor, que naquele dia estava excepcionalmente bom.

Nem me incomodei em passar a manhã no escritório, em reunião com os departamentos jurídico e financeiro. Eu estava cauteloso em relação a Preston, então pedi para outra pessoa da diretoria examinar os detalhes da aquisição. A conclusão foi a mesma: estava tudo certo.

Fora ter conversado com Charles Hayworth no verão passado, eu não tinha motivo para questionar a lealdade de Preston. Ele sempre foi muito útil ao meu avô, e eu o conhecia havia anos. Confiava nele.

O envolvimento de Hayworth ainda me parecia estranho, mas de resto tudo andou de acordo com o esperado. Eu estava um passo mais perto da aquisição.

Primeiro a Verge. Depois a efetivação como CEO. Depois Selena.

Ou em qualquer outra ordem. Não importava. Eu já tinha tirado Miles da jogada. Uma conclusão que tirei depois da noite no museu foi que ela também queria que algo

acontecesse entre nós. Eu não passaria do limite com ela, mas mostraria quais eram as opções possíveis.

"Sloan estava quase mandando caçadores de recompensas atrás de você." Marcus apareceu do meu lado e me entregou uma bebida.

A festa estava acontecendo no salão, que se abria para o terraço, com vista para o gramado sul da propriedade. Como era meio de novembro, boa parte do pátio estava sob uma estufa de vidro, que era montada todo ano para o evento.

"Cheguei faz uma hora", contei para ele, dando um gole no uísque. O cheiro dos pinheiros misturado com o da fumaça das fogueiras e o ar frio do outono me trouxeram lembranças da minha avó. Ela adorava essa casa. "Vim aqui para fora para evitar os meus pais."

Eu sabia que precisava entrar e cumprimentar os executivos e membros do conselho, mas o silêncio e a tranquilidade no gramado eram sedutores.

"Foi o que eu pensei."

A estufa estava quente e agradável, mas geralmente as pessoas só entravam mais tarde.

"Entediado?", perguntei. Normalmente nessas festas Sloan e Xander ficavam circulando o tempo todo, fazendo brincadeiras aleatórias e disseminando o caos, o que obrigava Marcus e eu a ficarmos conversando a maior parte do tempo.

"Não, eu vim procurar você para contar uma coisa." Seu olhar se voltou para o terraço, que servia de ambiente de transição entre o salão da casa e a estufa. "Selena está aqui."

Meus batimentos aceleraram. Não pensei que ela viesse. Não tinha me dito nada, pelo menos. “Ela trouxe...”

“Sim, trouxe uma de suas amigas.” A mania de Marcus de interromper os outros devia ser uma coisa que pegou de mim. Éramos amigos fazia tanto tempo que sabíamos o que outro ia perguntar. “Lauren, acho que é o nome dela.”

Eu sorri. Selena trouxe sua amiga para a festa. Não um cara. Não Miles.

“Eu apresentei a amiga dela para o Jackson, então Selena deve estar precisando de companhia. Espero que você não se importe”, Marcus comentou.

Desde os dezoito anos, tive alguém com quem sempre podia contar. Para as coisas importantíssimas e para as triviais também. “Você é um bom amigo.”

“Eu sou bom na maioria das coisas que faço”, ele falou casualmente. Revirei os olhos, e Marcus apontou com o queixo para o gramado oeste. “Vai falar um oi para a Sloan em algum momento da noite, de preferência antes dos fogos.” Ele se virou para se afastar. “Ah, e ela não vai gostar nada da sua roupa.”

Merda.

Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa. Era para ter vestido um *kurta* quando vim para cá, mas não me lembrei disso e estava com o terno que usei nas reuniões da manhã. Até queria me importar com esse fato, mas Selena ocupava cada um dos meus pensamentos.

Alguns minutos depois, vi Selena saindo para o terraço, sozinha. O top prateado que ela usava abraçava seu corpo. A

saia *lehenga* esvoaçante tinha um tom de azul intenso, com detalhes reluzentes em prateado que capturavam o luar a cada passo que ela dava.

Minhas pernas começaram a se mover antes que eu me desse conta. Os olhos dela passearam pelos arredores e finalmente me encontraram. Ela sorriu. Aquele sorriso. Que podia iluminar uma cidade inteira durante um apagão.

"Você não está vestido a caráter", Selena comentou baixinho enquanto descia os degraus do terraço na minha direção. "Ia morrer se colocasse outra coisa que não fosse um terno?"

"Talvez. Por que arriscar, né?" Estendi a mão para ajudá-la a descer. Ela a pegou. "Você está..."

Selena desceu o último degrau e me olhou por baixo dos cílios escuros, esperando que eu terminasse a frase. Estava magnífica, arrasadora, resplandecente, maravilhosa.

"Me faltam palavras."

"Isso é de propósito ou você ainda está no modo príncipe encantado?" Ela virou um pouco a cabeça, mas continuou olhando para mim. E não soltou a minha mão.

"Eu vou alternando de acordo com a situação."

"Entre príncipe encantado e o quê?"

"Se quer saber", murmurei, trazendo sua mão aos lábios e dando um beijo educado, "vai ter que descobrir."

As bochechas dela começaram a ficar vermelhas. Suas clavículas se ergueram quando ela respirou fundo e olhou ao redor. O sol tinha se posto uma hora antes. A escuridão era bordada pelo brilho das lamparinas espalhadas pelos jardins. "Os jardins são lindos. Eu queria ter trazido a minha câmera."

“Da próxima vez”, eu a tranquilizei. “Quer conhecer a propriedade?”

Ela fez que sim com a cabeça, e eu tirei o paletó e coloquei sobre seus ombros. Os bordados prateados da saia brilhavam com as curvas de seus quadris quando ela se movia.

Andamos em silêncio por alguns minutos pelo gramado sul do jardim.

“Por que você não usa os contatos da sua mãe? Para o Griswald?”, Selena perguntou. Isso foi inesperado. Minha família nunca falava a respeito.

Um silêncio prolongado se seguiu.

“Desculpa, a gente não precisa conversar sobre isso”, ela se apressou em dizer.

“Não, tudo bem. É que a gente não fala com esse lado da família. Bom, para ser mais exato, eles cortaram relações com a gente, e as tentativas de reconciliação nunca foram aceitas.”

Ela me encarou. “Por quê?”

“Minha mãe inglesa aristocrata se apaixonou por um novo rico indo-americano”, comecei a contar, com um suspiro profundo. “E o resto, você já deve imaginar.”

Ela assentiu, e sua mão encontrou a minha de novo.

Minha mãe ficou magoada, mas a rejeição calou mais fundo principalmente no meu pai. Ele passou a vida tentando se assegurar de que ninguém que amava fosse rejeitado, então Sloan e eu só podíamos ser extraordinários.

Quando chegou o momento de determinar a sucessão da Amari Global, meu pai se esquivou, porque ninguém iria

questionar seus filhos criados na alta sociedade, educados, instruídos e excepcionais.

O perfeccionismo tóxico era a marca da nossa família.

"Eles entraram em contato algumas vezes", continuei após um silêncio reconfortante. Sloan e eu passamos a infância sendo ignorados por aquela família até um dia eles decidirem que nós éramos aceitáveis. "Eu fui contra levar a conversa adiante."

Todo mundo tinha segundas intenções. Charles Hayworth era a prova disso. Eu não podia confiar em muita gente que circulava ao redor das pessoas que amava.

"Você nunca ficou curioso para conhecê-los?" Sua voz suave trazia um calor para o ar gelado da noite.

"Talvez." Eu fiz uma pausa. "Mas não o suficiente para fazer algo a respeito."

Selena não disse nada. Continuamos andando pelo jardim até o caminho acabar. Encantada com o céu, ela continuou andando e soltou a minha mão. Num lugar assim distante da cidade, quase todas as estrelas eram visíveis.

"Selena?", chamei.

Ela olhou por cima do ombro. "Hum?"

"Por que você vai voltar para Los Angeles?"

Ela hesitou. Seus olhos esquadrinharam o céu noturno. "É a minha casa."

"Nova York também pode ser", lembrei gentilmente. Julho ficava mais próximo a cada segundo. Eu queria uma coisa que não podia comprar — mais tempo.

Ela mexeu os pés e cambaleou quando seus saltos afundaram na terra. Dei um passo à frente às pressas, e minhas mãos encontraram seus quadris. Eu a peguei, e Selena me olhou com uma expressão de surpresa e indecisão no rosto. Por um momento, ficamos paralisados.

Meu coração batia freneticamente quando ela apoiou a mão no meu peito para se equilibrar. Em vez de soltá-la, eu me inclinei para a frente e a envolvi com o braço. Em seguida afastei as mechas sedosas e castanhas que tinham caído sobre seu rosto.

Seu lugar era ali. Desse lado do país. Nos *meus* braços.

"Você precisa parar de fazer isso", ela murmurou, fechando as mãos em torno da minha camisa e me puxando mais para perto.

"Fazer o quê?" Eu me aproximei, e Selena fechou os olhos quando rocei meus lábios nos seus.

"Me deixar..."

Um estouro nos interrompeu, atraindo sua atenção para a explosão de luz no gramado oeste.

Merda.

Os fogos de artifício eram a parte favorita de Sloan, e eu tinha passado quase a noite toda evitando minha família.

Selena viu a indecisão no meu rosto e se afastou. "É melhor a gente voltar para a festa."

Segui um passo atrás dela enquanto voltávamos. Vê-la assim, envolvida pelo meu paletó, mexia comigo. Era difícil sentir qualquer outra coisa além de um desejo profundo de abraçá-la para nunca mais largar.

28

SELENA

Eu nunca me senti tão empolgada por uma segunda-feira.

O apartamento estava em silêncio desde que Lauren foi para Boston, no dia anterior. Fiquei curtindo a solidão da minha sala de estar, repassando a festa na minha cabeça sem parar.

Se a queima de fogos não tivesse nos interrompido, com certeza Henry e eu teríamos terminado o que começamos nos Hamptons. Acabamos sendo afastados logo depois, quando Lauren me encontrou, e eu não queria ter que falar sobre o que tinha acontecido no jardim. Sabia que ela me julgaria, e eu não estava disposta a ouvi-la, então passamos o resto da festa juntas, e troquei alguns olhares ocasionais com Henry.

Eu mal podia esperar para vê-lo. Ele me fez repensar tudo. Sabia que era preciso tomar cuidado, mas estava gostando daquele tiro no escuro.

Vesti o casaco no hall da entrada e dei uma rápida ajeitada nos cabelos antes de sair, enrolando algumas pontas com os dedos, nervosamente.

Quando saí pela porta, pisei e escorreguei em alguma coisa. Ajoelhei para pegar o envelope dourado sob o meu sapato. Meu coração afundou, e eu olhei ao redor.

Tranquei a porta mais rápido do que nunca e, quando me virei, lá estava ele. Cabelos loiros, olhos amendoados, uma marra injustificada — era ele.

Com as mãos nos bolsos da jaqueta de couro, Miles deu um passo na minha direção.

"Miles?" Minhas mãos trêmulas o empurraram. "Que porra é essa?"

"A gente pode conversar, por favor?" Ele levantou as mãos e abriu o sorriso maroto que fazia as garotas se derreterem, apontando com o queixo para a porta do meu apartamento.

"Não, Miles, estou atrasada para o trabalho, e estava falando sério sobre o que escrevi nas mensagens." Fiz um gesto para me despedir e comecei a atravessar o corredor, sem ouvir nada além da minha pulsação ecoando nos ouvidos. Eu estava um pouco assustada. Não queria admitir, mas estava.

"Eu queria rediscutir isso", Miles falou num tom casual, seguindo alguns passos atrás de mim, como se ter me rastreado para discutir sobre um rompimento que havia acontecido meses antes não fosse uma coisa totalmente inapropriada. E um rompimento que ele pareceu aceitar numa boa na época, aliás.

"Bom, problema seu." Parei e me virei, apesar de saber que era melhor ir para o saguão. "Para de me seguir, para de me mandar mensagens. Sério mesmo, não tem a menor graça, não é fofo, não é romântico. É bizarro pra caralho, e tenho certeza absoluta de que é ilegal."

Ele levantou as sobrancelhas e piscou algumas vezes, surpreso.

“Você não pode estar falando sério”, Miles zombou baixinho, inclinando a cabeça para o lado e me olhando como se estivesse faltando um pedaço de mim. “Qual é, Selena.”

Eu ficava encantada com as festas glamourosas a que ele me levava em Hollywood. Não porque queria estar lá, mas porque queria esquecer o inferno que tinha vivido antes dele. Mas, para Miles, eu era só uma pessoa normal. Que tipo de pessoa normal não daria tudo pela chance de estar com uma celebridade?

“Me deixa em paz, ou vou ter que obrigar você a fazer isso”, ameacei, apesar de não ter ideia do que faria. Mas eu estava cansada de ser arrastada pela correnteza e ser jogada de um lado para o outro ao acaso. Estava cansada de ter medo de balançar o barco.

“Selena”, ele repetiu, ainda mais surpreso dessa vez. Eu me virei para o elevador, mas Miles me segurou pelo braço.

Alguma coisa me dominou, e meu corpo todo se encheu de uma raiva que eu vinha reprimindo havia mais de um ano. Essa fúria não era direcionada a Miles, mas, se ele não parasse, eu o faria parar.

Eu reagi. Me virei, movi o braço e meu punho fechado o acertou no queixo.

Quando dei por mim, estava sentindo uma dor eletrizante na minha mão direita, e Miles cambaleou para trás e caiu no chão.

Fiquei paralisada por uma fração de segundo, observando o que tinha feito.

Tinha dado um soco nele.

Com força.

“Eu estava falando sério”, ameacei de novo, descendo as escadas correndo.

Continuei correndo até sentir a aspereza da calçada sob os meus sapatos de salto. Meus olhos se voltaram para o outro lado da rua, e vi o rosto conhecido de Drake correndo até mim.

“Srta. Montez?”

Abri a boca para explicar, mas só consegui falar um “ai”.

Um calor ardente subia da minha mão para o meu braço. Só então percebi as lágrimas escorrendo pelo meu rosto e o sangue pingando das juntas da mão.

Quando o sangue foi limpo, não parecia tão ruim assim. Drake me levou para o hospital de Isabelle, para ela poder me atender rapidamente. Eu tinha ligado para Isa no caminho com a minha mão boa e não ensanguentada.

“Você vai ficar bem. É só uma pequena fratura de boxeador.” Isabelle estava diante das chapas de raio-X com as roupas verdes do centro cirúrgico e uma touca na cabeça. “Uma tala para a mão e problema resolvido.”

“Tem certeza?” Puxei o cobertor do hospital até o pescoço. Fazia um frio congelante no pronto-socorro, e a saída de ar logo acima da minha cama soltava um vento gelado.

“Não.” A voz dela emanava sarcasmo. “Nos meus quatro anos de faculdade e três de residência, ninguém nunca me ensinou a ler esses exames.”

“Se você vai me tratar mal, vou precisar de mais uns remedinhos bacanas.”

“Você só tomou ibuprofeno”, Isa rebateu. Ela puxou uma cadeira para o meu lado e tirou a bolsa de gelo para verificar o inchaço. “Parece estar tudo bem.”

“Obrigada por me remendar, Isa.”

Ela sorriu. Quando cheguei e minha amiga viu que eu estava bem, soltou um grito de alegria quando contei que nocauteei Miles por estar me incomodando.

“Certo... duas coisas”, ela começou. “Em primeiro lugar, muito bem. Você já podia ter dito antes que ele estava sendo esquisito.”

“Eu sei.” Soltei um suspiro. “Sinceramente, só queria uma preocupação a menos na vida. Achei que, se ignorasse, ele ia acabar desistindo.”

Miles era um monte de coisas. Impetuoso. Bizarro. Convencido. Mas eu não achava que perigoso era uma delas, não até aquele momento. Era difícil associar aquele homem insistente me seguindo pelo corredor com o que me tirou do buraco depois que os Waldorf me deixaram na merda.

“E a segunda: você precisa registrar a ocorrência na polícia.”

“Isa...”

“Eu não tenho como te obrigar, mas importunação é uma forma de abuso. E eu sou obrigada a relatar qualquer comportamento suspeito.”

Ela estava certa. Eu sabia que precisava notificar a polícia. Mas por que eu, além de ter que lidar com um psicótico, *ainda* tinha que passar pelo aborrecimento de relembrar tudo para...

um boletim de ocorrência? Uma coisa que não daria em nada, porque ele arrumaria um jeito de abafar. Que não ajudaria em nada a detê-lo se estivesse determinado a continuar sendo um importunador narcisista.

"Eu vou dar um jeito nisso", garanti. Ela me lançou um olhar de ceticismo. "Prometo."

"Tem certeza de que está tudo bem?"

Assenti com a cabeça. Eu estava me sentindo muito bem, de verdade.

Apesar da preocupação de ter confrontado Miles e dado um soco na cara dele, não estava com medo.

Pela primeira vez em muito tempo, me senti poderosa. Como se finalmente tivesse algum controle sobre o que acontecia comigo.

"Ótimo." Ela levantou a bolsa de gelo e voltou a colocar sobre a minha mão. "Está tudo certo, mas ainda está sangrando. Provavelmente você acertou os dentes dele, então precisa manter esses cortes limpos e secos."

"Selena." A voz grave de Henry reverberou no recinto. Estava enganosamente calma, considerando a preocupação estampada em cada centímetro do seu rosto lindo. Ele atraiu meu olhar assim que o escutei. Estava com os cabelos desarrumados, como se tivesse passado a mão por eles sem parar. Isa se afastou da cama e, com alguns passos largos, Henry estava ao meu lado. Ele segurou o meu rosto entre as mãos, acariciando as bochechas com os polegares. "Você está bem?"

Fiz que sim com a cabeça. Um leve tremor de alívio o atravessou.

Com o canto do olho, vi Isa levar as mãos dramaticamente ao peito e articular as palavras "Ai, meu Deus".

"Você deu um soco na boca *de quem*?", Henry perguntou. O tom implícito por trás de sua voz estava começando a vir à tona.

"Eu estou bem. Você poderia ter só ligado." Apertei sua mão, o olhar dele fez meu coração ir parar na garganta. A preocupação e a ansiedade eram visíveis em seus olhos enquanto Henry se esforçava para manter o controle.

"Ah, merda, por que eu não pensei nisso?", ele rebateu, brincalhão. "Dá uma olhada no seu celular."

"Ah." Fiz uma careta quando vi quatro chamadas perdidas. O aparelho estava na cama, no silencioso, com a tela para baixo. "Desculpa."

"Você deu um soco na boca de quem?", ele repetiu enquanto se afastava, pegava o paletó e usava para me cobrir. "O que aconteceu?"

"Vou pegar as bandagens para fazer a tala", Isa interrompeu, me lançando um olhar antes de sair. Curiosa, empolgada e maliciosa, tudo no mesmo sorriso.

Olhei para Henry, tentando me esquivar da pergunta. "Você precisava ver o outro cara."

"É o que eu pretendo." Ele segurou meu queixo com gentileza, mas também firmeza. "Quem é?"

Eu sabia que ele descobriria sozinho se não contasse. Ou então Isa me entregaria. "Hoje de manhã, quando estava saindo

de casa, meu ex estava no corredor."

Ele pareceu perdido em pensamentos. "Seu ex?"

"Sim. É o..."

"Miles Asher."

Eu confirmei com a cabeça.

"Ele mandou flores para você."

"Você viu aquilo?" Senti um frio na barriga. Estava envergonhada e constrangida. Como se as coisas entre nós não fossem complicadas o suficiente, Henry sabia sobre o meu ex bizarramente persistente. "Pensei que, se eu ignorasse, ele entenderia o recado."

Henry se sentou ao lado da cama. "Faz quanto tempo que ele está perturbando você?"

Fiquei hesitante por um momento. "Alguns meses."

Henry segurou minha mão boa de novo e a acariciou com o polegar. "Não se preocupa com o Miles. Eu dou um jeito nele."

Cinco palavras ditas com sua voz grave e doce me deixaram mais segura do que se um exército de seguranças estivesse ao meu lado. Pouco a pouco fui sendo tomada pelo alívio.

Eu queria perguntar o que ele quis dizer, mas não fiz isso. Quando pessoas da posição de Henry pediam para alguém manter distância, eram obedecidas.

"Guarda canhota", ele comentou, passando a mão de leve no meu machucado.

"Quê?"

"Você é canhota, mas soca com a direita." Ele mencionou que sabia que eu era canhota de um jeito totalmente casual. Como se isso não tivesse feito um choque se espalhar pelo

meu corpo. “Os canhotos lutam boxe com a guarda canhota. Com a luva direita como a mão da frente, abrindo as sequências de ataque com os jabs.”

Ele demonstrou, brincando, com as próprias mãos.

“Então cruza com a esquerda”, explicou. Eu me ajeitei melhor na cama, e Henry fez a demonstração. “E para encerrar vem um gancho inesperado de direita.”

Ele baixou as mãos e prendeu uma mecha do meu cabelo que caiu sobre o rosto atrás da minha orelha.

“É um nocaute”, Henry murmurou.

Um magnetismo bastante familiar nos envolveu.

Eu me senti atraída por Miles por causa de tudo o que o cercava, da promessa de esquecer todo o resto. Mas, com Henry, eu me sentia atraída apesar do medo de nunca conseguir esquecê-lo.

Minha pulsação acelerou tanto que eu conseguia sentir os batimentos através dos ferimentos da mão. Os lábios de Henry roçaram os meus, e um calor me invadiu.

“Certo!” Isa entrou no quarto com os materiais necessários para a atadura.

Eu me inclinei para trás às pressas.

“Desculpa”, ela falou quando viu a frustração no meu rosto. “Mas eu preciso fazer uma tala nela. Até voltaria mais tarde, mas, você sabe, tenho vidas para salvar e tal.”

Senti vontade de dar um tapa nela com a minha mão boa.

Isa se sentou numa cadeira do outro lado da cama e começou a trabalhar, sem dizer mais nada. Henry ficou onde

estava e não pareceu se incomodar em demonstrar afeto por mim na frente dela.

Um silêncio recaiu no quarto enquanto Isa fazia a tala. Os olhos de Henry se perderam em pensamentos.

"Está tudo bem?", perguntei.

Ele interrompeu o que quer que estivesse pensando e me olhou, apertando minha perna para me tranquilizar. "Está. Eu só não gosto de hospitais."

"Alguém gosta?"

"Os médicos, espero." A seriedade no tom de voz dele fez Isabelle dar risada.

"E ele ainda é engraçado?" Isabelle interrompeu o trabalho e abriu um sorriso. Quando viramos para ela, Isa mordeu seu punho fechado provocativamente.

Foi o suficiente para fazer Henry sorrir e eu ficar toda vermelha. "Isa!"

"Essa é sua amiga ambiciosa?", ele perguntou. Eu tinha falado sobre Isa numa das noites em que trabalhamos até mais tarde.

"Henry, essa é a dra. Isabelle Mercado." Isa adorava ser chamada de doutora, por mais que não admitisse abertamente. "Isa, esse é o Henry."

Parei por aí mesmo. A ideia de apresentá-lo como meu *chefe* parecia um insulto ao que havia entre nós.

"Ambiciosa?" Isa fingiu se ofender. Ela olhou para a tala que fez com satisfação. Só então me dei conta de que ela devia ter aberto mão de uma cirurgia para cuidar de mim. Isa olhou para Henry. "O que mais ela fala de mim?"

“Só coisas boas”, Henry garantiu. Seus dedos batucavam aceleradamente sobre a minha coxa. “E o que ela fala de mim?”

“Ah... coisas boas *mesmo*”, Isa provocou, arregalando os olhos, com a malícia transbordando de cada palavra. Felizmente, seu celular tocou algumas vezes seguidas. Eu conhecia esse toque muito bem — ela estava sendo chamada para uma cirurgia. Isa leu as mensagens e soltou um suspiro. “Ah, Selena, sorte sua que eu tenho um ombro para reconstruir.”

“Tchau, Isa.”

“Prazer em conhecê-la, dra. Mercado.” Henry abriu um sorriso para mim, todo satisfeito consigo mesmo. Sua voz estava suave e confiante. “E obrigado.”

29

HENRY

Quando Isabelle terminou de fazer a tala na mão de Selena, ela foi para o centro cirúrgico, e nós ficamos esperando os papéis da alta.

Um silêncio preencheu o quarto quando Isabelle saiu. "Selena." Levantei seu queixo com a mão e o acariciei com o polegar. "Você vai para casa comigo."

Seus olhos cor de âmbar brilharam e se arregalaram. Eu deveria ter dito isso de outro jeito, mas queria ver sua reação. E foi a que eu esperava.

"Não para *aquilo*", falei.

Definitivamente para *aquilo*. Mas não naquele momento. Eu precisava resolver essa situação com Miles primeiro. Não sabia a história toda, nem precisava. Selena tinha ido parar no hospital. Isso era mais do que suficiente. Eu daria um jeito nele.

Ela engoliu em seco e só conseguiu soltar um suspiro suave. "Hum?"

Porra, *que coisa fofa*. E eu queria ouvir mais vezes.

"Você não pode voltar para casa. Ele sabe onde você mora."

“Eu claramente sei me defender”, ela respondeu num tom brincalhão, mostrando a mão com a tala como se isso provasse alguma coisa além do fato de que precisava de mais medidas de segurança.

“Mas vai faltar mão para isso.”

Selena deu uma risadinha e me encarou, em desafio. “Ainda tenho uma.”

Ela pôs a mão no meu peito e me empurrou de leve. Eu saí da frente para ela poder levantar da cama.

“Escuta”, falei com gentileza, colocando as mãos na sua cintura e a puxando mais para perto, acariciando-a com o polegar. “Eu não posso receber uma ligação como essa de novo, Selena.”

Havia lembranças terríveis demais relacionadas a esse tipo de ligação. Quando Sloan ligou para avisar que os Sutton tinham sofrido um acidente e estavam no hospital. Quando eu e Marcus chegamos, seus pais não estavam mais vivos. Tínhamos acabado de terminar a faculdade. Podemos não ser parentes de sangue, mas eles eram mais pais para mim do que os meus próprios.

Ou quando uma ligação desse mesmo tipo uns anos antes me informou que a única figura materna que tive na vida tinha morrido. E então alguns meses antes disso, contando sobre a morte do meu avô — a que deixou tudo de cabeça para baixo. Acabei assumindo o cargo de CEO muito antes do que todo mundo pretendia.

A ansiedade mórbida causada por *esse* telefonema fazia cada ligação perdida de alguém importante para mim parecer uma

chicotada.

Essa tensão devia ser visível. Num ato de ousadia incomum, Selena abraçou minha cintura e apoiou o rosto no meu peito. “Tudo bem.”

Ela tremeu de alívio quando a acariciei de volta. Selena me despertava um instinto protetor profundo e primitivo. Eu a manteria longe de tudo que pudesse machucá-la.

Drake apareceu depois do silêncio prolongado. Quando ele me olhou, eu articulei silenciosamente as palavras “Encontre o cara”.

Ele assentiu.

Selena concordou em passar uns dias comigo. Mandei Mallory, minha governanta, ir com Drake buscar algumas coisas dela. Quando voltei ao escritório, o sol estava começando a se pôr.

Todas as células do meu corpo gritavam para eu ficar com ela, mas era preciso resolver uma coisa primeiro.

“Alexander Balakin está aqui para falar com você”, Bridget me informou com um olhar de desaprovação quando abriu a porta.

Balakin, meu investigador particular, era uma espécie de facilitador, um ex-agente federal que havia passado a trabalhar para a iniciativa privada. Ele comandava secretamente uma equipe que resolvia as coisas atuando um pouco além dos limites da legalidade.

Ele tinha pegado o elevador privativo para não ser visto. Normalmente, eu o recebia em casa, mas Selena já havia

passado por coisa demais para um dia só.

"Obrigado, Bridget." Me inclinei para a frente e fiz um gesto para que ele se sentasse quando ela o deixou entrar.

Se a vida era um jogo de xadrez, as pessoas na minha posição eram os reis e as agências de segurança privada, os cavalos. Apesar de querer fazer Miles sangrar com as minhas próprias mãos, o verdadeiro poder era discreto. Se escondia à vista de todos.

Com Selena em segurança na minha casa, meu cavaleiro podia fazer o que fosse preciso. Eu não era nenhum grão-mestre, mas sabia como proteger a rainha.

"Preciso que você transmita um recado", falei.

Ele assentiu.

Antes de sairmos do hospital, Drake localizou Miles e a equipe de Balakin já estava de olho nele.

Miles obviamente não tinha nenhuma noção de etiqueta, então teria que receber uma lição de boas maneiras — não encostar no que não fosse seu. E, ainda mais importante, não encostar no que fosse *meu*.

"Pode falar que, se ele chegar perto dela de novo, a carreira dele já era. E, se encostar a mão nela de novo, a vida dele já era."

"Mais alguma coisa?"

"Selena está com uma tala na mão", falei num tom ameno, apesar da fúria no meu peito. Os ferimentos dela não eram graves e cicatrizariam em breve, mas isso não aplacava minha vontade de fazê-lo sangrar assim como ela. "Vamos pelo menos empatar o jogo."

Balakin concordou e saiu poucos minutos depois.

30

SELENA

Acordei no dia seguinte na mansão suntuosa de Henry Amari no Upper East Side. Sozinha.

Henry chegou no início da noite e só me disse que eu não precisava me preocupar com nada. Eu deveria ter me recusado a ficar na casa dele. Deveria ter ido ficar com Isa. Não que ela passasse muito tempo em casa, mas lá eu estaria segura, porque Miles não sabia onde ela morava.

Mas eu queria ficar ali. Ver Henry fora do horário de trabalho era viciante. Jantamos juntos na noite anterior, e ele foi um cavalheiro.

"Henry me falou que você não precisa ajudar", disse Mallory, a governanta, quando comecei a tirar alguns pratos da mesa.

Terminei meu café da manhã lendo um livro enquanto ela comandava os demais empregados. Eu já tinha convivido tempo suficiente com esse tipo de família para entender como as coisas funcionavam, mas me hospedar numa casa assim parecia uma loucura. Os empregados estavam lá, mas a gente nunca os via. O chef preparava a refeição, e alguém servia e limpava tudo.

Outra coisa interessante era que todos se referiam a Henry pelo primeiro nome.

"Na minha casa, se você não cozinhasse, tinha que lavar a louça", falei para ela, num tom de leveza. Por algum motivo, eu queria causar uma boa impressão. Tentei pegar meu guardanapo que tinha caído, mas a copeira era rápida como um raio.

"As coisas aqui são feitas de determinada maneira." Mallory abriu um sorriso simpático. "Mas, se passar mais tempo na casa, com certeza podemos adaptar tudo ao jeito que você prefere."

Meu coração disparou só de pensar. Tentei não me apegar muito a isso nem à ideia de passar mais tempo ali.

"Então..." Peguei meu café e segui Mallory até a cozinha. Eu sabia que ela devia estar ocupada, mas precisava saber mais. "Você conhece Henry faz tempo?"

"Eu criei os dois, Henry e Sloan. Era a supervisora das babás. Quando eles cresceram e foram cuidar de suas vidas, continuei na casa dos Amari até Henry voltar da faculdade. Depois vim para cá."

"Isso é comum?" Me envergonhei da minha própria pergunta. Já tinha visto matérias de sobra a respeito para saber a resposta. Quantas mulheres não teriam feito essa mesma pergunta na manhã seguinte? Pelo menos elas tinham a vantagem de ter transado na noite anterior.

"Isso *nunca* aconteceu." Ela me olhou da cabeça aos pés de novo e então sorriu.

Naquela tarde, Isabelle estava comigo na sala de visitas da entrada da casa.

"Não sabia que os médicos ainda faziam visitas domiciliares."

"Só quando o *namorado* da paciente", ela levantou as sobrancelhas de um jeito brincalhão, "liga para o diretor clínico e pede um acompanhamento pessoal." Isa deu um gole no café e colocou a xícara na mesinha. "Ele doou um prédio novo para o hospital e pediu que eu viesse ver como você está."

As borboletas no meu estômago estavam dando uma rave. Eu estava tentando não baixar a guarda, mas Henry tornava isso difícil demais. Ele queria me proteger, e eu queria deixá-lo fazer isso.

"Espero que você não perca nada interessante."

"Selena, eu sou uma residente do terceiro ano. Não costumo fazer talas, mas precisava ver *isso*. Vocês são magnetismo puro. Fiquei feliz por ter saído mais cedo", ela garantiu, examinando minha mão. Na verdade, as fraturas de boxeador eram relativamente comuns e sem gravidade. A maioria cicatrizava sem necessidade de intervenção em algumas semanas. Isa verificou a mobilidade dos meus dedos, com seus olhos castanhos faiscando de empolgação. "Ele gosta de você."

"Eu gosto dele", finalmente admiti em voz alta. "Muito."

Houve uma pausa desconfortável na conversa. Sua expressão se tornou mais séria. Eu sabia com o que ela estava preocupada. Os Waldorf.

“Tudo bem para você? Se tudo isso”, ela gesticulou com as mãos, apontando para a sala ao redor, “acontecer?”

Eu não tinha certeza. A parte mais sensata do meu cérebro tinha disparado o alarme desde que o conheci, me dizendo para correr a cada coisa que acontecia. Meu coração não queria obedecer. E agora eu o queria de tantas outras maneiras. Queria compartilhar suas vitórias e aplacar a dor de suas derrotas. Queria estar com *ele*. Por inteiro.

“Acho que sim.” Balancei positivamente a cabeça.

“Então...” O sorriso dela se alargou de expectativa. “Como foi ontem à noite?”

“Não rolou nada.” Soltei um grunhido que refletia toda a decepção que sentia. Henry tinha sido impecavelmente cavalheiro. Onde estava o playboy bilionário dos jornais? Esse Henry eu ainda não conhecia.

“Ah.” Os ombros dela desmoronaram. “Bom, o sexo seria...” Ela mordeu o punho fechado de novo. Isa ia dizer alguma coisa, provavelmente inapropriada, mas então ouviu a porta da frente se abrir e fechar.

“Dra. Mercado.” A voz de Henry interrompeu nossa conversa. Ele estava parado na entrada da sala de visitas, com o sol da tarde banhando com um brilho suave o terno que usava. Eu dormi até mais tarde e não o ouvi sair de manhã. “Como está a mão dela?”

Henry estava falando com Isa, mas sem tirar os olhos de mim, como se eu fosse o último copo d’água no deserto.

Eram quatro da tarde. Ele nunca saía do trabalho tão cedo.

“Pode me chamar de Isa.” Ela se abanou dramaticamente em meio à tensão palpável, então levantou e me lançou um olhar malicioso. “E ela está ótima. Preciso ir.”

Henry olhou para ela por um instante antes de se voltar de novo para mim.

“Ah.” Isa parou ao lado de Henry enquanto saía e deu um tapinha no seu ombro. “Ela precisa descansar essa mão por uma semana, mas está liberada para todas as outras atividades físicas.”

Ver Henry genuinamente surpreso era uma raridade. Ele tentava sempre parecer contido. Mas seu rosto se abriu num sorriso de orelha a orelha diante dessas palavras. Isa se virou para mim e deu uma piscadinha.

“Ela não é muito fã de exercícios aeróbicos. Talvez vocês precisem encontrar uma forma de deixar a coisa mais... tentadora”, ela falou.

“Pode deixar”, Henry disse lentamente. Seu peito se ergueu numa inspiração profunda e faminta.

“Ah, e uma última coisa.” O tom de Isa se tornou sério, e ela o encarou. “Não esqueça que eu tenho acesso a drogas que causam paralisia muscular e a uma serra óssea.”

Henry ficou surpreso pela segunda vez em cinco minutos. “O que aconteceu com o juramento de Hipócrates?”, ele brincou.

“Pague para ver”, ela desafiou, indo na direção da porta. “A não ser que a Selena goste, claro”, Isa falou com a porta aberta, e só então saiu.

“Ignora isso”, eu supliquei. Eu estava vermelha como um tomate.

“De jeito nenhum.” Henry deu uma risadinha e se sentou ao meu lado, acariciando a minha mão machucada. “Você está bem?”

“Estou.”

“Dormiu bem?”, ele perguntou enquanto tirava o paletó e afrouxava a gravata.

Um orgasmo antes de dormir teria caído bem.

“Dormi.” Eu queria dizer um monte de coisas, mas a minha voz estava entalada na garganta. Ele estava tão lindo.

Henry riu mais uma vez. “Está com vergonha?” Seus olhos observaram os meus com divertimento, e ele me deu um beijo rápido na boca. Meu coração disparou. Seus lábios se aproximaram da minha orelha. “Eu pretendo cumprir as ordens médicas.”

“Promete?”, perguntei. A névoa que turvava minha visão se desfez quando ele se afastou.

Henry me deu mais um selinho e balançou a cabeça. “Preciso fazer umas ligações, mas volto daqui a pouco.”

Henry estava menos formal comigo. Isso ficou mais claro do que nunca no jantar. Comemos na sala de jantar, mas a atmosfera era bem íntima. Henry era *carinhoso*. Ele se sentou do meu lado à mesa, com a mão na minha perna quando não estava ocupada com outra coisa.

Conversamos sobre tudo, a família dele, a minha. Seus tempos de internato e o meu amor pelos vinhedos. Ele parecia

completamente à vontade. Estava me trazendo para perto, apesar da forte correnteza que nos separava.

Quando terminamos de comer e os empregados tiraram a mesa, continuei na sala de jantar, admirando a arte que embelezava as paredes.

"Você costuma jantar sempre assim tão arrumado?", perguntei enquanto me aproximava de uma linda pintura do Matterhorn, de costas para ele.

Apesar de já estar em casa fazia horas, Henry ainda estava de terno. Para mim, assim que eu passava pela porta do meu apartamento, era hora de pôr o pijama. Fiquei me sentindo meio ridícula com a minha calça de moletom e camiseta justa.

"Às vezes."

Ele não se moveu de seu lugar na cabeceira da mesa, de onde me observava. Eu sentia seu olhar nas minhas costas.

"Às vezes?" Fui passando lentamente pela mesa de jantar até a pintura da outra parede. "De acordo com a situação?"

Fiquei me perguntando quando o que restava do cavalheirismo iria embora para dar lugar à parte que ainda não havia se revelado e tudo o que ele estava reprimindo fosse liberado. Eu ansiava por esse momento.

"Mais ou menos isso", Henry respondeu atrás de mim. Meus olhos passearam pela sala, procurando indícios da presença de mais empregados. Eu sabia que Mallory já tinha ido embora. Virei a cabeça enquanto olhava ao redor, e ele percebeu. "Mandei todo mundo para casa. Estamos a sós."

A eletricidade no ar parecia estalar em torno de nós. "Ah."

“Selena.” Sua voz atravessou toda essa tensão palpável. Seu tom era controlado. Imperativo. “Vem aqui.”

Vi no seu rosto um sorriso torto, intrigante. “Sim.”

Minhas pernas mal conseguiram me carregar pelos vinte passos para chegar até ele. O latejar no meu ventre ficou mais forte quando a umidade se acumulou no meio das minhas pernas. Me recostei na mesa de jantar à sua frente.

Henry não tirou os olhos dos meus quando levantou minha mão machucada e a beijou. Minha pulsação acelerou freneticamente sob seus lábios. Ele continuou me beijando, subindo pelo meu braço até chegar à minha clavícula.

Seu grunhido grave reverberou no meu pescoço. Seu hálito quente arrepiou minha pele inteira.

“De repente, me bateu uma fome.” Sua voz rouca preencheu meu ouvido.

Eu engoli em seco. “Aqui mesmo?”

“Você quer que eu pare?” Seus dedos começaram a soltar o laço da minha calça.

Soltei um suspiro trêmulo. “Não.”

Minha calça caiu sobre os meus pés.

“Que bom.” Henry pôs as mãos na minha cintura e me fez sentar na beirada da mesa. “Porque eu sei exatamente o que vai saciar meu apetite.”

Ele se inclinou para a frente e me beijou, com cautela a princípio, antes de assumir o controle. Seus dedos me seguraram pela nuca, controlando a intensidade e o ritmo.

Enfiei a mão dentro de sua camisa, finalmente sentindo os músculos rígidos que me deixaram louca por meses.

Seus lábios deixaram os meus e desceram para o meu pescoço, encontrando o lugar *certo* para beijar.

Ai, meu Deus. Minha respiração ficou ofegante de novo, e arqueei o corpo na sua direção.

Senti o peso dele contra mim, até minhas costas apoiarem na madeira de nogueira da mesa. Henry se inclinou mais para a frente e afastou mais as minhas pernas, se esfregando em mim.

"Você é uma delícia, Selena."

Sua mão acariciou meu seio, provocando o mamilo antes de continuar descendo. Seu polegar começou a provocar meu clitóris por cima do tecido da calcinha.

Essa fricção leve e vagarosa fez uma onda de eletricidade subir pela minha coluna. Cravei as unhas na camisa dele.

"Henry", sussurrei.

Ele me beijou com mais intensidade e pressionou seu quadril contra mim. Senti sua ereção grossa contra o meu corpo.

"Você andou me torturando." A voz dele estava rouca e pesada quando se afastou de mim.

Minha respiração ficou ofegante. "Então faz alguma coisa a respeito."

"Eu vou." Ele puxou minha calcinha de lado e enfiou um dedo em mim. Eu respirei fundo. Um gemido baixo escapou dos meus lábios entreabertos. "Aqui. Na cama. E em todo lugar que você quiser."

Ele enfiou outro dedo. Sua mão se movia lentamente, e seu polegar fazia movimentos circulares suaves ao redor do meu

clitóris.

Meu corpo estremeceu inteiro sob seu olhar. Meus olhos capturaram o brilho da luz se refletindo no lustre de cristal acima da minha cabeça. Minha mão boa se perdeu nos seus cabelos. Seus dedos se dobraram e me acariciaram no lugar perfeito.

"Henry", gemi. Minha mente ficou turva.

Ele sorriu.

"O que você quer, Selena?"

A cadência controlada.

A voz tranquila.

O olhar enlouquecido no rosto.

Meu coração disparou. Eu queria mais.

Minha boca emitiu uma série de sons incompreensíveis. Eu não conseguia formar um pensamento coerente que fosse, muito menos uma resposta articulada. Minha mão puxou seu cabelo com mais força.

"Selena." Henry estalou a língua de desaprovação com a ausência de resposta e tirou os dedos. Gemi por causa da perda de contato e tentei recuperar o fôlego antes de sua nova investida. Henry arrancou minha calcinha, afastou minhas coxas e, bem devagar, me puxou para a ponta da mesa.

Olhei para baixo e o vi se sentando tranquilamente no seu lugar à cabeceira, com as mãos nas minhas coxas. "Você não queria ver o que vinha depois do príncipe encantado?"

O ar se tornou pesado, sufocante. Seus dedos deslizaram para dentro de mim de novo, e sua língua substituiu seu polegar no meu clitóris.

Eu arqueei as costas para trás. *Minha nossa*.

Seu toque me deixou em chamas, mas sua boca em mim foi como fogos de artifício. A cada lambida, ele aplicava mais força, me levando mais perto do clímax. Gemi de novo, impaciente.

"Henry. *Por favor*."

Ele deu uma risadinha com a boca colada em mim. "Essa é a minha garota."

Seus dedos se dobraram e me acariciaram com maestria enquanto sua boca esfregava e sugava o meu clitóris. O aperto firme da sua outra mão me mantinha parada no lugar.

Enlacei seu pescoço com as pernas, e ele foi mais fundo. O cavalheiro educado da alta sociedade estava me devorando com os dedos e a boca.

Meu corpo se contorceu. A base da minha coluna foi se contraindo cada vez mais até me obrigar a fechar os olhos. As pulsações sob pressão explodiram, e o orgasmo tomou conta de mim.

"Henry", gemi, com a voz falhando.

O som ecoou por toda a casa imensa.

Ele continuou, com ainda mais força, para acabar comigo. Agarrei seus cabelos enquanto as últimas ondas do orgasmo me atravessavam. Minha pele estava toda arrepiada depois do último tremor.

Henry foi diminuindo o ritmo até parar e se afastar, me observando enquanto eu me recuperava, e deu mais alguns beijos ao longo da minha coxa. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele se inclinou sobre mim e segurou meu rosto,

tomando minha boca ofegante com a sua. Fiquei deitada na mesa de jantar, sem forças, embalada por um beijo suave e carinhoso.

"Vamos para a cama." Seus polegares ainda acariciavam o meu rosto.

Eu assenti. Antes que pudesse tentar levantar, os braços dele apanharam o meu corpo, um me segurando pelas costas e o outro sob as pernas. Instintivamente enlacei seu pescoço, surpresa. O sorriso diabólico não abandonava o seu rosto.

Ele me carregou escada acima.

Dei um beijo logo abaixo da sua orelha. "O príncipe encantado voltou."

"Não por muito tempo", ele avisou.

"Você aprendeu isso na aula de etiqueta?"

"Pegar você no colo? Talvez." Chegamos até seu quarto, e Henry fechou a porta com o pé. Em seguida me deitou sobre a cama e se posicionou sobre mim, com um braço de cada lado do meu corpo, dando um beijo no meu pescoço. "Tudo o que vou fazer com você? Não mesmo."

Ele continuou me encarando com seus olhos castanhos enquanto tirava minha camiseta, depois meu sutiã.

"Caralho, Selena." Seu corpo estremeceu com um suspiro pesado e controlado enquanto seus olhos passeavam pelo meu corpo nu.

Fiquei olhando enquanto ele tirava a roupa. Seu corpo parecia ter sido esculpido para a Acrópole. Uma onda de excitação e ansiedade vibrou entre as minhas pernas quando vi

seu pau impressionante aparecer, duro e pronto para fazer todas as coisas com que eu vinha fantasiando.

"Se você insiste", murmurei, ofegante.

Seu sorrisinho perverso estava de volta. O príncipe encantado não estava mais lá fazia tempo. "Vira."

Ele pôs a camisinha enquanto eu me virava e apoiava os cotovelos no colchão. Henry voltou para a cama, me segurou pela cintura e provocou minha buceta com a ponta do pau. "Eu devia ter deixado você assim sobre a minha mesa e feito isso meses atrás."

"Então faz agora", desafiei enquanto um calor em ponto de fundição descia pela minha espinha. Eu precisava de mais.

Ele deu uma risadinha grave e dominadora antes de se inclinar para a frente. Seu hálito no meu pescoço me incendiou. "Selena, você quer que eu te coma?"

Soltei um grunhido de frustração.

"Selena", ele avisou, arrastando a palavra. Seus dedos provocaram meu clitóris, e ele começou a me penetrar, mas recuou logo em seguida.

"*Diablo*."

"Isso mesmo." Sua respiração estava acelerada. "E vim acertar as contas com você."

Ele se enfiou inteiro em mim, expulsando o ar dos meus pulmões. A penetração não encontrou resistência, mas o tamanho e a força me deixaram sem fôlego.

Um grunhido alto e torturado veio logo em seguida. "Caralho, Selena. Toda apertadinha."

Eu nunca tinha ouvido sua voz *assim*.

Quebrada. Pecaminosa. *Imprópria*.

As pontadas de dor se desfizeram em prazer. Henry começou devagar, com seu pau enorme deslizando dentro de mim de uma maneira que eu nunca tinha sentido antes, permitindo que eu me ajustasse melhor.

Ele segurava o meu quadril com uma das mãos enquanto a outra passeava pelas minhas costas, então parou na minha cabeça e agarrou o meu cabelo. Aí enfiou com mais força. Bolhas de euforia começaram a passear pelo meu corpo e estourar indiscriminadamente.

"Você não quer um cavalheiro, então?", ele provocou. Senti cada centímetro dele saindo de dentro de mim e entrando de novo um segundo depois.

"Não", respondi, arfando. Fora daquelas quatro paredes, eu sabia que Henry ia me valorizar. Me proteger. Mas, ali dentro, eu queria que ele me *fodesse*. Com força, com possessividade, sem nenhum pudor. Queria que se soltasse totalmente, para o cavalheiro enfim sair de cena. Eu queria sentir tudo o que ele tinha para me dar. "Me fode com força, Henry."

"Essa é a minha garota." Ele puxou meu cabelo e meteu mais forte. Mais rápido. Implacavelmente.

Mais uma sinfonia incoerente de gemidos escapou da minha garganta. Seu ritmo, seu tamanho e sua possessividade se fundiram numa coisa só.

Comecei a me apertar em torno dele.

Quando senti a pressão se acumular de vez na base da minha coluna, Henry saiu de dentro de mim e me virou. Minhas costas bateram no colchão, e eu arquejei de surpresa.

Ele estava em cima de mim, com uma fina camada de suor brilhando sobre cada músculo delicioso do seu corpo.

"Preciso ver você gozando para mim." Henry se enterrou em mim de novo, e seu polegar acariciou meu clitóris sensível cada vez mais depressa.

"Isso... assim", eu gemi. Meus quadris começaram a se remexer. Ele acelerou para um ritmo mais selvagem, e cravei as unhas nas suas costas.

"Henry", gemi, e o clímax me atingiu como um relâmpago, a luz de mil lâmpadas acesas ao mesmo tempo, me provocando uma sensação ofuscante.

Instantes depois, Henry se jogou para a frente, todo dentro de mim. Ele interrompeu os movimentos e se deixou dominar pelo clímax.

Meus braços relaxaram em torno dele. Henry grunhiu de novo, e o rugido da minha pulsação enlouquecida enquanto ele gozava afogou tudo ao meu redor por alguns minutos. Henry beijou meu pescoço e meu peito, me acariciando de leve após seu momento delicioso de brutalidade.

Ele deitou de costas e me puxou para mais perto. "Está tudo bem?"

Seus dedos contornaram minha orelha. Deitei no seu peito, e seu indicador passou pelo meu pescoço e desceu em linhas sem direção pela minha pele.

"E *como* está." A euforia pós-orgasmo me dominava.

"Estou falando da sua mão." Ele deu uma risadinha grave e gostosa. Uma faísca se reacendeu dentro de mim. "Mas obrigado."

“Ah, sim. Está ótima. Orgasmos são analgésicos eficazes”, comentei, olhando para ele.

“Nesse caso”, Henry levantou uma sobrancelha e me abraçou pela cintura, “você precisa ter alguns no trabalho também.”

Ele se ajeitou, me virou e deitou de conchinha atrás de mim, passando a mão lentamente pela minha perna.

Playboy bilionário, príncipe encantado, cavalheiro da alta sociedade, CEO. Mas meu Henry favorito era o que ficava agarradinho comigo depois de me comer gostoso.

Quando comecei a ceder ao embalo do sono, um pavor surgiu em meio à névoa dos pensamentos, me lembrando de que aquilo era só uma fantasia. Não iria durar, e eu seria uma idiota se pensasse o contrário.

Você tinha muitas expectativas em relação a Allister também.

Ignorei isso e fiquei coladinha nele. Henry era perfeito para eu me perder, um tiro no escuro rumo ao desconhecido. Uma coisa eu sabia: aquilo ia me machucar.

Mas eu não estava nem aí.

31

HENRY

Eu sempre acordava cedo, em geral por volta das cinco, para poder me exercitar antes de ir para o trabalho. Dormir até mais tarde costumava ser um vício meu, mas a essa altura da vida estava mais para uma indulgência a que eu raramente me permitia, que nunca pareceu tão tentadora quanto naquela manhã.

Selena estava em sono profundo quando levantei, com os cabelos soltos sobre o travesseiro bege. Observar o movimento suave de seu peito subindo e descendo tornou a ideia de voltar para a cama e ficar com ela debaixo dos lençóis quase irresistível.

Aquela noite tinha sido uma coisa de outro mundo. Viciante de um jeito que eu nunca tinha sentido. Eu a veria em poucas horas, mas, mesmo assim, não queria ir embora.

Ela era intuitiva e obstinada. Esperta e gentil. Aparentemente incorruptível. O próprio Éden.

Me ajoelhei ao seu lado na cama. Ela estava dormindo de lado, com a mão machucada devidamente protegida do corpo. Dei um beijo nessa mão e depois no seu rosto quando ela se mexeu.

“Henry.” Selena sorriu, mas seus olhos continuaram fechados. Sua voz suave, rouca e pesada por causa do sono me chamava. Isso me fez repensar a ideia de ir trabalhar. Como não respondi, ela soltou um suspiro dramático. “Que horas são?”

“É cedo. Pode voltar a dormir”, murmurei, dando um beijo nos seus lábios. Engoli em seco. Só o que ela estava vestindo era a minha camiseta. “Relaxa, toma seu café da manhã. Não precisa ter pressa.”

Ela assentiu com a cabeça e logo pegou no sono de novo.

Se antes a simples presença de Selena no trabalho já significava uma distração, depois dessa noite eu saí completamente do prumo. Agora que sabia o quanto seu gosto era delicioso, não conseguia pensar em outra coisa. Não com o cheiro de seu perfume no corredor. Ou quando ela me deu um beijo discreto no elevador privativo.

E isso tudo em uma única manhã. Eu estava em êxtase.

Soltei um grunhido audível, e Selena se moveu no meu colo.

“Descansa um pouco. Quero você na minha boca depois”, ela murmurou com os lábios colados aos meus.

Soltei o ar com força e fechei os olhos por um instante, finalmente controlando a minha respiração. “Você vai acabar comigo, Selena.”

Selena tinha vindo à minha sala para confirmar os planos para um evento beneficente no Ano-Novo. Assim que chegou ao alcance dos meus braços, não consegui conter as minhas

mãos. Ela cavalgou em mim na minha cadeira até eu assumir o controle e comê-la debruçada sobre a mesa.

Ela deixava meu corpo todo em chamas. Eu queria tocar cada parte sua, tudo ao mesmo tempo, e simplesmente deixar meu corpo pegar fogo.

Selena deu uma risadinha e levantou para pegar a calcinha que eu tinha tirado algum tempo antes.

"É uma boa forma de morrer", ela respondeu.

Eu a agarrei pela cintura e a puxei de volta para o meu colo depois que nos recompusemos. "Venha para Londres comigo."

Ela fez uma pausa, e o deleite foi se insinuando pouco a pouco em seu sorriso. "Está me convidando para viajar com você?"

"Não estou convidando, estou comunicando. Mas sim."

Ela deu um tapinha no meu ombro, de brincadeira. "Isso é meio pretensioso."

"Eu prefiro intrépido e charmoso."

"Ah, claro", ela rebateu.

"Quero sair com você num encontro para valer, em público." Eu queria proporcionar a ela algo como aquela noite no museu de novo.

Ela baixou os olhos. "Sei."

Foi Selena quem insistiu na questão da discrição quando chegou para trabalhar de manhã, dizendo que o conselho não se importaria se eu tivesse um relacionamento sério, mas o fato de ela trabalhar para mim provocaria justamente o tipo de escândalo que tinha sido contratada para evitar.

Eu não concordava muito com isso, mas não falei nada.

Foi a primeira coisa que ela me disse no dia. Como se estivesse questionando tudo o que havia entre nós.

"Leva a sua câmera", acrescentei.

"Certo." Selena assentiu e passou os dedos pelos meus cabelos. "Sobre a festa. Os Hightower deram uma festa beneficente de Ano-Novo no ano passado, e todo mundo aparentemente esqueceu que eles subornaram o Congresso para aprovar aquela fusão no setor energético."

"Não espere que eu consiga pensar claramente depois de tudo isso, Selena." Soltei outro grunhido e a agarrei com mais força.

"Você e sua família vão ser os anfitriões", ela me falou. Nossa, Selena ficava ainda mais sexy quando era mandona. "Deixe isso bem claro para eles."

"Certo", concordei, tentando impedir que ela levantasse, mas não consegui. Olhei no relógio. Eu precisava voltar ao trabalho.

"Eu estava falando sério sobre aquilo. Volto para acertar isso mais tarde." Ela mordeu o lábio inferior. "Você não é o único com uma boca habilidosa."

Caralho. "Na minha casa, hoje à noite", falei.

"Sim, chefe." Ela olhou por cima do ombro e sorriu.

"Charles Hayworth está na linha", Bridget anunciou pelo intercomunicador do telefone.

"Obrigado, Bridget."

Passamos mais de uma hora ao telefone. Charles nunca foi bom em entender indiretas. Mas me senti grato por isso, na

verdade, porque me poupou de ter essa conversa pessoalmente quando nos encontrássemos em Londres. Tentei arrancar tudo o que ele sabia sobre a minha família e a minha empresa.

"Estou empolgado com a ideia de passar mais tempo em Nova York", Charles falou educadamente do outro lado da linha.

Ele ainda não tinha mencionado nossas ligações familiares e, como foi esperto o bastante para fazer uma aproximação por meio de Preston, eu sabia que era intencional. Charles estava escondendo alguma coisa, e eu só precisava descobrir o que era.

Quando desliguei, olhei para a lista dos demais membros do conselho com quem eu pretendia me encontrar em Londres.

No instante em que ia ligar para um deles, me dei conta de uma coisa. A Heritage Limited era uma empresa do portfólio de Charles Hayworth, de onde os Waldorf tinham tirado seu dinheiro alguns anos antes.

Era um nome familiar, mas não conseguia lembrar onde tinha visto. Um instante depois, veio o estalo. Abri a gaveta da mesa e folheei a lista dos ativos da herança da minha mãe, que ela nunca recebeu. A Heritage Limited também estava listada como um investimento ali, na mesma quantia do investimento inicial de Charles na Verge.

Quando ia ligar para Bridget, eu a ouvi praticamente gritar do outro lado da porta. Instantes depois, escutei a risada de Sloan.

Dei uma rápida olhada na sala para ver se não havia nada de incriminador por perto.

“Oi, Hen”, Sloan disse ao entrar. Fiquei preocupado. De jeito nenhum Sloan tinha tempo livre para ir bater papo comigo no meio do dia sobre algo banal.

Eu me ajeitei na cadeira. “O que aconteceu?”

“Não posso ficar muito tempo. Tenho algumas informações que podem ser úteis para você. Queria te contar antes da sua viagem para Londres.”

“Parece sério.”

“A Sutton Industries está se retirando da disputa pela aquisição da Verge. E já houve algumas ofertas, mas nenhuma foi adiante”, ela contou enquanto se sentava. “Eu verifiquei.”

Sabia que Sloan não iria resistir. Ela tinha muitos contatos nos escritórios de advocacia, então era fácil obter informações sobre aquisições pendentes.

“Isso é extremamente antiético”, lembrei a ela.

“Não vou deixar você e Marcus se divertirem sozinhos”, ela respondeu, em tom de brincadeira, e se recostou na cadeira.

“Ele sabe que você está aqui?”, perguntei. A Sutton Industries era minha maior concorrente naquela aquisição; não havia muitas outras empresas grandes o bastante para levar adiante um negócio desse porte.

Ela deu risada. “Ele queria vir aqui pessoalmente te contar, mas fazia tempo que eu não via a Bridget.”

“Você sabe por que as outras ofertas não foram adiante?”

“Não, mas pedi para um dos sócios da firma procurar os comunicados oficiais, e nada tinha saído da mesa do CEO. Talvez Aubert não esteja dando as cartas lá dentro.”

Eu estava começando a perceber isso. Tudo fazia sentido quando eu pensava em qual poderia ser o motivo. Trocar um assento no conselho de uma empresa pequena por um na maior companhia farmacêutica do mundo.

"Certo." Apoiei os braços cruzados na mesa. Apesar das complicações relacionadas a Hayworth, a coisa parecia estar acontecendo a meu favor. A Verge seria minha, Selena *era* minha, e Sloan e eu estávamos conversando sobre a Amari Global sem nenhum traço de hostilidade. "Você é a segunda maior acionista da empresa. O que faria a seguir?"

Antes de Sloan ir para Londres a trabalho no ano anterior, as coisas estavam péssimas entre nós. Trocávamos ofensas pesadas e mal conseguíamos ter uma conversa normal sem descambar para a gritaria, um furioso com o outro por ter recebido uma coisa que não considerávamos ter sido merecida.

"Como não existe concorrência, dê o preço que você achar melhor. Compre a empresa e desfaça a estrutura administrativa. Não ofereça para nenhum deles um assento no conselho de administração da Amari Global." Era exatamente esse o meu plano.

Quando falei que Sloan era uma víbora, era sério. Ela tinha o instinto assassino necessário para tomar a frente dos negócios. Senti uma pontada de culpa. Ela nunca teve essa oportunidade porque eu era o herdeiro.

"Eu não tenho a menor intenção de oferecer para ninguém um assento no conselho." Por um momento, pensei se deveria ou não contar sobre as complicações relacionadas a Hayworth.

A rejeição que Sloan sofreu do lado Sheffield da família a afetou profundamente. Ela gastou muito tempo tentando se tornar alguém aceitável para eles. Já tinha superado essa fase, mas eu não sabia como essa informação a impactaria.

"Ótimo." Minha irmã ficou de pé e foi em direção à porta. "A gente se vê no brunch quando você voltar?"

Eu assenti. Contaria tudo quando soubesse o que Hayworth estava querendo. Além disso, se quisesse me provar, eu precisava resolver essa questão.

"Sloan", chamei. Ela parou na porta e se virou. "Eu estou feliz por você, sabia?"

Ela levantou uma sobrancelha.

"Finalmente encontrou alguém à sua altura", expliquei.

O rosto dela se iluminou. "Não que isso mude alguma coisa... mas você aprova?"

Eu revirei os olhos.

"Óbvio", respondi.

"Você é bom nisso, sabe." Ela olhou ao redor da sala. "Combina com você."

Sloan não esperou uma resposta, só fez um aceno de despedida e fechou a porta.

Olhei para o meu celular e liguei para Balakin. Parte do time dele tinha um contador forense. Eu não sabia o que a Heritage Limited era, mas havia uma conexão ali que foi escondida por algum motivo.

32

SELENA

Eu estava na cozinha, vendo Lauren preparar meticulosamente uma das minhas comidas favoritas.

"*Sancocho?*", perguntei, respirando fundo. O cheiro familiar me deixou com um quentinho no coração.

Lauren assentiu. "Sim. Eu estou te mimando."

Ela tinha voltado de Boston no dia anterior, e contei o que havia acontecido comigo e com Miles. Como fazia dias que não ia para casa — depois de passar três noites seguidas na casa de Henry, dormindo pouquíssimo —, a chegada de Lauren veio em boa hora.

A situação com Miles foi resolvida, mas isso não impediu Henry de colocar um segurança na minha porta.

"Desculpa por não estar aqui. Eu poderia ter falado para ele cair fora." Ela soltou um suspiro.

Meu plano era levá-la para jantar, para lhe dar uma noite de folga e contar sobre Henry. Mas, quando cheguei em casa, Lauren estava trabalhando na cozinha e preparando quase todos os meus pratos favoritos.

Eu estava do outro lado da bancada, mexendo nervosamente na manga da blusa.

“Estou saindo com Henry”, finalmente soltei.

Ela parou de mexer na panela e ficou em silêncio. Não olhou para mim.

“Estamos juntos”, esclareci.

O silêncio sufocava a cozinha.

“Esse cara é literalmente as duas coisas que bagunçaram a sua vida.” O tom dela era pura desaprovação.

“É diferente”, argumentei. Miles foi uma distração. Os Waldorf foram um plano maluco ao estilo *O conde de Monte Cristo* que deu errado. “Henry não é como eles.”

“Não. É muito mais rico, tem muito mais poder”, ela retrucou, apagando o fogão e saindo da cozinha. Eu a segui e me recostei na parede enquanto ela andava de um lado para o outro pela sala. “*Eles* tentaram arruinar a sua vida. E a da sua mãe.”

Minhas pernas ficaram bambas, e lentamente escorreguei até o chão. Eu detestava pensar nisso.

Dois anos antes, quando contei para a minha mãe por acaso que trabalharia para os Waldorf, ela surtou. Pegou um avião e veio até Nova York para me convencer a não fazer isso. Depois de um fim de semana dramático de choro e gritaria, ela enfim me contou sobre o meu pai.

Allister Waldorf.

Ela o conheceu quando veio morar aqui por alguns anos para fazer faculdade. Ele já era casado na época, coisa que a minha mãe não sabia. Foi um caso efêmero, e quando a gravidez veio à tona ele ofereceu dinheiro para ela ir embora da cidade e nunca mais voltar.

Mas minha mãe era dura na queda e recusou. Então Allister começou a fazer ameaças mais sérias contra ela — e contra mim. Minha mãe pegou o dinheiro e recomeçou a vida em Los Angeles. Assim, eu poderia ser criada perto da família, dos meus avós.

"Ei", Lauren finalmente voltou a falar e segurou minha mão machucada. Pisquei algumas vezes e tentei limpar as lágrimas que nem percebi que estavam escorrendo pelo meu rosto. Ela ajoelhou na minha frente. "Desculpa, eu só estou preocupada."

Minha mãe me implorou para não remexer nessa história, e eu tentei. Mas quando meu trabalho com os Waldorf estava chegando ao fim, cometi o erro de pensar que ele não seria um monstro comigo, sua filha. Contei quem eu era e fui imediatamente silenciada por um batalhão de advogados que fizeram ameaças não muito veladas sobre o que aconteceria se eu abrisse a boca.

Nesse dia, algo se partiu dentro de mim.

Eles fizeram com que eu me sentisse impotente, então decidi mostrar o quanto podia ser poderosa.

Mandei todas as provas dos crimes deles para a imprensa. Os vazamentos levaram a investigações pesadas, que inclusive já estavam em andamento. Não demorou muito para eles entenderem quem orquestrou tudo. Eles não acionaram a quebra no acordo de confidencialidade, mas me fizeram assinar outro, em que concordei em manter minha linhagem familiar em segredo.

"Eu sei." Engoli em seco, com um nó na garganta. Eu me sentia uma idiota por considerar que o lance com Henry

poderia ser real, mas ele sempre fazia alguma coisa para me convencer disso. “Mas é diferente.”

Meu coração sofria pela minha mãe. Ela nunca mais confiou em ninguém, e passei a vida inteira sabendo que só podia contar comigo mesma. Que ninguém viria me socorrer. A autossuficiência era o único jeito de ser que eu conhecia.

Lauren olhou para o chão. “Eu não estou muito surpresa. Você anda trabalhando até tarde e fica toda boba quando está perto dele.”

O jeito como Henry me olhava, me tocava, me beijava — era diferente de tudo o que eu tinha sentido antes.

“Nós vamos viajar juntos daqui a algumas semanas, para Londres”, acrescentei. Contar tudo de uma vez parecia mais fácil. “Ele é diferente. Eu realmente acredito nisso.”

Não faça promessas para si mesma. Ele não vai cumprir por você.

Ou talvez sim.

Um sorriso cauteloso apareceu, e Lauren assentiu.

“Quanto mais fundo você for, mas difícil vai ser quando acabar.” Ela suspirou. “Mas existem formas piores de se ocupar por alguns meses.”

Então levantou e voltou para a cozinha.

Quando. *Quando acabar*.

Era uma coisa temporária. Era assim que precisava ser com Henry. Eu ia me mudar em oito meses.

O som dos pratos na cozinha foi abafado por essa conclusão. Senti meu estômago embrulhar.

Decidi contar para Lauren sobre Henry para me sentir melhor, então por que eu me sentia pior?

33

HENRY

Hugo Aubert ainda estava indeciso sobre a venda quando conversei com ele de manhã no Griswald, em Londres. Somado ao fato de que eu era claramente o alvo nessa história, isso me fez querer desistir da aquisição. Se não fosse pela minha situação no conselho, eu teria feito isso.

Depois de passar o voo até Londres introduzindo Selena ao sexo nas alturas, ela estava na minha casa na cidade, dormindo. Enquanto eu passava a manhã no Griswald, ela pretendia sair para tirar algumas fotos pela cidade.

"Pode deixar que eu me preocupo com Hugo. Ele vai cair em si", Charles garantiu, todo pretensioso, do outro lado da mesa. Minha conversa com Hugo Aubert foi agradável, mas não exatamente produtiva. Ele era a imagem exata do fundador excêntrico de startup que eu esperava encontrar.

"Se quiser que a venda saia, você vai ter que ajudar", respondi de forma educada.

Ele não gostou disso.

"O Griswald é um dos clubes mais antigos da Inglaterra, portanto do mundo, em termos de estabelecimentos refinados", Charles Hayworth falou depois de um silêncio

constrangido. Ele disse aquilo com um ar de total condescendência. Sua postura não me surpreendeu em nada, mas o nível de arrogância para alguém à beira do colapso financeiro era... interessante. “Eu ficaria feliz em recomendá-lo.”

“Quanta gentileza.” Lembrei a mim mesmo de me fazer de sonso. Detestei cada minuto que passei ali, mas, se havia uma forma amigável de assegurar a aquisição da Verge, eu precisava tentar.

“Quando você disse que era uma ‘viagem para Londres’, pensei que a gente fosse passar mais de um dia aqui”, Selena comentou. O tecido de cetim de seu vestido azul roçou em mim quando ela veio sentar, apoiando a cabeça no meu peito e se ajeitando na poltrona do jato corporativo da Amari. “Nem vai me contar para onde a gente está indo?”

“Isso estragaria a surpresa. Mas é um encontro.”

“Sabe, você nunca me convidou *de fato*.”

Eu segurei e beijei sua mão. “Você me daria a honra de me acompanhar até um lugar indeterminado por um tempo indeterminado para atividades indeterminadas?”

“Que romântico.” Selena olhou para mim e sorriu. “E eu sei muito bem o que são essas ‘atividades indeterminadas’.”

O voo foi curto, e pousamos na Alsácia poucas horas depois. A pequena região vinícola na fronteira da França com a Alemanha parecia saída de um conto de fadas. Selena estava eufórica quando desembarcamos e entramos no SUV que aguardava na pista de pouso privativa.

Ela respirou fundo para sentir o ar frio da montanha e não disse nada. Em vez disso, sacou sua câmera, e os cliques começaram e não pararam mais. Nem mesmo quando estávamos no carro. A janela ficou aberta durante quase todo o trajeto, apesar do frio do inverno e do vestido fino que ela usava. Era início de dezembro e, a essa altitude, a neve já cobria alguns dos picos das montanhas.

Fomos de carro para um grande château, que tinha facilmente uns seiscentos anos. Ficava no alto de uma série de morros. As trepadeiras subiam pelas paredes de pedra gasta. Os olhos de Selena se arregalaram quando abri a porta para ela e estendi a mão para ajudá-la a descer do carro.

"Se me disser que o castelo é seu, eu vou embora agora mesmo", ela disse, categórica, enquanto observava a estrutura gigantesca.

Os proprietários originais do château eram uma família de aristocratas dona das terras ao redor, que usavam para a vinicultura. Atualmente as terras eram de uma vinícola, e o castelo havia sido transformado num hotel boutique.

Produzir vinho podia não ser um sonho dela, mas Selena costumava investigar os rótulos das garrafas que bebíamos. Era um ritual encantador que acontecia quase todas as vezes que abríamos uma.

"Não é." Passei a mão pelas suas costas enquanto a conduzia para o caminho que levava ao castelo. Nossos sapatos esmagavam o cascalho aos nossos pés. "Mas se você gostar..."

Ela me encarou.

"Estou brincando."

Não estava, não.

Agora entendia plenamente por que Marcus vivia enchendo Sloan de surpresas. Era divertido. A cara de empolgação de Selena era uma recompensa por si só. Se quisesse um castelo, eu compraria um para ela. Se quisesse o mundo, eu compraria também. “Eu quero te mostrar uma coisa.”

A grande porta de entrada se abriu lentamente, rangendo do início ao fim. Fomos recebidos pela equipe do hotel, que nos mostrou as instalações. Havia um restaurante, uma sala de degustação de vinhos e alguns espaços maiores que podiam ser alugados para hospedagem. Aluguei o castelo inteiro pelo resto do fim de semana. Nós ficaríamos até a manhã de terça-feira.

“Henry...” Sua atenção se desviava para os vinhedos desfolhados e as vistas belíssimas das janelas pelas quais passamos a caminho da sala de jantar, onde havia uma mesa montada, com uma garrafa de vinho gelando. Puxei a cadeira para ela e depois me sentei à sua frente.

Selena soltou um suspiro, passando os olhos pelo recinto ricamente ornamentado.

“Henry...” Ela deixou o que ia dizer no ar, perdendo a linha de raciocínio de novo.

“Ainda nem contei qual é a surpresa.” Dei uma risadinha. Estávamos sendo discretos e não podíamos sair juntos em Nova York. Eu queria proporcionar uma experiência inesquecível para ela.

“Ainda tem mais?”

Fiz que sim com a cabeça. “Aqui é a vinícola onde fazem aquele vinho que você adorou lá nos Hamptons.”

Ela respirou fundo e se ajeitou na cadeira.

"Espera." Seus olhos se voltaram para o vinho que gelava ao lado da mesa, e ela pegou a garrafa, examinando lentamente o rótulo. Só não mencionei o fato de que todas as garrafas disponíveis daquela safra estavam sendo enviadas para Manhattan naquele exato momento.

"Está tudo bem?", perguntei. Selena era a proprietária daquela safra agora. Essa surpresa podia ficar para mais tarde.

Ela ficou sem palavras, em mais um silêncio prolongado. "Isso é *incrível*. Mas... por quê?"

"Estou tentando mudar sua opinião sobre cavalheiros."

Ela balançou a cabeça. "Você desmascarou esse blefe semanas atrás."

Passei a mão por baixo da mesa e coloquei sobre a sua coxa, apertando de leve. Segurei a perna da cadeira e a puxei para mais perto. O som do móvel sendo arrastado pelo piso de mármore ecoou pela sala. Os olhos dela se arregalaram, e seus lábios se entreabriram levemente; Selena estava tão perto que nossos joelhos se tocaram. "Pode apostar."

Ela passou a mão no meu peito. "Isso é *bem* exagerado para um primeiro encontro."

"Se você fica mais à vontade assim, vou garantir que o próximo seja péssimo", murmurei no seu ouvido.

Sua risada suave fez um calor delicioso se espalhar pelo meu peito. "Não consigo acreditar nisso."

"Que bom, porque é mentira." Servi uma taça de vinho. As últimas semanas tinham sido um outro tipo de realidade para mim. Eu estava feliz. Precisava de mais tempo com Selena e, se

isso significava ter que fazer das tripas coração para que ela ficasse comigo por mais alguns meses, então... “A porra do príncipe encantado vai ter que suar a camisa para me superar.”

34

SELENA

Depois do jantar, Henry e eu tiramos um tempo para explorar o castelo.

Havia um restinho do pôr do sol invernal nas janelas estreitas, projetando sombras compridas pelo chão de pedra gasta. Imaginei o quanto isso ficaria lindo se capturado pelas minhas lentes, mas me contentei em guardar na memória. Passamos por um grande salão e paramos diante das arcadas com entalhes intricados no teto. Fiz uma anotação mental para voltar com a minha câmera antes de irmos embora; os enormes pilares ficariam incríveis sob a luz da manhã.

Duas cadeiras de nogueira elaboradamente entalhadas chamaram nossa atenção de sua posição proeminente no centro do recinto. Fiquei um pouco boquiaberta com sua beleza histórica. Tinham ares de realeza tanto no tamanho como na estatura; acho que nunca tinha visto algo assim.

“Tem certeza de que não quer que eu compre?”, Henry perguntou casualmente, com os braços sobre os meus ombros.

Eu ainda estava processando os pulos que o meu coração dava toda vez que ele encontrava uma nova forma de me

surpreender. Eu sabia que precisava ser realista e lembrar que aquilo era passageiro.

Mas, para os propósitos da viagem, decidi me entregar completamente ao conto de fadas.

"Não, é meio velho." Franzi o nariz e continuei andando, parando apenas para dar uma piscadinha para ele.

Eu me aproximei para observar os detalhes, passando a mão pelos entalhes medievais e parando para examinar o que parecia ser um brasão familiar no espaldar.

"Você acha que eram tronos?", especulei.

"Provavelmente", Henry respondeu, observando do lugar onde estava antes de circular mais um pouco pelo salão. "A Alsácia-Lorena passou dos franceses para os alemães diversas vezes ao longo dos séculos."

O intelecto de Henry tinha um charme hipnótico. Ele não era um sabichão. Se ninguém perguntasse nada, ficava calado, mesmo quando dominava muito bem o tema da conversa.

Como um cavalheiro. Um homem elegante.

Seu brilhantismo aparecia em momentos aleatórios, quando ele estava descontraído.

"Ah, é?" Eu sorri e me sentei, passando os dedos pelas curvas e depressões dos entalhes.

Ele assentiu, e seus olhos passearam pelo teto abobadado. "Aqui provavelmente era a sede do governo da região. Cercado por duas regiões montanhosas, perto do Reno, é o lugar perfeito."

"Ele joga xadrez, conhece estratégia militar...", comentei em voz alta. "Talvez você deva se sentar aqui."

“Aprendi estratégia militar por causa do gosto do meu avô por Maquiavel.” Henry se virou e levantou as sobrancelhas enquanto me observava no trono. “E acho que isso combina mais com você.”

Senti meu rosto esquentar. “O quê?”

“O trono.”

Quando ele me olhava assim, como se eu fosse a única pessoa no mundo, um sentimento que eu acreditava ter sido roubado de mim voltava. Me senti como se fosse capaz de comandar um exército. Me senti poderosa de novo.

“E por falar em xadrez”, ele foi até mim. “Sabe o que eu sempre considerei o mais interessante sobre esse jogo?”

“Quando acaba?”

“Não.” Henry se aproximou, ignorando a minha provocação e se apoiando nos braços adornados do trono. Ele baixou a voz e me encarou. “O rei é a peça mais importante, porque você precisa dele para ganhar. É também o que o torna mais vulnerável.”

Ele me observou atentamente. Não estava mais brincando.

“Ah.”

O ar praticamente vibrava entre nós.

“Mas a rainha...” Seu hálito aqueceu minha nuca, espalhando arrepios pelo meu corpo. “Ela pode se movimentar como quiser.”

“Parece interessante”, murmurei, sentindo meus mamilos se enrijecerem sob o tecido sedoso do sutiã.

“Captura quem ela quiser.” Ele deu alguns beijos no meu pescoço.

“Henry...” Minha cabeça se inclinou para trás e meus olhos se fecharam.

“O rei é valioso.” Ele passou o dedo pela minha clavícula. A umidade se acumulou no meio das minhas pernas, pois pelo seu tom eu sabia exatamente o que me esperava. Uma voz grave, controlada, confiante. “A rainha é o verdadeiro poder.”

Meus olhos se abriram quando ele se afastou, mas Henry não foi muito longe. Estava ajoelhado diante de mim.

Henry Amari.

De joelhos.

Para mim.

“Henry, o que você...”

Com os olhos cravados nos meus, ele enfiou a mão embaixo do meu vestido, enlaçou a minha calcinha com os dedos e começou a acariciar o meu clitóris num ritmo torturante.

Minha respiração se acelerou.

“Seria uma indelicadeza não me ajoelhar diante do trono.” Um sorriso diabólico se desenhou em um lado do seu rosto enquanto ele deslizava a minha calcinha pelas minhas pernas. Ergui os quadris imediatamente para ajudá-lo. “E eu faço questão de ser respeitoso.”

Ele levantou meu vestido até os quadris, me segurou com força e me puxou para a frente.

Minha mente deu um branco total, concentrada apenas no calor de seu toque e nas faíscas que suas mãos provocaram quando afastaram meus joelhos.

Henry enfileirou alguns beijos na parte interna da minha coxa antes de abocanhar meu clitóris, acariciando-o com a

língua.

Eu me arqueei para trás, deixando minha cabeça cair contra o espaldar do trono, abafando um gemido. Sem pensar, envolvi seu pescoço com as pernas. Era *delicioso*.

"E se alguém..."

Seu polegar substituiu a língua, e seus dedos deslizaram lentamente para dentro de mim. Minhas costas se arquearam, com as ondas de prazer se espalhando pelo meu corpo. Agarrei seus cabelos com os dedos, aflita para mantê-lo onde estava. Fazendo aquilo comigo.

"Você acha *mesmo* que eu ia deixar alguém te ver assim?", Henry grunhiu, com a boca junto à umidade na parte interna da minha coxa. Seus dedos e seu polegar se moviam em sincronia. "Arfando para mim? Louca de desejo por mim?"

Meu corpo entrou em curto-circuito, bombardeado pela percepção de onde eu estava, o que estava fazendo e quem estava fazendo aquilo comigo. Meus olhos se fecharam de novo, e eu me deixei levar pelo seu toque.

"Não", murmurei, e os dedos dele entraram mais fundo em mim.

Ninguém nos veria porque Henry não permitiria. Eu sabia disso. Não havia muita coisa que ele não fosse capaz de controlar.

"Isso mesmo. Você é toda minha", ele murmurou. Sua boca voltou para o meu clitóris de novo. Outro dedo entrou em mim. Uma eletricidade se espalhou a partir do meu umbigo quando senti seus dedos me alargando.

Soltei um gemido. Meus quadris começaram a se remexer. Henry estava indo devagar, com a possessividade lenta de um homem que sabia exatamente como me fazer gozar, mas ia devagar para curtir cada momento.

"Me fala, Selena." Ele roçou os dentes contra o meu clitóris. Seus dedos se enfiaram com mais força em mim, e a pressão no meu ventre se intensificou. Estremeci de ansiedade para liberá-la. "Como você quer gozar? Na minha boca? Na minha mão? No meu pau?"

Meus olhos se abriram. Olhei para baixo e encontrei seu olhar excitado. Seu peito subia e descia com força, cheio de desejo.

Minhas mãos encontraram sua camisa e a arrancaram.

"No seu pau", consegui dizer.

Em meio à névoa que turvava o meu pensamento, ouvi uma risadinha grave.

"Essa é a minha garota." Ele se inclinou para trás e me segurou pela cintura. Antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, fui levantada do chão. Ajeitei o corpo e me segurei nos seus ombros.

Henry imediatamente me virou, e sua mão acariciou as minhas costas, me debruçando sobre o trono. Minhas mãos seguraram o apoio para braços.

"Você vai conseguir se segurar, Selena?", ele murmurou com seu hálito quente na minha orelha.

Eu assenti, apesar de as minhas pernas estarem prestes a ceder a qualquer momento.

“Ótimo.” Ele deu um passo atrás, e o som de seu cinto indo para o chão e da embalagem da camisinha sendo aberta preencheu o silêncio antes que Henry se posicionasse atrás de mim. Ele puxou meu vestido até a cintura.

Então me penetrou devagar. Mergulhei na sensação gratificante de ter toda sua extensão me alargando.

“É assim que você quer gozar, linda?” Sua mão na minha cintura me firmava, enquanto a outra se enfiava dentro do meu vestido e massageava meu seio, brincando com o mamilo entre os dedos.

“Sim”, falei, arfando de leve. Minhas unhas se cravaram na madeira antiga. As estocadas começaram lentas, expulsando o ar dos meus pulmões.

“No meu pau.” Ele deu uma estocada mais forte, mais bruta. *Esse* Henry. O que não encenava nada, que fazia meu sangue pegar fogo com um desejo que eu nunca tinha sentido antes. Eu queria tudo aquilo, e quanto mais bruto e indecente melhor. “Debruçada sobre um trono enquanto eu meto até fazer você ficar fora de si?”

“Henry”, gemi num soluço interrompido. Meus braços começaram a tremer enquanto o prazer avassalador consumia cada fibra do meu ser.

“Isso mesmo, linda”, ele grunhiu entre dentes. Suas duas mãos agarravam meus quadris com força, e ele se soltou completamente. “Geme para mim.”

Fechei os olhos, e meus sentidos foram tomados pelo som de seus grunhidos graves, o eco sujo de nossos quadris se chocando e os rangidos do assoalho. Eu só podia imaginar a

cena: eu de bruços, sendo fodida sem piedade por um homem que parecia ser metade poder, metade vulnerabilidade pura.

Sua mão provocou meu clitóris antes de dar um beliscão.

Todos os neurônios do meu cérebro se incendiaram, fora de controle, e uma mistura de sons incoerentes escapou de mim. Meu orgasmo me consumiu como uma onda de fogo.

"Henry", gritei de novo, sentindo os tremores pós-orgasmo me dominarem. Um suor frio percorreu o meu corpo, como se eu estivesse com uma febre repentina.

Senti um empurrão para a frente, e um tremor pronunciado desceu pelo corpo dele enquanto seu aperto na minha cintura se intensificava ainda mais. Henry grunhiu, e o êxtase tomou conta dele também. "Caralho, Selena."

Alguns momentos depois, paramos de nos mover.

Quando meu corpo hipersensibilizado começou a ceder, os braços de Henry me envolveram e me puxaram para junto de si. Eu mal conseguia ficar em pé, mas ele me abraçou com força, sustentando o meu peso e me permitindo desfrutar do pós-orgasmo.

Inclinei a cabeça para trás e a apoiei em seu ombro, sentindo seu peito subir e descer contra minhas costas.

Henry deu um beijo na minha nuca.

Olhei para o trono à minha frente. "Acho que a gente profanou essa sala."

A risadinha dele reacendeu o fogo no meu ventre. "O castelo tem seiscentos anos. Não é possível que sejamos os primeiros."

35

SELENA

A sede da Pearson já estava com decorações natalinas. Eu adorava o lugar nessa época do ano. Apesar de não estar sendo usada, minha sala também tinha uma guirlanda pendurada. Criada na Costa Oeste, eu estava acostumada com natais californianos: tempo ameno, palmeiras e nenhuma chance de neve. Estar em Nova York na época das festas de fim de ano era como estar num filme.

Senti um leve cheiro de hortelã quando entrei na sala de Rita. Não falava com ela havia um tempo e provavelmente não faria isso de novo antes do feriado, já que pretendia ir para casa passar duas semanas com a minha mãe.

Rita pareceu achar graça quando entrei na sua sala e Drake assumiu seu posto na porta. Ela levantou uma sobrancelha, e um sorriso curioso surgiu em seu rosto. “Você anda com segurança agora?”

“Só ultimamente, por questões de vazamentos, para proteger...”

“A família, claro, isso é comum”, ela concluiu por mim. Eu não ia dizer “família”. Não sabia como terminar a frase. “Você não é da família.”

Senti uma rápida, mas incômoda, pontada no peito. Apesar da viagem de conto de fadas para Londres e a Alsácia, eu sabia que não era nem nunca seria da família.

As surpresas de Henry eram fofas e bem pensadas. Me deixar levar pela fantasia era uma tentação. Mas eu sabia onde estava pisando. O mundo dele era areia movediça, e eu não tinha a fortuna familiar necessária para entrar.

"Houve preocupações com segurança por causa de Miles."

"Por falar no galã de cinema." Rita começou a procurar algo na gaveta. Era um envelope, que ela me entregou. "A equipe de Miles mandou. Eles pediram para não te incomodar com isso. Veio endereçado para mim, mas o recado é para você."

"Ah", falei, pegando o bilhete lá dentro. Abri o cartão dobrado e li.

Rita,

Peço desculpas por ter passado dos limites com Selena.
Espero poder vê-la de novo, para me desculpar pessoalmente.
Se ela estiver no lançamento do filme em Nova York, eu gostaria de encontrá-la.
Por favor, diga que eu peço desculpas e estou com saudade.
Miles

Eu não sabia o que fazer com aquilo, mas foi nesse momento que percebi por que não quis levar os contatos anteriores de Miles a sério.

Não queria acreditar que ele era perigoso porque isso significaria que eu estava em perigo. E a ideia de ter que me

proteger, física e mentalmente, de alguém transformando a minha vida num inferno estava ficando cansativa.

"Você pode avisar para a equipe dele não tentar mais nenhuma forma de contato comigo?", pedi secamente.

Rita levantou as sobrancelhas e assentiu. "Claro. De resto, como vão as coisas?"

Enfiei o bilhete na bolsa. "Muito bem."

Eu estava fazendo o melhor sexo da minha vida com o homem mais lindo que já tinha visto. Bom era pouco.

"Parece que a imprensa está relativamente contida", ela comentou com um tom de orgulho. "Você vai poder ir para Los Angeles mais cedo do que imagina."

"Pois é..."

"Ainda é o que você quer, certo?"

Eu fiz uma pausa. "Sim, claro."

Rita soltou um longo suspiro. "Agora, sobre Miles. Ele levou um tombo e ao que parece quebrou a mão durante os eventos de imprensa em Nova York. Mas a pré-estreia do filme está confirmada para a primeira semana de junho. Você ainda está na lista de convidados da agência, com direito a acompanhante."

Eu assenti. "Ah, sim... eu vou estar lá."

Esse era um dos bônus que o meu trabalho trazia. Eu podia ir a eventos incríveis, desde que fosse discreta.

"Ótimo." Ela digitou rapidamente alguma coisa e voltou a falar comigo. "Eu posso presumir que o seu segurança..."

"Não." Senti um aperto no coração. Meu contrato com os Amari terminava em junho. Tecnicamente, precisaria ir até o

fim do mês, mas seria preciso um tempo de transição para o trabalho ser passado para a equipe da agência. Tudo terminaria em junho. Eu voltaria para casa, como planejado. “Tudo isso vai ter acabado até junho.”

Rita ajeitou os óculos e deu uma boa olhada em mim.

“Ler não é meu passatempo favorito, sabe, mas meu tipo de leitura favorito são as autobiografias.” Ela levantou e foi até a estante atrás da mesa. “Meu maior objetivo é levar uma vida interessante o suficiente para escrever uma. E você, querida, já pode ter me superado nisso.”

Ela parecia orgulhosa.

Me senti envergonhada. A última coisa que eu queria era me envolver. De novo. “Não era a minha intenção que essas coisas acontecessem.”

A risada dela ecoou pela sala.

“Os vinte anos servem para cometermos erros”, ela me garantiu. “Os trinta, para começarmos as aplicações de Botox e termos casos ao redor do mundo; e os quarenta, para sossegar com alguns poucos amantes.”

Eu sorri, apesar de parecer que tinha engolido cacos de vidro. “Você não está incomodada?”

“Você só precisa se cuidar e manter a discrição por um tempo”, ela aconselhou. “A política de não envolvimento com os clientes da agência só vale para clientes ativos e, como nesse caso a contratante é oficialmente Sloan Amari, você não corre risco nenhum.”

“Certo.”

Guardei o celular na bolsa e juntei as minhas coisas. Eu já tinha dito para Henry que precisaríamos manter tudo em segredo por causa do conselho da Amari Global, e ele pareceu concordar.

Quando levantei para sair, a voz de Henry ecoou na minha mente.

A porra do príncipe encantado vai ter que suar a camisa para me superar.

Era isso o que eu temia.

36

SELENA

AMARI GLOBAL ENTRA NO MERCADO DA TERAPIA GÊNICA

Henry me contou sobre a matéria publicada no *Financial Times*.

Não parecia muito incomodado quando me ligou para contar de manhã, só estava irritado porque a informação vazou antes que o negócio estivesse formalmente fechado. Li a matéria, e nenhuma fonte era citada, como sempre. Apaguei a tela do celular e olhei para o espelho.

"Tem certeza de que está bom?", perguntei enquanto mexia nervosamente no vestido prata de paetês mais uma vez. Era perfeito para a festa de Ano-Novo daquela noite. Isabelle deu um tapa nos meus dedos quando eu retorci o tecido com as mãos.

Eu tinha comprado antes de ir passar o Natal com a minha mãe e até esqueci o quanto havia adorado. Além disso, depois de duas semanas em casa, voltei com um brilho renovado na pele. A Califórnia sempre proporcionava um reforço de vitamina D, isso sem contar a minha mãe me mimando e me enchendo de comida.

Voltei à cidade na noite anterior, o que significava que só voltaria a ver Henry na festa. Ele foi até a casa de Marcus

conversar sobre alguma coisa à tarde, então precisaríamos esperar até depois da festa para termos um tempo a sós.

"Sim, está lindo", Isa respondeu. Estávamos sentadas diante da minha penteadeira, e Isabelle estava aplicando os meus cílios postiços, com as mãos firmes de uma cirurgiã.

Já as minhas estavam bem longe disso. Fiquei com dor de estômago o dia inteiro. A festa parecia uma tarefa assustadora a ser cumprida, embora minha única função fosse comparecer e resistir à vontade de arrancar as roupas dele.

Por que eu estava tão nervosa?

Seu lugar não é aqui.

Os pais deles estariam lá. E agora eu sentia um aperto no peito diante da ideia de tentar criar uma boa impressão. Eles não sabiam que estávamos juntos, então eu não tinha motivo nenhum para falar mais do que um oi.

Isabelle terminou de aplicar os cílios, e a ansiedade me fez querer mexer o corpo. Fiquei andando sem parar do meu armário para a penteadeira. De repente, meu vestido começou a parecer apertado demais.

Lauren observou essa apreensão toda. Às vezes fazia perguntas sobre o nosso relacionamento, mas ainda parecia decepcionada com o rumo que as coisas estavam tomando. Ela aprovou meu envolvimento com Miles, mas parecia irritada em relação a Henry.

"Talvez você não devesse ir", Lauren sugeriu. "Parece que você vai passar mal."

"Você está linda", Isa interveio imediatamente, lançando um olhar de reprovação para ela.

Concordei com a cabeça. Era só uma festa. Eu podia passar o tempo conversando com Henry e talvez alguns outros convidados. No pior dos casos, eu sabia como passar despercebida.

"Você vai precisar ir nesse tipo de evento daqui para a frente?", Lauren resmungou, ignorando mais um olhar de Isa.

Visitar minha mãe na Califórnia também me fez repensar tudo. Não contei sobre Henry porque não fazia sentido, já que era tudo passageiro.

"Nós não nos assumimos ainda", lembrei a Lauren, respirando devagar numa tentativa de acalmar os nervos. "Mas, provavelmente, algumas vezes."

"Se ele algum dia quiser que as pessoas saibam que vocês estão juntos", ela resmungou.

"Foi ideia minha manter a discrição por enquanto", rebati.

Isabelle se levantou e pôs as mãos nos meus ombros. Ela olhou para trás, vendo que Lauren estava saindo do quarto. "Você merece ser feliz. Se ele te faz feliz, então curte."

Isso me fez lembrar que havia um prazo de validade. Tudo aquilo, o que quer que fosse, era passageiro. Alguns meses de sexo delicioso com um cara ótimo, e nada mais.

Esse era o atrativo para ele. Só podia ser. Curtir sem se comprometer. Ele jamais consideraria nada duradouro comigo. Eu tinha pilhas de tabloides para provar que Henry nunca teria algo sério com alguém que não fosse parte do seu mundo.

E era melhor assim.

Eu olhei para Isa. "E se..."

“Se você fosse atropelada por um ônibus amanhã?”, Isa interrompeu.

“Isa!”

“Um monte de coisas ruins *pode* acontecer.” Sua voz assumiu o tom sério que eu a ouvi usar para repreender os residentes mais jovens. “Tudo o que eu vejo, dia após dia, é o resultado de coisas ruins que aconteceram. Isso não me impede de andar, correr, entrar num carro, praticar um esporte ou qualquer outra coisa que possa me machucar.”

Eu mordi o lábio.

Ela continuou. “Só porque *deu* merda não significa que *vai* dar merda.”

Virei as costas, me olhei no espelho e lembrei por que tinha adorado aquele vestido. Era perfeito e servia como uma luva. Uma empolgação renovada me invadiu, acabando com o frio na barriga que eu estava sentindo. “Eu gosto dele.”

“É.” Ela deu risada. “Dá para perceber.”

“Isa...”

“Aconteça o que for, eu estou do seu lado.” Ela veio até a penteadeira, pegou minha bolsa de mão e jogou algumas coisas lá dentro. Em seguida pegou a máscara veneziana toda ornamentada que Henry tinha me mandado e entregou tudo na minha mão, junto com a minha bolsa.

“Renda preta, olhos de gatinho.” Isa balançou a cabeça enquanto eu amarrava as fitas de seda no lugar. “E as transas, como foram?”

Meu rosto esquentou na hora. Indescritivelmente boas. Todas as partes do meu corpo se acendiam quando ele me

tocava. “Incomparáveis.”

“Imagino”, ela resmungou em tom brincalhão. “Não faça nada que eu não faria.”

37

HENRY

A festa de Ano-Novo era um baile de máscaras e estava a todo vapor, com as máscaras brilhantes rodopiando pela pista de dança. O som da música e das risadas ecoava pelo salão enfeitado, pontuado pelo tilintar das taças de champanhe e o farfalhar dos vestidos de festa.

Passei a manhã tentando descobrir quem entre os executivos ou na equipe de aquisições poderia ter deixado vazar os detalhes do plano de comprar a Verge. Encarreguei a equipe de computação forense de fazer varreduras praticamente constantes.

Olhei ao redor do salão. Selena tinha razão sobre a festa. Conversei com todos os membros do conselho nas primeiras duas horas. Apesar do vazamento, foi uma grande noite para mim em termos profissionais. Mas o lado pessoal parecia estar sendo sufocado.

Selena e eu conversamos educadamente, a uma distância apropriada, quando ela chegou. E nada mais.

Manter o segredo parecia quase impossível quando ela estava *assim*. O vestido prateado que ela usava brilhava quando a luz beijava as curvas de seus quadris.

Elegante, e de frente única, e *puta que pariu*.

A seda preta da máscara reluzia sobre a curvatura delicada de seu rosto.

Eu não conseguia nem pensar direito. Não depois de duas semanas sem vê-la.

E não enquanto via Tristan rodopiando com ela na pista de dança. Seus corpos estavam colados enquanto ele a conduzia numa valsa. Quem foi o desgraçado que a ensinou a dançar valsa, e por que isso foi necessário?

Imaginei que Tristan a tivesse visto sozinha e foi fazer companhia para ela num gesto de elegância. Isso tinha impressões digitais claras da interferência de Xander.

"Vai logo dançar com ela", Xander falou quando veio ficar ao meu lado. "*Todo mundo* já percebeu."

Eu revirei os olhos.

"Porra, por que eu não pensei nisso antes?", respondi, sarcástico. "O conselho inteiro está aqui."

"Você pretende fazer uma dança indecente na frente de toda a alta sociedade de Manhattan?" Ele abriu um sorriso de desafio. "Não? Então provavelmente vai dar tudo certo."

Manter as minhas mãos sob controle quando eu estava com Selena não era pouca coisa. "Já terminou?"

"Não. Nós dois sabemos que Tristan não vai fazer nada, agora que está tudo tão na cara. Mas você vai ter que ficar vendo *isso* a noite toda." Ele apontou com a cabeça para os dois dançando.

Quase como se a deusa do pior momento a tivesse convocado, minha mãe se aproximou de nós com alguém que

parecia “uma jovem apropriada”. *Que ótimo*.

“Henry.” Ela pôs a mão no meu ombro. “Essa é Blair St. Claire.”

Xander ficou tenso do meu lado, segurando o riso.

Reuni toda a educação que foi incutida em mim pela etiqueta.

“Prazer em conhecê-la, Blair.” Nós trocamos um aperto de mão.

Olhei para atrás dela, para onde Selena ainda dançava com Tristan. Por trás da máscara, encontrei seus olhos algumas vezes.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Xander interferiu.

“Beatrice.” Xander estalou a língua para censurá-la. Ele era a única pessoa no mundo capaz de tomar esse tipo de liberdade com a minha mãe aristocrata. “Não podemos deixar toda a diversão para o Henry.”

Depois disso abriu um sorriso para a minha mãe e estendeu a mão para Blair, que se derreteu toda. Ele a levou para a pista de dança, e minha mãe soltou um suspiro resignado.

“Pelo menos um de vocês está interessado em ser feliz.” Ela bufou e saiu andando logo depois.

Vi Xander fazendo um aceno de cabeça para Tristan, que dançava com Selena, e não consegui conter o riso. Às vezes eu esquecia que Xander tinha um QI de cento e sessenta. Por definição, era um gênio. E de longe a pessoa mais inteligente que eu conhecia. Lidava com algoritmos de finanças complexos de cabeça num instante e no seguinte estava encantando todas as mulheres de Manhattan.

É claro que ele pensaria numa coisa assim. Colocar Tristan para afastar eventuais interessados em Selena só poderia ser ideia sua.

Eu teria que agradecer a ele em algum momento.

Como esperado, quando a música acabou, Tristan se afastou elegantemente de Selena. Ela veio até mim, e seu sorriso fez o salão inteiro se iluminar.

"Tristan disse que você queria falar comigo."

"Aqui não", murmurei. "Tem uma salinha de reuniões no fim do corredor, do lado da chapelaria."

Um brilho de surpresa surgiu nos seus olhos e um sorriso intrigado, no rosto. Ela assentiu.

Alguns minutos depois, abri a porta da sala de reuniões e a fechei atrás de mim. Selena estava à espera. Ela se virou e sorriu.

"Oi", falou, ofegante, mostrando que estava tão empolgada em me ver quanto eu.

"Senti sua falta", falei, diminuindo a distância entre nós. O vestido prateado a envolvia num brilho etéreo.

"Ah, é?", ela provocou, brincalhona. Me inclinei para a frente e dei alguns beijos nos cantos da sua boca. Sua respiração ficou mais lenta. Passei as mãos no seu vestido e me aproximei um pouco mais. Ela foi recuando para a parede.

Quando a cerquei entre os meus braços, Selena engoliu em seco e me encarou. Sob os cílios compridos e escuros, seus olhos cor de mel escureceram. Meu polegar roçou em sua boca, puxando o lábio inferior dos dentes.

Eu não a tocava desde antes de sua viagem à Califórnia, e o meu corpo todo clamava para sentir seu corpo junto ao meu. Para ouvir seus gemidos baixinhos se elevando até o clímax e seu jeito ofegante de falar o meu nome quando isso acontecia.

O ar faiscou entre nós.

"Eu não gosto de ver você dançando com outros homens, Selena", grunhi no seu ouvido. "Não divido nada."

"Não sabia que isso te incomodava", ela respondeu, se fazendo de inocente. Seus dedos percorreram meu abdômen por cima da camisa, parando na cintura.

"Selena", avisei.

"Por que você está ficando assim todo agitado?" Seus olhos estavam cravados nos meus, e suas mãos não demoraram a abrir o meu cinto e o botão da calça.

Soltei um grunhido.

"Você é o único que vai me levar para casa", sua mão acariciou toda a extensão da minha ereção, "certo?"

Com certeza. Eu seria o único que a levaria para casa.

Eu a beijei e colei meu corpo ao dela junto à parede.

Ela gemeu baixinho, e o beijo logo se tornou mais passional. Eu era um homem faminto, e só me saciaria com seus gemidos e a sensação do seu corpo contra o meu. A mão livre dela subiu pelas minhas costas até os cabelos. A outra continuou acariciando o meu pau.

De repente o beijo foi interrompido.

"Eu senti falta de uma coisa", Selena falou, sedutoramente, mantendo a mão sobre o meu peito e dando alguns passos provocantes para trás, se afastando de mim.

Sem mais nenhuma palavra, ela levou a mão à parte de trás do vestido. Instantes depois, a roupa caiu aos seus pés, deixando-a apenas de sapatos de salto alto e calcinha de renda preta.

Porra. Meus olhos passearam pelo seu corpo.

"Os sapatos ficam", grunhi. Uma sensação excitante acompanhava a ideia de seus calcanhares se cravando nas minhas costas enquanto ela gozava para mim. Eu a chamei com o dedo. "Vem cá."

Vi seu peito subindo e descendo, com a respiração acelerada. Ela assentiu.

A luz lançava sombras sobre seu corpo quase nu quando ela finalmente voltou para o meu alcance.

"Henry", Selena murmurou.

"Do que você sentiu falta?"

Suas mãos voltaram a acariciar o meu pau, tirando de dentro da calça.

"Da vista." Seus olhos continuaram cravados nos meus enquanto ela se ajoelhava. Puxei seus cabelos para o lado para tirar sua máscara, mas ela me impediu. "A máscara fica."

Senti um calor subindo pela minha espinha.

"Ninguém me dá ordens, Selena."

"Ah, é?" Um brilho dourado surgiu nos seus olhos por trás da renda, e sua língua passeou pelo meu pau, culminando em movimentos circulares na ponta. *Caralho*. "Eu posso parar se você quiser."

Minha mão se enfiou nos seus cabelos.

"Selena...", avisei, ofegante.

Lentamente, ela enfiou o pau inteiro na boca. Fiquei observando enquanto sua cabeça subia e descia, com a sua mão acariciando as minhas bolas. Seus cabelos caíam em cascata pelas costas nuas.

Minha cabeça se inclinou para trás, e ondas de prazer percorreram o meu corpo. Ela chupava, lambia e até passava os dentes de leve, quase engasgando quando enfiava tudo na boca.

"Boa menina", grunhi. Meus dedos acariciavam seus cabelos e a puxavam delicadamente para ir mais fundo. Selena aceitou com entusiasmo, levantando a cabeça para ver meu estado alterado.

A máscara de renda, os olhos deslumbrantes, os lábios envolvendo o meu pau, que deslizava inteiro pela sua garganta.

Caralho. Meus batimentos saíram de controle.

Seu ritmo se acelerou, e ela soltou um longo gemido com o meu pau na boca. As vibrações quase aliviaram a pressão que se acumulava na base da minha espinha.

Eu a puxei para cima e a coloquei contra a parede.

Selena soltou um suspiro de susto.

"A dama deve gozar primeiro", murmurei no seu ouvido, mordiscando o lóbulo de sua orelha enquanto me afastava.

Arranquei a calcinha dela, e meu polegar encontrou seu clitóris excitado.

Eu precisava senti-la, abraçá-la, transar com ela. Como se fosse minha, porque era. Baixei a boca para o seu peito e abocanhei um mamilo enrijecido. Cada lambida era acompanhada por uma lenta pressão em seu clitóris.

“Ah”, Selena gemeu e jogou a cabeça para trás, com os lábios entreabertos. Seus quadris se remexeram para se esfregar na minha mão. Eu me afastei por um instante, desfrutando do jeito frenético como ela se esfregava em mim. “Henry...”

Meus dedos deslizaram para dentro de sua buceta úmida e escorregadia, acariciando de leve a princípio.

Ela parecia um sonho. Tão apertada que eu a sentia se alargando ao redor dos meus dedos quando enfiei mais fundo. Entrando e saindo. Deixando-a sentir cada movimento com a mesma intensidade que eu. Todos os sons que ela fazia, cada pulsar nos meus dedos, cada respiração rasa colada no meu peito — tudo se misturando numa única sensação na qual eu estava inapelavelmente viciado.

“Me diz do que você precisa, linda.” Meu coração disparado acompanhava a cadência do latejar do meu pau, que desejava avidamente substituir a minha mão. Mas eu esperei.

Eu *precisava* ouvi-la dizer isso. Meus dedos se moveram mais depressa, e seus músculos se enrijeceram ao meu redor.

“Mete em mim, Henry”, Selena implorou.

Dei um passo atrás para admirá-la por um breve momento. Ali estava ela, de olhos fechados e se contorcendo contra a parede, vestindo nada além de um sorriso suplicante e uma máscara de renda preta.

Eu me afastei por um breve momento. Peguei a camisinha da carteira, coloquei e tirei Selena do chão. Suas pernas me envolveram pela cintura.

Eu a prensei contra a parede.

À distância, ouvi a contagem regressiva.

“Vamos entrar no novo ano metendo.” Um grunhido subiu pela minha garganta, e me enfiei dentro dela.

Molhadíssima. Inacreditavelmente apertada. Porra, perfeita.

Ela arqueou as costas, desencostando da parede enquanto se ajeitava.

“Então é melhor começar logo.” Selena tomou a iniciativa e começou a me puxar com as pernas.

“Essa é a minha garota.” Comecei devagar. “Doidinha pelo meu pau.” Seus olhos se fecharam, e suas unhas afundaram nas minhas costas. “Na sua boca. Na sua buceta perfeita.”

“Henry”, ela implorou. “*Por favor*.”

Enfiei com mais força, parando por uma fração de segundo a cada estocada para ouvi-la soltando o ar, ofegante, como ela sempre fazia.

Vê-la subindo e descendo sobre mim estava se tornando meu hobby favorito.

“Isso mesmo, linda.” Minha mão provocou seu mamilo, explorando seu corpo. “É isso o que você quer?”

Ela gemeu baixo em resposta. Seus olhos se abriram e encontraram os meus, vidrados de desejo.

“É.” Seus dedos delicados enlaçaram os meus cabelos.

Eu não me contive. Selena recebia cada estocada remexendo ou movendo os quadris para a frente. Comecei a ir cada vez mais fundo, até ela não conseguir fazer mais nada a não ser se segurar. Seus calcanhares cravaram nas minhas costas, e senti o quanto ela estava perto.

Palavrões, suspiros e gemidos escapavam de seus lábios entreabertos numa sinfonia privativa. Sua boca se abriu num

grito silencioso enquanto o orgasmo tomava conta de seu corpo.

Eu senti cada pulsação sua a cada onda de prazer. Me segurei por mais um minutinho, e então meu autocontrole evaporou. Meu clímax me atravessou como um relâmpago. “Caralho, Selena.”

A cabeça dela se apoiou preguiçosamente em mim. Dei alguns beijos na curvatura de sua clavícula. “Você tem uma boca bem suja para um cavalheiro, sabia?”, ela comentou num tom de brincadeira, ofegando.

Dei uma risadinha contra sua pele macia, sentindo um calor se espalhar pelo meu corpo. “Você ia preferir se eu sussurrasse palavras vazias na sua orelha?”

“Eu não disse que não gostava”, ela falou com uma risadinha.

Não continuamos assim por muito tempo. Curtir a paz do pós-orgasmo teria que ficar para mais tarde. E ainda precisávamos nos recompor devidamente. Ajudei Selena a se vestir e ajeitei sua máscara.

Quando ficamos mais apresentáveis, ela me puxou para um último beijo.

Só notei o som da porta abrindo quando Selena respirou fundo, assustada.

Marcus parecia um pouco surpreso durante a fração de segundo que nos observou antes de baixar os olhos para o chão. Um sorriso malicioso surgiu no seu rosto, e ele segurou o riso. “Me desculpem.”

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, sua atenção foi atraída para os degraus da entrada, e ele bateu na porta.

"Sloan", Marcus falou em voz alta do outro lado, nos avisando para nos arrumarmos depressa.

Ouvi vozes sussurradas e risadas antes que eles se afastassem.

Selena se encostou em mim e riu contra o meu peito.

"Eu vou primeiro", ela murmurou, saindo rápido demais para me permitir um último beijo.

Eu saí alguns minutos depois. Quando cheguei ao salão, não conseguia encontrá-la. Também não vi Marcus nem Sloan.

Meus olhos esquadrinharam o salão mais uma vez. Peguei uma bebida com um garçom e esperei. Fiz o que pude para não ficar repassando os últimos vinte minutos na minha mente. Ainda estava naquele estado de euforia, e esperar pelo fim da festa era uma tortura.

Passei a hora seguinte me perguntando para onde todo mundo poderia ter ido. As máscaras não ajudavam em nada. Marcus apareceu alguns minutos depois, ajeitando a gravata.

"Considerando a precariedade da sua situação, você devia aprender a trancar a porta", ele sugeriu.

"E você devia aprender a bater antes de entrar", retruquei. Não deixava de ser irônico que entrar sem bater foi como eu descobri que Marcus e Sloan estavam juntos. "Onde você estava?"

"Distraindo a Sloan. De nada."

Olhei na direção do corredor e vi Sloan aparecer, ajeitando o vestido, depois a máscara. Ela lançou um olhar para Marcus,

sorriu e foi para o bar. *Aff*.

"Sério?" Eu fiz uma careta.

"Só conheço três maneiras de distrair Sloan", ele falou casualmente. "Você está vendo algum livro raro ou *jalebi* por aqui?"

"Obrigada pelo aviso, acho", disse Selena, baixinho. Seu rosto ficou lindamente vermelho quando ela parou ao meu lado. Apesar de saber que precisava tomar cuidado com o meu comportamento com ela em público, eu não conseguia desviar o olhar. Selena ficava maravilhosa depois do orgasmo.

Marcus deu risada. "Foi um prazer, pode acreditar."

Ele foi para o bar ficar com Sloan.

A implicação repugnante do comentário foi logo esquecida quando Selena se aproximou um pouco mais de mim.

"A gente podia ir embora mais cedo", ela murmurou. "Está meio tarde para conversar sobre trabalho, aliás."

Ela foi na frente, na direção da entrada do salão, lançando um olhar por cima do ombro e sorrindo. Seus olhos dourados brilharam atrás da máscara. Eram difíceis de resistir, e eu não tinha nenhuma intenção de tentar.

38

SELENA

LEVANDO O TRABALHO PARA A CAMA

Meu coração foi parar na boca quando li a matéria, logo depois de abrir os olhos pela manhã. Era de uma publicação online que Isabelle assinava — seu prazer secreto, segundo suas palavras —, que ela me mandou anexada a uma mensagem dizendo "Sinto muito".

Quando falei para Henry que era melhor manter a discrição, minha principal preocupação era o conselho. Mas também estava me protegendo, claro. Eu sabia o que as pessoas diriam e, apesar de tentar me convencer de que isso não me incomodava, a verdade não era essa. Eu não era uma oportunista interesseira, mas trabalhava com a mídia fazia tempo suficiente para saber que era assim que seria retratada.

Era cedo, e Henry dormia profundamente ao meu lado.

Voltei minha atenção para a tela quando ouvi um grunhido sonolento. Henry se virou e acariciou minhas costas, deixando uma trilha de arrepios por onde seus dedos passavam.

"Qual é o problema?", ele perguntou, com uma voz grave e rouca. Quando seus olhos se ajustaram à luminosidade, ele se

sentou para olhar por cima do meu ombro, se inclinando para me dar um beijo na nuca.

"Tem uma matéria com fotos nossas nos beijando ao sair do carro ontem à noite", expliquei enquanto via as outras imagens no celular. "E mais algumas com a gente entrando na casa."

Menos de doze horas antes. Com certeza não era obra do acaso.

"Ah." Ele se deitou de novo, me enlaçando pela cintura com o braço e me puxando para junto de si. Me virei de lado e deitei a cabeça no seu peito. "A imprensa é cheia das artimanhas."

Soltei uma risada pelo nariz, que o fez rir também. Ele não estava nem aí? "É só isso que você tem a dizer?"

"O que você quer que eu diga?" Sua reação provocou uma injeção de adrenalina no meu corpo.

"Artimanhas?" Eu o encarei.

"É, tipo o Coiote." Seu sorriso travesso fez meu coração ficar quentinho.

Eu adorava as manhãs seguintes quando dormíamos juntos. Henry se mostrava sempre surpreendentemente normal, apesar do ambiente luxuosíssimo onde nasceu e vivia.

"Os internatos suíços deixam as crianças verem desenhos?", questionei, me apoiando sobre os cotovelos ao seu lado.

Ele olhou para o relógio.

"Eu não sou *tão* por fora assim." Então se sentou na cama e me deu um beijo. "Bom, agora que a nossa relação é pública, você pode me acompanhar no brunch."

A ansiedade e a euforia me invadiram na mesma medida. Eu já tinha ido a esse brunch uma vez, mas em circunstâncias bem diferentes.

"Quê?" Eu sentei na cama também.

"Venha para o brunch", ele repetiu, me puxando para o seu colo. "A não ser que você tenha outros planos."

"Não tenho." Obviamente, minha ideia era passar o resto do dia na cama, tendo orgasmos. Balancei a cabeça. "Tem certeza?"

Henry assentiu.

Passei os dedos pelos seus cabelos. Ele ainda parecia um pouco estressado.

"Está tudo bem?", perguntei. Talvez Henry estivesse mais chateado com o vazamento e o fato de nosso relacionamento vir a público do que queria admitir.

Ele ficou tenso por um momento. "É a aquisição da Verge."

Eu sabia muita coisa a respeito da transação com a Verge a essa altura, inclusive que Henry tinha conversado com todo o conselho de administração da empresa em Londres, onde também pareceu um pouco incomodado.

"Sim..."

"Charles Hayworth é da família. É casado com a minha tia, irmã da minha mãe." Ele olhou ao redor do quarto. "Não contei isso para Sloan."

Senti o meu instinto protetor vir à tona com toda a força.

"E precisa contar?", rebati. Pensei no sofrimento do qual teria me poupado se nunca soubesse a verdade sobre Allister. Talvez pudesse poupar Sloan também.

Henry pareceu surpreso. “Não era isso que esperava que você fosse dizer.”

Nem eu.

Mentir era como beber de um copo com veneno. Na hora, não parecia grande coisa, mas depois de um tempo a toxina entrava na sua vida dos jeitos mais inesperados. Eu detestava isso. Às vezes, as semelhanças entre nós eram surpreendentes, principalmente considerando o quanto éramos diferentes.

“Sei lá.” Coloquei as mãos no rosto dele e acariciei sua barba por fazer. “Uma das principais regras das relações públicas é não contar uma história se não for preciso.”

39

HENRY

Meu relacionamento com Selena vir a público significava que ela ia conhecer todo mundo do meu círculo mais próximo. Achei que a melhor maneira de apresentá-la era no brunch, já que os meus pais não estariam presentes. Conhecer os dois era um passo grande demais, independentemente do que o público já sabia.

"Vamos brincar de quem-descobriu-primeiro?" Xander deu uma piscadinha para Selena do outro lado da mesa. Eu sabia que era brincadeira, mas mesmo assim tive vontade de socá-lo.

Coloquei a mão na coxa dela.

"Não pisca para ela", falei.

Estávamos ao redor da mesa, na casa de Sloan e Marcus. O brunch naquele dia era apenas com Sloan, Xander, Marcus e Penelope, uma amiga e colega de trabalho da minha irmã.

"Fui eu." Ele deu outra piscadinha para Selena. "Sempre sou eu. Descobri sobre Sloan e Marcus há anos. E minha previsão para nossa amiga Penelope aqui é..."

Penelope ficou toda vermelha e tapou a boca dele com a mão.

"Cala essa sua boca", ela esbravejou.

“Sinto muito que tenha vindo a público dessa maneira. Nós não somos muito bons nisso de revelar relacionamentos.” Sloan veio para a mesa, ignorando as alfinetadas entre os dois. Ela deu de ombros e se sentou ao lado de Marcus. “A gente precisa melhorar a comunicação.”

Fiquei contente por todo mundo ser tão acolhedor, apesar de já ser o que eu esperava. Selena precisaria de aliados nos eventos da alta sociedade a que precisaria comparecer, agora que éramos oficialmente um casal.

“Tudo bem.” Selena suspirou. “Pelo menos era uma foto bonita. Para se adiantar às perguntas, você precisa soltar um comunicado. Já vou escrever um.”

Ela se virou para mim e pegou o celular.

“Nada de trabalho durante o brunch.” Coloquei minha mão sobre a sua e a empurrei para baixo. Levantei seu queixo com o dedo e dei um selinho nela.

Sei que todo mundo estava olhando, mas, foda-se, eu não consegui me conter.

“A gente é insuportável assim?”, Sloan perguntou para Penelope e Xander quando me afastei de Selena. Eu revirei os olhos.

“Deus, não”, Penelope zombou. “Vocês são muito piores.”

Eu sorri.

“Desculpa”, falei para Selena. Ela já estava nervosa o suficiente sem isso. Eu precisava me controlar.

“Não se preocupa com a imprensa nos eventos”, Sloan disse a ela. “Nós vamos estar lá também.”

Os ombros de Selena relaxaram. “Ah, que bom, menos uma coisa com a qual me preocupar.”

Todo mundo à mesa entendia a situação. Penelope era de uma família importante de Singapura. Sloan e eu crescemos na alta sociedade, ao contrário de Marcus e Xander, mas os dois entraram nesse meio tão novos que na prática se fundiram a ele. Selena era uma novidade, e todos sabiam que sua assimilação seria complicada.

“Por que você não vai comigo e com Sloan à Fashion Week?”, Penelope sugeriu depois de um silêncio desconfortável.

Senti um aperto no peito.

Se era uma coisa temporária, por que o esforço? Esses eventos eram especialmente cruéis para mulheres e novatos. Alguma coisa naquela situação me fez parar para pensar. Talvez fosse a ideia de ter que explicar sua ausência quando ela não estivesse mais lá, ou o quanto sentiria sua falta.

Talvez as duas coisas.

“É”, Sloan apoiou a ideia, dando um gole no café. “Geralmente é divertido.”

Selena não pareceu nem um pouco intimidada. Recebeu tudo de braços abertos. “Claro, parece divertido.”

Depois do brunch, pegamos nossas coisas e estávamos prontos para voltar para a minha casa.

“Sloan.” Me virei para a porta, e ela me seguiu alguns passos atrás.

Tinha uma coisa me incomodando.

A imprensa sempre foi uma coisa irritante, mas era a primeira vez que eu senti que estava sendo vigiado por todos os lados. Podia ser só por não estar no controle da situação, mas isso me causou uma paranoia que eu não conseguia afastar da cabeça.

"Você sai de casa com segurança?", perguntei.

"Não", Marcus respondeu num tom enfático, olhando para a minha irmã. Claramente os dois já tinham conversado sobre isso. "Mas fico contente por ver que alguém me entende."

Seus ombros desabaram, e minha irmã soltou um suspiro de exaustão.

"Você também não, Henry."

Eu me virei e vi Drake acompanhando Selena enquanto ela entrava no SUV.

"Selena tem segurança vinte e quatro horas." Não contei por quê. O motivo era um assunto pessoal dela. "Não sei por que isso está acontecendo, mas aqui em Nova York está aberta a temporada de notícias sobre nós."

"Você não entende quanto vai ser ridículo se eu aparecer na firma com um guarda-costas."

"Se esse for o único problema, então eu acho ótimo", rebati. "Pense nisso, por favor."

Ela assentiu e voltou para a cozinha.

"Me faz um favor." Olhei para Marcus. "Dá uma investigada na Heritage Limited para mim. Por que os Waldorf investiram nela?"

"Certo...", ele respondeu. "Por que o interesse, assim do nada?"

“Por causa da Verge”, expliquei. A Heritage Limited era uma incorporadora imobiliária que pertencia à Burton International. Fazia sentido que os Waldorf investissem, mas eu não queria deixar nenhuma ponta solta. “E, por favor, convence a Sloan a reforçar a segurança.”

“Estou tentando”, ele bufou. “Pode acreditar.”

40

SELENA

O PRÍNCIPE E A PLEBEIA

Que original.

Revirei os olhos e fechei o notebook.

“Lauren.” Soltei um suspiro, ignorando a irritação por ver o que parecia o centésimo tabloide nas últimas duas semanas. “Por que você está lendo essa merda?”

Lauren me olhou da cozinha, que ela estava arrumando, e grunhiu. “Olha só quem fala.”

“Lauren.”

“Sei lá.” Ela deu de ombros. Tinha passado a manhã testando diferentes tipos de farinha para sua receita de roux. “Não está curiosa para saber o que falam de você?”

Eu sabia o que *todo mundo* estava falando sobre mim.

Variações entre os temas conto de fadas e golpe do baú. Eu precisava me valer de todo o meu autocontrole para ler o mínimo possível. Só fazia uma leitura diagonal das matérias sobre mim e Henry como casal para me certificar de que não havia nada prejudicial, depois tirava aquilo da cabeça.

“Na verdade, não. Além disso, agora que você vive tão ocupada por causa do trabalho, pensei que ia querer aproveitar

seu tempo livre comigo", respondi. Ignorar todos os ataques ao meu relacionamento com Henry estava ficando cansativo.

Eu não queria brigar. Principalmente considerando que nós duas quase não nos víamos nos últimos tempos.

"Bem, obrigada por voltar ao mundo dos mortais por um fim de semana", Lauren resmungou.

Senti meu estômago revirar, mas respirei fundo. Eu tinha perdido o brunch para passar um tempo com Lauren num dos raros domingos em que ela não estava trabalhando, e estava determinada a amenizar o clima entre nós.

"E a maioria das matérias não é... tão ruim."

"Não é ruim?", ela murmurou. "Ele é retratado como o príncipe encantado e você como... um nada. Não é prova suficiente de que é melhor parar de se envolver com ele?"

Henry tentava me impedir de ver certas matérias. Dava para perceber sua preocupação às vezes, o medo do que o seu mundo poderia fazer comigo. Era uma coisa que calava fundo no meu coração. Ele queria me proteger.

Nas semanas anteriores, Sloan e seus amigos fizeram um claro esforço para me incluir em sua panelinha, principalmente nos eventos da alta sociedade.

Se Lauren tivesse visto isso, talvez se sentisse mais à vontade com a ideia. "Vamos comigo à Fashion Week", sugeri. Sloan tinha me dito que eu podia levar Isa e Lauren, mas Isa não podia por causa do trabalho.

"Você vai à Fashion Week?" Ela pareceu hesitar.

Ignorei o tom de desaprovação na sua voz. "Você pode conhecer a irmã dele, a Sloan. E algumas amigas dela. Elas não

são como você pensa."

Eu me sentia pressionada pelos dois lados. Lauren era protetora e só queria o melhor para mim, mas também era teimosa. Muitas vezes fazia coisas só para tentar provar que eu estava errada, e nesse caso os tabloides estavam servindo justamente para isso.

"Certo." Ela passou por mim e foi até a mesinha do hall de entrada, remexeu na pilha de coisas que sempre dava um jeito de se acumular por lá até encontrar o que estava procurando. Depois de alguns momentos de silêncio, Lauren se virou e sorriu. "Obrigada, parece bem divertido."

Foi como se o peso de uma rocha tivesse sido removido dos meus ombros.

Mas foi colocado de volta quando olhei para a mesinha de centro.

O lembrete da renovação do aluguel do apartamento tinha chegado. Eu precisaria colocar minha data de saída se pretendesse desocupar o imóvel. Tecnicamente, tinha noventa dias para isso. Rita avisou ao pessoal de Los Angeles que eu só começaria em setembro, o que me deixava livre durante todo o verão.

Originalmente, eu pretendia me mudar assim que terminasse meu trabalho na Amari Global. Mas agora queria passar o verão na cidade também. Nesse caso, só precisaria decidir alguma coisa em junho.

Isso se eu ainda levasse esse plano adiante.

Se.

Não foi por causa de Henry que repensei minha decisão, mas sim os motivos para querer fugir. A ideia de ir embora de Nova York me transmitia uma sensação de segurança, mas a perspectiva de ficar já não era tão assustadora.

"Enfim, é só uma coisa temporária." A voz dela atravessou o ruído estático que preenchia os meus ouvidos. Lauren estava de novo na cozinha, mexendo nos talheres e nas panelas.

Quando voltou, uma tensão incômoda se instalou entre nós.

"Um tempo atrás você me pediu para te ensinar a fazer *parathas*. Por quê?", ela perguntou.

Eu me senti uma tonta. Era o prato favorito de Henry, uma lembrança da única figura materna que ele teve na vida. Eu queria saber fazer, mas minha habilidade culinária era nula.

"Como uma forma de agradecer." Puxei um fio solto da blusa. "Pelas aulas de fotografia."

"Vamos lá." Lauren foi para a cozinha e fez um gesto para que eu a seguisse. "Eu te ensino."

"Pensei que você detestasse ele."

"Eu não confio nesse cara e acho que você também não deveria." Ela suspirou. "Você ainda vai voltar para casa, certo?"

"Vou." Senti um aperto no peito de tristeza.

"Certo, então ele não é tão ruim assim. Posso lidar com algo passageiro." Fiquei observando enquanto ela pegava a farinha e os outros ingredientes. "Você é péssima na cozinha, então é melhor anotar tudo direitinho."

41

HENRY

A NAMORADINHA DE AMARI É COLECIONADORA DE ESTRELAS MICHELIN? CASAL FECHA OUTRO RESTAURANTE EXCLUSIVO PARA UM JANTAR A DOIS

Soltei um suspiro de frustração, enfiei o celular no bolso e desci do carro.

A imprensa ficou calada no verão, começou a incomodar no outono e agora estava em toda parte. Na maioria das noites, eu não conseguia sair para jantar com Selena sem que alguém nos fotografasse. Os únicos momentos de sossego vinham quando eu planejava um programa com Selena sem o conhecimento de ninguém. Nem dela mesma.

Ela não dizia nada, mas seus suspiros suaves de incômodo denunciavam seu desconforto. A cada vez que eu ouvia um, era como se o meu peito estivesse sendo comprimido com arame farpado.

Abri a porta do carro para Selena e estendi a mão para ela. Ultimamente, eu vinha escondendo os jornais e tabloides na minha gaveta depois que ela via, para não precisar se deparar com eles em todos os lugares.

"Você me trouxe aqui para me matar e ocultar o cadáver?", Selena ponderou em voz alta. Seus saltos afundaram de leve na

terra gelada quando ela pisou naquele quarteirão totalmente abandonado no Queens.

Ela tinha passado a manhã toda escrevendo um comunicado de imprensa para Sloan, que vinha recebendo muito mais atenção pública, e a assistente dela estava com trabalho até o pescoço. O anúncio do noivado de Sloan e Marcus no fim de semana em que foram para a França só intensificou o interesse.

"Se eu quisesse matar você, era mais fácil fazer isso com uma conversa com Morgan Parker sobre os padrões migratórios da mariquita-de-asa-azul."

"Você nunca vai esquecer isso, né?"

"Nunca tive um rancor que me desagradasse", expliquei, segurando sua mão e a ajudando a descer para a calçada.

"Era isso que você queria me mostrar?" Ela pisou na calçada pavimentada. "Pensei que fosse alguma coisa parecida com o que você quis fazer comigo no elevador privativo hoje de manhã. Apesar de ser exatamente o tipo de repercussão que você não precisa no momento."

"Eu já falei que os elevadores privativos não têm câmera."

"E por quê?", ela questionou, cruzando os braços e levantando uma sobrancelha.

"Não por *isso*", garanti. "É que às vezes a gente recebe ligações com informações confidenciais, que ninguém quer que sejam filmadas."

"Tá, como quiser", Selena falou em tom de brincadeira. "Então, o que temos aqui?"

Eu me virei para o terreno quase vazio e o prédio dilapidado. “Meu avô comprou o terreno décadas atrás, quando o prédio foi condenado. Ele e a minha avó moraram aqui quando casaram. Ficou abandonado por muitos anos, e ele nunca fez nada no lugar. Deixou de herança para mim.”

Os olhos dela esquadrinharam o prédio. “O que você quer fazer aqui?”

Eu não sabia por que o meu avô ainda tinha esse prédio. Ele nunca me contou. E eu não tinha nenhuma memória afetiva do lugar. Não era fácil me relacionar com ele. Mas a minha avó era maravilhosa. Vender o terreno iria parecer uma traição a ela. Se eu fosse construir alguma coisa ali, teria que ser para propósitos beneficentes.

“Não sei. Alguma coisa para a fundação.” Eu não tinha nenhuma experiência no mercado imobiliário e só fiquei sabendo da existência desse prédio quando Selena ficou interessada pela fundação.

“Então”, eu a abracei pela cintura, e ela se encostou em mim, “alguma ideia?”

“O que a sua avó iria querer?”, ela perguntou. Essas palavras me fizeram ter uma ideia.

“Não sei, pensei que você pudesse ter alguma sugestão.”

Selena deu de ombros. “Sei lá. Mas fico contente por você ter me trazido aqui.”

“Ah, é?”

Ela assentiu e se virou para me encarar. “Não sei se você percebe, mas às vezes me pede para conversar sem pedir.”

Quando entramos no carro, me dei conta de que eu podia simplesmente mostrar o mapa de zoneamento da região, ou contar sobre o prédio e pedir sua opinião. Mas a ideia de ir até ali sozinho era desanimadora.

Eu teria bastante tempo sozinho quando Selena fosse embora. Queria ficar com ela enquanto ainda tinha chance.

A pontada incômoda que surgia quando pensava nisso se manifestou como uma dor profunda e visceral, que estava começando a parecer crônica.

"Henry." Ela pôs as mãos no meu peito e olhou para mim. "Por que você me trouxe aqui?"

"Não queria vir sozinho", confessei, passando a mão pelos cabelos dela.

"Eu não tenho muito o que invejar em você, sabe", Selena falou com toda a sinceridade. "Você é possessivo, um pouco superficial às vezes. Sem noção da realidade."

"Ah, que divertido", retruquei.

Ela deu uma risadinha e enlaçou o meu pescoço com os braços. "Mas uma coisa que eu invejo é a sua turma. Sua irmã, seus amigos. Vocês formaram uma espécie de família juntos. Você, Henry Amari, não está sozinho."

Vale notar que ela fez questão de não se incluir na lista.

Quando voltamos para o trabalho, guardei o mapa de zoneamento na gaveta e tentei lembrar o nome do arquiteto que a Amari Global usava para projetar nossos prédios fora do país.

"Bridget", chamei da minha mesa.

Instantes depois, ela entrou com uma pasta nas mãos. “Sim, Henry?”

“Você pode conseguir para mim o nome do arquiteto dos prédios de Singapura?”

“Claro.” Ela assentiu e veio até a minha mesa. “Isso chegou enquanto você estava fora, entregue em mãos por um portador.”

“Obrigado.” Peguei a pasta e comecei a folhear os papéis do contador forense de Balakin. Eu já estava à espera deles.

Cheguei às páginas assinaladas como importantes e parei quando vi que Bridget ainda estava na sala, com a indecisão estampada no rosto.

“Mais alguma coisa?”, perguntei.

“Ela é uma boa menina.” A voz de Bridget soou determinada. Ela apontou o dedo para mim, como quem dá um aviso de mãe. “Não a machuque, rapaz.”

Fui tomado pela vergonha.

Bridget sabia tudo sobre a minha vida, inclusive da parte que não me orgulhava em nada.

“Pensei que você estivesse do *meu* lado”, brinquei.

“Eu só quero o que é melhor para você.” Ela cruzou os braços e abriu um sorriso de quem sabia o que estava falando. “E reconheço quando vejo.”

“Eu não vou fazer mal a ela”, garanti para Bridget.

“Que bom.” Ela soltou um suspiro de contentamento e se encaminhou para a porta, parando antes de sair. “Sei que não preciso lembrar, mas este prédio era a vida do seu avô. A única

coisa que importava para ele. Não vá cometer esse mesmo erro."

Meu avô não confiava em muita gente, muito pelo contrário. Ele via confiança como uma fraqueza, uma forma de ter sua visão turvada por interesses conflitantes. Por isso cuidava pessoalmente de tudo dentro da Amari Global. Isso trouxe benefícios para ele, pelo menos em termos de negócios. Mas esse método de liderança também significava uma vida solitária.

Eu assenti, e Bridget voltou para a sua mesa.

Li as páginas assinaladas e constatei que estava certo.

A herança da minha mãe, a que ela tinha direito, mas nunca recebeu, foi usada de investimento na Heritage Limited, uma pequena subsidiária do Burton International, um dos maiores bancos do mundo. Esse dinheiro foi então passado para Aubert, em troca de quarenta e cinco por cento das ações da empresa dele. Charles era o investidor inicial, mas o fundador era Benedict Sheffield. Tudo isso com a herança dela.

"Henry?" A voz suave de Selena me chamou da porta. A luz do fim da tarde acentuava as curvas do seu corpo. "Como você está trabalhando, eu vou para casa. A gente se vê amanhã?"

Olhei ao redor da mesa.

Agora fazia sentido por que Hayworth quis esconder sua relação familiar comigo. E por que abordou Preston a princípio. Mas, com essas informações, minha mãe poderia exigir judicialmente a parte dele na Verge. A Heritage Limited só tinha ativos offshore, e era questão de tempo até eu obter provas de que eram bastante questionáveis.

Ainda havia muito a fazer, mas a ideia de Selena dormindo em outra cama era insuportável para mim.

Eu podia fazer isso em casa. Só precisava descobrir o que exatamente era a Heritage Limited.

“Não, eu já estava terminando.” Levantei e juntei algumas coisas para levar. “Você vem para casa comigo?”

Ela sorriu. “Já que você insiste.”

Parei um pouco para pensar na corda que Charles estava dando para se enforcar. Mandei uma mensagem para Marcus, perguntando se ele tinha descoberto alguma coisa sobre a Heritage. Então fui em direção à porta e dei um rápido beijo em Selena.

“Eu insisto mesmo.” Soltei o ar com força, numa seriedade fingida. “Ainda temos que resolver aquela questão que deixamos pela metade no elevador hoje de manhã.”

42

SELENA

Para CiCi, cinco assentos na primeira fileira na New York Fashion Week eram fáceis de conseguir. Inclusive, os estilistas fizeram de tudo para garantir essa oportunidade. Essa teria sido a parte mais surpreendente do dia, se Sloan não conhecesse a editora-chefe da *Vogue*. Depois do desfile, ela veio parabenizá-la pessoalmente pelo noivado.

Henry e eu tínhamos feito isso quando eles voltaram, na semana anterior. O brunch de domingo com os amigos dele estava começando a virar um ponto alto da semana. Isa me acompanhava às vezes, mas Lauren sempre recusava. Pensei que eles eram como todos os outros tipinhos da alta sociedade, mas não era nada disso.

Eles faziam questão de evitar muitas das atividades da alta sociedade. Mas a Fashion Week era a mistura do mundo deles com o do glamour. Isso eu dava conta.

"Qual é, Sloan, vai ser legal." A voz de CiCi interrompeu meus pensamentos. A *Vogue* estava tentando fechar um acordo de exclusividade na cobertura do casamento de Sloan, que não tinha gostado muito da ideia.

“Talvez isso mantenha o resto da imprensa à distância”, Lauren argumentou em sua segunda frase da tarde enquanto saíamos com Sloan, CiCi e Penelope da galeria de arte em Tribeca que estava expondo os trabalhos de Lily Langham.

“Sim!” Sloan se virou, parecendo aliviada por encontrar alguém que entendia seus motivos. Apesar do silêncio e da postura inacessível de Lauren, Sloan e suas amigas foram acolhedoras e tentaram puxar conversa o tempo todo. “Se outros grupos de mídia tentarem conseguir fotos, os advogados da *Vogue* podem impedir que eles publiquem.”

“E, hã, convenhamos, você vai aparecer na *Vogue*.” CiCi deu uma risadinha e se virou para mim e para Lauren. “Que bom que vocês vieram.”

“Quem poderia dizer não para a Fashion Week?” O tom açucarado de Lauren passou batido pelo detector de veneno de CiCi, mas eu sabia o que queria dizer. Abri um sorriso para Lauren, torcendo para que ela tentasse de verdade. Na noite em que me ensinou a fazer o prato favorito de Henry, achei que talvez estivesse começando a se acostumar com a ideia.

“Obrigada por tentar”, murmurei para Lauren com a maior sinceridade de que era capaz. Ela não queria estar ali, isso era óbvio, mas o fato de ter aceitado o convite era um começo.

Seguimos alguns passos atrás das demais enquanto saíamos. “Só não sei por que *você* está tentando. É só um casinho passageiro”, ela me lembrou.

Lauren não olhou para mim, mantendo sua atenção fixa em Sloan. Ou melhor, na mulher que conversava com ela.

Detive o passo imediatamente.

“Amelia.” A voz de Sloan não escondia o desprazer diante do encontro com Amelia Waldorf, que parou à nossa frente.

“Soube que é preciso lhe dar os parabéns.” Amelia se colocou educadamente na frente de Sloan, com as mãos entrelaçadas. Ela falou aquilo com toda a polidez fingida que a maioria das mães da alta sociedade costumava usar como arma.

“Obrigada, Amelia.” A voz de Sloan assumiu o mesmo tom formal que eu tinha ouvido em Henry milhares de vezes quando ele precisava esconder sua irritação.

“E para Marcus Sutton, quem diria. Os Amari sempre tiveram um gosto tão...”, um sorriso venenoso se insinuou no seu rosto, “comum. Mesmo assim, ao que parece o noivado é o grande assunto da cidade.”

“Os jornais precisam de alguma coisa para falar; a cobertura do seu processo judicial foi de péssimo tom”, Sloan lamentou, colocando a mão sobre as de Amelia com uma sinceridade fingida. “E audaciosa, se quer saber minha opinião.”

“Bem.” Amelia puxou as mãos de volta. “A julgar por esse *lindo* anel de noivado, audácia não é problema para você.”

“Muito menos onze quilates”, CiCi interrompeu, levantando a mão de Sloan para admirar a aliança. “Isso vale mais do que qualquer ativo da sua família hoje em dia.”

Foi a coisa mais maldosa que eu já tinha ouvido sair da boca de CiCi, e eu amei cada segundo. Amelia exercia um estranho poder sobre mim, e não só porque sua família poderia tirar tudo da minha num piscar de olhos se eu violasse os termos do nosso acordo.

Eu me sentia pequena diante dela. Impotente. Ver Amelia Waldorf ser colocada brutalmente em seu devido lugar foi uma cena cinematográfica para mim.

"Por falar nos jornais, é curioso que estejam *tão* interessados no seu irmão de novo. Foi um verão tranquilo", Amelia comentou quando seus olhos pousaram em mim. Meu coração foi parar na boca. Ela não diria nada. Uma única palavra que fosse arruinaria sua vida. Mesmo sabendo disso, eu fiquei trêmula. Ela se voltou de novo para Sloan. "Um conselho para você, querida: muito cuidado com as suas companhias."

"Você tem toda a razão." Sloan deu um passo atrás e segurou meu braço e o de Lauren. "Tenha exatamente o dia que merece, Amelia."

CiCi e Penelope vieram atrás de nós entre risinhos abafados e eufóricos.

"O que eu mais gosto em pessoas como Amelia", Sloan falou, também rindo, "é que estão sempre pensando em nós, enlouquecendo por nossa causa. Enquanto nos esquecemos delas assim que desaparecem da nossa vista."

Eu desejei que isso fosse verdade.

"É isso aí", Lauren gritou, atraindo a atenção de alguns transeuntes. Ela me encarou com seus olhos azuis, e a animação desapareceu, restando só a cautela. Lauren havia ficado incomodada o dia todo, e aquele encontro casual só reforçava sua opinião.

"Vamos", Sloan falou enquanto íamos para onde os carros estavam à nossa espera. "Vamos passar o resto do dia na minha casa. Encontro vocês lá?"

“Claro.” Assenti para Sloan e entrei no carro que esperava por mim e por Lauren.

Depois de alguns minutos em silêncio, Lauren finalmente se manifestou, com um sussurro discreto e ameaçador. “Detestar os Waldorf é uma coisa que vocês têm em comum. Imagina como eles vão se sentir quando descobrirem que você também é uma.”

Minha paciência estava nas últimas e finalmente se esgotou.

“Eu não sou”, esbravejei, sentindo o couro do assento ranger sob as minhas unhas. Eu não era uma Waldorf; eles deixaram isso bem claro para mim. E de jeito nenhum queria ser. Eu era uma Montez, e nós não engolíamos desaforo, muito menos de quem supostamente deveria ser nossa amiga.

“Não, não é.” Ela abaixou um pouco o tom, com a ameaça substituída pela decepção. “Então por que você está fingindo? Por que está se envolvendo desse jeito? É só um casinho. Você vai embora daqui a alguns meses.”

Agarrei o assento com ainda mais força. Eu vinha conversando bastante sobre isso com Isa. Nos últimos tempos, parecia que ela e Henry eram as únicas pessoas preocupadas em saber como eu *realmente* me sentia. Ora essa, até Sloan e CiCi estavam me dando mais apoio do que a minha melhor amiga, e eu tinha acabado de conhecer as duas.

A verdade que eu vinha negando finalmente encontrou uma forma de vir à tona. “Bom... talvez a mudança tenha que ser repensada.”

“Quê?” Lauren arregalou os olhos. “Agora você não quer mais voltar para casa?”

“Fala baixo”, repreendi com um sussurro, olhando para Drake, mas ele estava prestando atenção no trânsito, e não em nós. “Não é um capricho repentino. Eu sempre tive minhas dúvidas.”

Quanto mais eu pensava se deveria ou não ir embora, quanto mais pensava no que uma mudança significava... era como se eles estivessem no controle, me expulsando da cidade. Eu não queria fugir. Não soube lidar com a situação, verdade, mas isso não significava que precisava viver com essa sombra pelo resto da vida.

O rosto de Lauren assumiu uma expressão de raiva contida. Eu esperava que ela fosse ficar chateada e explodir. Sinceramente, nesse momento, eu acharia bom que isso acontecesse. Estava cansada desse joguinho de fingir que não estávamos irritadas uma com a outra.

Mas, em vez de expelir veneno, ela ficou em silêncio. Seus ombros relaxaram. “Você tem razão, desculpa. Eu só estava querendo te ajudar, para você não sair magoada de novo, mas você sabe o que está fazendo.”

O restante do trajeto foi feito em silêncio. Quando chegamos à casa de Sloan, Lauren foi educada e simpática. Pelo menos nas aparências, estava fazendo um esforço. Eu sabia que ela nunca se sentiu à vontade nesses ambientes, por isso tentava ignorar as alfinetadas. Não valia a pena falar disso naquele momento.

Passamos a noite comendo delivery direto das embalagens. O restante do grupo de Henry foi chegando à medida que o

tempo passava. Era uma sensação estranha ficar ali naquela casa ouvindo histórias. Pensei que fosse me sentir deslocada, mas não era o caso, mesmo quando ouvia relatos surreais.

Algumas histórias, como de quando Sloan e Henry cobriram o presidente da França de sorvete quando crianças, eram muito fora da realidade. Mas outras eram fofas e transmitiam uma estranha sensação de proximidade. Sloan passou mais de vinte minutos explicando uma disputa de pegadinhas com Xander que vinha de longa data, e depois os dois passaram mais vinte discutindo quem estava ganhando. Era uma coisa boba, mas divertida. Era como se estivéssemos em família.

Meu celular vibrou no meu bolso, atraindo a minha atenção. Era minha mãe, então levantei para atender.

"*Hola*, *Mami*." Eu saí para o corredor.

"*Mi hija*", ela falou depois de uma longa pausa. A voz dela transbordava preocupação. "Você está namorando alguém?"

Um calafrio percorreu meu corpo. Eu não tinha contado para ela. Olhei para o corredor e vi Lauren falando com Sloan enquanto elas folheavam alguma coisa na bancada. A raiva que eu sentia pela minha amiga logo se desfez quando ouvi o suspiro de preocupação da minha mãe do outro lado da linha.

"*Mami*", comecei.

"Você sabe que não é uma boa ideia." Ela sabia sobre Henry. Eu só tinha ouvido aquele tom de voz uma vez, quando ela contou sobre Allister. Me senti como se tivesse levado um soco no peito. Ela parecia irritada. Ouvi os bipes dos leitos de

hospital e as conversas abafadas de fundo. Ela me ligou do trabalho. “Isso pode ficar bem feio bem depressa.”

Suas palavras ecoaram na ligação, recheadas de medo e decepção.

Minha mãe não lia os tabloides, e era impossível que alguma notícia da alta sociedade tivesse chegado à primeira página de algum site de fofoca de Hollywood. Alguém tinha contado para ela. “Como foi que você...”

“Não mude de assunto”, ela esbravejou.

“Ele é diferente.”

Ouvi mais um suspiro de irritação do outro lado da linha. “*Mi hija*. Quando você vem para casa?”

Aquele dia era um exemplo perfeito de como Henry e eu éramos diferentes. Poderia ter sido um lembrete preocupante de que meu lugar não era ali.

Mas não foi.

“Eu vou para casa no verão.”

“Selena, não caia nas mesmas armadilhas que eu.” A voz dela ficou embargada. “Você merece mais que isso.”

Antes de sua morte, alguns anos antes, Conrad, o pai de Allister, procurou minha mãe. Ela tinha certeza de que era uma armadilha para me fazer assinar um acordo de confidencialidade. Assim, eu jamais poderia prejudicar a imagem cuidadosamente manipulada do casamento do filho. Ela nunca respondeu o contato.

Havia um motivo para ela ter escondido todas essas informações de mim. Era para me proteger, para eu não me machucar como ela.

"*Sí, mami.*"

"*Ti amo.*" Ela desligou.

Respirei fundo, tentando controlar minha pulsação irregular. Olhei para a foto pendurada diante de mim, a mesma que tinha encontrado na antiga mesa de Henry.

Ele era diferente. Nunca tive algo assim e não tinha como saber o que estava perdendo. Parecia muito mais do que algo passageiro.

Respirei fundo de novo e voltei para onde estava o grupo, que agora contava com a presença de Henry e Marcus.

Henry virou a cabeça e fez um gesto para eu me juntar a ele.

Fui para o seu lado e me encaixei sob seu braço. Passei os meus em torno de seu corpo e senti seu cheiro, sem perceber que todo mundo tinha parado de falar para olhar. Alguns sorrisos maliciosos ainda eram visíveis, mas logo a cacofonia de vozes recomeçou, se ocupando de outra conversa.

"Você está bem?", ele perguntou, me olhando de um jeito que ninguém mais era capaz.

"Estou." Fiquei na ponta dos pés e beijei seu queixo. "Quando foi que você chegou?"

"Agora. Sloan tentou manter você aqui por mais tempo mandando Marcus ir jantar comigo", ele resmungou. Eu sabia que Henry queria ir para casa, mas eu estava me divertindo. Olhei ao redor da sala e soltei um suspiro. "Vamos ficar mais um pouco?"

Eu assenti. Sabia que Lauren não queria, mas a essa altura eu não estava nem aí. Ela não tinha o direito de contar para a

minha mãe sobre Henry — eu ainda estava tentando processar tudo aquilo. Se ela quisesse ir embora, que fosse. Eu ia ficar.

43

HENRY

Eu me apoiei no batente da porta da sala de Selena. “Está pronta?”, perguntei.

Ela estava juntando as coisas, colocando alguns objetos na bolsa.

“Preciso passar em casa primeiro.”

“Eu não vou cair nessa de novo”, avisei, balançando a cabeça. Ela dormiu em seu apartamento na noite anterior pela primeira vez em muito tempo. Foi horrível. Em poucos meses, foi como se ela tivesse se entranhado em cada parte do meu ser. Eu sentia um vazio quando ela não estava por perto e uma vertigem quando estava.

“Encontro você na sua casa. Só preciso pegar uma coisa”, ela acrescentou.

“E o que é?”

“Uma surpresa”, Selena me provocou, pegando a bolsa e saindo para me encontrar na porta. Ela remexeu na bolsa quando começamos a atravessar o corredor até o elevador privativo, e alguma coisa voou e caiu no chão.

“O que é isso?” Ajoelhei para pegar o cartão dobrado e li enquanto o tirava do chão.

Fiquei paralisado. Minha pulsação ecoou nos meus ouvidos. Meus olhos passaram por aquelas palavras de novo. E então mais uma vez.

Rita,

Peço desculpas por ter passado dos limites com Selena.

Espero poder vê-la de novo, para me desculpar pessoalmente.

Se ela estiver no lançamento do filme em Nova York, eu gostaria de encontrá-la.

Por favor, diga que eu peço desculpas e estou com saudade.

Miles

Eu deveria ter mandado Balakin quebrar as duas mãos desse filho da puta. Meu coração batia furiosamente dentro do peito.

A voz de Selena atravessou o ruído estático que preenchia os meus ouvidos. "Rita me entregou quando fui vê-la antes do Ano-Novo."

"Isso foi meses atrás", rosnei, e ela se encolheu, com os olhos arregalados. "Por que você ainda não jogou isso fora?"

"Ei." A voz suave dela esfriou o ar ao meu redor. "Eu esqueci que isso estava aí."

Ela ficou na ponta dos pés e me beijou. Selena acalmava meu temperamento quando me olhava assim.

Calma, meiga, irrepreensível.

"Por quê?"

"Não significa nada. Ele não significa nada para mim", ela garantiu, se virando para o elevador.

Segurei sua mão e a puxei de volta para perto. "E a pré-estreia?"

“É em junho”, ela revelou, com uma apreensão visível em suas feições angelicais. “Não pensei que você fosse querer ir. É bem no fim do meu contrato.”

Senti uma pontada no peito.

Toda vez que eu sentia uma vontade imparável de questionar suas motivações, Selena me lembrava de que não era necessário, porque ela iria embora.

Respirei fundo. Meu corpo inteiro estremeceu. Eu não sabia se de raiva, dor ou ciúme. Provavelmente as três coisas. “Por que eu não ia querer ir a um lugar com a minha namorada?”

“Então nós vamos”, disse ela com leveza.

Depois de uns segundos de imobilidade e frustração, eu a segui, alguns passos atrás.

SELENA

Eu entendia por que que não pegou bem, mas tinha esquecido completamente que o bilhete estava lá. E ao vê-lo lembrei de uma coisa que Rita me disse. Miles estava ferido e, apesar de eu não ter perguntado nada a respeito, fiquei com a sensação de que Henry tinha feito muito mais do que dar um recado para ele manter distância.

Henry fazia questão de sempre se colocar numa posição de vantagem quando queria controlar alguma coisa.

“Há quanto tempo vocês vêm se falando?”, ele questionou, andando atrás de mim.

“A gente não se fala”, rebati. Ele entrou no elevador comigo. “Ele enviou, eu li, ponto-final.”

Apertei o botão para descer ao saguão. Henry olhou para o bilhete, leu de novo e depois o largou fazendo cara de nojo, como se o cartão estivesse revestido por algum agente contaminante.

O elevador apitou, e a porta se fechou.

"Só isso?" Ele baixou o tom de voz, cerrando o maxilar.

"Só."

Seus olhos estavam possuídos pela possessividade. Sua mão segurou suavemente a minha nuca, e ele me puxou para mais perto.

"Eu vou te levar nessa pré-estreia." A cadência controlada de suas palavras carregou o ar de eletricidade.

"Certo", murmurei tão baixo que nem sei se ele ouviu. Apesar de não querer, senti meu estômago revirar de ansiedade.

Ele deu um passo à frente, me agarrou pela cintura e colou a testa à minha.

"Eu vou te levar para casa", continuou, apertando minha nuca com mais força.

Minha respiração acelerou quando senti uma vibração no meio das pernas.

"Eu vou te comer a noite inteirinha", Henry grunhiu. Minhas costas se chocaram contra a parede do elevador, e ele se colou a mim.

"Henry", murmurei. A cabine estava cheia de eletricidade, e bastava uma fagulha para começar a ignição a qualquer momento.

“Como eu faço toda noite.” Seu hálito no meu pescoço deixou a minha pele em chamas.

Arrepios. No corpo todo. Eu me arqueei na sua direção.

“Henry...” Meus olhos se fecharam imediatamente, e meus mamilos enrijeceram sob o vestido.

De repente, ele se afastou de mim. Então se virou e apertou o botão de parada de emergência. Um alarme soou no elevador antes que a cabine parasse.

Soltei um suspiro de susto, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, seus lábios cobriram os meus. Essa possessividade ameaçadora abalou os meus sentidos. Eu cedi, passando os dedos nos seus cabelos e o puxando para mais perto, moldando seu corpo contra o meu.

O interfone do elevador tocou várias e várias vezes. Nós ignoramos.

Seus lábios, suas mãos, seu copo todo trabalhava em conjunto para me possuir. E eu deixei.

“Só eu.” Ele se afastou e grunhiu no meu ouvido, enfiando a mão por baixo do meu vestido e abaixando a minha calcinha. Senti a umidade escorrendo pelas minhas coxas.

Seus olhos turbulentos se cravaram nos meus quando ele me levantou. Minhas pernas o envolveram pela cintura por reflexo. Me prensando com mais força contra a parede, ele abriu a calça e colocou a camisinha que tirou da carteira com uma facilidade surpreendente.

“Só *eu* posso te comer.” Henry me penetrou devagar. Explosões de prazer no meu baixo ventre acompanhavam cada sensação. Ele tirou o pau, só para me provocar. “Só *eu* posso te

fazer gemer.” Então o enfiou de novo com força, e um suspiro audível escapou da minha garganta. “Só *eu* posso fazer isso com você.”

Gemi, e o seu polegar acariciou o meu clitóris quase em resposta. A sensação avassaladora de ser preenchida por ele afastou qualquer outro pensamento lógico da minha mente.

“Só você”, ecoei com um gemidinho agudo, disposta a dizer qualquer coisa para mantê-lo colado a mim, o seu corpo no meu.

Essas duas palavras acabaram com o pouco de autocontrole que Henry ainda demonstrava. Seus quadris começaram a se mover mais depressa.

“Isso mesmo”, ele falou, roçando os dentes no meu pescoço e metendo com ainda mais força. As estocadas se tornaram selvagens, brutas, ferozes. Por trás de tudo isso estava a vulnerabilidade que aquele bilhete provocou. “Você é minha.”

Minha cabeça se inclinou para trás, subindo e descendo, colada à parede do elevador, enquanto eu me agarrava a ele. Meus dentes se cravaram no meu lábio inferior, tentando em vão conter os ruídos e apelos que a minha boca expelia.

“E, caralho, Selena, eu não divido nada.”

Meus dedos se curvaram dentro dos sapatos, e cravei os calcanhares nas costas de Henry.

O prazer se concentrou na base da minha coluna, e a carícia final e vigorosa no meu clitóris desencadeou tudo o que veio a seguir. Um gemido alto emergiu de dentro de mim, e o orgasmo reverberou pelo meu corpo todo.

O ritmo dele continuou intenso até eu ouvir um grunhido gutural. Seus músculos se flexionaram sob a camisa perfeitamente passada que estávamos amarrotando.

"Só eu", ele murmurou no meu ouvido. Sua voz perdeu o tom ameaçador.

Ficamos os dois numa imobilidade confortável. Henry continuou me abraçando, com a cabeça enterrada no meu pescoço, dando beijos suaves em toda sua extensão.

"Henry..."

O interfone continuava a tocar, nos arrancando da névoa do pós-orgasmo. Ele apertou o botão e rosnou: "Estamos bem".

Então se virou de novo para mim e apoiou a cabeça na minha. "Caralho, Selena, você vai acabar comigo."

Segurei seu rosto entre as mãos. "Você vai comigo na pré-estreia do filme?"

Seu sorriso se tornou mais afetuoso, e suas sobrancelhas se ergueram de leve. "Seria uma honra."

Parei de envolvê-lo com as pernas, e ele se recompôs rapidamente antes de se ajoelhar para puxar minha calcinha, abrindo um sorrisinho malicioso ao me olhar.

"Você fica bem assim", comentei. "Henry Amari, de joelhos."

"A vista daqui também não é nada mal." Ele se levantou e me beijou.

"Não contei antes porque não queria que você interpretasse errado."

Isso era grande parte da razão. Não mencionei o evento de pré-estreia do filme porque, por um tempo, não queria ter a

fatídica conversa sobre tudo entre nós terminar em junho.

Eu não sabia mais se isso ainda era verdade. A insegurança que senti naquele dia na sala de Rita tinha deixado de existir, substituída por uma estabilidade confortável.

Henry apertou o botão de emergência de novo, para desativá-lo. O elevador fez um ruído e voltou a descer para o saguão.

HENRY

"Tá bom." Abracei Selena pela cintura quando ela chegou à minha casa. A discussão e a forma como fizemos as pazes no elevador só me fizeram desejar uma proximidade ainda maior. "Onde está a minha surpresa?"

Passamos quase todas as noites ali, já que Lauren ainda estava no apartamento de Selena. Eu estava curioso a esse respeito, mas Lauren parecia não gostar de mim, então achei melhor não perguntar nada.

Selena levantou a sacola de papel que trazia na mão e sorriu. "Para a cozinha."

Eu a segui até lá, onde ela me ofereceu triunfalmente a sacola, segurando as alças com o dedo indicador.

"O que é isso?" Coloquei a sacola sobre a bancada e tirei um embrulho circular de papel-alumínio de dentro. O cheiro das especiarias me atingiu imediatamente. Eu sabia o que era.

"Naquela noite nos Hamptons, você disse que adorava *parathas*. Então pedi para Lauren me ensinar a fazer."

Respirei fundo, incapaz de falar, sentindo as palavras presas no emaranhado de emoções.

Selena abriu a embalagem e colocou algumas *parathas* num prato. “As primeiras passaram um pouco do ponto e ficaram meio cruas no meio, mas depois acho que peguei o jeito.”

“Selena...”

A discussão mais cedo por causa do bilhete mexeu comigo de um jeito inesperado. Não por causa do ciúme amargurado, mas porque eu não estava mais em cima do muro. Não queria que aquilo terminasse.

“Por quê?”, consegui perguntar, com a voz embargada.

Os presentes que eu costumava ganhar eram ridiculamente desnecessários, o tipo de coisa que deixava claro que a pessoa não sabia nada sobre mim. As únicas exceções eram minha irmã e nossos amigos mais próximos. Mesmo assim, eu nunca tinha ganhado nada assim antes.

Selena não sabia cozinhar. Eu já tinha testemunhado uma tentativa dela de fazer panquecas, e ela quase pôs fogo na minha cozinha. Oliver, meu chef pessoal, não a deixou mais chegar perto do fogão depois do ocorrido. Selena fez isso para mim.

“Você não é o único que está prestando atenção.” Ela pegou o prato e o pedaço que tinha na mão e me conduziu até a mesa de jantar. “E, sei lá, acho que gosto de você.”

Ela pôs tudo sobre a mesa e se sentou.

“Ah, é?” Sentei ao seu lado.

“Não do CEO, do playboy da alta sociedade, do herdeiro. Eles são ok.” Ela deu de ombros. “Mas eu prefiro o Henry. Ele tem um fraco por crianças por causa do trauma do colégio interno. E esconde seu charme por algum motivo”, continuou,

levantando da cadeira e se ajeitando no meu colo. Ela envolveu o meu pescoço com os braços, uma expressão brincalhona no rosto. “Ele queria transar comigo na casa nos Hamptons.”

“Ainda quer.”

“Ah, é?”

Assenti com a cabeça. “Vamos passar o verão lá. Eu ainda não fiz um tour de verdade com você.”

Se Selena podia incluir nas conversas lembretes de que estava prestes a ir embora, eu podia dizer que sempre havia a opção de ficar. Pelo menos por um verão.

“Vamos.” Ela soltou um suspiro suave de empolgação. “Sei que nem todo mundo consegue ver além do legado, mas eu sim.”

Todos os cantos obscuros do meu peito se encheram com sua luz.

Selena abriu a possibilidade de um caminho que não imaginei que estivesse disponível para mim, em que eu poderia ter uma vida de verdade. Estava me fazendo querer coisas que nunca pensei que teria. Alguém que me queria só pelo que *eu* era.

Eu a agarrei pelo pescoço e a puxei para um beijo. Poderíamos jantar mais tarde. Minha única fome nesse momento era por ela.

44

SELENA

Desde a Fashion Week, alguns meses antes, passei a maior parte das manhãs de domingo com Henry e seus amigos. E a maioria das noites na casa dele. Nos fins de semana, ia ver Isa, mas estava me distanciando de Lauren. Ela trabalhava até bem tarde no restaurante, e nossos horários quase nunca batiam.

Eu estava passando o primeiro domingo em casa em um bom tempo, porque Isa estava de folga. Lauren estava dormindo, depois de um serviço puxado no sábado à noite.

Sentada no sofá, fiquei olhando para a carta de renovação do aluguel por uma meia hora. Eu precisaria dar *alguma* resposta em breve. Era abril, e o contrato vencia no fim de junho.

"Só porque vocês eram amigas na infância não significa que precisa abrir mão da sua felicidade por causa dela", Isa me lembrou gentilmente. "Você tem *direito* a querer ficar."

Não perguntei diretamente a Lauren, mas sabia que ela tinha contado para a minha mãe sobre Henry. Estava com raiva, mas não queria brigar. Havia poucas pessoas na minha vida com quem podia contar, e a ideia de perder uma delas era como abrir mão de um pedaço de mim.

“Eu sei”, murmurei, apesar de saber que não havia como Lauren nos ouvir. Nos últimos tempos, era a Isa que eu vinha recorrendo para tudo. Ela queria que eu ficasse, verdade, mas estava dando a maior força para a minha mudança até isso deixar de ser minha verdadeira vontade. Isa não estava julgando minhas decisões; estava me apoiando. “Acho que eu quero ficar.”

“A coisa toda com os... com *eles*.” Isa baixou o tom de voz para igualá-lo ao meu. Estava se referindo aos Waldorf. “Não tem nada que eles possam fazer contra vocês, né?”

Eu dei de ombros. “Assinei um termo de confidencialidade. Não posso contar nada para ninguém nem passar informações à imprensa. Fora isso, eles não podem fazer nada contra mim.”

Ela assentiu, contorcendo os dedos ao redor da xícara de café. Eu sabia o que viria a seguir, mas decidi esperar. “Henry provavelmente poderia te ajudar.”

Balancei a cabeça. “Eu quero esquecer que eles existem. Eles não vão abrir a boca, nem eu. O documento foi assinado. Não dá mais para voltar atrás.”

“Em algum momento você vai ter que contar, se a coisa ficar feia.”

“Eu sei.” Para mim, já parecia bem feia. “Eu vou.”

A verdade teria que vir à tona em algum momento. Eu torcia para que fosse quando me sentisse mais preparada para reviver aquela parte horrível do meu passado. Tinha uma faca alojada no meu coração desde aquele dia no escritório de Allister; eu tentava proteger o ferimento, mas estava

começando a acreditar que com Henry conseguiria me sentir segura a ponto de falar abertamente sobre o assunto.

Havia uma preocupação incômoda também. Eu não tinha muito orgulho das minhas atitudes. Vazei informações para a imprensa, o que era um assunto delicado para Henry.

Além disso, havia uma aquisição em andamento, eu tinha um contrato para cumprir com a família dele e a reunião do conselho de administração que decidiria sua efetivação como CEO seria em poucos meses. Parecia tudo complicado demais. Talvez neste verão, quando a poeira abaixasse.

"Que bom, porque eu *nunca* vi você assim." Isa me deu uma ombrada de brincadeira. "Está apaixonada por ele?"

"Não sei..." Eu contorci os dedos. Tudo nele parecia assustador da forma mais emocionante possível. "Talvez?"

Não havia talvez.

Eu estava apaixonada por Henry.

HENRY

Eu estava apaixonado por Selena.

Ou pelo menos achava que sim. Eu não tinha nenhum parâmetro de referência. Meu último relacionamento foi na faculdade e eu era um garoto.

Por um longo tempo, aceitei que passaria a vida sozinho. Me acostumei com a ideia. Fiquei confortável com isso, até. Era menos complicado assim.

Então Selena virou meu mundo de cabeça para baixo e me fez subir aos céus.

Essa percepção foi chegando lentamente ao longo daquelas últimas semanas, e então me envolveu por completo, como o sol da manhã, tão ofuscante que não havia outra explicação possível. Percebi que me sentia eufórico quando estava com ela e arrasado quando pensava em sua partida.

"Sua vez", Marcus me lembrou do outro lado do tabuleiro de xadrez.

Selena tinha planejado alguma coisa com sua amiga Isa para o dia, então foi para o seu apartamento antes que eu viesse para a casa de Sloan e Marcus. Depois do brunch, fiquei mais um pouco para conversar com ele.

Agora estava preocupado demais para me dar conta de que tinha caído numa armadilha no tabuleiro.

"Xeque-mate." Marcus moveu seu bispo, levou minha rainha e me encarou, franzindo a testa. Era um erro de iniciante. "O que está acontecendo? Você está com essa cara aí o dia todo."

Ignorei o comentário. "Como você fez para saber?"

Marcus e eu vivemos vidas similares durante anos. Ocupados com o trabalho, lidando com responsabilidades imensas, estresse incessante, farras com várias mulheres, e então um dia ele se apaixonou. Eu não estava por perto para ver como aconteceu. Quando descobri que estavam namorando, os dois já estavam apaixonadíssimos. Era surpreendente que não tivessem casado às escondidas, inclusive.

Como é se apaixonar?

"Saber o quê?"

“Que você estava apaixonado pela Sloan. O que você sentia?”

A expressão dele mudou — olhos arregalados, sobrancelhas levantadas, sorriso presunçoso.

O amor o transformou. Seria assim comigo também? Confiar nas pessoas não era fácil para alguém na minha posição. A ideia de dar um tiro no escuro me apavorava.

“Eu soube porque não conseguia imaginar um futuro sem ela”, Marcus começou, não me torturando com maiores detalhes. “Acho que com cada um é de um jeito, mas para mim foi como encontrar o meu lugar no mundo. Só que não era um lugar físico, e sim uma pessoa. Era ela. Quando não estou com Sloan, estou pensando nela. Quando estou com ela, sinto uma paz e uma felicidade que nunca experimentei antes.”

Paz? Eu sentia que estava enlouquecendo. “Então por que parece que eu estou pirando?”

Ele deu uma risadinha. “Acho que é uma forma de entender que você está no caminho certo.”

“Sério? O seu conselho é esse, então”, resmunguei, esfregando o rosto com a mão.

Ele franziu a testa por um momento. “Eu fiz uma tentativa de aquisição da Verge este ano, quando eu estava em Londres.”

Me ajeitei na cadeira, interessado no rumo que a conversa estava tomando. “Ok... e o que aconteceu?”

“Sua irmã aconteceu.” Ele deu outra risadinha, balançando a cabeça. “Sloan tinha um encontro, ou foi convidada por um cara para sair, sei lá. Não lembro. O que lembro é que não consegui conversar com Aubert em Londres porque estava enlouquecendo só de pensar que ela estava saindo com outro.

Depois, quando Aubert estava em Zurique, eu e ela discutimos pela primeira vez. Em vez de tratar de negócios, passei o tempo todo procurando aquele chalé de esqui onde vocês ficavam com a sua avó e comprei para ela. Depois de levar bolo duas vezes, Aubert não quis mais saber de falar comigo."

O amor fazia *isso*? Por que caralho alguém se deixaria levar desse jeito?

"Você não acha que pode ter sido sabotagem? Afinal, ela ainda é Sloan Amari", especulei.

Ele apertou a ponte do nariz. "Olha só, com o tempo, o amor deixa você menos... maluco. Quando vocês contam tudo um para o outro, sem guardar segredos, a vida fica bem mais simples."

"Você não guarda nenhum segredo da Sloan?" Meu ceticismo ficou claro no tom de voz.

"Não."

"Nada?", repeti, incrédulo. Meu avô, que provavelmente respeitava Marcus mais que qualquer outra pessoa, teria feito a mesma pergunta. Ele foi meu mentor também, e se tem uma coisa que me ensinou bem foi sempre manter uma vantagem estratégica. "Assim você fica sem nenhuma carta na manga."

"Eu não quero jogar sujo contra a minha mulher."

"Noiva."

"Tanto faz." Ele se ajeitou na cadeira. "Olha só, o amor *é* a sua melhor cartada. A única de que você precisa. Ela tem o poder de arruinar a sua vida por ser a pessoa que você ama. Mas não vai fazer isso, porque provavelmente está apaixonada

também. Você admitindo ou não, ela já tem esse poder. E, você acreditando ou não, duvido que ela queira usar."

Passei a mão pelos cabelos, preocupado. Passei a vida inteira me prevenindo para que ninguém tivesse esse tipo de poder sobre mim. Era cauteloso em todos os meus negócios, ciente de que uma carta na manga contra mim poderia e seria usada. Pelo meu dinheiro, poder, estilo de vida, o que quer que uma pessoa pudesse querer.

Antes de Selena, nunca acreditei que alguém iria querer qualquer outra coisa comigo.

"Ela quer voltar para casa", contei. Mas não podia ser só uma simples vontade. Selena se esquivou do assunto nas poucas vezes em que veio à tona, então eu não sabia se era uma questão de desejo pessoal ou pressão externa.

"Você a ama?"

Fiz uma pausa. Com certeza. "Sim."

"Henry 'Não Confio em Ninguém' Amari apaixonado... Que estranho", Marcus pensou em voz alta, abrindo um sorriso quando fechei a cara. "Convença ela a ficar."

"Você fala como se fosse simples." Eu não tinha como fazê-la se sentir em casa em Nova York. Não podia obrigá-la a corresponder aos meus sentimentos. Não podia simplesmente *obrigá-la a* tomar a decisão que era mais benéfica para mim. Nunca tinha me sentido tão impotente na vida.

"Se ela gosta do seu carro, compra mais um e deixe que ela corra com ele na pista de Fórmula 1 dos sonhos dela. Se gosta de ler, descubra quais são seus livros favoritos e dê todos para

ela", ele falou, listando o que fez para Sloan. "Você sabe do que ela gosta. Qual seria a versão de Selena dessas coisas?"

Eu tinha algumas coisas em mente. "Tenho umas ideias."

"Ótimo. Bota em prática."

Soltei um suspiro de alívio. Pelo menos agora eu tinha um plano. "Porra, então você é bom em relacionamentos também?"

"Só em um", Marcus me garantiu. "Aproveitando que você está aqui, me deixa mostrar uma coisa que descobri hoje de manhã." Ele se levantou, contornou a mesa e pegou uma pasta de arquivo. "Comentei sobre a Heritage Limited com o Xander, já que foi ele que descobriu sobre as contas offshore."

Ele voltou a se sentar e me entregou os papéis.

"Alguma coisa que eu possa usar?", perguntei.

"Depende do que você precisa. Os Waldorf venderam sua participação na Heritage Limited alguns anos atrás, mas Xander descobriu uma coisa curiosa. A maior parte dos ativos da Heritage Limited estão no Japão, na Itália e no México. Todas empresas de fachada, todas com testas de ferro."

Compreendi a implicação de tudo isso enquanto passava os olhos sobre os retornos do investimento. Nada ali tinha taxa de retorno, nem os investimentos com capital de risco. "É uma cobertura para lavagem de dinheiro."

"Para traficantes internacionais de armas, a Yakuza, o Cartel de Sinaloa e a família Nardini, da Calábria", Marcus continuou, pegando o arquivo que as autoridades usaram contra os Waldorf. "Foi uma dessas contas que ajudou os agentes federais a confiscarem todos os bens dos Waldorf."

“Preston deixou passar um problema grave”, esbravejei, fechando a pasta. Eu confiava em Preston, mas era difícil de acreditar que ele deixaria uma coisa desse tamanho passar.

Se eu adquirisse a Verge, me tornaria cúmplice involuntário de crimes internacionais. Hayworth receberia dinheiro limpo da Amari Global, e eu assumiria todo esse risco sem saber.

Agora fazia sentido por que todas as tentativas anteriores de aquisição não deram em nada.

Charles Hayworth não podia me deixar descobrir isso. Agindo para influenciar Preston depois que o meu avô morreu, ele podia fazer esse detalhe passar despercebido. Minha ascensão antecipada ao cargo de CEO veio no momento perfeito. Tentar a venda para o meu avô seria perda de tempo. A imprensa passou meses me pintando como um CEO jovem e inexperiente. Ele acreditou que eu não descobriria nada.

Olhei para Marcus, que parecia um pouco confuso.

“O dinheiro usado para a aquisição da participação na Verge era da Heritage Limited”, expliquei.

Ele levantou as sobrancelhas, surpreso. “Sem querer jogar nada na sua cara, mas eu falei para você demitir Preston no ano passado.”

Se Preston estava sendo manipulado ou fazia parte do esquema, eu não sabia. E também nem precisava saber. Eu confiei nele e, como quase sempre, não deveria ter feito isso.

“Merda.” Soltei um suspiro de frustração.

“A aquisição vai envolver mais processos burocráticos do que o normal, mas e daí?”, Marcus argumentou. “Você descobriu tudo antes, é isso o que importa.”

“Ah, sim.” Mas por pouco. Hayworth teria despejado toda essa encrenca em cima de mim.

Eu *quase* não descobri. Ter desconfiado da Heritage foi questão de sorte.

Se eu quisesse ser melhor que o meu avô, não podia contar com a sorte. Ele nunca contou.

Por outro lado, na sua tentativa de me tapear, Hayworth me entregou uma arma com uma bala de prata. Agora que sabia o que a Heritage era, poderia usar contra ele.

Só o que precisava fazer era convencer o conselho da Verge a me entregar o restante das ações da empresa.

45

SELENA

"Eu moro em Nova York há quase uma década. Já vi a Estátua da Liberdade", falei para Henry quando o carro parou no Battery Park.

Estava com a sensação de que iríamos fazer alguma coisa relacionada à Ellis Island ou à Estátua da Liberdade. Havia um barco à nossa espera no atracadouro. Dei uma olhada na embarcação e depois em Henry.

"Eu imaginei. Mas já teve tudo só para você e jantou lá na coroa?"

"Você está investindo mesmo no tema Nova York." Fiquei na ponta dos pés para beijá-lo, imaginando quantos pauzinhos não precisaram ser mexidos para fechar um local público para um jantar.

Ao longo do mês, Henry já tinha alugado a Governors Island inteira para podermos ter privacidade, não que tenhamos ficado muito tempo fora do chalé. Também fizemos um jantar privativo no alto do Empire State, e o Reservatório Onassis também foi fechado para fazermos um piquenique à sua sombra. À medida que o processo de aquisição chegava mais perto do fim, as ideias de Henry iam ficando mais elaboradas.

Todas eram tentativas nada sutis de me fazer ficar, não que eu precisasse de muito convencimento.

Ele segurou minha mão, nós embarcamos e ficamos vendo a cidade se distanciar no convés.

"Olha só isso", Henry murmurou. Me recostei no seu peito, e seus braços me envolveram de ambos os lados, enquanto suas mãos se seguravam na amurada. Sua respiração quente na minha orelha me provocou arrepios. A cidade estava iluminada em toda sua glória. "Só isso já devia bastar para te fazer ficar."

Estávamos na coroa da Estátua da Liberdade. Mal havia espaço para a mesa para dois iluminada à luz de velas. Os garçons ficavam em corredores improvisados cobertos com cortinas brancas, para nossa privacidade. Era incrível a maneira como fizeram aquilo funcionar e ao mesmo tempo ser tão romântico.

"Olha só, isso é bem legal", Henry falou, erguendo a taça. "Não existe nada como Nova York."

Parecia uma coisa saída de um filme. Tão frágil que eu tinha medo até de me mexer. Num piscar de olhos, meu conto de fadas poderia se desfazer. "Acho que tecnicamente estamos do lado de Nova Jersey do rio."

Ele deu uma risadinha. "Você não vai facilitar para mim."

Balancei a cabeça e reparei no rótulo do vinho.

"Esse é..." Eu peguei a garrafa. Era o mesmo vinho dos Hamptons e da Alsácia.

"Tenho várias caixas na adega de casa."

Meu coração disparou. “Você faz de tudo mesmo para não beber um vinho da Califórnia.”

“Podemos bebê-los, sim”, Henry falou, por cima do som do celular tocando no bolso do paletó. “Assim que você topar ficar. A gente pode beber todos vinhos californianos que você quiser.”

Abri a boca para dizer alguma coisa, mas o celular tocou de novo. Apontei com o queixo para ele atender.

“Desculpa.” Ele pegou o aparelho do bolso, e as rugas de tensão ficaram visíveis ao redor da sua boca.

“O que aconteceu?”, perguntei.

“Nada.” Henry estendeu o braço e acariciou a minha mão por cima da mesa. “Não é nada.”

Era claramente alguma coisa. “Talvez eu possa ajudar.”

“Charles Hayworth.” Ele respirou fundo.

“Sim...” Entrelacei seus dedos com os meus.

“Encontrei uma forma de assumir a empresa sem precisar de um processo longo e demorado”, ele começou, passando a mão livre pelos cabelos.

“Parece uma boa notícia.”

“Preciso da participação dele para ser sócio majoritário e descobri uma forma de fazer isso. Só que vai destruir a família deles.”

Ele desviou os olhos para a cidade à distância.

“Eu não quero ser como eles.” Henry fez outra pausa. Sua consciência parecia estar em guerra consigo mesma. Suas necessidades contra suas expectativas. Henry contra o herdeiro. Ele se virou de novo para mim. “O que você faria?”

Ele me olhou como se eu fosse sua boia de salvação. Foi só então que me dei conta do pedestal em que Henry me colocava.

"Faria eles pagarem pelo que fizeram", falei, sem rodeios. Ele piscou, surpreso.

As ameaças que os Waldorf me fizeram quando quebrei o acordo de confidencialidade foram cruéis. Eu não tinha orgulho do que fiz, mas também não me arrependia. Eles nunca contaram para o filho que ele tinha uma irmã. Não que eu quisesse que ele soubesse, já que era tão desprezível quanto os pais.

Eles magoaram a minha mãe. E a mim também. Se tivesse a chance, eu faria tudo de novo. Se foi isso o que a família Hayworth fez com Henry e Sloan, então a retaliação parecia justa.

"Você *quer* ter um relacionamento com eles?", continuei.

"Não, eles são desprezíveis. Eu ainda não contei para a Sloan", Henry confessou. A tensão era aparente. Eu entendia que seu desejo de protegê-la e ser verdadeiro estava em conflito com sua vontade de se provar com aquela aquisição.

A natureza protetora de Henry era confusa para mim. Um homem com discursos ilimitados à disposição deveria se sentir totalmente seguro. Mas, depois de conhecê-lo, fazia sentido: era a impossibilidade de controlar a situação que o atormentava.

Durante muito tempo, ele não teve controle do próprio destino. Foi mandado para longe quando criança, perseguido pela imprensa depois de adulto. Passou a vida tendo que

duvidar da lealdade de todo mundo. Tudo isso deixou cicatrizes no seu coração. Ele pode não ter conseguido proteger a si mesmo, mas fazia de tudo pelas pessoas que amava.

"Conta para ela", falei. Meu conselho anterior de manter tudo em sigilo foi uma reação do momento. A verdade era sempre melhor. O problema era que isso muitas vezes ia contra o que ele queria.

"Pelo que percebi, ela deve pensar como você", acrescentei. Respirei fundo e reuni todas as minhas forças, ignorando o sofrimento que essa lembrança me traria. "Você me perguntou por que eu queria voltar para Los Angeles."

Ele ficou tenso ao ouvir falar sobre a minha mudança.

"Na verdade, eu não queria. Tenho Isabelle aqui, gosto da minha vida." Puxei a mão de volta e olhei para o guardanapo no meu colo, torcendo o tecido com os dedos. "Mas conheci o meu pai alguns anos atrás. E depois disso percebi que nunca teria a família ideal que sonhava em ter, então preferi ir para casa e esquecer de tudo."

Minha esperança era de que a volta para casa removesse aquela faca no meu peito.

"Selena..." Henry murmurou.

Eu não podia parar ou ia acabar caindo no choro.

"Ele me disse, na minha cara, que fui um erro." Soltei uma risada amargurada, tentando segurar as lágrimas. A trivialidade com que Allister Waldorf falou aquilo foi a parte mais ofensiva. Como se essa fosse a resposta que eu deveria esperar do meu pai.

Henry se levantou, segurou a minha mão e me puxou para os seus braços. Seus dedos alisaram meus cabelos, num cafuné.

Respirei fundo mais uma vez. Não podia contar o resto da história, mas, pela primeira vez, senti que podia me abrir sobre isso. Aos pedaços, talvez, mas finalmente *começando* a falar a respeito.

Pisquei algumas vezes para afastar as lágrimas. "Eu te contei isso porque... pode ser que não valha a pena se preocupar com gente que nunca se preocupou com você."

Ele me abraçou com mais força e deu alguns beijos na minha cabeça.

"Você é a melhor coisa que já me aconteceu", sussurrou no meu ouvido. "Espero que saiba disso."

Eu nunca tinha me sentido tão desprezada como naquele dia no escritório de Allister nem tão amada como naquele momento, nos braços de Henry.

Me inclinei para trás, para olhá-lo, com mais lágrimas escorrendo pelo rosto.

"Você não é como eles, nem um pouco", disse para ele e para mim mesma. Henry era bondoso e generoso. Protetor, amoroso, simplesmente diferente. "Nem um pouco."

Seus lábios encontraram os meus, e suas mãos seguraram o meu rosto.

Minha vulnerabilidade era perceptível naquele beijo, e uma promessa de que eu não precisaria enfrentar meus demônios sozinha. As demonstrações ocasionais de força interior que vi em Henry ao longo dos meses se tornaram mais visíveis do que nunca.

“Ei.” A mão de Henry continuou segurando a minha depois que entramos na casa dele. Ele me puxou para mais perto.

Depois da conversa séria que tivemos, o jantar foi ótimo. E, com Henry, eu me sentia em casa.

“Que foi?”, perguntei.

“Se alguém *algum dia* te fizer se sentir algo menos do que incrível para caralho, vai ter que se ver comigo”, ele murmurou.

“Henry, eu não contei aquilo para...”

“Eu sei”, ele murmurou.

Henry me beijou de leve, sem nenhum senso de urgência.

Um grunhido grave subiu da sua garganta para a minha boca quando aprofundei o beijo. Suas mãos me seguraram pelas coxas e me suspenderam, e ele me prensou contra a parede. Minhas pernas o envolveram pela cintura, e ele me carregou alguns passos assim, só me soltando quando chegamos ao quarto.

Seus olhos se cravaram nos meus, mas de um jeito diferente dessa vez. Parecia ser um anseio profundo.

Ele se livrou das roupas rapidamente e me ajudou a tirar o vestido e a meia-calça. As roupas se encontravam em cantos aleatórios do quarto. Henry subiu na cama comigo e me beijou devagar.

Ele fez tudo sem pressa, de um jeito bem sensual, como se estivesse tentando memorizar cada pedacinho de mim que seus lábios tocavam enquanto desciam pelo meu peito.

“Henry...”, murmurei, ofegante. Arqueei o corpo na sua direção quando ele abocanhou um mamilo e provocou a ponta

enrijecida com a língua.

"*Esse* som." Sua voz rouca fez o meu clitóris pulsar. "Esse gemidinho baixo que você solta para mim. *Só* para mim."

A possessividade de Henry se revelava de diferentes formas. Às vezes sombria e dominadora. Às vezes imperativa e poderosa. Nessa noite, era protetora, quase gentil.

Seus lábios desceram do meu peito. Minha barriga se contraía e se arqueava a cada beijo que ele dava até chegar ao meio das minhas pernas.

Ele passou os dentes de leve no meu clitóris antes de lamber e chupar de levinho.

Meus dedos se perderam nos seus cabelos, e os meus quadris se ergueram na direção da sua boca.

"Henry...", gemi. Ele estava indo devagar, curtindo cada beijo e cada segundo.

Seu dedo deslizou para dentro de mim, e eu me agarrei à cama perfeitamente arrumada.

Ele curvou o dedo e me acariciou com precisão e maestria, extraindo cada reação que sabia que terminaria com o clímax.

"Seu lugar é aqui", Henry afirmou. Eu não sabia se estava falando comigo ou consigo mesmo. De qualquer forma, estava certo.

A verdade lindamente dolorosa se instalou entre nós. A que eu tinha medo de nomear, mas era evidente em cada toque. Em cada respiração ofegante.

Era amor.

Seus dedos se dobravam e faziam movimentos circulares, com cada vez mais velocidade e força. O prazer reverberava do

meu clitóris para as minhas pernas e o meu umbigo.

"Comigo", ele suplicou, raspando os dentes no meu clitóris de um jeito que espalhou ondas de choque pelo meu corpo inteiro.

"Henry", falei com urgência, em meio a um soluço sufocado. O orgasmo me sacudiu inteira, arrancando gritos da minha boca e lágrimas dos meus olhos. Só o que eu sabia naquele momento inebriante era que precisava dele. Comigo. Em mim. Bem fundo dentro de mim, me alargando e me preenchendo toda. Eu precisava ser completamente sua, do mesmo jeito que ele era meu. "Eu preciso de você."

Henry parou, foi até a mesinha de cabeceira e colocou a camisinha. O colchão afundou quando ele voltou para mim, e nossos olhos se conectaram.

Nós tínhamos o mesmo olhar no rosto, a mesma emoção intensa pairava entre nós.

Henry se inclinou, me beijou devagar e soltou um suspiro trêmulo enquanto me penetrava lentamente. Seu grunhido acompanhava o ritmo contido.

O peso de seu corpo, a ternura de seu toque, a plenitude de seu pau. Tudo isso provocou uma sobrecarga nos meus sentidos.

"Eu preciso de você", arfei de novo.

"Eu preciso de *você*." Sua voz rouca fez meu corpo todo se arrepiar. Ele acariciou a minha perna e depois a colocou sobre o ombro. A outra foi logo em seguida. "Seu lugar é aqui."

Ele continuou bem perto de mim, com meu corpo quase dobrado ao meio, e me penetrou ainda mais fundo. Sua língua

provocou meu mamilo enrijecido, e as estocadas se aceleraram.

"*Comigo*", ele repetiu.

"Henry", murmurei, ofegante. Ele se inclinou para trás, e nossos olhares se encontraram de novo.

"Você não pode ir embora", Henry grunhiu com os dentes cerrados em meio a estocadas rápidas e profundas. Foi uma ordem dada em tom ríspido, mas seus olhos não transmitiam nada disso.

Eram vulneráveis.

Suplicantes.

A cada estocada eu me sentia mais perto do orgasmo, e o som da nossa respiração acelerada e de nossos quadris se chocando preencheu o quarto.

Eu vi estrelas e respirei fundo pela boca, me sentindo como se tivesse acabado de me erguer das profundezas do oceano.

"Henry...", gritei. O prazer me dominou quando chegamos ao clímax juntos.

Esse foi seu jeito de me pedir para ficar. À sua própria maneira. Henry Amari nunca precisava pedir nada. Mas, dessa vez, ele implorou.

Henry ficou apoiado sobre os cotovelos e beijou a minha boca. Os músculos rígidos do seu peitoral se expandiam e se encolhiam em um ritmo decrescente enquanto ele recuperava o fôlego.

Segurei seu rosto entre as mãos. "Eu quero ficar."

Ele abaixou a cabeça, aliviado, e soltou um suspiro leve.

"Selena." Então se ergueu e deitou ao meu lado, passando os braços pela minha cintura e me puxando mais para perto. "Eu

não consigo deixar você ir.”

E eu também não queria que ele deixasse.

46

HENRY

O quadro bizarro pendurado na parede da sala de Sloan era caótico, para dizer o mínimo, com uma infinidade de cores misturadas sobre o drywall, mas eu estava longe de ser um crítico de arte.

"Que troço é esse?", perguntei para Sloan enquanto me sentava à mesa da sala de reuniões da firma de advocacia onde ela trabalhava.

Ela fechou a cara e se remexeu no assento ao meu lado. "Arte."

"Se você diz." Olhei para os papéis à minha frente. A firma de Sloan estava encarregada do litígio em relação à propriedade da Heritage Limited. Precisávamos ser discretos, para garantir que Hayworth permaneceria no escuro até eu dar a minha cartada. "Você tem certeza disso?"

"Quantas vezes você vai me perguntar isso, Hen?"

Depois do fim de semana com Selena, tudo parecia *certo*. Eu estava feliz. Sabia que precisava falar com Sloan. Tudo parecia estar indo bem até demais. Era inquietante.

"Até a mãe concordou", Sloan acrescentou.

Depois que expliquei a situação para ela, nós agimos depressa. Primeiro, procuramos a minha mãe e a fizemos assinar uma reivindicação da companhia em nome do fundo fiduciário da família Amari. Em seguida orientamos os advogados a apresentarem um pedido de transferência imediata de propriedade, com base na herança negada. Hayworth poderia recorrer, mas não tinha recursos para uma longa e dispendiosa batalha nos tribunais. Nossa mãe, em geral tão reticente, se mostrou surpreendentemente animada com a ideia. Fiquei com a impressão de que ela estava mais contente por termos pedido ajuda do que qualquer outra coisa.

"Ela detesta essas pessoas", lembrei a Sloan. "Mas tem motivo para isso. Nós não."

"É aí que nós discordamos."

"Eu não quero uma vitória a qualquer custo."

"Nós não somos como o nosso avô. E muito menos como a família da mamãe." Sloan pôs a mão sobre a minha. "Nós somos Amari, não Sheffield. Eles deixaram isso bem claro. Então vamos retribuir o favor."

Um senso renovado de orgulho se instalou entre nós. Ela estava certa.

"Pode não ser tão ruim assim termos sido criados para ser víboras", comentei.

Sloan ficou em silêncio.

"Hen." Sloan respirou fundo. "Não sei se algum dia vamos ter um pedido de desculpas pelo jeito que fomos tratados pelo pai e pela mãe quando crianças." Ela afundou na cadeira. "Por terem mandado você para longe, pela competição constante.

Com certeza eles vão contar a história de um jeito que passe pano nessas partes, mas tente deixar isso para trás. Não por eles, por você. Guardar isso só vai te envenenar, confia em mim."

Eu sabia que ela estava certa; guardar rancor nunca trouxe nada de bom para mim na vida. "Eu sei."

O som da porta se abrindo interrompeu a seriedade da conversa.

"Seu compromisso da uma chegou", Laney, a assistente de Sloan, avisou educadamente.

Nós dois nos ajeitamos na cadeira, e a formalidade que estávamos tão acostumados a assumir voltou com toda força. Sloan assentiu para sua assistente. "Obrigada, Laney. Pode pedir para ele entrar."

"Isso vai ser divertido", garanti.

"A retomada?" Sloan estava praticamente eufórica. "É a minha parte favorita desse trabalho."

Charles estava claramente perturbado quando chegou. Tentava falar comigo fazia dias, e eu o ignorei enquanto ele trabalhava para deixar tudo em ordem. Seu único outro contato na Amari Global, Preston, estava sendo mantido no escuro sobre tudo.

"Você vai receber a notificação sobre a mudança de propriedade daqui a alguns dias", Sloan falou com a elegância polida de um leão da montanha. Da forma mais condescendente possível, ela explicou toda a situação. Ver na cara dele sua reação ao se dar conta de que perderia não só a

Verge, mas a maioria de seu capital de uma só vez, foi formidável. “Isso significa que o fundo fiduciário da família Amari tem uma participação de quarenta e cinco por cento na empresa.”

A raiva quase o dominou, mas ele a manteve sob controle, como um cavalheiro. “Vamos ver se essa reivindicação se sustenta.”

“Vai, sim”, ela respondeu calmamente.

“Presumo que os dois tenham instrução formal suficiente para saber que meus quarenta e cinco por cento não garantem o controle da empresa. E depois dessa eu garanto que a companhia nunca vai ser sua”, Charles ameaçou, elevando a voz a um tom que ele *não* manteria na frente da minha irmã por muito tempo.

“Os nove por cento dos membros do conselho foram repassados quase por unanimidade hoje de manhã”, interrompi educadamente. “Eles ficaram surpresos por descobrir que você usou recursos financeiros que foram roubados *e* investidos numa empresa conhecida por lavar dinheiro para traficantes de armas. Não foi por acaso que a pequena herança da minha mãe tenha sido suficiente para adquirir uma fatia tão grande da Verge.”

“Seu filho de uma...”

“Você pode assinar a papelada agora ou perder o pouco que sobrou da sua fortuna se debatendo enquanto nós arrancamos a participação na empresa das suas mãos”, esbravejei. “Porque uma coisa eu garanto: se você não colaborar, vamos acionar as autoridades reguladoras, e uma investigação vai ser aberta. A

escolha é sua, mas, se voltar a falar assim com a minha irmã, não vai viver para fazer isso de novo. Eu fui claro?"

Com uma fúria silenciosa, ele assinou os documentos.

"Bárbaros", resmungou.

"Mas ricos", Sloan acrescentou, levantando e chamando o segurança. "Reed, você pode acompanhar o sr. Hayworth até a saída do prédio? Ele parece estar nervoso."

"Isso ainda não acabou."

Abri um sorriso conciliador. "Mantenha a cabeça erguida."

Sloan voltou para a sua mesa. "Bom, isso foi bem simples."

"Talvez simples demais?"

"Eu entendo o que você está pensando." Ela pegou algumas pastas. "É muita coincidência. A Heritage, a herança da mamãe, Hayworth?"

Fiz que sim com a cabeça. Mas fazia sentido — Hayworth sabia o suficiente a respeito da nossa família para esperar que o meu avô não estivesse mais no comando. Agiu de forma estratégica, mas algo parecia suspeito. E tinha alguma coisa a ver com Hayworth. Mas, mesmo depois de resolver isso, a sensação permanecia.

"Aceite sua vitória", Sloan aconselhou. "E vamos ficar atentos a tudo isso. Xander nunca esquece um nome. Se surgir de novo, nós vemos o que fazer."

Como não falei nada, ela continuou: "Não dá para controlar tudo, Henry".

"Pois é..." Eu sabia que ela estava certa, mas não conseguia me livrar daquela sensação. Ergui os olhos e vi que o

segurança de Sloan tinha voltado depois de conduzir Hayworth para fora. “Finalmente cedeu e contratou um segurança?”

“Marcus está preocupado.” Ela soltou um suspiro pesado. “A imprensa anda terrível ultimamente. Eles me seguem para qualquer coisa que tenha a ver com o casamento. Ter um segurança era a única forma de Marcus voltar a dormir tranquilo.”

“Desculpa”, falei, apesar de não haver nada que eu pudesse fazer a respeito.

“Não precisa se desculpar.” Ela sorriu. “Eu estou bem e sei me cuidar sozinha.”

“Claramente.” Dei uma risadinha. Nunca conseguia ver a minha irmã no seu ambiente profissional. Ela era formidável. Sua recusa em assumir um cargo de liderança na empresa era uma perda para a Amari Global, na verdade. “Tem certeza de que não quer ser a COO?”

“Marcus ia *detestar* se eu trabalhasse no mesmo corredor de Preston Scott.” Ela fez uma pausa. “Por falar nisso, o que você pretende fazer com Preston?”

“Seu noivo me falou para demitir o cara já no ano passado”, contei. Marcus não gostava de Preston mesmo antes de saber que ele tentou a sorte com Sloan um tempo atrás. “Não sei se foi por burrice ou por preguiça que ele não descobriu as segundas intenções de Charles.”

Ou pior, se traiu a minha confiança e me enganou.

Meus instintos a respeito dele estavam tão errados assim?

Minha irmã deu risada. “Bom, seja como for, imagino que a Amari Global vá precisar de alguém novo para o cargo de CFO,

certo?”

“Ah, sim. Ele deixou passar um problema grave.” Eu suspirei. Preston estava demitido, e me senti um idiota por mantê-lo por tanto tempo. “Mas não acho que ele tenha percebido que estava sendo manipulado por Charles.”

“Henry Amari concedendo o benefício da dúvida?”, Sloan perguntou, bem-humorada, levando a mão ao coração. “Você anda diferente.”

Eu dei risada. “Como assim?”

Ela deu de ombros. “O antigo Henry jamais consultaria alguém antes de fazer tudo isso. E também não me envolveria na história.”

“Eu lamento por isso”, admiti. “Por brigar com você a troco de nada. Me afastar sem nenhum motivo real, a não ser competitividade hostil.”

“Tudo bem, nós dois fizemos isso. O lado bom é que...”, ela começou, mas então sua atenção se voltou para uma pessoa que veio deixar um entrega na sua sala. Sloan se levantou e parecia incrédula diante do enorme arranjo de flores sobre sua mesa. “Toda essa energia extra pode ser direcionada a manter Selena por aqui. Eu gosto dela.”

“Eu também.” Eu amava Selena. Ela me enchia de esperança.

Me levantei e dei uma olhada no arranjo ridículo que provavelmente tinha sido mandado por Marcus.

“Não!” Sloan bateu na minha mão quando fui ver mais de perto. “Marcus jamais me mandaria essa coisa. E também não é o tipo de surpresa que ele gosta de fazer, é óbvio demais.”

Eu levantei as mãos. “Então quem te mandou flores?”

Como melhor amigo de Marcus, eu tinha quase certeza de que isso significava que precisaria ajudá-lo a encobrir um assassinato.

Sloan cruzou os braços.

“Isso é hera venenosa.” Ela estreitou os olhos para as folhas entre os caules. “Xander já usou isso alguns anos atrás. Está acontecendo alguma coisa. Ele nunca é tão descuidado assim.”

“Você é sócia sênior e ainda está nessa guerra de pegadinhas?”

“Cuidado, ou eu incluo a Selena no jogo.”

Eu dei risada de novo. “Não faz isso.”

Sinceramente, parecia o tipo de coisa que Selena iria curtir.

Caminhei em direção à porta.

“Hen”, Sloan me chamou enquanto eu saía. Me virei e vi que ela estava usando guardanapos para pegar o vaso e jogá-lo na lixeira. “Você parece feliz.”

“Eu estou.”

Ela sorriu. “Finalmente você encontrou alguém à sua altura.”

47

SELENA

Alguns dias atrás, recebi um e-mail de confirmação da imobiliária que administrava meu prédio. Eles informaram que receberam meu pedido de rescisão de contrato, apesar de eu não ter mandado um.

Eu sabia que devia ter sido Lauren. Quem mais poderia ter um motivo para isso?

Mas alguma coisa me deixou cismada depois de receber o e-mail. Então, naquela manhã, contei para Lauren sobre o prédio que Henry tinha herdado. Falei que era um investimento imobiliário, e não uma doação à fundação. Fiz parecer que era uma coisa movida por ganância e segundas intenções.

Uma névoa pairou na minha cabeça pelo resto da semana.

E então vi a manchete do *Daily Review*:

AMARI DÁ INÍCIO À INVESTIDA NO MERCADO IMOBILIÁRIO

O vazamento serviu a dois propósitos. Era uma oportunidade perfeita para anunciar à imprensa o que ele *de fato* ia fazer, apresentando-o como o bilionário altruísta que foi tratado injustamente no noticiário quando comunicássemos que o prédio seria doado. E eu poderia finalmente silenciar a

voz na minha cabeça que gritava que havia alguma coisa errada acontecendo.

Eu tinha razão.

"Faz quanto tempo?" Lauren estava no sofá, enquanto eu andava de um lado para o outro pela sala. Tinha saído do trabalho mais cedo para pegá-la antes de ir para o restaurante.

Havia um vazamento. Só podia ser. Isso era uma coisa que vinha me incomodando fazia tempo. Desde que comecei a trabalhar com os Amari, Lauren passou a ter acesso a alguns fragmentos de informação. Mas nunca pensei que ela fosse usá-los. De início, pareceu coincidência, mas foram muitos os detalhes aleatórios sobre a família que vieram à tona para ser um mero acaso.

As visitas de CiCi ao prédio foram documentadas antes que ela topasse fazer parte da encenação. Foram muitas as vezes que os fotógrafos estavam em lugares que ninguém poderia prever, onde também estavam Henry e sua família. Ela sabia inclusive algumas coisas sobre a aquisição da Verge.

"Como assim?" Lauren franziu o rosto.

Parei de andar de um lado para o outro. Sério mesmo que ela ia tentar negar? Juntei as mãos para fazê-las parar de tremer. "Faz quanto tempo que você está vazando coisas para a imprensa, e quanto você vazou?"

Ela sabia quando e como expor nossa relação. Tinha acesso a detalhes sobre nossos encontros — e justamente aqueles em que a imprensa apareceu —, apesar de todo o planejamento meticuloso de Henry. Os que não foram acompanhados de

perto foram aqueles que ocorreram depois que comecei a me afastar de Lauren. Quando parei de contar coisas para ela.

Lauren ficou de pé. “Selena, eu posso explicar.”

“Explicar o quê?”, perguntei, começando a elevar minha voz. Tinha ensaiado mentalmente o que iria dizer e o que precisava saber. Disse a mim mesma para manter a calma, mas a mordida viperina da traição me pegou, e o veneno estava começando a se espalhar pelas minhas veias. “Explicar que está contando histórias sobre o meu namorado para os jornais?”

“Não é isso!”

“Então o que é?”, gritei.

“Eu estava ajudando você a ver que...”

“Que ajuda é *essa*?” Eu estava fervilhando de raiva. “Você fez de tudo para dificultar o meu trabalho. Por quê? Para eu ser demitida?”

“Era para ser algumas dicas anônimas sobre coisas que você me contou. E depois coisas sem maiores consequências, como os detalhes sobre o casamento”, ela argumentou. “Uma vingança contra o tipo de pessoa que te fez mal.”

Pelo menos não precisei de um interrogatório para que ela admitisse a culpa.

“Eu assinei um acordo de confidencialidade. Você não se preocupou com isso de jeito nenhum? No risco que estava me fazendo correr?” Saí andando pelo apartamento e comecei a pegar as coisas dela. Uma fúria cega dominava os meus sentidos.

Parecia que todos os músculos do meu corpo estavam sendo contorcidos.

Minha amiga mais antiga. Que deveria estar do meu lado. Me dar apoio. Não me derrubar.

"Se eles não são como os Waldorf, por que você está tão preocupada?" Lauren cruzou os braços, alterando o volume da voz, como se aquela lógica invertida funcionasse a favor dela.

Eu parei o que estava fazendo, mas não me virei. Não conseguia olhar para ela.

"Nem ouse distorcer a situação", avisei.

"Selena." Lauren suspirou baixinho e tentou me virar para ela. Continuei percorrendo o espaço apertado, pegando as coisas e jogando numa pilha. "Achei que você precisasse de um lembrete do que eles são capazes."

Parei e me virei repentinamente para ela, morrendo de raiva. "*Eles?*"

Do meu ponto de vista, a única pessoa que estava me prejudicando era a que deveria me ajudar, me proteger.

Houve mais uma pausa.

"Como vai ser quando isso terminar, ou algo der errado? Eles vão se unir. Você acha que vai continuar fazendo parte da panelinha quando essa boa vontade toda acabar?"

"Ele é diferente." Minha voz falhou, e as lágrimas nos meus olhos finalmente começaram a cair.

Henry era diferente *mesmo*. Ele me amava. Eu sabia disso. Dava para sentir.

"Nem você mesma acredita nisso. Caso contrário, teria tomado uma decisão sobre o apartamento meses atrás." Lauren agitou os braços no ar antes de atravessar a sala em minha direção.

“Então essa é a sua maneira doentia de me ensinar uma lição?”

“Não”, ela falou, hesitante. “Pensei que fosse inofensivo. E parei depois da história do prédio, juro.”

“Isso foi uma semana atrás, e não dá para dizer que parou se a coisa ainda está rolando.”

“Me desculpa, ok?”, ela falou. “Depois de um tempo, sei lá. Acabei me perdendo. Pensei que você fosse sair dessa. Foi a mesma coisa que você fez com os Wal...”

“Não!” Eu me virei de novo. Todas as gotas de sangue do meu corpo foram se concentrar no meu rosto. “Eu não tenho *nada* a ver com essa gente. Eles fizeram coisas horríveis e tiveram o que mereceram. Que merda eu fiz para merecer isso?”

Eu não aguentava mais ouvir aquilo. Precisava sair dali e decidir o que fazer. Tudo de que eu precisava para passar a noite já estava na casa de Henry a essa altura. Lauren tentou me impedir enquanto eu pegava mais algumas coisas. “Quero você fora daqui até o fim de semana.”

Eu estava no sofá de Henry, com uma xícara de chá na mão.

Depois de colocar Lauren para fora, eu não sabia para onde ir. Isa estava de plantão e provavelmente numa cirurgia demorada, porque não respondeu às minhas mensagens.

Fui para o único lugar que me pareceu *certo*. A casa de Henry.

Ele ainda não tinha chegado, mas não saía muito tarde do trabalho às sextas. Mallory me cumprimentou quando cheguei,

mas, como eu não conseguia dizer uma frase coerente, me fez sentar e me serviu uma xícara de chá.

"Você está bem?", ela perguntou num tom maternal.

Falou outras coisas, mas uma mistura de raiva e culpa me impedia de me concentrar no que quer que fosse, tanto física quanto mentalmente. Continuava repassando a discussão na minha cabeça.

Coloquei a minha amiga mais antiga para fora da minha casa. Ela não merecia mais um lugar na minha vida depois daquela traição, mas a perda era dolorosa. E havia também a culpa pelo estrago que ela causou. Se eu não estivesse namorando Henry, nada disso teria acontecido.

Como vai ser quando isso terminar, ou se algo der errado? Eles vão se unir. Você acha que vai continuar fazendo parte da panelinha quando essa boa vontade toda acabar?

Eu precisava contar para Henry, mas uma parte de mim ainda se questionava se Lauren não tinha razão, se ele não poderia pôr a culpa em mim, se não pensaria que eu tinha algum envolvimento naquilo. Se não me veria de outra forma depois disso.

"Selena?" A voz grave de Henry me envolveu gentilmente e interrompeu meus pensamentos. Ele se sentou ao meu lado, pegou a xícara de chá, que a essa altura estava frio, e segurou a minha mão. "Mallory me ligou."

Olhei para o relógio acima da lareira e me dei conta de que estava ali fazia uma hora, com os mesmos pensamentos rodando em looping na cabeça.

Mallory se levantou e sorriu para mim. “Me desculpe a intromissão, querida, mas senti que você precisava conversar com alguém.”

Ela deu um tapinha no ombro de Henry e saiu.

“O que aconteceu?”, ele perguntou.

“Ainda é cedo”, falei, hesitante, me sentindo como se tivesse acordado de um sono profundo. Tudo parecia envolto em caos, mas seu polegar acariciando o dorso da minha mão me acalmou. “Por que você não está no trabalho?”

“Existem coisas mais importantes”, ele respondeu baixinho, franzindo a testa. “O que está acontecendo?”

Eu hesitei, mas ele precisava saber. A imprensa estava ficando mais agressiva. Guardar aquela informação só para mim envenenaria nossa relação. Então contei tudo.

Então me preparei para a sua reação. Para a sua raiva ou indignação. A tensão no seu corpo era visível, mas ele não falou nada. Quando terminei, Henry ficou em silêncio por alguns minutos.

“Lauren?”, ele perguntou por fim.

“Pois é. Ela disse que contou coisas como nossos encontros, os detalhes sobre o casamento, sobre os eventos.” Enrosquei os dedos no meu vestido. “Eu juro que não sabia de nada, Henry. Hoje, quando desconfiei e fui tirar isso a limpo, ela admitiu. Coloquei ela para fora da minha casa.”

Ele soltou o ar com força, e os músculos do seu maxilar se flexionaram.

“Vem cá”, Henry murmurou, me envolvendo com os braços, dando um beijo na minha cabeça e me embalando por alguns

minutos. “Isso não é pouca coisa. Sua amiga te magoou. Você está bem?”

“Estou.” Eu respirei fundo. Pelo menos agora sabia com o que estava lidando. “Eu vou ficar.”

“Preciso contar para Sloan e alertar o segurança dela. Tudo bem se você ficar um tempinho sozinha?”

“Sim.” Eu assenti e me afastei. Seus olhos eram um turbilhão de sentimentos por trás de sua aparência tranquila. “Você está chateado comigo?”

“Não foi culpa sua.”

Isso não respondia à minha pergunta.

Mas eu tinha acabado de despejar *um monte* de coisas em cima dele.

Henry era especialmente sensível em relação à imprensa, e por um bom motivo. Mas no momento o que parecia incomodá-lo mais era o interesse cada vez maior em Sloan. Ele era protetor — comigo, com sua irmã, com seus amigos.

Enterrei o rosto no seu pescoço, desejando nada mais do que continuar nos seus braços por mais um tempo. “Vou dar um jeito nisso. Vai levar algumas horas, então por que você não relaxa um pouco? Vou pedir para Oliver preparar alguma coisa para você comer.”

Assenti mais uma vez e, quando ele estava prestes a se levantar, seu celular vibrou dentro do bolso.

“Não é um bom momento...”, ele avisou quando atendeu, mas se interrompeu. Seus músculos enrijeceram. Ergui os olhos e vi seu maxilar se flexionar, e uma tempestade surgir nos seus olhos. “Ela está bem?”

Não consegui ouvir muita coisa, mas o tom de voz de Marcus do outro lado da linha garantia que sim. Presumi que "ela" fosse Sloan.

"Eu chego aí daqui a pouco." Henry encerrou a chamada e imediatamente ficou de pé. Ele deu um passo à frente, então voltou, passando a mão pelos cabelos. "Preciso ir."

"O que aconteceu?" Meu coração foi parar na boca quando vi seu rosto franzido de preocupação, os olhos distantes.

"Sloan teve um incidente com a imprensa. Está bem, mas agora está no hospital." Henry parecia ter entrado em piloto automático. Ele se virou e fez menção de sair.

"Quê?" Meu estômago se revirou. Imprensa? Hospital? Lauren admitiu que tinha vazado detalhes sobre todos. A ansiedade tomou conta de mim, e eu o segui até a porta. "Vou com você."

Eu precisava ver se Sloan estava bem, não só por ela, mas para aplacar a minha culpa. Era uma coisa um pouco egoísta, mas estava me sentindo responsável pelo que aconteceu.

"Não, você já..." Seu tom brusco imediatamente se atenuou quando ele se virou para mim no hall de entrada. Henry deu alguns passos na minha direção e segurou meu rosto entre as mãos. "Você já passou por muita coisa hoje. Ela está bem; foi um tombo acidental. Sloan foi para o hospital por precaução. Se Marcus não está preocupado, eu também não estou."

Ele se virou para a porta.

"Henry", chamei quando ele a abriu, retorcendo as mãos.

Depois de um instante de hesitação, ele olhou para mim e sorriu. "É só um galo na cabeça. Eu volto logo."

Eu assenti, e o som da porta se fechando ecoou nos meus ouvidos.

48

HENRY

Liguei para Xander a caminho do hospital. Ele estava com Sloan quando aconteceu e me contou tudo.

Sloan estava saindo de um possível local para o casamento, onde encontrou a organizadora do evento e a coordenadora das instalações. Saiu lá de dentro por dois minutinhos para atender uma ligação e foi seguida por dois paparazzi especialmente agressivos.

Um fotógrafo acabou a atingindo com a câmera, fazendo-a cair sobre um gradil. Ela passou por cima da barreira de proteção e caiu de uma altura de um metro e meio, batendo a nuca com força no chão de cimento, o que a fez desmaiar por alguns segundos. Por sorte, Xander estava por perto.

Nem sei como passei pelo controle de acesso da ala do hospital onde ela estava. Quando dei por mim, já estava na porta.

"Você está bem?" Tentei manter um tom de voz firme quando entrei. Ela estava sentada na ponta da cama, com Marcus ao seu lado, segurando sua mão. Xander estava na poltrona em frente aos dois. Fui invadido pela náusea. O vestido dela estava manchado, e os cabelos estavam empapados

de sangue seco. Os olhos estavam vermelhos como se ela tivesse chorado, mas, como Sloan costumava fazer, manteve uma fachada corajosa.

"Não precisava ter vindo", Sloan falou antes que eu pudesse abrir a boca. "Eu estou bem."

Uma hora depois de descobrir a responsável pelo inferno que nos atormentava havia meses, eu estava diante da minha irmã mais nova, que sofreu as consequências. Consequências que poderiam ter sido evitadas se eu fosse mais cauteloso.

"Você não parece bem", rosnei, com raiva de mim mesmo e descontando na pessoa errada.

"Bom, mas estou", ela esbravejou, ajeitando a postura. "É só um pouquinho de sangue."

Era mais que um *pouquinho* de sangue. Seu vestido amarelo estava todo manchado. Olhei para Marcus, que tinha deixado de lado a expressão de gravidade. Foi a única coisa que me garantiu que ela estava bem.

"Ela precisou de alguns pontos, mas está bem. Vai passar a noite aqui, em observação", Marcus explicou. "Só isso."

"Ele fala isso na maior calma, como se não tivesse entrado aqui soltando fogo pelas ventas e exigindo ver sua *esposa*." Xander deu risada enquanto falava sobre a reação que eu esperava de Marcus. Em seguida lançou um sorriso para Sloan, rindo em silêncio.

"Foi fofo." Sloan franziu o nariz e se inclinou em direção a Marcus. Ele esboçou um sorriso.

Minha raiva da situação não me permitia enxergar o lado positivo — estava tudo bem com Sloan. Minha mente estava

consumida por uma espécie de névoa, e eu só conseguia pensar no quanto estava irritado por ser o único a levar aquilo tudo a sério. Eu sabia que podia ter sido pior, porque a imprensa tinha praticamente um mapa de onde minha irmã estaria.

"Não tem graça nenhuma", esbravejei com os três, mas olhando para Sloan. A irritação tomou conta de mim. Percebi que estava elevando o volume da voz, mas não estava nem aí. "Você podia ter se machucado feio."

Os olhos de Marcus faiscaram em sinal de alerta. "Henry."

"Olha só." O tom de Sloan se tornou mais formal. "Eu sei que a situação é séria, tá bom? Até a imprensa se acalmar, vou tomar mais cuidado e não me afastar do segurança. Mas agora não adianta se estressar por uma coisa que já aconteceu e está fora do nosso controle."

Só que talvez estivesse sob nosso controle. Talvez eu tivesse perdido a chance de impedir que *isso* acontecesse.

"Sei..." Voltei a andar de um lado para o outro.

"Eu estou bem", Sloan garantiu.

Eu precisava contar, para eles saberem o que estavam enfrentando. No mínimo, Sloan teria que mudar o cronograma de suas saídas para acertar os detalhes do casamento.

"Esse seria um ótimo momento para você contar o que está acontecendo", Xander sugeriu. Ele olhou para Sloan e Marcus. "Sem contar Sloan ter sido nocauteada pelos degraus, e depois a calçada."

Sentei na poltrona vazia ao seu lado. "Lauren, a amiga da Selena. Ela vem vazando informações nossas para a imprensa. Selena me contou um pouco antes de você me ligar."

Eles ficaram em silêncio enquanto eu relatava tudo o que ouvi.

Sloan foi a primeira a se manifestar. “Vamos conversar sobre isso com os nossos seguranças. É o tipo de coisa que já aconteceu antes e vai acontecer de novo.”

“Pois é”, Xander concordou. “A Selena está bem?”

Assenti com a cabeça, apesar de saber que não estava. Eu não deveria ter saído de casa com ela daquele jeito, mas percebi que estava prestes a dizer alguma coisa de que iria me arrepender mais tarde.

“Vão para casa. Eu estou bem.” Sloan olhou para mim, e depois para Xander. “Marcus está aqui comigo.”

O que restava do pôr do sol projetava tons de rosa e laranja pelas janelas do chão ao teto que ocupavam uma parede inteira do bar do Augustus. As cores energizavam o recinto tranquilo, que começava a se encher de socialites e homens interessados nelas.

Eu quase nunca vinha a essa hora. As noites de sexta no Augustus eram um vício deixado para trás fazia tempo.

Girei o copo de uísque sobre o balcão de madeira polida. Não estava muito a fim de beber, muito menos de conversar, mas estava me sentindo *sem rumo* e precisava de alguma coisa.

Deveria ter ido para casa, ficar com Selena.

Ela tem o poder de arruinar a sua vida por ser a pessoa que você ama.

Quando Marcus me falou isso, foi como um incentivo. Mas o peso dessa afirmação recaía sobre mim naquele momento.

“Selena é ciumenta?” O som da voz de Xander interrompeu os meus pensamentos. Ele se recostou no balcão e deu uma olhada ao redor, com as sobrancelhas levantadas. “Porque metade das mulheres daqui parece bem interessada.”

“Que bela sensação.” E uma da qual eu não precisava ser lembrado — era por isso que eu vinha evitando os espaços de socialização do Augustus nos últimos tempos. “E Selena não tem motivo para sentir ciúme.”

Podíamos voltar à felicidade que vivíamos antes daquele dia. A aquisição da Verge estava concluída, e eu tentava descobrir como dizer que estava apaixonado por ela.

Apesar disso, meu mundo parecia borrado, fora de foco.

Finalmente havia uma resposta para a questão que vinha me atormentando fazia meses. Mas eu sentia um aperto no peito que não conseguia ignorar. Apesar de saber que ela estava bem, achava que era por causa do incidente com Sloan.

“Você está bem?” Xander fez um gesto para pedir ao bartender o mesmo que eu estava bebendo.

Eu não sabia como estava me sentindo. Só o que sabia era que queria aliviar aquele aperto. Queria acabar com a sensação que me dizia para fazer o que me ensinaram a vida toda quando me sentia em dúvida.

Obter respostas, manter o controle.

Girei meu copo de novo. “Sim, por que não estaria?”

Estava com raiva, principalmente de mim mesmo. Lauren, uma mulher que vi poucas vezes, tinha acesso total ao meu mundo, a absolutamente tudo, e nem sequer questionei isso.

“Você veio para cá, em vez de ir para casa.”

“Você também.”

“Eu não tenho uma namorada me esperando.” Ele sentou ao meu lado e cruzou os braços sobre o balcão. “E, antes que você dê uma de terapeuta, essa configuração é perfeita para mim.”

Seus olhos se voltavam o tempo todo para a entrada que levava à seção de arte do clube. Eu queria levar Selena lá. Ela iria adorar. Havia galerias e ateliê abertos à visitação. Mencionei isso uma vez, mas Selena não pareceu muito receptiva à ideia de ir ao Augustus.

“Você está esperando alguém?”, perguntei.

“Quê?” Os olhos de Xander se voltaram para a mesma entrada antes de se virarem para mim, tão depressa que me perguntei se seria uma coisa consciente. “Ah, sim... assunto de negócios.”

“Aham...” Não acreditei muito, porque ninguém do nosso círculo mais próximo frequentava aquela parte do clube. Penelope Astor era a única pessoa que conhecíamos que eu já tinha visto por lá.

“Está tudo certo”, ele me garantiu, dando um gole na bebida. “Os seguranças de Marcus e Sloan vão dar um jeito nos fotógrafos que fizeram a emboscada. Pode ir para casa.”

Olhei no relógio. Ainda era cedo, mas eu já deveria ter voltado havia horas. Selena estava me esperando, e eu sabia disso.

“Tem razão”, admiti. “Tem certeza de que não está esperando alguém?”

“Eu já falei.” Ele se virou e viu Rohan e Jax do outro lado do salão. “Assunto de negócios.”

Terminei minha bebida e fui para o estacionamento. Havia uma chamada perdida de Selena, mas antes que eu pudesse ligar de volta uma voz me interrompeu.

"Ora, se não é o novo alvo de Selena Montez." Levantei os olhos da tela e dei de cara com um rosto desagradável. Estava saindo de um carro com motorista. "Manda um oi para ela por mim."

A. Porra. Do. Julian. Waldorf. O filho da puta. O ex-namorado de Selena, que tinha sorte de estar vivo, considerando o que eu sabia a seu respeito.

"Se abrir a boca para falar o nome dela de novo, eu arranco a sua língua", avisei. Só o fato de ele saber o nome dela fez meu sangue gelar.

"Violência? Que vulgaridade", ele provocou, levantando as mãos. "É por isso que o clube precisa parar de aceitar emergentes."

"Para aceitar o quê? Falidos?" Fiquei surpreso ao vê-lo ali; os Waldorf vinham evitando o clube depois de toda aquela publicidade negativa.

A menção a Selena, qualquer que fosse a porra do motivo, foi um grande erro. Se ele fizesse isso de novo, ou se o nome da minha irmã saísse da sua boca, Julian ia engolir todos os dentes.

"Está vendo? Classe não se compra, ou você não aprendeu nada com Slo..."

Uma raiva repentina me invadiu. Ele escolheu o dia errado para testar o pouco de paciência que me restava.

Em dois passos, eu estava com o colarinho de Julian nas mãos, jogando-o contra a parede de concreto. “Diga o nome dela de novo para você ver o que acontece.”

A valentia de Julian desapareceu de seu rosto enquanto ele permanecia pendurado, alguns metros acima do chão. Ele ergueu as mãos na maior inocência. “Estou só brincando, Amari. Relaxa.”

Eu o larguei e me virei para ir embora, mas Julian estava decidido a transformar aquele dia no último da sua vida patética. “Acho que eu ficaria meio irritado também, se fosse só mais um degrau para a ascensão da minha namorada no Upper East...”

Eu me virei e acertei um soco bem no meio da cara dele. Seu corpo atingiu a parede mais atrás com um baque seco e desabou no chão.

Minha vontade era puxá-lo pelo colarinho e socá-lo de novo, mas o celular tocando no bolso me fez parar.

Quando fui atender, já tinha caído na caixa postal. Era Selena, e uma mensagem de texto veio em seguida.

Selena: Está tudo bem?
Selena: Acho que vou me deitar cedo.

A nuvem de raiva se dissipou, substituída pela culpa.

Reprimi qualquer amargura que sentia e recuperei alguma compostura. A última coisa de que eu precisava era que essa história se espalhasse. Não que isso fosse acontecer; o Augustus não era um clube burro, tampouco barato. Eles não correriam o risco de irritar minha família.

Agachei para avaliar o estrago, ignorando a vontade de acabar com Julian de vez. Ao menos quebrei o nariz daquele bostinha.

"Vou explicar de um jeito bem simples, para que até você consiga entender. Para você, Sloan e Selena são como um campo minado. Se chegar perto delas, seu corpo vai acabar em pedaços." Eu inclinei a cabeça. "Estamos entendidos?"

Ele assentiu e se virou para levantar do chão de concreto.

"Ótimo. Agora vai se limpar. Esse sangue todo não é nada elegante", provoquei antes de sair andando.

Quando voltei ao carro, minha cabeça estava a mil. Por que Selena tinha sido envolvida nessa história? A frustração fervilhava dentro de mim, quente e intensa. Eu estava num limiar entre furioso e assustado.

Acho que eu ficaria meio irritado também, se fosse só mais um degrau para a ascensão da minha namorada no Upper East...

Selena trabalhava para a maior agência de relações públicas do país. Era provável que os Waldorf tivessem sido seus clientes. Essa explicação perfeitamente razoável fez meu estômago se revirar.

Nem toda a lógica do mundo era capaz de afastar o pavor que se instalou na minha mente. Eu nunca questionei Selena. Ela parecia ser simplesmente a pessoa *certa*.

Mas eu estava errado sobre Preston, e isso quase pôs minha empresa em risco. E se eu estivesse enganado sobre Selena também?

Eu me preparei para qualquer que fosse a verdade enquanto os sussurros adormecidos na minha cabeça despertaram com

força renovada.

Quando cheguei em casa, o delírio tinha passado. Entrei no meu escritório e fiquei olhando para a mesa de mogno, com o pensamento longe.

A clareza veio à tona. Eu finalmente identifiquei o que vinha me seguindo como uma sombra.

Medo.

Medo de que não estivesse enxergando as coisas com nitidez. De que estava deixando alguma coisa passar despercebida. De que, bem debaixo do meu nariz, a empresa ou a minha família iam sofrer por causa da minha cegueira, do meu despreparo.

Depois de certa hesitação, liguei para Balakin.

"Preciso que você descubra tudo o que puder sobre o histórico de Selena Montez com os Waldorf o quanto antes."

"Entendido."

49

SELENA

Acordei na manhã seguinte com Henry se mexendo na cama. Ele se virou, soltou um grunhido baixo e me abraçou pela cintura. Com um leve puxão, senti minhas costas coladas ao seu peitoral musculoso.

O dia anterior tinha sido muito estressante, e meu corpo praticamente se colocou para dormir. Fui para a cama mais cedo e não o ouvi chegar.

"Ela está..."

"Ela está bem", ele murmurou no meu ouvido. Sua respiração roçou a minha nuca. "Tudo resolvido."

"Que horas você chegou ontem?"

"Não muito depois de você ligar. Desculpa eu não ter atendido."

"Tudo bem."

Eu nunca desconfiei de Henry, apesar de seu passado. A noite anterior foi a primeira vez que senti que ele estava se afastando de mim.

"Por que você não passa o fim de semana com a Isa? Para espairecer um pouco a cabeça."

Senti um aperto no peito, apesar de saber que provavelmente era disso que eu precisava. Não me sentia pronta para encarar todas as pessoas afetadas pelos vazamentos de Lauren, e sabia que Henry devia querer passar o fim de semana com os amigos e a irmã.

Assenti com a cabeça. Era uma boa ideia.

Eu me virei para ele, que me puxou para mais perto.

"Tem certeza de que está tudo bem com ela?" Meus olhos procuraram os dele, porque eu sabia que isso iria me tranquilizar. Seu olhar de quem não via mais nada no mundo além de mim. Meu coração bateu mais forte quando o vi.

"Sim." Henry passou os dedos pelas minhas costas. O tom rouco da sua voz, ainda sonolenta, me deu um calor logo abaixo do umbigo. "Enfim... a gente pode parar de falar da minha família quando estiver na cama?"

Eu o beijei e ele sorriu.

Henry tinha razão. Passar o fim de semana com Isa era do que eu precisava.

Ficamos acordadas até tarde vendo comédias românticas e bebendo vinho, e passeamos pela cidade à procura de qualquer que fosse nossa vontade no momento. Isso me fez lembrar de quando éramos só duas universitárias sem preocupações.

Eu me apaixonei por Nova York nessa época, e isso não mudou desde então.

"Nunca vou entender como você consegue comer tanto sorvete sem passar mal." Isa pegou um pedaço de massa de cookie da sua bola de sorvete e enfiou na boca.

Enquanto ela estava na primeira casquinha, eu estava terminando a segunda.

“Me deixa soterrar os meus sentimentos com comida em paz”, reclamei de brincadeira. Estávamos sentadas num banco no Central Park, sentindo a brisa quente do fim de maio.

Antes de sair da casa de Henry, no dia anterior, liguei para Sloan. Ela me garantiu que eu não precisava me desculpar, mas o fato de ter se machucado como consequência das atitudes de Lauren era motivo suficiente para eu me sentir responsável pelo acontecido. E não conseguia deixar de sentir que Henry também achava isso.

“Por que você ainda não disse para ele que está apaixonada?”, Isa perguntou. “Nem tenta dizer ‘sei lá, acho que mais ou menos’. Eu sei que você o ama.”

Abri um sorrisinho. “E amo mesmo.”

“Mas...?”

“Isa, olha só o que aconteceu.”

Nós passamos o dia anterior conversando sobre como descobri sobre Lauren e planejando o que fazer. Eu precisava esvaziar meu apartamento porque ela rescindiu meu contrato de aluguel. Tinha que começar a trabalhar na sede da Pearson em Los Angeles até setembro, e ainda havia essa coisa não resolvida pairando no ar.

“Lauren é uma amiga de merda, mas isso não é desculpa para você não se abrir sobre os seus sentimentos com ele”, Isa insistiu.

“Talvez ele precise de um tempo. Ainda está processando tudo o que aconteceu”, especulei.

Henry não parecia chateado, mas havia alguma coisa errada. Como eu previa. Na verdade, esperava uma reação muito mais intensa do que a que tive, que era basicamente nada.

Henry não confiava em muita gente, e eu sabia que isso o tinha magoado.

Só esperava que não prejudicasse o que havia entre *nós*.

"Certo." Isa pôs a mão sobre a minha. "Pelo menos aplaca a minha ansiedade. Você vai ficar?"

Eu não queria ficar *por* Henry, mas ele foi o motivo pelo qual me dei conta de que não queria ir embora. Nova York era minha casa e, apesar de uma fuga parecer mais fácil, ficar me deixaria mais feliz.

Os Waldorf fizeram com que me sentisse pequena e indefesa, como se precisasse fugir. Ficar era a minha forma de autoafirmação.

"Acho que sim." Sorri e comecei a perceber melhor minha realidade. "Preciso contar para Rita..."

Minha mente elaborou uma lista de todas as coisas que precisavam ser feitas.

"Ela vai ficar muito feliz."

"Preciso contar para a minha mãe", suspirei. Minha mãe não estava feliz com o meu namoro com Henry, mas nunca tocava no assunto. Só fazia lembretes ocasionais sobre sexo seguro. Agora que a minha intenção era ficar, eles teriam que se conhecer.

Essa ideia não me deixava tão apreensiva quanto eu pensei.

"Sua mãe me adora. Eu ajudo você a deixar tudo em pratos limpos com ela", Isabelle respondeu, confiante.

“Preciso de um lugar para ficar até encontrar outro apartamento.”

“Meu sofá está lá para você”, Isa me lembrou. “Mas pensei que você fosse para os Hamptons com seu boy no verão.”

“Ah, é.” Soltei um suspiro. “Preciso acertar isso.”

Faltava uma semana para junho, meu último mês na Amari Global. E para a pré-estreia do filme de Miles, no fim de semana seguinte.

Tinha coisa demais acontecendo, e eu precisava conversar com Henry, mas estava hesitante. Já tínhamos combinado nossa ida à pré-estreia, mas os planos para o verão ficaram meio no ar.

Olhei ao redor do parque. A ansiedade por causa de tudo relacionado a Lauren ainda pesava no meu peito, mas havia um pouco de leveza também.

Eu não iria embora.

Apesar do inferno do fim de semana, eu estava animada quando cheguei à Amari Global na segunda-feira. Tinha passado o sábado e o domingo com Isa, então não via Henry desde sexta. Isso quase nunca acontecia.

Eu sentia falta. Fiquei com saudade dele.

“Oi”, falei da porta da sua sala. Ele estava totalmente concentrado em seja lá o que estava lendo.

Henry tinha passado a manhã toda em reuniões. Com a aquisição da Verge finalizada, eles estavam trabalhando no lançamento da nova tecnologia. Havia também uma conversa

sobre encontrar outra pessoa para o cargo de CFO. Alguma coisa aconteceu com Preston, que não estava mais lá.

Ele ergueu os olhos, e um sorriso apareceu no seu rosto. Parando o que estava fazendo, ele puxou a cadeira para trás.

"Vem cá", ele chamou, com um tom baixo e grave.

O som de sua voz flutuou até mim, deixando o meu estômago em brasas. Passar alguns dias sem seu toque também era difícil. Eu engoli em seco.

Fechei a porta atrás de mim, e minha pulsação acelerou enquanto caminhava até ele.

"Senta aqui", Henry falou. Suas mãos me seguraram gentilmente pelos quadris, e sentei no seu colo. Ele me abraçou e respirou fundo. Momentos depois, seu corpo relaxou junto ao meu. "Senti sua falta no fim de semana."

"Também senti sua falta." Me recostei no seu corpo.

"Está melhor?"

"Aham", fiz baixinho, fechando os olhos. No seu colo, meus nervos finalmente se acalmaram. A coragem que se escondia sempre que eu precisava reapareceu. "Henry... no verão a gente vai..."

"Para o Solar Amari?", ele terminou por mim. Seus dedos acariciavam os meus quadris. "Tecnicamente, você ainda não concordou."

"Parece ótimo." Senti o cheiro suave de cedro e bergamota de seu perfume.

"Às vezes eu não consigo pensar em outra coisa", ele confessou.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Estar com ele era bom. Eu me sentia segura. Amada.

"Você pode me contar qualquer coisa", ele disse baixinho, e suas palavras me provocaram um frio na barriga. "Você sabe disso, certo?"

Senti meu corpo se encolher nos seus braços. Apesar de insistir que estava tudo bem, ele estava incomodado com alguma coisa.

"É, eu sei." Eu me virei no seu colo. Seus olhos demoraram alguns segundos para encontrar os meus. Como se ele estivesse evitando o contato visual. "Está tudo bem?"

Henry assentiu, e seus braços me apertaram com mais força. Ele enfim me encarou. "Sei que não foi fácil para você contar sobre Lauren. Mas pode me contar tudo."

Fiz que sim com a cabeça.

Henry procurou os meus olhos e flexionou o maxilar, mas continuou em silêncio.

A realidade de que as coisas poderiam demorar para voltar ao normal dissipou a breve euforia que senti nos braços dele.

"Preciso voltar ao trabalho", Henry murmurou.

"Eu também." Levantei e dei um beijo rápido na sua boca.

Fui distribuir um dossiê de imprensa para a equipe de assessoria da empresa, com tudo o que foi usado no gerenciamento da imagem de Henry e as iniciativas futuras e em andamento da Amari Global.

Então voltei para a minha sala, ignorando a dor constante no peito.

50

HENRY

Na maioria das noites, Selena e eu saíamos juntos do trabalho, a não ser quando era necessário para mim ficar até mais tarde. Em geral, jantávamos e relaxávamos até um de nós começar alguma coisa que terminaria na cama.

Nessa noite, tudo seguiu o mesmo rumo.

Quando chegamos, ela se acomodou no sofá e começou a editar algumas fotos que tinha tirado com Isabelle no fim de semana. Incapaz de calar a voz dissonante na minha mente, fui para o meu escritório.

Assim que entrei, vi os envelopes grandes selados sobre a escrivaninha.

Meu coração disparou. Era o acordo de confidencialidade a que Balakin conseguiu ter acesso.

Ele havia me ligado de manhã no trabalho, antes de Selena chegar, e me contou que ela *tinha* trabalhado com a família. E que um acordo de confidencialidade foi assinado no início do contrato, como de praxe, e outro ao final.

Esse não era nem um pouco de praxe. Alguma coisa aconteceu.

O segundo acordo era protegido por sigilo, e Balakin demorou um fim de semana inteiro para conseguir.

Fui para o outro lado da mesa e fiquei olhando para o envelope.

Queria que essa sensação, esse nó constante no estômago, passasse. Pensei que abraçá-la, sentir o cheiro inebriante de lavanda dos seus cabelos e o seu corpo junto ao meu fosse fazer essa queimação cáustica cessar.

Não cessou.

Nada funcionava para desarmar esse alarme, que continuava soando o tempo todo.

Nunca tive motivo para questioná-la. Selena não fez nada para despertar minha desconfiança.

Preston também não. E ele quase arruinou a aquisição.

Senti o meu estômago queimar.

Eu deveria perguntar, ou esperar que ela me contasse, e sabia disso. Mas o ruído na minha cabeça estava se tornando insuportável. Só uma coisa iria fazer isso parar.

Rasguei um envelope e comecei a ler.

Meus olhos passaram várias vezes pela mesma linha do documento, e meu coração desabou.

Selena tinha vazado informações sobre os Waldorf para a imprensa, as que ajudaram Sloan e Xander a fazê-los serem investigados.

A situação — ou pelo menos a participação de Selena — era incomodamente parecida com o que aconteceu comigo e com ela nos últimos meses.

Ora, se não é o novo alvo de Selena Montez.

Minha mão começou a tremer enquanto eu lia. O farfalhar do papel ecoava como trovões na sala silenciosa.

"Henry?" Ouvi a voz de Selena como se ela estivesse longe, mas mantive a atenção nas palavras no papel. Sua voz me chamou mais alto dessa vez. "Henry?"

"Você vazou histórias para a imprensa sobre..." Ergui os olhos e vi que ela estava olhando, incrédula, os papéis espalhados à minha frente. A câmera caiu de suas mãos sobre a escrivaninha.

Diversos casos indiscretos foram revelados, além das atividades ilegais dos Waldorf. Aquilo virou o grande assunto do momento. Isso, e um pagamento para uma amante de nome não revelado, virou a conversa dominante na alta sociedade por semanas.

Selena pegou algumas folhas, com as mãos trêmulas. Em silêncio, deu alguns passos para trás. Ela empalideceu.

"Você já tem a resposta. Para que me perguntar?"

Eu precisava que ela me dissesse que a situação não era a mesma, que o que aconteceu era bem diferente. Eu acreditaria. Só precisava ouvir aquelas palavras da sua boca. "O que aconteceu entre você e os Waldorf?"

Uma expressão insuportável de dor surgiu no seu rosto, silenciando todos os alarmes na minha cabeça.

Ela parecia completamente arrasada.

"*Você* tem um dossiê sobre mim." Ela deu mais passos para trás, com os olhos perdidos em pensamentos enquanto folheava os papéis. Uma postura defensiva tomou conta do seu corpo. "O que você acha que tem aí?"

Senti uma pontada de culpa no peito. “Selena...”

“Você tinha motivos para cavar fundo. Eu sei que eles fizeram de tudo para garantir o sigilo.” Sua voz ficou trêmula. A incredulidade se desfez, dando lugar à raiva. “E, então, o que você acha que tem aí?”

“Selena, depois dos vazamentos, eu queria...”

“Responde o que eu perguntei. O que você acha que tem aí?”

“Não sei.”

Sinceramente, antes de ler, pensei que fosse um envolvimento romântico. E a grande ironia era que eu não estava nem aí para isso. Era coisa do passado. O meu era uma avalanche de merda, e ela não ligava. Eu estava torcendo para encontrar uma coisa que me permitisse virar a página e esquecer.

E nesse momento me dei conta de que a questão não era o que havia acontecido.

Não importava o que estava escrito naquele dossiê. Meu coração era dela mesmo assim.

Eu caguei tudo.

“Sabe, sim.” Ela abafou o que parecia ser um soluço. “Você pensa que eu vazei histórias deles por quê? Por causa de um casinho que terminou mal, né?”

“Selena...”

“Eu nunca menti para você. Não passou pela sua cabeça que não contei porque...” Sua voz falhou, e ela se interrompeu.

A minha conclusão seguinte doeu dentro do meu peito.

Eles fizeram mal a ela.

Meus sentidos vibraram com um rugido protetor. Saí de trás da escrivaninha e atravessei a sala, segurando seu rosto entre as mãos enquanto as lágrimas se acumularam nos cantos dos seus olhos.

"O que aconteceu?"

SELENA

Eu sabia o que Henry pensava que tinha acontecido entre mim e os Waldorf, mas, se precisasse de uma prova, estava estampada na cara dele quando minha voz falhou.

Quando se deu conta do quanto estava errado.

Todas as feições de seu rosto se amenizaram por causa da preocupação. Eu não era inocente, mas também não chegava nem perto do que ele imaginou na sua cabeça.

"Para com isso." Afastei suas mãos do rosto e dei um passo para longe. "Você não pode fazer isso. Você não tem o direito de agir pelas minhas costas, desenterrar coisas do meu passado e depois querer dar uma de protetor quando percebe que estava errado."

Depois de tudo o que vivemos, seu primeiro reflexo ainda era agir pelas minhas costas e me investigar como se o que havia entre nós fosse só um assunto de negócios. Mais uma coisa que ele podia controlar.

Vê-lo folhear aqueles detalhes da minha vida, como se eu fosse uma simples narrativa, e não uma pessoa *de verdade*, me transportou diretamente para aquele dia no escritório de Allister, quando me entregaram a caneta para assinar o acordo de confidencialidade.

Quando falaram comigo como se eu fosse uma complicação qualquer, um erro de digitação que desapareceria quando a tinta secasse.

"Você não pode fazer isso. Não vai me ter assim, na palma da mão." Eu devia estar berrando, porque minha garganta doía. A dor foi inchando e virando outra coisa. A raiva que guardei por um ano inteiro estava começando a vir à tona. "Você sabe onde eu estou o tempo todo. Mandou seus capangas atrás do meu ex, para fazer sabe-se lá o que com ele."

Henry se abalou visivelmente pela menção a Miles. Eu não estava chateada com isso, mas estava tudo relacionado. Ele nunca se permitia ficar numa posição vulnerável. Estava sempre no controle, e isso não era justo comigo.

"O cara que estava te assediando?", Henry esbravejou. "Que porra ele tem a ver com esse assunto?"

"Você precisa sempre estar em vantagem. Isso não é justo. Você não pode ter cartas na manga contra sua própria namorada", gritei. Estava me sentindo impotente e acuada de novo. "Você não pode controlar tudo, saber de tudo."

Henry ficou em silêncio. Dei mais um passo para atrás.

"Você faria isso se eu fosse alguma garota da alta sociedade? Teria violado a minha privacidade e agido pelas minhas costas?"

Não foi ele que cravou a faca no meu coração, mas as suas atitudes a torceram dentro de mim.

Passei por ele, peguei minha câmera da mesa e fui para o corredor. Não queria ficar ali para ouvir suas justificativas.

“Selena”, ele me chamou enquanto eu atravessava a sala de estar para pegar minha bolsa, me seguindo poucos passos para atrás.

Continuei seguindo na direção da porta, mas então parei e me virei para ele. Meu coração estava disparado dentro do peito. “Não contei para você porque não queria mais pensar nisso. Queria seguir em frente. Porque já passei tempo demais deixando que as coisas que estão *nesses papéis* controlassem a minha vida.”

Minha voz ficou embargada, mas consegui segurar as lágrimas. Pela segunda vez em poucos dias, me sentia em queda livre.

“Selena.” Henry segurou minha mão de leve, com a voz trêmula. “Por favor... não vai embora.”

Puxei minha mão de volta. Estava muito chateada para ficar, muito magoada com aquela conversa.

Eu parei na frente da porta.

“Pode ler o resto, porque não me arrependo de nada do que fiz”, falei, voltando ao meu tom de voz normal. Eu não queria ter que contar essa história. Estava cansada de ouvir falar nisso, de pensar nisso, de permitir que isso tivesse poder sobre mim. “E, por favor, me deixa em paz por um tempo.”

51

SELENA

Eu não voltava para o meu apartamento desde sexta-feira, quando confrontei Lauren, e não sabia nem se ela já tinha ido embora. Mas também não tinha tempo de descobrir e não estava num estado mental propício para ir para lá. Queria ficar com Isa, mas ela estava de plantão. Então acabei indo parar na sala de descanso dos plantonistas do hospital.

Durante o trajeto, fui me acalmando, e a raiva não demorou a passar. Mas a mágoa ficou. Eu não queria trabalhar na conta dos Amari justamente por isso. Não a parte de me apaixonar pelo meu chefe, mas a sensação de me sentir deslocada.

Nunca tinha me sentido assim, nem uma única vez, antes de saber que Allister era o meu pai. E agora essa sensação estava de volta.

Eu era forte e independente. E *sabia* disso. Tinha sido criada assim pela minha mãe. Não queria sentir nunca mais o que Allister provocou em mim.

Mas Henry fez a mesma coisa. E, para piorar, agiu exatamente como eles teriam feito. Ele manipulou a situação para assumir o controle. Controle sobre mim.

Na caminhada longa e labiríntica do saguão até a sala de descanso, contei para Isa o que tinha acontecido, tentando, quase sempre sem sucesso, manter a compostura.

"Alguém já transou aqui?", perguntei antes de me sentar na cama.

A pequena sala de descanso era onde ela passava a maior parte do tempo quando não estava em cirurgia. O espaço minúsculo tinha uma escrivaninha, um computador e uma cama de solteiro.

"Você vê séries médicas demais." Ela se sentou na cadeira de rodinhas e veio girando até mim. "Mas já."

Fiz uma careta, mas não havia outro lugar para me sentar. A sala ficou silenciosa por alguns minutos.

Mandei um e-mail para Bridget no caminho, para avisar que ia passar o resto da semana fora. Coisas demais haviam acontecido nos últimos dias, e eu precisava parar para respirar.

"O lado bom", Isabelle começou, "é que essa parte do seu passado deixou de ser um peso."

"Ele acha que eu sou uma oportunista."

Isabelle me encarou. "Ele fez merda, e estou gostando de ver que vai pagar por isso. Mas não acho que isso seja verdade."

Nunca menti para Henry. Mas, em vez de perguntar, ele agiu pelas minhas costas. Fiquei até com raiva de mim mesma por fazer essa comparação, mas ele agiria da mesma forma se eu fosse uma herdeira endinheirada? Se fosse CiCi, Henry ficaria tão desconfiado?

"O que vai acontecer da próxima vez que ele ficar desconfiado?", questionei. "Henry não pode fazer esse jogo de

‘confie, mas verifique’ num relacionamento. Às vezes ele vai ter que confiar em mim sem saber se estou sendo sincera ou não.”

“Pois é”, Isa concordou. “Provavelmente algo que você deveria falar para *ele*.”

Antes que eu pudesse responder, meu celular vibrou sobre a escrivaninha. O nome de Henry apareceu na tela.

“Eu cuido disso.” Isa pôs o aparelho no viva-voz. “Dra. Isabelle Mercado, melhor amiga com uma serra óssea.”

A voz de Henry veio do outro lado cheia de preocupação. “Eu posso, por favor, falar com...”

“Você sabia que, dependendo da droga paralisante, você ainda consegue sentir a serra nos ossos se não estiver devidamente sedado? Você fica completamente imóvel, mas sabe de tudo o que está acontecendo. E sente cada um dos cortes.”

“Isabelle...”

“O segurança dela está aqui, e não tem perigo nenhum por perto. Fora isso, ela não quer falar com você. Vai te ligar quando achar que deve.”

Houve uma longa pausa do outro lado.

“Certo.” Sua voz grave reverberou no meu peito. Eu só queria esquecer aquilo, mas não conseguia. Correr para os braços dele era tentador, mas a mágoa lancinante pelo que ele fez me impedia.

Isa desligou e segurou minhas mãos. “Aconteceu um monte de coisa. Por que você não espairece um pouco a cabeça? Você vai ver tudo com mais clareza daqui a um tempo.”

Concordei com a cabeça. Estava me sentindo arrasada e precisava dormir.

"E aqui..." Ela me entregou suas chaves. "Fica lá em casa. A gente pode ir até o seu apartamento amanhã, juntas."

52

HENRY

Olhei para o celular. De novo.

Selena me pediu para não procurá-la por um tempo, e depois daquele incidente com Miles eu não a incomodaria quando ela queria ficar em paz.

Passei as últimas quarenta e duas horas, o tempo desde que nos falamos pela última vez, tentando entender o que era esse "por um tempo". Queria pelo menos vê-la no trabalho, mas Bridget me avisou que ela não viria.

Estava sendo um dia estranho. Eu me sentia inerte, o que era uma mudança bem-vinda em relação aos dois dias anteriores, depois que li o acordo de confidencialidade.

Eu não ia ler, mas a voz de Selena me soou bem diferente quando me falou para fazer isso. Não era rancor nem raiva. Era um tom conciliador, como se ela estivesse me dando uma chance.

E eu ia aproveitar.

Os vazamentos a respeito dos Waldorf foram em sua maior parte sobre crimes financeiros. Eles foram para cima dela com todas as forças. Ela assinou o acordo de confidencialidade para se proteger. E eles tomaram a precaução extra de colocar o

documento sob sigilo porque Selena era filha de Allister. Ele poderia tê-la destruído se ela abrisse a boca sobre esse assunto.

Selena ia embora da cidade para se poupar desse sofrimento. Tudo fazia sentido agora. Uma dor aguda atravessou meu peito quando pensei naquela noite na Estátua da Liberdade. Os Waldorf a fizeram se sentir impotente. E, agindo pelas suas costas, eu fiz a mesma coisa.

"Era isso que você precisava ver." A voz áspera de Balakin me arrancou da minha espiral de vergonha. Ele entrou na minha sala, fechou a porta e se sentou.

Tinha me ligado no dia anterior para contar que havia mais coisas, mas não me interessei em ver. Ele me garantiu que era uma coisa que poderia ser valiosa para Selena, então achei melhor ouvir.

"O que é isso?" Olhei para o documento que ele me entregou. Era um testamento.

Folheei o documento silenciosamente por alguns minutos antes que ele me respondesse.

"O testamento de Conrad Waldorf. O pai de Allister. Eles foram especialmente cruéis com Selena por causa de uma coisa que descobri nesse testamento. Uma coisa que queriam esconder dela." Ele se inclinou para a frente e virou as páginas até chegar à que tinha marcado. "Conrad deixou bem claro que seus bens deveriam ser divididos entre *todos* os seus herdeiros legítimos. Selena é filha de Allister. Ela também conta. É uma herdeira."

A névoa que deixou minha mente letárgica o dia todo se dissipou, e todos os pensamentos voltaram ao mesmo tempo.

Os Waldorf, todos eles, estavam em maus lençóis por uma série de coisas. Falso testemunho, desvio de fundos, lavagem de dinheiro. E várias dessas coisas foram descobertas graças aos vazamentos de Selena. Marcus parecia certo de que todos eles iriam para a cadeia em breve.

"O que acontece com os bens que não foram confiscados?"

Selena não tinha como saber do testamento de Conrad. Eles fizeram de tudo para esconder isso, para que ela não tivesse acesso ao que tinha direito. Assim como Benedict Sheffield fez com a minha mãe.

E, em vez de ajudar Selena, eu a deixei arrasada.

Meu peito se contraiu de desgosto.

"Acredito que vão para o herdeiro mais próximo que não esteja preso. E a herdeira é Selena." Ele levantou da cadeira. "Fico no aguardo dos próximos passos."

Depois que Balakin saiu, o silêncio na sala começou a pesar sobre mim.

Eu torcia para ouvir seus passos batucando no piso de madeira em rápida sucessão. Selena andava depressa e de um jeito meio descuidado. Eu nunca liguei para isso. Até gostava quando ela perdia o equilíbrio. Era uma chance de segurá-la para se equilibrar.

Peguei o celular de novo. Quarenta e duas horas e trinta e sete minutos.

O conselho se reuniria na semana seguinte para decidir meu destino. Eu não tinha violado a cláusula de moralidade e fiz uma das aquisições mais lucrativas da história da empresa. Não tinha por que me preocupar com a minha posição como CEO.

Eu não estava preocupado, e isso *deveria* me preocupar.

Mas a única coisa em que conseguia pensar era como conseguir o perdão de Selena, como explicar que minhas atitudes não foram motivadas por desconfiança, e sim por medo. E eu não estava mais com medo, não quando a alternativa era a possibilidade de uma vida sem ela.

O som de alguém entrando na minha sala interrompeu meus pensamentos. Olhei que horas eram.

Quarenta e três horas e quarenta e cinco minutos.

Marcus atravessou o espaço e se sentou diante da minha mesa. Antes que eu perguntasse o que ele estava fazendo ali no meio da tarde, a resposta já veio: "Bridget me ligou. Ela está com medo de que você tenha cagado tudo".

Segurei a cabeça entre as mãos.

Eu tinha, de fato, cagado tudo.

"A coisa está feia?", ele perguntou.

"Bem feia."

"Está..." Ele hesitou. "Tudo acabado?"

Meu corpo todo gelou, e eu levantei a cabeça.

"Não", grunhi. "Foi uma discussão."

Não podia ser mais que isso.

Selena ia ficar na cidade. Íamos passar o verão nos Hamptons. Foi uma briga, só isso. Fiz uma cagada, mas ia consertar.

Minha respiração ficava pesada a cada vez que eu pensava na outra possibilidade.

"Eu investiguei os trabalhos anteriores dela. Os Waldorf foram seus clientes", contei, e então expliquei o que aconteceu.

Se tinha uma coisa em que Marcus era muito bom era guardar segredos. Eu não teria mencionado a relação de parentesco de Selena com Allister se não tivesse certeza de que ele ia me ajudar a resolver tudo isso.

Marcus ficou em silêncio depois de ouvir. "Fala com a Sloan; ela pode cuidar da parte da herança."

"Ah, sim." Foi a primeira coisa em que pensei quando li o testamento de Conrad.

"E liga para a amiga dela, Isabelle", ele sugeriu. "Quando eu fiz cagada com a Sloan, no ano passado, Xander foi... enfim, Xander. Mas ajudou. Selena pode estar chateada demais para querer te ver, mas a melhor amiga vai fazer o que for melhor para ela."

Eu assenti.

Ele ficou em silêncio de novo e olhou ao redor. "Eu já falei sobre o conselho que seu avô me deu quando contei que ia abrir a Sutton Industries?"

"Alguma coisa maquiavélica, com certeza."

Marcus sorriu. "Ele me disse para confiar no medo, porque é instrutivo. E eu acatei, porque *era mesmo* uma estratégia eficaz. Nunca fiz um negócio que terminou em arrependimento. Em cinco anos, a Sutton Industries virou o que é hoje. Mas confiar no medo quase destruiu meu relacionamento com Sloan. Agora não é hora de falar sobre como Rishi Amari bagunçou sua cabeça, mas vou repetir o conselho que *você* me deu no ano passado. Não seja como ele."

"Pois é." Agora eu entendia isso. Só torcia para não ser tarde demais.

Sem dizer mais nada, Marcus se levantou e foi embora.

"Sorte sua que eu não estou com a minha serra." Isabelle estava na entrada da minha casa, de braços cruzados, ainda com a touca do centro cirúrgico. Se recusou a entrar, falou que me ouviria da porta mesmo.

Eu disse que precisava mostrar para Selena que havia uma forma de desfazer o estrago causado pela nossa discussão. Também falei sobre os meus planos para consertar a situação, ou pelo menos mostrar para Selena o quanto ela era importante para mim, o quanto eu queria que déssemos certo.

Rezei para que ela quisesse a mesma coisa, que não estivesse pensando em terminar tudo. "Ela quer terminar..."

Isabelle levantou a mão imediatamente. "Você *realmente* devia saber, a essa altura, que, se quiser saber alguma coisa sobre a Selena, precisa perguntar para ela."

Passei a mão pelos cabelos. "É, eu sei."

As feições de Isabelle se amenizaram. "Eu vou fazer minha parte. Vou falar para ela ir na pré-estreia hoje à noite."

"Obrigado."

Ela balançou a cabeça e começou a descer os degraus para a calçada, mas no meio do caminho olhou para mim de novo. "Eu sou uma das melhores cirurgiãs do país e ainda estou em treinamento. Formada em medicina em Harvard, primeira da turma. Não costumo me enganar com frequência. Pensei que você pudesse ser a pessoa certa para ela. O que ela merece. Não me faça estar errada, fui clara?"

Eu assenti, torcendo para que Selena me perdoasse. Se isso acontecesse, pelo menos a aprovação de sua melhor amiga eu tinha.

53

SELENA

"Por favor, come alguma coisa." Isa aproximou o prato de mim. Estávamos no meu sofá, usando vestidos lindos de grife, todas embonecadas em meio a um mar de caixas na minha sala de estar.

Isa e eu viemos para o meu apartamento no dia seguinte à briga com Henry. Com Lauren fora de lá, comecei a embalar tudo para entregar o imóvel, mas ainda precisava decidir para onde a caixas iriam.

"Não estou com fome", falei, olhando para o guarda-chuva na minha mão. Ele estava no canto do hall de entrada enquanto encaixotávamos as coisas, esperando para ser notado.

Não tinha nada de especial. Era preto, com cabo de metal. Mas me trazia uma sensação boa. Foi o que me protegeu da chuva no meu primeiro dia na Amari Global. O que eu vivia esquecendo toda vez que chovia.

Não que eu precisasse lembrar. Henry sempre tinha um para mim.

"Você não pode ir a um evento de estômago vazio."

"Eu *realmente* não estou com fome", repeti. Estava ansiosa.

Mandei uma mensagem para Henry mais cedo porque, além de tudo, havia a pré-estreia do filme à noite. Falei que precisávamos conversar e colocar tudo em pratos limpos. O evento provavelmente não era o melhor lugar para isso, então sugeri a manhã seguinte.

Ele respeitou meu pedido para não me procurar enquanto eu não estivesse pronta.

Um perfeito cavalheiro.

"Bom, eu pretendo beber, então você vai precisar de todas as suas forças." Ela me deu um rolinho-primavera. Coloquei de volta na embalagem.

Não estava planejando nada para aquela noite, mas Isa estava de folga e fez questão de sairmos juntas para espairecer antes que eu conversasse com Henry. Geralmente, esse tipo de evento era divertido, um bônus da profissão. Eu gostava de ir. Mas, nesse dia, só queria ficar deitada no sofá.

"Isso é mesmo uma boa ideia?", perguntei.

Passei o dia repassando os últimos meses na minha mente. Pareciam um sonho, mas os sonhos terminavam. Desde que comecei a namorar Henry, eu estava só esperando pelo dia em que o meu conto de fadas iria por água abaixo.

Isa suspirou. "A pré-estreia?"

"Tudo. Tentar me acertar com Henry. Para quê?"

Eu via um futuro com ele e, mesmo se agora Henry também conseguisse, quanto tempo demoraria para começar a duvidar disso?

"Para ser feliz?"

“Isa”, falei, bem séria. Ela sabia do que eu estava falando. Contos de fadas não aconteciam na vida real. Eu não sabia se queria sofrer a dor de perdê-lo mais para a frente. Já me doía só pensar nisso. “Estou usando vestidos de grife, viajando em aviões particulares para castelos e vinhedos, praticamente vivendo numa casa que custa mais que o PIB de muitos países pequenos.”

“E...”

“E estou com medo”, finalmente admiti.

“De...”

De Henry me diminuir como Allister, de novo.

Como não disse nada, Isa soltou um suspiro.

“Se você quer terminar tudo agora, a decisão é sua, e eu vou te apoiar. Mas isso não vai mudar o que Allister fez você sentir. Só você tem esse poder. A única coisa que terminar com Henry vai mudar é a chance dele de ficar do seu lado, agora que sabe de tudo. Se você acha que ele só vai piorar a situação, então termina. Se acha que ele vai te amar e te ajudar a superar isso, então tenta de novo.”

Meus olhos se encheram de lágrimas, e respirei fundo. “Por que você é tão inteligente?”

“Eu sou médica.” Uma batida na porta chamou nossa atenção para o hall de entrada. “Eu conserto pessoas.”

Ouvimos mais uma batida, e ela abiu um sorrisão quando olhou para o celular. Meu coração foi parar na boca. Eu não queria ver Henry, mas, nossa, como queria ver Henry.

“O que está acontecendo?”

“Uma surpresa boa.” O sorriso de Isa ia de orelha a orelha. “Eu prometo.”

Minhas pernas tremiam enquanto eu corria até a porta. Quando a abri, esperando ver Henry, encontrei Drake.

“Henry pediu para eu te levar para um local indeterminado antes da pré-estreia”, ele me informou.

Olhei para Isa, que assentiu, toda animada.

“Certo”, concordei, pegando a minha bolsa.

“Te vejo lá”, ela gritou quando fechei a porta e segui Drake até o carro.

54

SELENA

Meia hora depois, eu estava no Queens.

Henry estava de smoking, diante do prédio que era seu, o mesmo que me mostrou meses antes, segurando na mão um tubo de papel.

Meus dedos apertaram nervosamente a minha bolsa quando dei alguns passos na sua direção, com as pernas tropeçando no meu vestido longo. Henry imediatamente se aproximou e ofereceu sua mão até eu chegar à calçada.

"O que é isso?" Puxei a minha mão de volta. A brisa do verão soprava seus cabelos. Um turbilhão de emoções passava por seus olhos, e seu corpo todo estava tenso.

"Algumas coisas." Suas mãos tremiam quando ele me entregou uma pasta. "Primeiro, isso aqui."

Abri a pasta e dei uma olhada nos documentos. Era uma cópia do que parecia ser o testamento de Conrad Waldorf. Ele sabia a verdade. Devia ter lido o restante dos papéis que encontrou, mas...

"O que é isso?", perguntei de novo, ainda desconfiada.

"O que é seu por direito", ele começou. "Você é a única herdeira elegível do que sobrou da fortuna da família. Sloan

cuidou da maior parte da papelada hoje. Só tem algumas coisas para assinar."

Depois disso tudo, ele achava que era isso que eu queria? Uma herança que eu nem sabia que existia?

"Você acha que eu quero isso?", perguntei, com a voz embargada.

"Não." Ele ficou pálido e deu um passo à frente para segurar as minhas mãos. "Não é um presente, e não fiz isso para conseguir uma segunda chance."

Os filamentos que ainda mantinham meu coração inteiro se arrebentaram. Ele *não* queria retomar nosso relacionamento? "Ah."

"Você não deve nada para ninguém. Só *você* pode determinar o que quer e o que não quer. Pode ficar com o que restou da fortuna ou recusar. Eu sou só o mensageiro."

A força invisível que parecia pairar sobre mim no último ano desapareceu. Eu não precisava esconder nada e, se não quisesse contar nada, a escolha era toda *minha*. Engoli o nó na minha garganta.

Eu tinha o controle sobre o que acontecia comigo. Não era o que eu queria. Era do que eu precisava. E ele sabia disso.

"E o resto?", perguntei, piscando algumas vezes para me livrar das lágrimas que caíam.

Henry desenrolou os papéis que tinha na mão, e eu coloquei a pasta debaixo do braço e o ajudei a abrir. Eram plantas. No alto da página havia o nome *Centro de Artes Alma Montez*.

O nome da minha *abuela*. Meu coração instável batia desenfreado.

“Você sempre parecia mais feliz quando trabalhava diretamente com a fundação.” Henry esfregou a nuca. “E disse que nunca tentou ser fotógrafa porque não gostava da ideia de depender disso para viver. Bom... assim você pode ter as duas coisas. O centro pode ser gerido pela fundação, mas com a sua supervisão. Achei que sua *abuela* ficaria feliz com a chance de você se dedicar a algo de que gosta.”

Passei os olhos por aqueles desenhos intricados. Oficinas e ateliês. Alguns auditórios para palestras. Jardins abertos. Era tudo lindo.

“Originalmente, pensei nisso como uma forma de fazer você querer ficar”, ele explicou. “Agora entendo que não posso influenciar na sua decisão. E não vou fazer isso. Mas queria te mostrar como poderia ser se você ficasse.”

Meu coração se inflou, mas rachou quando me dei conta do que Henry tinha falado.

Originalmente. Ele não queria mais? “Originalmente?”

A respiração dele acelerou.

“Selena, na primeira vez que viemos aqui, você me perguntou por quê. Mais tarde eu percebi que foi porque eu não me imaginava vindo aqui com mais ninguém. Era porque estava me apaixonando por você. E agora estou completa, indubitável e irrevogavelmente apaixonado por você.”

A voz dele me envolveu com suavidade, com o calor que tanto me fazia falta.

Henry pegou as plantas e as colocou no chão. Dando mais um passo à frente, segurou o meu rosto entre as mãos.

“Mas isso não vem com nenhuma condição. Só quero que você seja feliz. Se quiser que eu te deixe em paz, tudo bem.” Ele respirou fundo, com a respiração instável. “Se isso significar te perder, que seja. Você já me deu mais do que eu pensei que fosse ter um dia.”

“Henry”, falei com a voz rouca e os olhos cheios de lágrimas.

“Mas se ainda quiser isso, nós dois.” Seus polegares acariciaram meu rosto, e ele colou sua testa na minha. “Se quiser me deixar provar o quanto eu te amo, vou fazer isso. Todos os dias. Se quiser ser cortejada, serei o príncipe encantado. Se quiser que eu espere, posso aguardar até o fim do mundo.”

Suas palavras me provocaram um aperto no coração. Eu mal conseguia me mexer, ou respirar.

“Os vazamentos. Você não confia em mim.” Tirei suas mãos do meu rosto. Tudo o que eu queria era me jogar nos seus braços. Mas não podia fazer isso sem que ele deixasse de se preocupar com os meus motivos para ficar.

“Aí é que está, Selena. Eu confio.” Seus olhos procuraram os meus. “Eu devia ter conversado com você. Perguntado as coisas. Mas não foi por desconfiança. Foi por medo de reconhecer o poder que você tem sobre mim. Pensei que fosse uma coisa ruim, que estava me cegando, mas é o contrário. Antes de você, meu mundo era preto e branco. Agora, está completamente colorido. Consigo enxergar *tudo*. Sinto muito por ter magoado você. Por ter agido por medo. Por ter feito

você questionar os meus sentimentos. Eu te amo, Selena, e isso nunca vai mudar."

Incapaz de encontrar as palavras, só o segurei pela gola e fiquei na ponta dos pés.

"Eu também te amo", murmurei, dando um beijo no canto da sua boca. Um tremor atravessou seu corpo, e seus braços me envolveram. Seus lábios encontraram os meus, e me deixei levar pela ternura do nosso beijo profundo e apaixonado. Uma passagem para uma vida que nenhum de nós dois esperava, mas sem a qual provavelmente não conseguiríamos mais viver.

Eu podia continuar beijando-o por horas. Meu corpo tremeu quando me afastei, e nossos olhos se encontraram. "E agora?"

Um leve sorriso se curvou em sua boca, e nossa respiração se misturou. "A pré-estreia, se quiser ir comigo."

Fiz que sim com a cabeça. Henry pegou minha mão e a beijou.

"E depois um verão nos Hamptons", ele me lembrou, com os lábios colados ao dorso da minha mão. "Por algum motivo, aquela casa gigante não parece vazia quando você está lá."

"Parece ótimo." Meus braços envolveram lentamente seu pescoço, e eu o beijei de novo. "E depois?"

"Aí fica fácil", ele disse baixinho. "Vou passar o resto da eternidade tornando a sua vida tão vibrante quanto você deixou a minha."

As lágrimas nos meus olhos finalmente desceram pelo rosto. Esse era o Henry que eu conhecia, por quem me apaixonei. O homem com poder e recursos ilimitados que não queria nada além de alguém para amá-lo por quem ele era. O homem que

abriria mão de um desejo profundo se isso significasse a minha felicidade.

"Pode acontecer muita coisa entre agora e a eternidade", avisei. Ele limpou as lágrimas do meu rosto.

"Espero que sim", respondeu, me puxando para mais perto. "Vamos dar *motivo* para eles escreverem sobre nós."

55

HENRY

O batucar familiar dos saltos de Selena foi ficando mais alto à medida que ela se aproximava da porta da minha sala. Eu ia sentir falta desse som e dos pulos que meu coração dava quando ela atravessava o corredor.

Abri um sorriso, me recostei na mesa e a observei enquanto ela entrava. Estava vestida mais casualmente, com um vestido azul de linho, mas continuava com os saltos altos que eram sua marca registrada. Os cabelos estavam presos num coque improvisado enquanto ela encaixotava as coisas na sua sala.

"Como foi a reunião?" Selena sorriu quando veio até mim, com uma pequena caixa com coisas aleatórias que juntou em sua mesa no último ano.

A reunião do conselho foi ótima. Fui recebido como um herói por ter conseguido a aquisição da Verge sem desembolsar quase nada. Além disso, a cláusula de moralidade foi respeitada, então fui efetivado por unanimidade como CEO.

Um ano antes, era só isso que me interessava, a única coisa que me importava.

"Se eu disser que caguei tudo, você fica mais um ano?", perguntei.

Ela pôs a caixa na minha mesa e deu risada. Além da reunião do conselho, aquele era o último dia de Selena na Amari Global. Depois da pré-estreia do filme, Selena e eu passamos a maior parte do nosso tempo livre na cama, nos agarrando. A realidade de que não a veria mais o tempo todo pesou sobre mim também nesse dia.

Com um leve suspiro, ela me abraçou pela cintura e me olhou. "Acho que me ver em casa todo dia e o tempo todo na praia durante o verão é mais que suficiente."

"Não é, não."

"Bom, então azar o seu." Ela recolheu os braços e remexeu um pouco na caixa antes de tirar de lá uma fotografia pequena, junto com uma emoldurada do mesmo tamanho. "Tenho uma coisa para você."

Sorri e peguei o porta-retratos que ela me entregou. Era uma fotografia minha com Sloan, Marcus e Xander na formatura da minha irmã na faculdade de direito.

Nós quatro tínhamos uma cópia, e Sloan escreveu um recado no verso de cada uma. A minha dizia: *Seja mais legal comigo, sinto que você vai precisar de uma advogada algum dia.*

"Estava na sua antiga mesa", Selena explicou com um olhar distante, passando as mãos pelas laterais da moldura. "Gostei dessa foto sua e achei que você ia gostar de ter uma emoldurada para deixar aqui."

"Eu gosto da que tenho hoje." Apontei com o queixo na direção da foto de jornal que eu tinha emoldurado e colocado na minha mesa. Cortei fora a manchete, mas adorei a imagem.

Era a que um tabloide publicou no Ano-Novo, de nós dois nos beijando antes de entrarmos em casa.

Selena parecia uma deusa com aquele vestido de paetês. E, como uma deusa, ela era resplandecente demais para ser escondida, poderosa demais para ser contida. Vital demais para ficar ausente. Mantê-la como um segredo, mesmo que apenas por algumas semanas, parecia uma blasfêmia.

"Quando foi que isso veio para cá?" Ela se debruçou sobre a mesa e pegou o porta-retratos. Sorriu — o que era bem diferente de sua reação de costume quando nos via na imprensa.

"Alguns dias atrás."

Depois da nossa briga, me peguei revirando a pequena pilha de jornais guardada na minha sala. Alguns dias sem vê-la, sem saber o que seria de nós, me fez ter a certeza de que jamais iria querer estar sem ela.

Pedi para Bridget comprar um porta-retratos e o coloquei na minha mesa para nunca precisar estar.

"A gente pode tirar uma foto de verdade quando quiser", Selena sugeriu.

"Ah, e eu pretendo fazer isso." Eu a puxei de novo para os meus braços. "Mas vou ficar com essa."

"Isa também gosta dessa." Selena passou os braços em torno do meu pescoço, olhou para o recorte emoldurado e depois de novo para mim. "A foto."

"Por falar em Isa..." Passei as mãos pelo seu corpo. "Que tal ela ir com a gente para Los Angeles?"

Selena ia conhecer meus pais na semana seguinte, e logo depois combinamos de ir para a Califórnia. A perspectiva de conhecer Valentina Montez, a mãe de Selena, era intimidadora. Agora que eu sabia tudo o que ela havia passado antes de Selena nascer, fiquei com a sensação de que ia precisar de alguém para diminuir o atrito. Isa era perfeita para isso.

"Isa não ia negar uma viagem num jatinho particular." Selena deu risada. "Mas não precisa se preocupar. Minha mãe vai gostar de você."

Eu tinha dificuldade de acreditar nisso.

"Você e Sloan não sujaram sem querer o presidente da França de sorvete uma vez?", Selena continuou, porque eu não respondi, e a elevação de seu tom de voz era uma indicação clara de que ela estava tentando me agradar. "Isso deve ser mais assustador do que conhecer a minha mãe."

Dei uma risadinha.

Eu tinha quatro anos quando fui apresentado a um governante pela primeira vez — William Grant Alders, então recém-eleito presidente dos Estados Unidos. Eu não lembrava, mas aparentemente me comportei bem. Depois disso conheci vários outros dignatários, membros da realeza e governantes internacionais, e ainda conhecia.

Meu lugar no mundo significava que as reuniões com pessoas importantes eram obrigatórias, e isso nunca me intimidou. Não até aquele momento. Não havia pessoa mais importante em quem causar uma boa impressão do que Valentina Montez.

“Ah, não foi sem querer, não”, falei casualmente, ignorando o nervosismo. Sloan tinha cinco anos, e eu, dez. Foi ela que me envolveu no que poderia ter se tornado um incidente internacional. “Sloan estava irritada por ter recebido um tapinha na cabeça quando apertou a mão dele. A gente não podia deixar barato.”

“Está vendo?” Selena sorriu. “Comparado a isso, não é nada de mais. Além disso, eu vou conhecer os seus pais primeiro.”

Ela havia encontrado informalmente os dois ao longo dos últimos meses, e às vezes a minha mãe ligava e mencionava sua vontade de conhecer Selena numa ocasião mais formal. Mas eu sempre recusava. Não queria fazer isso antes que ela decidisse que ia ficar.

“Eles vão te amar”, garanti.

Minha mãe daria uma única olhada em Selena e veria a única coisa que achava que eu nunca lhe daria: netos. Eu não estava preocupado com isso. No máximo, estava meio apreensivo porque Selena ia testemunhar em primeira mão o grande circo da alta sociedade que a minha família secretamente era. Tomei precauções para garantir que Sloan, Xander e Marcus estariam por perto para o caso de Selena ficar nervosa. Eu sabia que os meus pais seriam simpáticos e acolhedores — eles eram com todo mundo, menos com os filhos.

Uma insegurança transpareceu nos olhos de Selena. Em vez de falar alguma coisa, levantei seu queixo e a puxei para um beijo suave.

Ela se colou em mim, e eu a abracei com mais força. Um grunhido grave subiu pela minha garganta, e eu aprofundei o beijo, lembrando que precisava fechar a porta.

Com um gemido baixinho, Selena deixou seu corpo relaxar contra o meu.

"Como aparentemente vamos comemorar *toda vez* que você não cair do trono, vamos nessa." A voz de Xander invadiu a sala. Um sorriso malicioso surgiu no seu rosto, e Selena e eu nos largamos, a contragosto. "Desculpa, estou interrompendo alguma coisa?"

"Está", resmunguei.

"Não", Selena disse com um gritinho, se desvencilhando dos meus braços, com o rosto vermelho, ajeitando o vestido. "Oi, Xander."

"Oi, Selena." O sorriso dele se alargou de orelha a orelha. "Que *gracinha*. Mas nós vamos para os Hamptons mais cedo. Sloan e Marcus estão esperando lá fora."

Como uma consequência bizarra da reunião do ano anterior, Xander tinha um assento no conselho de administração da Amari Global. Ele e Sloan compareceram para votar naquele dia, e eu já imaginava que fossem tirar o resto do dia de folga.

"Estamos no meio do dia", falei. "Como foi que vocês conseguiram tirar o Marcus do trabalho mais cedo?"

"Bom, a Sloan..."

Levantei a mão e fiz uma careta. "Eu prefiro não saber."

Xander olhou para o relógio.

"Henry, pode ficar se quiser, mas a gente vai levar a Selena." Ele deu uma piscadinha para ela. Eu sabia que não havia

segundas intenções por trás do gesto, mas isso não diminuiu minha vontade de bater nele. “A decolagem é em uma hora, então vamos.”

Ele se virou e saiu andando pelo corredor.

“Vai ser divertido.” Selena sorriu, e sua voz virou um sussurro quando ela acrescentou: “Além disso, nós temos algumas coisinhas para fazer lá na casa dos Hamptons”.

Antes que eu pudesse abraçá-la de novo, ela foi em direção à porta.

Peguei a caixa com suas coisas e fui atrás dela, aceitando o conselho de Bridget e não deixando esse prédio dominar a minha vida como aconteceu com o meu avô.

Por um bom tempo, pensei que tudo de que precisava era uma maestria e reputação comparáveis às dele. Isso era só o que eu via na minha frente. Uma coisa cinzenta e claustrofóbica.

Então Selena entrou na minha vida e a encheu de sons agradáveis e cores vibrantes. Era *dela* que eu precisava.

De todos os privilégios que tive na vida, seu amor era o maior deles. E eu passaria o resto dos meus dias me esforçando para merecê-lo.

Bônus

SELENA

A brisa quente de verão me deu um empurrão de encorajamento enquanto eu observava a fachada imperial da residência dos Amari no Upper East Side — a casa da infância de Henry.

Era exatamente o tipo de lugar onde imaginei que Henry tivesse sido criado. Os elegantes degraus de pedra escura levavam a uma linda porta de um século de idade com aldrava de latão. As janelas eram lindamente decoradas com varandinhas de ferro fundido ou canteiro de flores muito bem cuidadas. A casa se fundia às ruas de Nova York e ao mesmo tempo pairava acima delas, ocupando um quarteirão inteiro.

"Podemos ir embora quando você quiser", Henry me disse baixinho, se inclinando para a minha orelha enquanto subíamos os degraus até a porta imensa. A maçaneta ornamentada e as aldravas eram absurdamente bem polidas.

"Você está me deixando nervosa." Meus dedos repuxavam o tecido de linho do meu vestido de verão.

Sua mão encontrou a minha; ele a levou até os lábios e a beijou. "Desculpa. Não precisa ficar nervosa. É que às vezes eles são meio... *exagerados*, só isso."

Ele estava dizendo coisas desse tipo para tentar acalmar meus nervos, só que, quanto mais falava, mais eu me convencia de que *deveria* ficar apreensiva.

Quando chegamos à porta enorme de mogno maciço, elas se abriram antes mesmo de batermos. Fomos recebidos por um empregado da casa, que nos convidou a entrar.

"Promete que não vai fugir quando o circo estiver armado?", Henry perguntou com um sorriso maroto, que não foi suficiente para esconder a preocupação em seus olhos.

Meu coração continuava disparado. "Prometo."

Henry não tinha uma relação muito boa com os pais, mas Xander e Marcus aparentemente sim. Ele dizia que os instintos paternais dos dois só apareciam quando Xander e Marcus estavam lá para reduzir o atrito com os filhos. Os dois tinham sido convidados também — para ajudar a aliviar a minha ansiedade, e provavelmente a de Henry também.

"Ah, não", ele resmungou quando atravessamos o hall de entrada. Xander estava sentado no terceiro degrau da escadaria em espiral uns cinco metros adiante. "O que aconteceu?"

Ele ergueu os olhos com um sorriso, e seus olhos verdes se acenderam. "Sua mãe está pressionando Sloan a escolher um tipo de convite. Marcus está tentando mediar a situação e não está conseguindo. Sloan *acabou* de ameaçar ir casar em outro lugar, sem festa e convidados."

"Sério?" Henry passou a mão no queixo. "O brunch começou há dez minutos."

"Pois é." Xander levantou, se segurando no corrimão de nogueira da escadaria. "Beatrice já perguntou onde estava a

convidada de honra quatro vezes.”

“Ah, não”, falei baixinho para mim mesma, agarrando o meu vestido com mais força.

“Não se preocupa”, Xander me falou. Ele ofereceu o braço para mim, me obrigando a soltar a parte do vestido que estava amarrotando. Em seguida abriu um sorriso zombeteiro para Henry antes de me conduzir pela escada. Quando subi, Xander se inclinou para mais perto e sussurrou: “Ela vai pôr a culpa no Henry”.

Olhei por cima do ombro para Henry, que estava claramente um pouco irritado com a intervenção de Xander enquanto subia alguns degraus atrás.

Chegamos a um corredor arejado no segundo andar, onde a luz da tarde ensolarada entrava por janelas largas e iluminava as aquarelas penduradas na parede.

Quando chegamos à entrada da sala de jantar, a voz de Sloan reverberou por todo o andar. “Que diferença faz, mãe? Além disso, só para vocês saberem, nós já somos casados.”

Na ponta de uma mesa retangular comprida estava Beatrice Amari, com os cabelos castanhos presos num coque perfeito, sem nem um fiozinho solto. Na outra ponta estava o pai de Henry, Shaan Amari. Um homem que eu só tinha visto de passagem em algumas festas da família a que compareci. Cabelos e olhos escuros, como Henry. A exaustão parecia ser o motivo para as longas linhas de expressão na sua testa. Entre os dois estavam Sloan e Marcus, com cara de irritação. Havia dois mordomos posicionados um de cada lado da porta, completamente impassíveis, apesar da discussão.

Beatrice falou com uma tensão silenciosa e controlada. “Sloan Saanvi Amari, se você está me dizendo que...”

“Henry e Selena chegaram”, Marcus anunciou, elevando o tom de voz, com o alívio estampado no rosto enquanto assumíamos nossos lugares nas três cadeiras restantes, de frente para ele e Sloan. Acabei ficando no canto — com Henry à minha esquerda e Beatrice à direita.

Toda a irritação de Beatrice desapareceu imediatamente, e seus olhos se amenizaram quando pousaram em mim.

“Olá, Selena. Perdão pela falta de boas maneiras do meu filho; já devíamos ter sido apresentadas formalmente meses atrás.” Beatrice lançou um olhar para Henry enquanto esticava o braço e segurava as minhas mãos. “É um prazer enfim conhecê-la, querida.”

“Obrigada”, falei, insegura, torcendo para que ela não sentisse o quanto as minhas mãos estavam suadas. “Sua casa é linda.”

O sorriso dela era perfeitamente simétrico, mas também caloroso e genuíno.

O alívio foi se espalhando pelo meu corpo. Eu esperava que aquela mãe da alta sociedade fosse me receber com reservas, ou que no mínimo fosse parecer mais distante, e não assim acolhedora.

“Então vocês já encerraram a briga...” Henry olhou para o outro lado da mesa, para a sua irmã de dentes cerrados. “Certo?”

“Era só uma discussão acalorada sobre os convites do casamento, querido.” Beatrice fez um gesto com a cabeça para

os mordomos, e o primeiro prato começou a ser servido. “E, por falar em casamento, Selena, você vai estar presente daqui a algumas semanas para a festa de noivado, não?”

Eu assenti. “Vamos passar duas semanas em Los Angeles, mas vamos voltar a tempo.”

“É mesmo?” Beatrice corrigiu sua postura na cadeira, como se isso fosse possível. “Visitando sua mãe?”

Ela olhou para o marido, depois para Henry, que confirmou com a cabeça.

“Que maravilha.” Ela juntou as mãos. “Apresentar Henry para a sua mãe é um marco importante para o relacionamento de vocês, não acha?”

Sloan e Marcus se entreolharam. Sloan tentou conter o sorriso, mas não conseguiu.

De repente, comecei a me sentir como se estivesse num jogo de perguntas e precisasse dar a resposta certa para não ser eliminada.

“Sim”, concordei sem demora.

“Henry, trate de ser educado.” A voz doce de Beatrice soou severa quando se dirigiu ao filho.

Henry soltou um suspiro resignado e revirou os olhos ao dizer: “Claro”.

“Ótimo.” Sua atenção então se voltou para os convites colocados sobre uma mesinha lateral quando entramos. Uma ideia deve ter surgido em sua cabeça, porque ela levantou as sobrancelhas. “Selena, querida. O que *você* acha de um branco perolado para os convites de casamento?”

“Mãe”, Henry a alertou rapidamente.

“Só estou pedindo a opinião dela, Henry”, Beatrice rebateu antes de voltar os olhos para mim e explicar: “Essa é a primeira vez que o meu filho leva a sério o *futuro* dele”.

Dava para sentir a tensão na mão de Henry quando se moveu para a minha coxa debaixo da mesa, dando um apertão para me mostrar que estava ali para mim. Meu coração disparou. Eu estava tentando não deixar o meu nervosismo sair do controle, e queria que as coisas caminhassem devagar agora que estava me sentindo mais segura com o nosso relacionamento.

Mas era bom saber que, se tivéssemos boas notícias para dar, seriam bem recebidas.

Henry se inclinou e murmurou: “Me desculpa”.

Do outro lado da mesa, Sloan e Marcus abriram sorrisos encorajadores. Eu fiz o mesmo, me sentindo mais segura. Era impossível não achar graça do quanto estava nervosa antes. “Não precisa se desculpar”, murmurei de volta. “Até que é divertido.”

Eu havia passado anos curiosa para saber como seria ter uma família numerosa, em que todo mundo tinha algo a dizer e nenhuma refeição era exatamente “tranquila”.

No fim, encontrei isso justamente no lugar de onde quase fugi.

Epílogo

SELENA

TRÊS MESES DEPOIS

NAMORADA DE AMARI É A MAIS NOVA RESIDENTE DO ENDEREÇO MAIS EXCLUSIVO DOS HAMPTONS

"Outra bela foto", Henry comentou ao se inclinar para me dar um beijo enquanto eu tomava sol na beira da piscina. Ele mostrou a tela do celular, mas eu estava mais interessada na brisa do mar bagunçando seus cabelos.

"É bom mesmo." Olhei para a cadeira ao lado quando ele se sentou. Com o verão acabando eu ia sentir falta de vê-lo de calção de banho o tempo todo. A festa de fim de verão dos Amari era naquele fim de semana, o último grande evento das minhas férias. "A gente sabia que a imprensa estaria lá."

Era muito mais fácil lidar com aquilo agora que nosso relacionamento não era mais novidade. Henry tinha deixado de ser o bilionário bon vivant, e nosso namoro não tinha mais nada de escandaloso. O fato de ele ter comprado e fechado três tabloides que atormentaram Sloan durante os preparativos para o casamento também resolveu muita coisa. Nenhum dos outros ousou nos seguir depois disso.

“Eu estava pensando...” Henry se inclinou para a frente apoiando os cotovelos nos joelhos. O sol fazia brilhar o tom de caramelo escuro dos seus olhos. “Como a maioria das suas coisas já está lá em casa...”

“Sei.” Eu me sentei para ouvir, já sabendo para onde a conversa estava caminhando.

Passar o verão na casa dele nos Hamptons era exatamente do que eu precisava depois de todos aqueles anos. As caixas que tirei do meu antigo apartamento foram guardadas temporariamente na casa de Henry. A ideia era levá-las para o meu apartamento novo.

“E como a sede da Pearson é bem mais perto da minha casa do que da sua...”, ele continuou.

Eu voltaria a trabalhar na sede da agência como diretora-executiva de relacionamento com a mídia, o antigo cargo de Rita, depois do fim de semana do Dia do Trabalho, quando o êxodo em massa dos Hamptons começaria. Naquele verão, Rita usou seu novo trunfo, a conta dos Amari, para mexer uns pauzinhos e se tornar a coo da Pearson.

“Por que você não fica lá em casa quando a gente voltar para a cidade?”

“Por quê? Não gostou do meu apartamento novo?”, questionei.

Usei o que restou do dinheiro da família Waldorf para comprar um apartamento na cidade. Era lindo e ficava no Lower West Side, com vista para o rio. O resto da herança foi doado para o Centro de Artes Alma Montez.

O apartamento novo era deslumbrante. Isa estava apaixonada por ele. Henry, nem tanto, mas havia interesses por trás disso.

"Não é seguro."

Eu caí na risada. Ele estava ficando sem argumentos. "É um apartamento de cinco milhões de dólares. Seguro até demais. Além disso, eu tenho Drake."

"É muito longe."

"É no Lower East Side."

"Praticamente a Sibéria."

Eu revirei os olhos. "Sloan leva tipo uns quinze minutos para andar até a minha casa."

"Bom para ela", Henry resmungou. "Você pode usar como estúdio fotográfico", ele sugeriu. Também mencionou que o lugar seria ótimo para um milhão de outras coisas, desde que não fosse morar. "Ou fica com ele como investimento."

"Eu *estou* me acostumando a acordar do seu lado", confessei. Henry ia e voltava de Nova York o tempo todo, quando sua presença era necessária. Mas, na maior parte do tempo, podia trabalhar na casa de praia. Tínhamos passado os últimos três meses juntos no que pareceu um idílio doméstico. "Mas não acho que isso vá mudar tão cedo, não importa qual seja o meu endereço de correspondência."

A verdade era que eu queira ir morar com ele. Era uma decisão fácil e tranquila, mas eu ainda queria esperar um pouco mais. Nos nossos primeiros meses juntos, passávamos o dia todo no mesmo prédio e passamos o verão inteiro na mesma casa. Eu sabia que era melhor não apressar as coisas. Só

nos conhecíamos de verdade fazia um ano. Eu não queria complicar tudo. Com Henry, eu sentia que era para sempre.

"Promete?" Suas feições mostraram um vislumbre de incerteza.

"Aham." Assenti com a cabeça e cheguei mais perto para beijá-lo no rosto. "Além disso, Oliver finalmente vai me deixar usar a cozinha de novo depois daquele incidente com as panquecas. Não quero que ele tenha tempo para se arrepender da decisão."

Sua risadinha me fez derreter por dentro.

"Certo. Vou parar de pedir", Henry concordou, levantando e indo na direção da piscina. "Mas não esqueça que eu posso comprar o que quiser." Ele me lançou um olhar por cima do ombro. "E agora sei o que quero", ameaçou de brincadeira antes de mergulhar.

Epílogo extra

SELENA

UM ANO E MEIO DEPOIS

"Eu avisei", Henry lembrou. Ele estava diante da mesa da cozinha e beijou a minha cabeça. "Se envolver nas guerrinhas deles ia acabar mal. Mas você ficou bonita assim."

Ele deu uma risadinha às minhas custas.

"Ainda estou brava com você por ter contado para eles sobre o negócio dos pássaros", reclamei.

Henry parou atrás de mim e me abraçou pela cintura. Ele apoiou o queixo no meu ombro e murmurou: "Prometo me redimir com você depois".

"É bom mesmo", resmunguei. Vestida da cabeça aos pés com o que só poderia ser descrito como traje camuflado de grife, me preparei para um dia todo observando pássaros num santuário de aves perto de Greenwich.

"Tudo isso porque Sloan se recusa a ceder?", me virei para perguntar a Xander, que estava sentado tranquilamente à mesa da cozinha.

"*Você* pode ceder também, e a Sloan vai sozinha", Xander sugeriu.

Depois da minha mudança permanente para a casa de Henry, que passou a ser nossa, de vez em quando fazíamos o brunch por lá com todo o grupo. E com Isa. O daquele dia tinha acabado fazia tempo, e todo mundo havia ido embora.

"Não, por favor", Sloan implorou, entrando na cozinha com o mesmo tipo de roupa que eu. Sua barriga de grávida estava começando a aparecer. "Se eu precisar ouvir Morgan falar sobre pássaros uma tarde toda sozinha, vou vomitar, e não por causa do bebê."

"*Você* pode ceder", Marcus lembrou, se inclinando para beijá-la na cabeça e passando a mão gentilmente na sua barriga.

Ver os dois casando e agora começando a formar uma família fez meu coração desejar o mesmo com Henry. Eu ficava tão apreensiva a cada passo à frente que essa vontade me deixou até um pouco chocada. Dava para ver que ele queria também, um futuro repleto de eventos de gala da alta sociedade, verões de descanso e preguiça nos Hamptons e as pegadinhas que Sloan e Xander inventavam.

"Você não me conhece?" Sloan estreitou os olhos para o marido e depois se virou para Xander. "Eu não vou perder. E finalmente consegui quebrar a sequência de vitórias dele este ano."

"Você me pegou desprevenido", Xander respondeu imediatamente. "Não vai acontecer de novo."

HENRY

Quando Selena e Sloan saíram, Xander também foi embora, o que foi perfeito, porque eu tinha pedido para Marcus me trazer

uma coisa.

"Isso é seu." Ele tirou do bolso uma caixinha revestida em veludo e a deslizou pela mesa até mim. "Bom, tecnicamente, da Selena."

"Obrigado." Abri a caixa e olhei para o anel de noivado da família Amari. Meu avô tinha deixado para mim e para Sloan, para quem noivasse primeiro.

Quando Marcus fez o pedido, deu algumas opções para ela, que incluíam o anel da família. Ela acabou escolhendo usar o que Marcus comprou e deixou esse para mim. Antes de Selena, eu nunca pensei que fosse precisar.

"Quando você vai fazer o pedido?"

"Em breve", falei, tirando o anel da caixa e examinando de perto. "Você acha que ela vai gostar?"

"Selena não parece dar muita bola para joias. Você pode fazer como eu e dar três opções para ela."

"Obrigado pela permissão para roubar sua ideia, mas não, obrigado. Acho que ela vai adorar este aqui." Sorri quando olhei para o diamante lindíssimo e as safiras formando um halo ao redor. "Mas vai ser num castelo, então tem isso."

Marcus fez o pedido em Versalhes, só que isso tinha mais relação com a obsessão de Sloan por golpes militares do que qualquer outra coisa.

Meu pedido para Selena já estava planejado. Eu ia levá-la de volta para o castelo onde tivemos nosso primeiro encontro de verdade. No meio do verão, quando as vinhas estivessem crescendo, para ela poder se animar e tirar fotos.

Eu a levaria para passear no vinhedo e contaria que tinha comprado aquilo para ela, para nós. Para a nossa futura família. O nome tinha sido dado em homenagem ao avô dela, e a minha intenção era levar nossos filhos ali para correr entre as vinhas, como ela fazia quando criança.

Meu plano era fazer cada dia da vida dela parecer um conto de fadas. Nas grandes e pequenas coisas. Eu seria feliz para sempre, e ela seria minha.

Playlist

“Royals” — Lorde
“Succession (Main Title Theme)” — Nicholas Britell
“Welcome to New York” — Taylor Swift
“West Coast” — OneRepublic
“All The Right Moves” — OneRepublic
“Beautiful People” — Ed Sheeran, Khalid, NOTC
“Gorgeous” — Taylor Swift
“Stop the Rain” — Ed Sheeran
“Delicate” — Taylor Swift
“Wildest Dreams” — Taylor Swift
“Lonely Together” — Avicii, Rita Ora
“Lobby” — Anitta, Missy Elliott
“Secrets” — OneRepublic
“Love to Lose” — Sandro Cavazza, Georgia Ku
“No Vacancy” — OneRepublic
“Desperado” — Raghav, Tesher

Agradecimentos

Para os leitores: houve momentos realmente sombrios na minha vida que a escrita me ajudou a superar. Suas resenhas, mensagens e e-mails significam muito mais para mim do que vocês podem imaginar. Eu guardo tudo e amo cada um deles. Vocês mudaram a minha vida com o seu apoio.

Para R. S.: você é o homem que os personagens de ficção aspiram ser. Em você, encontrei um parceiro e o amor mais verdadeiro que existe.

Para Dimple: nossos códigos cifrados continuam. Obrigada pelo apoio infinito durante décadas (sim, já são décadas).

Para Jessica Rita Rampersad: foram muitos os momentos em que eu quis parar de escrever, sentindo que a minha escrita não valia a pena. Obrigada por ser uma apoiadora irredutível, minha sábia conselheira e, acima de tudo, minha amiga.

Para Salima: minha melhor amiga que lê os meus pensamentos, minha irmã de alma. Obrigada por ser uma força constante na minha jornada, por mais longe que você esteja.

Para Britt: a mulher que está vivendo meu sonho de praias e livros, espero encontrar você na vida real algum dia. E não só porque quero voltar às Maldivas (e dessa vez fora da temporada das monções!). Seu cuidado e carinho com essa história me

fazem agradecer muito ao universo dos livros por termos nos encontrado.

Para Meka: você pode não saber, mas me deu muito apoio quando eu estava para baixo. Obrigada.

Para Salma: posso precisar de uma garrafa inteira de vinho quando me sento para ouvir suas mensagens de áudio, mas elas são um presente para mim como escritora. Obrigada pela sinceridade; esta história não poderia ser o que é hoje sem você.

Para Sam e Jaime: obrigada pela edição cuidadosa. Meu objetivo ao criar esta série era deixar tudo o mais redondo possível, e vocês me ajudaram a concretizar isso.

Para Shay e Lindsay: obrigada por serem tão pacientes e prestativas, e por trabalharem tão duro neste lançamento!

Para os leitores das cópias antecipadas: sei que o tempo de vocês é precioso, e decidiram investi-lo mergulhando neste mundo. Isso toca o meu coração. Por favor, saibam que sou muito grata por isso.

Para a única pessoa que vai entender isto: marshmallows são bons, mas...

Copyright © 2023 by Ava Rani

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Heir: A Biotech Billionaires Novel

CAPA Joana Figueiredo

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Mary Cagnin

PREPARAÇÃO Clarissa Melo

REVISÃO Luíza Côrtes e Marise Leal

VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
x.com/editoraparalela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Rani, Ava

O herdeiro / Ava Rani ; tradução Alexandre Boide. — 1ª ed. — São Paulo : Paralela, 2026. — (Bilionários da Biotech ; 2).

ePUB

Título original : The Heir : A Biotech Billionaires Novel.

ISBN 978-85-8439-645-0 (e-book)

1. Ficção norte-americana I. Título. II . Série.

26-364057.0 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813